

Do autor do bestseller *Viajo Sozinha*

SAMUEL BJØRK

CO LOBO

«UM LIVRO
ABSORVENTE
E SINUOSO.»

SUNDAY TIMES

Um assassino esconde-se nas sombras da noite...
E leva Munch e Mia até limites e sítios
absolutamente inesperados.
Nada é o que parece.



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Dr. autor to besede! Vajzka

SAMUEL
BJÖRK

LOBI

KLUB
ASPIRANT
EDUCED
SLOVAKS

Pravnik, autor to besede!

Pravnik, autor to besede!

Pravnik, autor to besede!

Pravnik, autor to besede!



Samuel Beckett

O'Leary

Tradução de
Mário Dionísio Guimarães e Carlos
e Vasco Torres de Almeida



Ficha Técnica

Título: O Lobo

Título original: Ulven

Autor: Samuel Bjørk

Tradução de Maria Dulce Guimarães da Costa e Vasco Teles de Menezes
(a partir da versão inglesa traduzida do norueguês por Charlotte Barslund)

Edição: Rita Fazenda

Capa: Rui Rosa

ISBN: 9789722082273

Publicações Dom Quixote

Uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 471 77 37

© Samuel Bjørk 2021

Publicado por acordo com Paloma Agency

© 2024, Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Ficha Técnica

UM Noruega abril de 2001

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10

DOIS

- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19

TRÊS

- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

QUATRO

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

CINCO

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

SEIS

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

SETE

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

OITO

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

NOVE

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

No dia 28 de maio de 1993, dois rapazes de 11 anos foram encontrados mortos num campo ao pé de Fagerhult, na Suécia, mais ou menos dez quilómetros a nordeste de Uddevalla. O agricultor que descobriu os corpos descreveu a cena mais tarde, dizendo que era «como se alguém tivesse aberto as portas do inferno». Um dos rapazes, Oliver Hellberg, estava completamente nu, deitado de barriga para cima. O outro rapaz, Sven-Olof Jönsson, foi encontrado a alguns metros de distância, só de cuecas. Alguém tinha colocado um animal, uma lebre-alpina, entre os dois corpos. A natureza complexa do caso levou a que fosse destacada uma equipa da Unidade Central de Investigação Criminal em Estocolmo para trabalhar com os agentes da polícia local. Porém, percebeu-se rapidamente que aquela colaboração não ia ser bem-sucedida. Nos anos que se seguiram, o inspetor responsável pela investigação foi substituído nada menos do que três vezes e por fim a ministra sueca da Justiça, Eva Nordberg, teve de se demitir. A equipa que dirigiu a investigação também foi acusada de ter deixado vir a público o diário de um dos rapazes. Os pais do rapaz, Patrick e Emilie Hellberg, foram para tribunal para impedir a imprensa sensacionalista de publicar os pensamentos íntimos do filho de 11 anos que tinham perdido. O casal Hellberg começou por ganhar no Tribunal da Comarca de Uddevalla, mas perdeu um recurso no Tribunal da Relação da zona oeste da Suécia. Semanas depois, a mãe do rapaz foi encontrada morta na banheira, na casa onde viviam, em Ekeskärsvägen. Tinha-se suicidado. No dia 14 de outubro de 1993, que viria a ficar conhecido como «o dia da vergonha» na história da imprensa sueca, o *Expressen* e o *Aftonbladet* publicaram o diário completo do rapaz. Pela primeira vez, os dois jornais tinham uma primeira página igual: a última entrada do diário do rapaz. Era uma página com poucas palavras, escritas ainda numa caligrafia de escola primária:

Amanhã é lua cheia. Tenho medo do Lobo.

O caso continua por resolver.

UM
Noruega
abril de 2001

Capítulo 1

Thomas Borchgrevink estava no parque de estacionamento à porta da velha escola de Fredheim, em Lørenskog, a rezar para que o vento ganhasse alguma força. Não sabia porque é que ela tinha escolhido aquele sítio para se encontrarem, mas tinha um palpite. Era para lhe dificultar a vida o mais possível. Tinha sido por isso? Tinha, não tinha? O homem de 36 anos olhou para o relógio ao mesmo tempo que um bando de corvos levantava voo de uma árvore ali próxima. Os gritos guturais dos pássaros ecoaram no vazio, porque ali só havia campo, uma cascalheira e o edifício branco da escola em que tinha andado em tempos. Noutra vida. Antes do episódio. Há mais de uma década que não fazia parte daquele mundo. Na verdade, não tinha feito parte de mundo nenhum. Doze anos dentro. Tinham-no libertado havia uns meses e ainda se estava a tentar habituar à sensação. À sensação de poder fazer o que quisesse. Thomas Borchgrevink apertou o casaco com mais força à volta do corpo, sentou-se nos degraus à entrada da velha escola e virou a cara para o sol pálido, que espreitava por detrás das copas de umas árvores.

Faltava um quarto para as nove. Tinham combinado às dez, mas não queria correr riscos. Ela era capaz de tudo. *O que é que eu vos disse? Combinámos às nove e ele nem se dignou a aparecer. Ainda acham que tem direito a ver o filho? Por amor de Deus, a última vez que se viram o miúdo tinha 2 anos!* Ouviu-se um certo restolhar nas copas das árvores no fundo da estrada e ele sentiu um pequeno surto de otimismo. Se calhar ainda vinha? O vento. Tinha sido uma ideia estúpida, claro. Um papagaio. Tinha tentado pensar numa coisa qualquer que pudessem fazer ali. Tinha-se demorado tanto na loja de brinquedos que a empregada tinha acabado por lhe perguntar se estava tudo bem. Tudo bem? É claro que não estava tudo bem. Porque é que ela havia de pensar que estava? Mas ele sabia perfeitamente que não era culpa da empregada, por isso tinha agarrado no primeiro brinquedo em que tinha reparado. Um papagaio. Na rua. Ao pé da sua escola antiga. Lançarem o papagaio os dois. Era uma boa ideia, não era? Arrependia-se, claro, agora que o vento amainava nas copas das árvores. Inicialmente, tinha pensado num tabuleiro de xadrez, ensinar-lhe as regras, começar a jogar com ele, mas tinha

esquecido essa ideia quando lhe disseram que se iam encontrar na rua. Com alguém a vigiar. Que ela nunca o deixaria ficar sozinho com o miúdo.

A atitude dela tinha sido completamente diferente da primeira vez que o foi visitar. Siv Johnsen. Ele já nem se lembrava do nome dela. *Borchgrevink, tens uma visita.* A primeira em três anos. *É uma mulher. Mesa dois.*

Uma visita?

Uma mulher?

A mãe?

Não.

Claro que não.

Ela tinha-se vestido como se fosse uma ocasião especial, com flores no cabelo, a cara pintada, um vestido curtinho de verão. Siv Johnsen. Tinham sido da mesma turma no fim do secundário. Durante os poucos meses que ele tinha aguentado antes de finalmente ceder às vozes que ouvia dentro da cabeça.

Tinha de admirar a persistência que ela tinha mostrado, de duas em duas semanas, durante quase três anos, tinha quase começado a gostar dela. Fotografias da maternidade. Do primeiro aniversário do filho. *O Martin tem saudades do pai!*

Mas depois, não.

Acabou-se.

Tinha acabado por perceber que se tratava de outro homem.

Não que lhe fizesse diferença.

Ela.

Mas e a criança?

O rapaz mais bonito do mundo.

O filho dele.

Martin.

Não, nem pensar.

Thomas Borchgrevink levantou-se dos degraus e começou a andar de um lado para o outro para tentar serenar.

Calminha.

Não te irrites.

Apesar de ela ter parado de repente de o visitar e de terem começado a aparecer cartas, folhas de papel remetidas por burocratas anónimos a dizer-lhe que não ia poder ver o pequenino.

Deu um pontapé numa pedra, fazendo-a atravessar o pátio, e voltou a olhar para o relógio.

Nove e um quarto.

Não se via vivalma.

E porque é que tinha de ser ali tão longe de tudo? Não havia praticamente nada ao longo de toda a Losbyeveien, a estrada que saía de Finstad e ia ali dar. Não vivia ali quase ninguém. Havia uma carreira de tiro ao pé da curva. Mais à frente, por trás das árvores, uma cascalheira. Conhecia

aquelas pedras todas, tinha adorado aquela escola, aquela zona, tinha ido para lá todos os dias de manhã cedo, em vez de se deixar ficar na casa escura, com as pessoas frias que supostamente deviam tomar conta dele, o som do despertador na mesinha de cabeceira, os braços do Rato Mickey a dizerem-lhe que tinha de se levantar se queria chegar a horas, depois sair em biquinhos de pés, só de meias, para não acordar ninguém, encher a lancheira com a primeira coisa que encontrasse.

Não tinha sido brilhante na escola, tinha-se safado. Também não tinha sido dos piores.

Mas aquele calor.

Ter alguém que se importava.

Eram um quarto para as dez quando chegou o primeiro carro, um Toyota Corolla um bocadinho enferrujado. Uma mulher loira com uns óculos redondos apertou-lhe nervosamente a mão.

– Astrid Lom, Serviços Sociais.

– Thomas.

Pigarreou ligeiramente, enquanto olhava para uma pasta que provavelmente continha a mesma informação que já lhe tinham feito chegar.

Condenado por homicídio involuntário.

Aos 18 anos.

Bom comportamento.

Libertação antecipada.

A mãe aceitou deixá-lo ver o rapaz.

Sob supervisão.

Cinco para as dez e o carro chegou finalmente.

Branco.

Caro.

Obviamente.

Tinha arranjado alguém melhor, ainda que isso não interessasse, não agora.

Thomas Borchgrevink sentiu um súbito calor no corpo, as mãos húmidas, enquanto se começava a dirigir para o carro.

– Não, não, espere.

Uma mão agarrou-o.

– Pois, claro, desculpe.

Um passo de cada vez.

Ao ritmo do rapaz.

Martin.

Lá estava ele.

Thomas fez um grande sorriso ao ver a porta do carro a abrir-se.

Cabelo escuro.

Pulôver castanho.

Um rapaz com uma expressão confusa a sair do carro e os adultos que iam à frente não pareciam querer ajudá-lo.

Idiotas do caraças.

Não percebem que ele...?

Felizmente, a assistente social percebia qualquer coisa de crianças e avançou rapidamente pelo parque de estacionamento, abraçou os ombros magros do rapaz e de repente ali estava ele. Thomas Borchgrevink teve de se conter para não chorar.

– Olá, Martin.

– Olá...

Uns olhos azuis lindos que se recusavam a olhar para ele como deve ser. Em vez disso, o rapazinho olhava para os ténis.

– Como é que estás?

– Hã?

Finalmente, um pequeno olhar, alguma curiosidade.

– Esse pulôver tem muita pinta.

– Hum... obrigado.

O rapaz olhou para a assistente social como se quisesse saber quem ela era e o que é que estava ali a fazer.

– Isso é um robô?

– O quê? Não, um Bionicle.

Thomas deu um passo hesitante para a frente.

– Bionicle. O nome é fixe.

O rapaz hesitou um instante e depois riu-se.

– Não, ele não *se chama* Bionicle. Ele *é um* Bionicle.

– Ah, está bem, desculpa. E então como é que se chama?

– Este?

– Sim.

O rapaz loiro pareceu recolher-se dentro de si próprio por uns segundos. Depois respondeu:

– Chama-se Makuta.

– Fixe. É o teu preferido?

O rapaz voltou a olhar ansiosamente para ele.

– Hum... não. O meu preferido é o Ehlek, mas não havia nenhum pulôver com ele.

– É pena.

– Sim. Mas tenho o boneco.

Olhou brevemente por cima do ombro, na direção do carro branco.

– Que pena eu não saber que gostavas dos Bionicle, se não podia ter-te trazido um.

– Não faz mal.

O rapaz soprou para tirar a franja da testa e lançou um olhar curioso ao saco que estava ao pé dos degraus.

– O que é que está dentro do saco?

– Acho que se calhar não vai ser muito fixe, estava com esperança de que estivesse mais vento.

– Mais vento? Porquê?

– Para o podermos lançar. É um papagaio. Mas não sei, se calhar achas que é uma seca?

– Não, não – respondeu o rapaz, sorrindo um pouco. – Eu gosto de brincar com papagaios.

Voltou a ouvir-se o restolhar das árvores, então sempre havia alguém lá em cima a velar por ele.

– Ai gostas?

Thomas sorriu.

– Então e se experimentássemos?

– Está bem – respondeu o rapazinho.

– Se calhar, devíamos tentar naquele campo, não? Acho que ali é capaz de estar mais vento.

Tirou o papagaio do saco e olhou para a assistente social.

– Acha que podemos...

Ela fez que sim com a cabeça.

– Porque é que lhe pediu autorização? – perguntou o rapaz depois de se terem afastado do velho edifício da escola, quando o papagaio já estava no chão entre ambos.

Abril na Noruega.

O cheiro a terra acabada de lavrar.

Os cereais iam ser semeados em breve e quando chegasse o verão iam ficar amarelos.

Agora estava a custar-lhe um bocadinho.

Controlar as emoções.

– Ela está aqui para vigiar.

– Para vigiar quem?

– Para te vigiar a ti. Queres ser o primeiro? Eu fico a agarrar nos fios e tu corres?

– Está bem.

O rapaz sorriu outra vez e pegou no papagaio.

E agora já não interessava.

As duas caras no carro.

A assistente social com a pasta enorme.

Os anos todos.

Desapareceu tudo.

Só sobrava um miúdo a correr no meio do campo, com um sorriso de orelha a orelha, enquanto o papagaio finalmente descolava e ficava a agitar-se orgulhosamente no céu.

– Olha, uau!

Vinte segundos maravilhosos, até que o papagaio se despenhou num monte que ficava na outra ponta do campo.

E depois, o momento que Thomas Borchgrevink nunca iria esquecer.

O rapaz a voltar para o pé dele, agora com uma expressão

completamente diferente.

- O que é que foi, Martin?
- Estão ali pessoas deitadas.
- De que é que estás a falar?

A mão pequena e envergonhada a tentar esconder a mancha húmida na parte da frente das calças.

- Não se estão a mexer.

Capítulo 2

Holger Munch estava sentado no seu Audi preto, a ouvir a *Suíte n.º 1 em Sol maior para Violoncelo*, de Bach, e a sentir-se culpado por ter voltado a abandonar a família a meio do almoço de domingo. Não que se tivessem queixado. Nunca se queixavam. Independentemente das horas a que recebia aquelas chamadas. A meio da noite. Durante as férias do verão. Na véspera de Natal, mesmo quando estavam a servir o lombo de porco. Apoiavam-no sempre, para o que desse e viesse. Holger Munch tinha 42 anos e há quase 20 que investigava homicídios. Ela tinha estado sempre ao lado dele, Marianne, namorados desde os tempos do liceu. Tinha sido amor à primeira vista e tinham-se casado jovens. Por fim, nove anos mais tarde, tinha nascido a filha deles, Miriam. Tinha 14 anos e não era nada tão difícil como as pessoas diziam que as raparigas adolescentes costumavam ser. A família apoiava-o sempre. Por muito tempo que passasse longe deles. Tinham comemorado a promoção dele no outono passado apesar de saberem perfeitamente que ia passar a estar ainda mais ocupado. Uma nova Brigada de Homicídios. Com instalações próprias. Afastadas da sede da polícia, em Oslo. Para além de terem confiado em Holger Munch para liderar aquela criação nova e absolutamente histórica, tinham-lhe dado carta-branca para escolher a equipa. Era a primeira vez em muitos anos que tinha passado um inverno animador. Normalmente, era tomado por uma disposição sombria e escondia-se atrás da barba arruivada e congelada, a maldizer tudo e todos, particularmente os idiotas que iam fazer esquí e adoravam a neve, mas neste ano tivera coisas melhores em que pensar. Um empreendedor a começar um projeto novo. Era como se tinha sentido. Ainda assim, havia qualquer coisa no olhar de Marianne, não havia?

O inspetor gorducho enxotou aqueles pensamentos para longe e mostrou o distintivo ao agente que o parou na barricada; dava para perceber só pela cara dele.

Isto é uma coisa diferente.

Um minuto depois, tinha parado o carro ao lado do edifício branco da escola e voltou a ver o mesmo tipo de olhar nervoso escondido atrás de uma

fachada rija e fardada.

– Nilsen, chefe de operações.

Munch acenou com a cabeça e tirou um maço de cigarros do bolso da canadiana bege.

– Já chegou alguém da minha equipa?

– Hum, já... uma mulher loira. A advogada?

– Goli.

– E um tipo de fato... Fredrik?

– Fredrik Riis – disse Munch, acendendo o cigarro.

– Os peritos forenses foram os primeiros a chegar, já cá estão há algum tempo – disse-lhe o agente musculado, enquanto apontava para o outro lado do campo.

– O médico legista?

– Também já cá está. Chegou há bocadinho.

O agente tirou uma luva e poisou um dedo no mapa.

– Bloqueámos a estrada aqui e aqui. A estrada chama-se Losbyveien. Não vive aqui muita gente. Há umas quantas quintas a que tivemos de dar acesso, por isso estendemos a barricada ao longo desta estrada, que se chama Vålerveien. Parece-lhe bem?

– E nos limites dos campos? – perguntou Munch.

– Também tenho lá gente – respondeu Nilsen, confirmando com a cabeça. – Por esta altura, já devem estar nos sítios deles.

– E que mais?

Munch olhou para o mapa e a seguir voltou-se para as árvores que os rodeavam.

– Isto é um autêntico inferno – respondeu Nilsen. – Os rapazes estão para aquele lado, que no mapa é *aqui*. Como vê, há campos em todas as direções e árvores por toda a parte. Achamos que o assassino pode ter entrado por aqui e saído pelo mesmo sítio. Se quer que lhe diga, acho que era muita sorte alguém ter visto alguma coisa.

– O que é isto? – perguntou Munch, apontando para um edifício sinalizado no mapa.

– Uma carreira de tiro.

– Já está isolada?

– Hum, não, ainda não... porque fica...

– Isolem-na – ordenou Munch com um ar cansado. – E mande para lá uma equipa. E isto?

– É uma cascalheira grande – disse Nilsen, apontando para as árvores que ficavam para leste. – Quer que...

– Se ainda não está, quero. Já está?

Olhou para o agente, que não sabia o que dizer.

– Então também quer uma equipa lá em cima? – acabou por perguntar.

– Quero.

Munch fez que sim com a cabeça e foi ter com Anette Goli, que tinha

acabado de ver a sair da escola.

A primeira contratação que tinha feito.

Não tinha hesitado um segundo.

– Já esteve lá em cima? – perguntou-lhe a advogada eficiente, enquanto ajeitava o cabelo loiro com a mão.

– Ainda não. Que tal?

– Horrível. Acabou de me ligar o Wik, quer saber se é para os tapar ou se os quer ver como estão.

– Deixem-nos como estão – respondeu Munch, enquanto acendia um novo cigarro no anterior. – Quem é que os encontrou?

– Se quer que lhe diga, temos ali um grupo engraçado – respondeu Goli, suspirando e acenando com a cabeça na direção da escola. – Ainda estou a tentar perceber a situação familiar.

– Então?

– Pelo que percebo, há uma disputa pela custódia de um miúdo. Um homem veio aqui ver o filho. A mãe também está cá com o namorado novo e ainda temos uma acompanhante que deve ser dos Serviços Sociais. Não tenho a certeza. Tive de os separar. Tenho ali o pai e os outros estão noutras salas. Quer falar com eles?

– Ainda não, mas certifique-se de que ficamos com os pormenores todos.

– Está bem, a Katja pode tratar disso.

– Ela está cá? – exclamou Munch, surpreendido, sorrindo depois. – Achava que...

– Parece que afinal trabalhar para a Kripos não era o sonho que ela imaginava – disse Goli, piscando o olho. – Apanhei-a a caminho daqui. Não fiz mal, pois não?

– Claro que não – retorquiu Munch, anuindo com a cabeça e voltando a sorrir.

A sua segunda contratação.

Katja van den Burg.

Tinha sido uma escolha tão fácil e tão óbvia como a primeira.

– Muito bem, então quer ir vê-los?

– Quero, onde é que estão?

– Ali – disse Goli, apontando. – Mas é melhor ir mudar de sapatos que aquilo está tudo enlameado.

– Está bem.

Munch deixou cair a beata no chão e foi ao carro buscar as botas de borracha.

Capítulo 3

Mia Krüger, de 21 anos, estava sentada na parte de trás do auditório que ficava na cave da Academia Nacional de Polícia, com sérias dificuldades em manter os olhos abertos. Tinha-se deitado às quinhentas. Outra vez. Só tinha poisado a cabeça na almofada quando já eram... o quê? Seis da manhã? Controlou um bocejo enquanto o conferencista de cabelo à escovinha e botas impecáveis carregava no botão para fazer aparecer mais um *slide* no projetor. Porra, porque é que não tinha parado mais cedo e ido para casa? Estava farta de saber que queria assistir àquela conferência. Uma introdução à Delta, a unidade de intervenção tática da polícia. Tinha sido a única razão pela qual tinha decidido entrar para a polícia. Apesar das objeções dos pais. A decepção na cara da mãe quando lhe tinha dito que estudar Literatura na Universidade de Oslo afinal não era para ela. Que já tinha desistido. Que tinha decidido ir viajar e começar a academia no outono.

Polícia, Mia? Não, mas...

Paciência.

A primeira mulher na Delta. Tinha lido um artigo numa revista sobre como era difícil, como ainda nenhuma mulher tinha cumprido os requisitos de entrada, e tinha-se decidido imediatamente. Sim, ouviram bem. Delta. Era isso que ela queria.

Por isso, vão-se todos mas é foder.

Mia Krüger interrompeu mais um bocejo enquanto aparecia uma lista no ecrã. Os requisitos básicos de entrada. Aquilo era só o princípio. Depois vinham as semanas infernais de testes físicos e psíquicos. Era aí que as poucas mulheres que tinham tentado entrar tinham falhado. Mas ela não. Claro que não. Ia ser canja. Ia ser a primeira mulher a conseguir. E isso ia ensinar-lhes uma lição de uma vez por todas, não ia? Àqueles porcos chauvinistas que olhavam para ela com desprezo e se perguntavam o que é que estava ali a fazer. A única mulher no auditório.

Ouvira alguém a fungar na primeira fila, um idiota loiro que achava que era o sonho de qualquer mulher. Tinha-se atirado a ela no ginásio logo nas primeiras semanas do primeiro ano. Enojava-a lembrar-se disso. Frases de

engate típicas de um falhado enquanto fazia músculo à frente do espelho, como um neandertal que achava que era assim que se ia safar.

Tens uns olhos lindos...

São azuis como o mar...

Ai sim?

E tu és poeta?

Os teus são demasiado próximos um do outro. E sabes que devias ter uma testa entre os olhos e o cabelo, não sabes?

E o teu cabelo, é tão exótico e escuro... Dá-te um ar tão elegante assim por cima dos ombros... Então que tipo de rapariga é que és? Gostas de te divertir?

Vómito.

A sério?

Que cretino.

Nessa mesma noite, tinha-o cortado no quarto, em Torshov. Ao cabelo. Tinha-se posto à frente do espelho da casa de banho com uma faca, a dar-lhe catanadas furiosas e a vê-lo a cair no lavatório. Agora, sempre que crescia de mais, repetia o ritual.

Estava a olhar para a lista com os requisitos que já conhecia de trás para a frente e arrependida por não ter ido buscar um café. Mesmo que fosse um daqueles merdosos de máquina. Qualquer coisa que lhe tirasse aquela vontade horrível de dormir.

Tentou recompor-se enquanto toda a gente se concentrava finalmente no slide.

Três mil metros em menos de 12 minutos e meio.

Feito.

Quando tinha 15 anos e ainda vivia em Åsgårdstrand, tinha corrido aquela distância em 11 minutos e 15 segundos, e o treinador nojento, que gostava de fazer comentários sobre o aspeto das raparigas com *leggings* de corrida, tinha coçado a cabeça, olhado para o cronómetro e pedido que ela repetisse a volta porque «deve haver algum engano».

A sério?

Vai-te foder.

Cinquenta abdominais.

A sério?

Feito.

Cinquenta flexões.

Aquela tinha-lhe custado um bocadinho mais, mas não muito. Tinha aparafusado uma barra no teto das águas-furtadas que dividia com duas raparigas do ano dela, que estavam mais interessadas em ver-se ao espelho e em quem tinha curtido com quem depois das noites de copos que a associação de estudantes organizava às sextas-feiras. Todas as manhãs, antes de as outras se levantarem, tinha-se puxado em direção ao teto até ficar sem força nos braços.

Dez elevações em supinação e dez elevações em pronação.

Dois coelhos de uma cajadada.

Feito.

Quatrocentos metros a nadar.

A sério?

Feito.

Mergulho em apneia a uma profundidade de quatro metros.

Mia sorriu ao ler aquela.

Na costa do México, há uns anos, no verão depois do secundário, quando estava completamente farta de tudo. O barco branco a baloiçar sob umas nuvens claras, uns tipos impecáveis, o pessoal da apneia, para não falar no francês de olhos azuis e com os músculos alongados e castanhos.

Vais sentir-te tão livre lá em baixo, Mia.

Era a primeira vez que experimentava.

Mergulho.

Com ou sem garrafa.

A escuridão lá em baixo, tão silenciosa, tão incrivelmente bonita.

As caras apavoradas no barco quando finalmente voltou à superfície.

Valha-me Deus!

Tu és doida!

O francês desapareceu pouco depois, mas não importava, tinha descoberto a sua verdadeira paixão.

A escuridão.

A solidão.

Lá em baixo.

Quatro metrozinhos de nada?

Era fácil.

Era quase ridículo.

Feito.

Ele reparou nela, o homem da Delta com as botas reluzentes, e Mia sentiu a mesma coisa vinda dele.

O que é que estás aqui a fazer?

Mia sempre tivera a capacidade de quase sentir o que as outras pessoas sentiam.

Tu vês coisas que as outras pessoas não veem, não é? Não é, minha querida?

A avó, que não era a avó verdadeira, mas era tão parecida com ela. Excêntrica. Às vezes, parecia quase maluca. Com quase 80 anos, continuava a ficar sentada no jardim pela noite dentro, a fumar cachimbo e a beber uísque, perdida em fantasias e sem querer saber o que é que as outras pessoas achavam dela.

O telefone apitou e Mia reagiu automaticamente, tirando-o da mala com dedos ágeis.

Sigrid?

Não.

Claro que não.

Há dois meses que não tinha notícias da irmã gémea.

Era por isso que tinha passado a noite acordada.

A calcorrear as ruas e a distribuir panfletos.

Viu esta rapariga?

Sigrid Krüger.

Por favor, ligue-me se souber de alguma coisa.

Sigrid e Mia.

A Bela Adormecida e a Branca de Neve.

Gémeas.

Uma loira, a outra morena.

Filhas de uma rapariga de 16 anos que não queria nem podia sustentá-las. Adotadas por Eva e Kyrre Krüger, de Åsgårdstrand. Ela era professora, ele tinha uma loja de tintas em Horten. Mia tocou distraidamente na pulseira que tinha no braço esquerdo. Presente do crisma. Uma âncora, um coração e uma inicial. S na de Sigrid, M na dela. E depois, uma certa noite, debaixo dos edredões, no quarto.

Tu ficas com a minha e eu com a tua?

Nunca mais a tinha tirado.

Porra, Sigrid!

Onde é que estás?

Mia tentou não se deixar levar pela ansiedade e tinha acabado de guardar o telemóvel na mala quando a porta se abriu de repente e a secretária do diretor espreitou para dentro do auditório.

– Desculpem interromper, a Mia Krüger está aqui?

Um burburinho percorreu o auditório.

Toda a gente a olhar para ela outra vez.

– Hum, sim, sou eu.

– O diretor quer falar consigo.

– Está bem?

A secretária ficou simplesmente à espera.

– Agora?

– Sim, agora.

Risinhos desdenhosos ao longo de toda a fila da frente enquanto Mia arrumava as coisas e descia os degraus o mais rapidamente possível.

– Porque é que estou a ser chamada? – perguntou depois de fechar a porta, quando já estavam as duas sozinhas no corredor.

– Não sei – respondeu a secretária de cabelo grisalho. – Mas acho que é importante. Sabe por onde é?

– Claro.

Mia disse que sim com a cabeça e pôs a mala ao ombro.

Apanhou o elevador para o rés do chão, depois atravessou o pátio alcatroado e dirigiu-se para o edifício principal, do outro lado.

O que é que tinha sido agora?

Já tinha sido chamada ao gabinete do diretor.

Para ouvir um sermão à frente da grande secretária dele, como uma menina no colégio, o olhar severo do diretor que era impossível de levar a sério.

Disciplina, Mia. Vários dos seus professores se queixaram...

E então?

Não tenho culpa de que vocês continuem a achar que vivemos nos anos 1950.

Tem andado a pernoitar na escola, Mia? O Wendelbaum disse que a tinha encontrado no chão da sala de aulas outra vez.

Iá, ok.

Tinha ido ao Frogner Park para procurar Sigrid. Atrás da pedra onde os carochos costumam parar, a umas centenas de metros da Academia Nacional de Polícia. Depois não se tinha dado ao trabalho de fazer o caminho todo até casa.

Desta vez, quando bateu à porta e ouviu a voz grave do diretor, houve uma reação diferente.

– Olá, Mia. Entre, entre.

Hesitou junto à porta, perguntando-se o que é que a esperava. O diretor, Magnar Yttre, tinha-se levantado da cadeira e sorria-lhe enquanto a convidava a entrar.

– Quer alguma coisa? Peço-lhe um café?

Capítulo 4

Munch estava sentado ao pé da janela no café que ficava na esquina da Bernt Ankers Gate com a Mariboes Gate, a umas centenas de metros da nova esquadra. Tinha posto os dois telemóveis no silêncio. O inspetor era da velha guarda e ainda não se tinha habituado ao apitar constante dos aparelhos. Preferia que o deixassem em paz, para poder pensar, mas era óbvio que não ia conseguir fazê-lo agora, visto que ambos os telefones tinham tocado ininterruptamente durante as últimas 24 horas. Tinha atendido uma chamada de um antigo colega, que agora era diretor da Academia Nacional de Polícia, só para lhe dizer que estava ocupado e não podia falar. Mas Yttre estava eufórico ao telefone e nem o deixou dizer nada. *Acho que encontrei a pessoa certa para ti, Munch.* Não podia vir em pior altura, mas Munch tinha-se deixado persuadir.

Já tinha ouvido Yttre falar daquele teste. Tinha sido desenvolvido por uns investigadores da UCLA. A Academia Nacional de Polícia costumava fazê-lo a todos os alunos de segundo ano, a quem diziam que era só uma brincadeira, para que não se sentissem pressionados. Umas quantas fotografias da cena de um crime. *O que é que vê?* Parecia que esta rapariga tinha sido brilhante.

Muito bem. Podia desperdiçar meia hora por causa de Yttre. Aproveitava para comer qualquer coisa. Marianne tinha acabado de lhe ligar outra vez, preocupada com ele, como sempre – tinha dormido o suficiente e, principalmente, andava a comer qualquer coisa que se visse?

Ela é um bocado excêntrica, Munch.

Mas vê se lhe dá uma hipótese, está bem?

Tinha acabado de levar o café e a sanduíche para a mesa quando a porta se abriu e ela apareceu.

Vinte e um anos.

Era novinha, mas Munch sabia por experiência que a idade não tinha necessariamente de ser um problema. Vários membros da equipa dele, alguns dos melhores, na verdade, tinham menos de 30 anos. Ainda que não estivesse a considerar contratar mais ninguém. Já tinha as pessoas que queria, mas

Yttre, que normalmente era difícil de impressionar, tinha-lhe parecido tão entusiasmado. *Nunca vimos nada assim, Munch. Nem de perto nem de longe. Esta miúda é única.*

É claro que o tinha conseguido interessar.

– É o inspetor Munch?

Vinha vestida com uma camisola de gola alta preta, calças de ganga pretas justinhas, uns All Star pretos e trazia uma mochila preta, mas a primeira coisa em que ele reparou foi nos olhos dela.

De um azul brilhante e impressionantemente límpido. A pele era castanho-clara, quase como a de um indígena americano. Cabelo completamente preto pelo ombro, mas com comprimentos diferentes; parecia quase que alguém o tinha atacado com uma tesoura romba, apesar de ela não parecer importar-se. A jovem aspirante a polícia parou à frente dele como se aquele encontro fosse a coisa mais natural do mundo e estendeu-lhe a mão elegante.

– Mia Krüger.

– Olá, Mia. Sente-se.

– Obrigada – respondeu apenas, e sentou-se sem dar sinais de querer tirar a mochila.

– Quer comer alguma coisa? Ou beber?

Mia olhou brevemente para o menu que estava atrás do balcão.

– Não, obrigada.

– Se calhar, não bebe café.

– Bebo, mas aqui, não.

– A sério? – perguntou Munch. – É uma conhecedora, uma especialista em café?

Estava a tentar ser irónico. Oslo tinha começado a ser invadida por lojas de café cada uma mais da moda do que a outra, com *hipsters* jovens e ridículos a fazer café como se se tratasse de uma questão religiosa, mas o comentário não a provocou.

– É isso que quer que eu veja? – perguntou a rapariga, a olhar para as duas pastas de couro em cima das quais ele tinha poisado os telemóveis.

– Sim. O Yttre disse-lhe alguma coisa?

Ela abanou a cabeça.

– Ótimo – disse Munch. – Só quero que olhe para umas fotografias e que me diga o que é que lhe parece, pode ser?

– Pode.

– Esta – começou Munch, pegando numa das pastas –, contém fotografias da cena de um crime que visitei ontem de manhã. E esta...

Poisou a segunda pasta ao lado da primeira.

– Tem fotografias de um crime na Suécia. Há oito anos. Quero que olhe para elas e que me diga o que vê, está bem?

– Se é o mesmo assassino?

– Eu não disse isso.

– Mas era isso que queria dizer, não era?

Mia franziu o sobrolho e olhou para ele com uma expressão perscrutadora. Munch teve de controlar a vontade de sorrir. Yttre tinha razão, esta miúda era qualquer coisa. Era única até na maneira de lidar com Holger Munch, chefe da Brigada de Homicídios do número 13 da Mariboes Gate. Estava habituado a que as pessoas olhassem para ele com uma certa admiração, mas esta jovem aspirante a polícia não parecia minimamente intimidada.

– Sim, era o que eu queria dizer.

– Então porque é que não disse?

– Porque não queria condicionar o seu raciocínio. Quero que esteja de mente aberta. Pode ser que veja qualquer coisa, qualquer coisa que me escapou.

– Está bem, percebo – retorquiu Mia Krüger, voltando as duas pastas de maneira a ficarem viradas para ela.

Não as abriu, ficou parada um instante, à espera.

– Posso olhar para isto sozinha um bocadinho? – perguntou, e voltou a olhar para ele depois de uma pausa, quando viu que o inspetor ainda não tinha percebido a dica.

– Claro. De quanto tempo é que precisa?

– Não sei bem. De 20 minutos?

– Está bem. Vou estar aqui à porta se precisar de mim.

Munch levantou-se, pegou no almoço e foi sentar-se num banco do outro lado da rua.

Nove chamadas não atendidas. A maior parte, de Anette.

– Estou? É o Holger. O que é que se passa?

Anette Goli soltou um suspiro do outro lado da linha.

– Mais vale perguntar o que é que não se passa. A comissão quer uma atualização. Acho que o ministério deve estar a pressioná-la, ela acha que devíamos fazer uma conferência de imprensa...

– Já disse que vamos esperar.

– Foi o que eu lhes disse, mas eles não ficaram lá muito contentes.

– Quem é que não ficou lá muito contente? – rosou Munch, irritado.

– Não precisa de descarregar em cima de mim, sabe como é que ela é.

Hanne-Louise Dreyer. A recém-nomeada comissão da Diretoria de Oslo. Tinha havido bastante oposição interna quando se soube que o ministro tinha criado uma Brigada de Homicídios independente na capital sem consultar a força policial. As altas patentes tinham feito muito barulho, viam a criação da nova unidade como sinal de insatisfação com o trabalho delas. Munch tinha esperado que a situação pudesse melhorar com a nomeação da nova comissão, mas nem por sombras. Estava visto que era a sina dele. Nunca ter uma chefia com quem se entendesse. Paciência. Agora a bola estava do lado dele e não havia muito que eles pudessem fazer, e era obviamente por isso que estavam tão enervados.

– Diz-lhe para esperar – disse Munch. – Não vamos revelar os nomes das vítimas antes de termos falado com as duas famílias. Ela não percebe isso?

– Como lhe disse, escusa de se irritar comigo. O avião da mãe do Tommy aterra à uma, pedi à Katja para a ir buscar ao aeroporto. Quem é que se lembra de ir de férias para Espanha e de deixar um rapaz de 11 anos sozinho em casa?

– Pode ter tido as suas razões, não vamos pensar nisso agora.

– E pediu aos vizinhos para tomarem conta dele, mas afinal eles nem sabiam que estavam responsáveis pelo rapaz?

– Tratamos disso quando ela chegar. E a carrinha?

A única pista que tinham até agora. Uma carrinha branca que tinha sido vista junto a umas árvores ao pé da Losbyveien.

– O Oxen foi falar com a Brigada de Trânsito. A estrada acaba no clube de golfe, por isso não pode ter saído por esse lado. Estamos a concentrar-nos na estrada 159 para leste e oeste e nas portagens da E6. Estão agora a recolher as imagens, acho que encontrámos para aí sete câmaras. Tenho-o em espera e vai avisar-me assim que encontrarem alguma coisa. Mas, mesmo assim...

– O quê?

– Uma carrinha branca? Quantas carrinhas brancas é que há em Oslo?

– Era domingo de manhã – disse Munch para a encorajar. – Vamos fazer figas. E a família Lundgren?

– Muito prestáveis – respondeu Goli. – E estranhamente calmos. Acho que ainda não processaram completamente o que aconteceu. O Fredrik está agora com eles. Ficou de me ligar. Sempre estamos a planear reunir a equipa às quatro?

– Sim, importa-se de informar os outros?

– Está bem. Oiça, tenho de desligar, a Dreyer está a ligar-me outra vez.

– Nada de conferências de imprensa antes de... – começou Munch a dizer, mas Anette já tinha desligado.

Estúpidos do caras.

Não eram capazes de lhe dar cinco minutos de sossego?

Como se ele e a equipa não tivessem já sarna suficiente para se coçarem.

Três cigarros mais tarde, decidiu que a jovem aspirante a polícia já devia ter terminado. Tinha-a observado pela janela o tempo todo. Praticamente, não se tinha mexido, mas agora as pastas estavam as duas fechadas à frente dela.

– Como é que correu? – perguntou Munch ao sentar-se outra vez à mesa.

Ela não parecia ter reparado no regresso dele. Tinha os olhos azuis muito abertos, mas tinha a cabeça noutro sítio.

– Desculpe – disse ao fim de um tempo, e passou a mão pelo cabelo escuro.

– Não faz mal – respondeu Munch, olhando para o relógio.

Tinham passado quase três quartos de hora desde que tinha saído da esquadra. Estava na altura de despachar aquilo. Estava tudo muito bem, era

um teste educacional, um favor que fazia a Yttre e também à sua própria curiosidade, mas havia limites. Tinha coisas mais importantes para fazer. E, claro, também tinha pensado a mesma coisa.

Quem é que vai de férias para Espanha?

E deixa uma criança sozinha em casa? Uma criança de 11 anos?

– Faltam aqui umas fotografias – disse a jovem aspirante a polícia hesitantemente.

– Desculpe?

Ela poisou o dedo numa das pastas.

– Desta.

– O que é que quer dizer?

– O que eu disse. Que faltam aqui umas fotografias.

Munch franziu o sobrolho.

– Não sei se estou a perceber lá muito bem...

– Então, ele tinha de estar mais alto, não tinha?

– Quem?

– O assassino.

A miúda olhou para ele com uma expressão estranha.

– Tinha de estar em cima de alguma coisa.

Capítulo 5

Fredrik Riis estacionou o carro à frente da moradia, do número 18 da Timoteiveien, saiu e olhou para os prédios baixinhos que ficavam do outro lado do relvado. Finstad. Entre Oslo e Lillestrøm. Perto de Lørenskog. Não era bem uma vila, mas também não era bem campo. O investigador de 27 anos vivia em Briskeby, no coração do bairro de Frogner, com vista para o icónico antigo quartel dos bombeiros, no mesmo prédio em que sempre vivera. Os pais tinham-se mudado para Bærum havia dez anos, quando o consultório médico do pai tinha começado a ficar conhecido. Hoje em dia, o pai era dos cirurgiões plásticos mais respeitados na Escandinávia. Os pais tinham-lhe dado o apartamento deles quando tinha 17 anos e agora só se viam de vez em quando. Não que isso o incomodasse. Não perdia grande coisa. Tivera uma infância... nunca sabia bem como a descrever quando alguém lhe perguntava. Invisível? Pelo menos era o que lhe tinha parecido. Como se no fundo não quisessem realmente saber dele. Como se se tivessem sentido aliviados quando viram que já tinha idade para receber aquele presente. *Aqui tens, um apartamento só para ti. Daqui para a frente, estás por tua conta.* Paciência. O jovem investigador tinha aprendido bastante com a educação que tivera e era muito mais resistente do que as pessoas achavam.

De repente, veio-lhe uma boa memória de infância. Os passeios de família a Finstad. Tinha lá uns primos e até o pai, por qualquer razão, se ter zangado com o irmão, iam lá visitá-los muitas vezes. Quando Fredrik era pequeno, adorava a vida que se fazia ali. Era tão diferente do apartamento silencioso deles. Montes de moradias grandes e coloridas, com jardins espaçosos e verdejantes e nomes de ruas idílicos. Timoteiveien, Kløverveien, Tulipanveien, Konvalieveien. Aos 10 anos, tinha sentido alguma inveja de tudo o que aquela zona tinha para oferecer: campos de jogos, parques infantis, prados e principalmente o bosque quase mágico por onde se podia passear à vontade. Sempre que voltavam à cidade, sentava-se ansiosamente no banco de trás porque sabia que havia de começar: a velha discussão entre os pais sobre se não deveriam ir viver para ali. A mãe gostava muito, tinha crescido num sítio parecido, mas o pai opunha-se, claro. *Não nos vamos mudar para o*

campo. E acabava sempre assim. Ainda se conseguia lembrar da sensação de desilusão sempre que o pai ganhava aquela discussão. Crianças aos guinchos e a rir enquanto corriam pelo meio dos aspersores no jardim grande e soalheiro. Piratas com as caras pintadas a brincar no bosque, com espadas e pistolas que tinham feito sozinhos na oficina bem equipada do tio. A família unida. Um sítio onde parecia que as pessoas se preocupavam mesmo umas com as outras e gostavam realmente de fazer coisas juntas.

O que via agora trouxe-lhe outra memória, um bocadinho menos confortável. *Os pobres*. Era assim que os primos dele lhes chamavam. Aos que não tinham uma casa só deles e viviam nos prédios baixinhos do lado errado da rua, a uns escassos metros de distância. Sentiu-se estranho quando Munch lhe pediu para ser ele a servir de oficial de ligação à família de Ruben Lundgren, do número 18 da Timoteiveien. *Eu já lá estive, não estive?* Um rapaz com quem brincavam, amigo dos primos, Fredrik não se conseguia lembrar do nome, vivia ali. Mas isso tinha sido há muito tempo, claro. Agora vivia uma família nova na grande casa cinzenta. Quatro nomes novos na placa com motivos florais junto à porta. *Sanna, Ruben, Vibeke e Jan-Otto Lundgren vivem aqui*. Mais abaixo, havia carros estacionados na estrada. Fotógrafos com grandes objetivas. Discretos, mas nem por isso. Ainda não tinham tornado públicos os nomes dos dois rapazes, mas a imprensa já sabia. *Aqui não há privacidade nenhuma, só vizinhos intronitados e abelhudos a quererem sempre saber tudo*, tinha sido um dos argumentos algo misantrópicos que o pai repetira nas discussões no carro.

Ruben Lundgren.

Onze anos de idade.

Encontrado num campo a menos de um quilómetro de casa.

Ao pé de outro rapaz.

Tommy Sivertsen.

Dos prédios que ficavam do lado errado da estrada.

Fredrik tocou à campainha e recuou alguns passos, para cima da gravilha.

– Sim?

Apareceu uma cara atrás da porta, apenas entreaberta.

– Olá. Jan-Otto Lundgren?

– Sim?

O homem atrás da porta estava a olhar para ele como se ainda não tivesse conseguido perceber que tinha uma visita.

– Fredrik Riis. Eu liguei-lhe...

– Ah, sim. Olá, entre.

Uma casa normal. Um tapete normal de aço galvanizado que se mexeu um bocadinho quando o pisou para ir atrás do senhor. Uma entrada normal. Botas e sapatos todos muito bem arrumados numa sapateira do IKEA. Casacos de diferentes cores e tamanhos pendurados em cabides coloridos, debaixo deles uma prateleira com caixas de arrumação em que alguém tinha

colado *post-its* a dizer «chapéus», «cachecóis» e «luvas» numa letra bonita. A mãe, Vibeke Lundgren. Trinta e oito anos. Diretora de vendas de uma empresa de *software* que tinha os escritórios ao pé do centro comercial de Strømmen. O pai, Jan-Otto Lundgren, 42 anos, engenheiro de sistemas a trabalhar para a Telenor. Sanna, de 5 anos, que estava na turma dos mais velhos do jardim-escola de Løken, a menos de um quilómetro dali.

Uma família normal.

Uma vida normal.

Até terem recebido o telefonema.

Vinte e quatro horas antes.

Jan-Otto Lundgren tentou esboçar qualquer coisa que se pareceu com um sorriso quando Fredrik tirou os sapatos para o seguir até à sala. Tinham posto a mesa junto à janela que dava para o jardim. Um termos. Umas pequenas chávenas brancas de café. Uma taça com bolachas. A mãe, Vibeke, estava sentada numa das cadeiras de ripas com a mesma expressão morta que o marido tinha. Levantou-se ao vê-los entrar.

– Vibeke Lundgren.

– Fredrik Riis. Brigada de Homicídios.

A mulher magra retraiu-se ao ouvi-lo e Fredrik arrependeu-se imediatamente. Devia ter usado uma expressão mais neutra, ter dito só «polícia», sem entrar em pormenores, mas tinha-lhe saído automaticamente. Era a primeira vez que ficava responsável por estabelecer a ligação com a família e tinha-se ido a preparar para a tarefa no caminho.

É claro que nada o poderia ter preparado para aquilo. A casa era grande e estava tão silenciosa que conseguia ouvir o tiquetaque do relógio oval que estava ao lado da porta da cozinha. O barulho da cadeira a arrastar nos tacos do chão quando a puxou para se sentar. O clamor da colher contra o fundo da chávena enquanto dissolvia os dois cubos de açúcar que umas mãos trémulas lhe tinham oferecido.

O som de alguém a acalmar uma criança ao fundo do corredor.

Quem é, Vovozinha? É o Ruben? O Ruben voltou?

– Espero que me desculpem por vir incomodar – disse o jovem investigador depois de os dois pais se terem sentado. – Sei que estivemos cá ontem, mas precisamos de confirmar todos os pormenores. Daqui para a frente, vou ser o oficial de ligação à vossa família, pelo que, se precisarem de alguma coisa, em qualquer altura, eu vou estar sempre disponível, está bem?

Levou a mão ao bolso do fato e tirou dois cartões de visita que empurrou devagarinho por cima da toalha de mesa branca.

– Há novidades?

A voz dela era frágil, mas ainda assim rouca, como ar vindo de pulmões débeis a raspar na lixa da garganta. Tinha tentado apanhar o cabelo num carrapito, mas tinha ficado a pender molemente para um dos lados. A camisa creme estava mal abotoada e ficava torta sobre os ombros caídos.

– Não, por enquanto ainda não. Lamento.

– Mas vocês estão... a trabalhar no sentido de...

Jan-Otto Lundgren tinha a barba por fazer, olhos castanho-escuros e falava muito baixinho. Como um robô com pouca bateria, que não sabia como nem porque é que devia acabar as frases.

– Agora, o que mais nos importa é registar todos os movimentos do Ruben – explicou Fredrik, abrindo o caderno. – Sei que falaram com um agente ontem, mas eu gostava de confirmar uma série de coisas, para termos a certeza de que está tudo correto.

Jan-Otto anuiu levemente com a cabeça.

– A última vez que viram o Ruben foi no sábado à noite, por volta das dez, não foi?

– Eu sei que dissemos dez – começou Vibeke, passando a mão pela testa –, mas não foi mais perto das dez e meia? Eu acho que...

– Não, foi às dez da noite – disse o marido, poisando a mão na dela. – Depois de acabarmos de ver *O Reencontro*, não foi?

– *O Reencontro*? – repetiu Riis.

– Sim, o programa de televisão. *O Reencontro*. Não conhece?

Fredrik Riis não via muita televisão, mas até ele sabia de que é que Lundgren estava a falar. Um programa clássico da televisão norueguesa. O país inteiro corria para a frente do ecrã. Duas celebridades reencontravam velhos amigos da escola e tinham de se conseguir lembrar de quem eles eram.

– Ele estava zangado comigo – disse Vibeke, e depois pareceu outra vez perdida em pensamentos, desta vez por detrás de um ligeiro sorriso. – Queria carne picada na piza. Mas a Sanna não gosta, queria só fiambre. Por isso, fui buscar-lhe uma Coca-Cola à cave, apesar de hoje em dia já praticamente não bebermos isso. Faz tanto mal aos dentes, não é? Aquele açúcar todo?

O marido voltou a fazer-lhe uma festa na mão.

– O Ruben foi para o quarto depois do jantar. Ia jogar computador. Mas só até às onze, a regra é essa.

– E foi espreitá-lo? – perguntou Riis. – Mais tarde? Foi ver se ele estava a dormir?

Houve um momento de silêncio.

– Realmente não me lembro... – começou a dizer Vibeke. – Devo ter ido, não é? Vou sempre...

– A Sanna estava com dores de barriga – disse o marido como quem se desculpa. – Não conseguia adormecer. Fiquei a ler-lhe na cama e também devo ter adormecido. Quando acordei, devia ser, não sei... meia-noite e meia?

– Então estiveram com o Ruben o serão inteiro. Viram televisão juntos. E depois ele foi para o quarto. Que soubessem, ele não tinha planos nenhuns?

– Planos? – perguntou Vibeke. – Planos de quê?

– Não, estou só a perguntar. Não tinha combinado encontrar-se com ninguém? Com algum amigo? Ou talvez uma namorada?

– Uma namorada? – resfolegou a mulher magra. – Ele só tem 11 anos. Estava em casa com a família. E depois foi-se deitar. Como sempre. Planos?

Que planos é que ele podia ter?

Olhou para o marido com uma expressão confusa, e ele apertou-lhe a mão magra com mais força.

– Tinha a janela meio aberta – disse Jan-Otto a olhar Riis nos olhos. – Quando o fui acordar no domingo para ir tomar o pequeno-almoço. Deve ter saído pela janela.

– E não sabe quando é que...?

– Em algum momento durante a noite. Deve ter sido isso que aconteceu.

– Era algo que ele costumasse fazer? Já alguma vez tinha fugido de casa?

– Não, não, não...

Vibeke começa a balbuciar e tirou a mão da mão do marido.

– Ele nunca foi a lado nenhum. O Ruben está sempre em casa. O Ruben é o miúdo mais querido do mundo. O Ruben não foge pela janela. O Ruben fica sempre deitado. Lençóis lavados com desenhos dos Pokémon. São os preferidos dele. Comprei dois jogos completos para ter sempre uns postos. Acabei de lavar os outros.

O telemóvel tocou no bolso de Fredrik. O polícia tirou-o e olhou para o ecrã.

Anette Goli.

Pô-lo no silêncio e poisou-o na mesa à frente dele.

– E o Tommy Sivertsen? Era amigo do Ruben? Quer dizer, eles costumavam...?

Vibeke Lundgren tinha-se levantado e estava no meio da sala, com um ar perdido. Estava a tremer por todos os lados e tinha um olhar confuso.

– Ruben?

– Acho que se calhar era melhor... – começou a dizer cuidadosamente o marido, enquanto punha o braço à volta dos ombros dela.

– Claro – retorquiu Fredrik, pigarreando e guardando o caderno e o telemóvel nos bolsos.

De volta ao caminho de gravilha rangente, fez os possíveis para não ouvir.

Os vivos de desespero que vinham do interior da casa.

O telemóvel vibrou-lhe no bolso.

Parecia vir de um sítio distante.

– Estou, fala o Fredrik.

– É a Anette. Onde é que estás?

– Estou com os Lundgren.

– Achas que podes deixá-los? Precisava de ti.

– Está bem, o que é que...

– Encontrámos uma coisa ao pé da carreira de tiro. A casa das máquinas de um poço que há lá ao lado. Parece que os rapazes podem ter estado lá dentro. Podes vir cá ter? Já?

– Claro – afirmou Fredrik Riis, enfiando o telemóvel no bolso do fato.

E praticamente correu pelo caminho de gravilha até ao carro.

Capítulo 6

O velho de cabelos brancos sabia que algumas daquelas pessoas que tinha na parede iam ficar muito zangadas por não serem convidadas para o jantar, mas hoje era dia de festa e só o círculo mais íntimo era bem-vindo. Andava a planeá-lo há dias. Até tinha passado a toalha de mesa a ferro. A do debrum de renda. A avó tinha-lha dado no Natal. Ou teria sido a mãe que lha deu no crisma? O velho não se lembrava, mas também não era importante. Hoje os pensamentos estranhos não o iam incomodar. Era uma celebração dupla. Setenta anos, quem diria? E tinha arranjado trabalho, o que era muito mais importante, não era? E as pessoas ainda tinham dito que a carreira dele tinha acabado. Ah não, não tinha! O velho sorriu, depois deixou a toalha cair no chão e entrou na água fria do lago.

Tinha-se estreado cedo, só com 18 anos, na peça de Natal do final do secundário, em Uddevalla. Sim, é claro que tinha querido fazer de José, mas o papel de estalajadeiro era muito mais importante do que as pessoas achavam. Porque, realmente, quem é que era a personagem mais importante ali? O pobrezinho à porta da estalagem a implorar para que o deixassem entrar? Um homem que nem sequer conseguia engravidar a mulher? Ou o homem que mandava e que decidia quem é que entrava e tinha direito a um quarto? Era isso mesmo. Não havia comparação. O velho de cabelos brancos sorriu outra vez, enquanto esfregava o sabonete na esponja, a molhava na água e começava a lavar as costas. Ah, como era bonito o lago Lilla Köperödssjön com aquela luz! Tinha vivido ali 64 dos seus quase 70 anos, primeiro com a avó e a mãe. Depois só com a mãe. E, por fim, sozinho.

Ainda que...

Não, agora não estava com forças para pensar nisso. Era quase altura de começar as celebrações. O lago Lilla Köperödssjön. Com 1,6 quilómetros de costa. Nove metros na parte mais funda, não eram cinco vírgula um como eles tinham dito na oficina de Ray quando lá tinha ido para saber quanto é que lhe pediriam pelo arranjo do velho Volvo que tinha na garagem. Cinco vírgula um metros era a profundidade *média*, ou seja, era se pegássemos nas diferentes profundidades, as somássemos todas e as dividíssemos pelo número

de parcelas. E ainda se tinham zangado com ele quando tiveram de fazer o caminho todo pela floresta e afinal o Volvo não estava lá. Tinham dito muitos palavrões. Desculpe? E que culpa é que eu tenho? Mesmo assim, aquele estúpido tinha abanado a cabeça e cuspidado para o chão à frente dele. Realmente, era pena. Dava-lhe jeito ter carro. Era muito mais fácil andar de um lado para o outro de carro. Em vez disso, tinha acartado com a bicicleta pelo meio da floresta e depois tinha pedalado o caminho todo até à garrafeira em Uddevalla só para assinalar a ocasião. *Aquavit* Hallands Fläder. Assim, sim. Ia ser à grande e à francesa. 38% com notas de sabugueiro e canela. O velho acabou de se esfregar e mergulhou para tirar a espuma.

O que é que Estocolmo importava agora?

Não, não ia pensar nisso.

Allan Edwall, o ator.

Esse ia ser convidado.

Era a primeira escolha, sem dúvida. Porque era preciso definir prioridades, decidir quem é que tinha lugar à mesa e quem é que continuava na parede.

Não, Estocolmo com aquela água salgada e as meretrizes que dançam em salas sujas a troco de dinheiro, uma cidade que cheirava a morte por cirrose.

Não, obrigado, preferia mil vezes a floresta ao pé de Uddevalla.

Aquilo é que era um sítio para se viver.

A sua segunda grande representação, talvez aquela de que mais se orgulhava, tinha sido na prisão. Como recluso. Número 112-452311. Mandado prender por crime de importunação sexual no Vasa Park e por crime de receptação. A produção tinha ficado em cena bastante tempo. Catorze meses. Tinha feito sucesso naquele papel.

Ingmar Bergman?

Um lugar à mesa?

O velho abanou a cabeça e riu-se sozinho enquanto se vestia e subia o caminho até ao pátio.

Nem pensar.

Por razões óbvias.

O idiota já nem sequer estava na parede.

Entrou na cozinha e apercebeu-se de que não tinha aproveitado a subida para planear, por isso voltou para trás. Até à água. O lago Lilla Köperödssjön. Com 1,6 quilómetros de costa. Nove metros na parte mais funda, não eram cinco vírgula um como eles tinham dito na oficina de Ray.

Aquilo era uma sombra lá ao fundo, ao pé da península?

Era?

Teria voltado?

O monstro marinho?

Seria boa ideia ligar outra vez ao jornalista do *Bohusläningen*?

Não, ele não tinha sido grande ajuda.

Pronto.

Concentra-te.

Quem é que tem lugar à mesa?

Havia 36 fotografias na parede. Todas de grandes personalidades suecas que tinha conhecido em pessoa. Algumas delas só em sonhos, mas isso não fazia diferença.

Oh, bolas, já estava outra vez à porta e tinha-se esquecido de fazer a mesa, por isso tinha de descer novamente até ao lago.

O reflexo do sol na superfície do lago tinha umas cores bonitas, cor de laranja e amarelo de abril. O lago Lilla Köperödssjön. Com 1,6 quilómetros de costa. Nove metros na parte mais funda, não eram cinco vírgula um como eles tinham dito.

Pronto.

Trinta e seis fotografias na parede.

Mas só tinha lugar para seis à mesa.

Seis fotografias.

Ficava cada uma na sua cadeira, porque tinha seis cadeiras.

Pronto, se calhar o cesto da lenha não contava como cadeira, nem o banquinho em que se sentava para secar os pés.

Eu disse cadeiras?

Hã?

Não, lugares sentados, foi isso que eu disse.

Agitou um punho no ar.

O que é que dizes em relação a isso, Allan?

Estavas com medo de ficar sem lugar à mesa?

Hã?

Estás com medo de ficar pendurado na parede, sem amigos, enquanto nós emborcamos Hallands Fläder?

Não te preocupes.

Nós cá em casa gostamos de partilhar as coisas boas.

Pensou melhor e acrescentou rapidamente: estou só a meter-me contigo, isto é a brincar. É claro que vais ter lugar à mesa.

Vais ficar na cadeira amarela.

Regressou à pequena casa e estacou à frente da parede das fotografias, concentrado.

Cornelis Vreeswijk.

Sim?

Está bem.

Sim.

Tirou cuidadosamente o pionés e levou a fotografia solenemente até à mesa.

Na cadeira encarnada.

Tomas von Brömssen.

Humm...

Está bem.

Talvez.

Não, onde é que ele tinha a cabeça?

Sim.

Claro que sim.

Tomas von Brömssen.

Na cadeira azul.

Três já estão, faltam...

Porque é que não bebemos um copo?

Allan Edwall já tinha aberto a garrafa de Hallands Fläder e ia começar a servir-se, *são horas de começar a festa*, mas ele ainda foi a tempo de o impedir.

Não vamos beber já, ouviste?

Nada de álcool antes do levantar do pano, não é assim?

O que é que as pessoas iam dizer?

O velho abanou a cabeça num gesto desiludido e pôs a garrafa o mais alto que conseguia no armário por cima do fogão.

Tinha acabado de voltar à parede e estava a escolher o quarto conviva quando toda a sala se encheu de campainhas.

Que raio era aquilo?

Ficou assustado, sem conseguir perceber de onde vinha aquele som, até que lhe caiu a ficha.

O telefone novo.

O telemóvel.

O trabalho.

Correu pelo soalho e abriu a gaveta.

Azul.

Tão pequeno.

E tão delicado.

Uma mensagem escrita no ecrã.

Ato 1. Cena 1. OK?

Sorriu enquanto escrevia a resposta.

OK!

O velho de cabelos brancos dirigiu-se para a prateleira que ficava debaixo da janela e tirou um dossiê preto, abriu-o na primeira página e respirou fundo.

Depois sentou-se à frente do outro telemóvel.

Capítulo 7

Uma entrada de pé-direito duplo, com colunas, portas automáticas de vidro e metal cinzento, que davam para uma receção que parecia acabada de renovar. Mia conseguia ver que ele se estava a conter para não parecer demasiado entusiasmado com aquilo, e que não estava propriamente a conseguir, o inspetor da barba loira e encarniçada com o sorriso simpático. Havia uma mistura de alegria e curiosidade naquele olhar, que de resto era firme e inteligente, como se não conseguisse acreditar no que tinha acabado de ver e ao mesmo tempo não soubesse muito bem o que fazer com aquilo.

Nem sempre é bom, Mia. Conseguir ver coisas que as outras pessoas não veem.

A avó estava a ter um daqueles dias maus. Estava doente há muito tempo, mas recusava-se a ir ao médico, o que era típico dela. Magra, de olhos quase negros, enroscada num colchão no meio do chão. Não queria cá camas, claro, aquela mulher elegante e teimosa de que Mia gostava tanto.

Pode fazer que te sintas assustada. E sozinha. As outras pessoas não percebem o que tu percebes. Sobre a vida. Sobre as pessoas. Sobre como está tudo ligado. Pensa em mim quando eu morrer, prometes-me, Mia? Se te sentires sozinha?

Era típico da avó. Podia estar doente, mas mesmo assim queria estar lá para a ajudar. Felizmente, tinha recuperado ao fim de umas semanas e ia fazer 80 anos em breve. Naquele fim de semana, na verdade. Mia Krüger estava cheia de vontade de lá ir. E ao mesmo tempo a esperar o pior. Sabia como é que ia ser. Como é que a mãe ia estar. Se Sigrid não aparecesse.

É claro que não ia aparecer.

Onde é que tu estás, Sigrid?

Mia olhou discretamente para o telemóvel enquanto o inspetor, bem-disposto, sorria e carregava no botão para chamar o elevador.

– As nossas instalações ficam no terceiro andar. A brigada mudou-se oficialmente para aqui no outono, mas ainda estamos em obras. Empreiteiros, o que é que se há de fazer?

Tinha simpatizado imediatamente com ele.

Holger Munch.

É muito fácil perceber se gostamos de uma pessoa.

Pelo menos, para ela.

Podes confiar nele, é honesto, estás segura ao pé dele, vai ajudar-te quando precisares.

Nem sempre era assim tão bem definido, às vezes era só uma intuição, uma sensação boa e reconfortante, por oposição a uma sensação má e assustadora. Não eram cá crendices. Pelo menos, para ela. Mia Krüger tinha sido assim a vida inteira, mas nunca imaginara que aquela capacidade pudesse vir a ser útil. Quando era pequena, achava que toda a gente era assim. Por fora, não, ela sabia que nem toda a gente parecia um índio americano de olhos muito azuis, mas por dentro. Só no princípio da adolescência é que percebeu que era diferente.

Não faltava muito para fazer 22 anos.

Dáí a seis meses.

Em novembro.

Ela e Sigrid.

No ano passado tinha celebrado sozinha.

Neste ano iam estar juntas.

Tinha feito uma promessa a si própria.

Vou encontrar-te.

Dê por onde der.

Mia Krüger controlou um bocejo enquanto as portas do elevador se abriam e aparecia uma placa.

Polícia de Oslo.

Brigada de Homicídios.

Mariboes Gate, 13.

– Pronto, bem-vinda à nossa casa.

Munch sorriu, marcou um código no pequeno teclado montado na parede cinzenta, e abriu-lhe a porta.

Uma paisagem normalíssima de escritório, tão aborrecida que era quase uma desilusão. Restos de carpete no chão do corredor, parcialmente substituídos por tacos de madeira novos. Gabinetes com paredes de vidro, uma tentativa de espaço aberto, a moda mais recente no mundo dos negócios: sinergia, estamos juntos, mas nem por isso. A evidente necessidade de ter conversas privadas tinha sido incompatível com o projeto do arquiteto; as janelas da maior parte dos gabinetes estavam tapadas com estores verticais de plástico creme, exceto os poucos que estavam vazios, espaço para crescer, como Munch tinha dito depois de terem mais ou menos acabado a conversa no café. Tinha olhado para ela com aquela expressão inquiridora.

– Então, quais são as suas exigências?

Tinha-se rido depois de fazer a pergunta, era uma piada. Ela tinha sorrido, mas percebeu que a proposta era a sério.

Quer vir trabalhar connosco?

Uma mudança de estratégia. Porque é que não vem ver as nossas instalações? Dizer olá aos outros membros da equipa? Achava boa ideia?

Mesmo no meio de uma investigação.

Apesar de ter o telefone a tocar constantemente.

Fazia quase 36 horas desde que os corpos tinham sido encontrados.

Dois rapazes de 11 anos.

Num campo.

As primeiras 48 horas são as mais importantes, não são?

Tinha lido aquilo num livro.

Não era parva. A atitude falsamente descontraída do professor que lhes deu o teste da UCLA. *Oh, não é nada de importante. É uma brincadeira. Só para vos dar um bocadinho de experiência na interpretação da cena de um crime. Sem pressão.*

Mia não se tinha sentido pressionada, mas as fotografias tinham-na surpreendido. Ganharam vida. Era como se estivessem a falar com ela. Olhou à volta para ver se mais alguém na sala parecia estar a ter uma experiência daquelas, a sentir aquela excitação, mas não tinham ar disso. Entusiasmada como uma menina a quem dão o primeiro álbum de fotografias, tinha-se perdido dentro delas e só tinha voltado a si quando o professor lhe poisou a mão no ombro com uma série de fichas para preencher.

– Portanto, aqui é o meu gabinete.

Munch estava a fazer-lhe uma visita guiada, ainda com uma expressão levemente inquiridora, abstraindo-se momentaneamente da gravidade da situação.

Mais cubículos de vidro, a maior parte com estores brancos, mas depois um sítio diferente, viraram uma esquina e chegaram a um sítio que era mesmo um *open space*. Duas pessoas com um ar algo enervado descolaram os olhos dos ecrãs, quatro no total, que estavam alinhados numa grande secretária no centro da sala.

– A Anja e o Ludvig – disse Munch.

Um homem, talvez na casa dos 50, levantou-se e estendeu-lhe a mão. Tinha uns óculos com armações metálicas e lentes semicirculares e um colete cor de vinho com uma gravata de malha encarnada por baixo. Mia lembrou-se da piadola: olha, os anos 1970 ligaram. Querem que lhes devolvas a roupa. Mas não vinha muito a propósito porque ele parecia simpático e amigável. Um grande sorriso e um aperto de mão caloroso, olhos que fixavam os dela.

– Ludvig Grønlie.

– Olá, Mia Krüger.

– E esta é a Anja.

– Olá.

A rapariga com os óculos de tartaruga não se levantou, limitou-se a olhar para Mia, antes de suspirar e de se voltar a concentrar no ecrã, enquanto os dedos rápidos percorriam o teclado como se estivesse a tocar piano.

– A sério, Munch?

– Anja Belichek, o nosso génio impaciente dos computadores. Vinda direitinha de Harvard.

– Não, continua errado. Harvard é para miúdos betinhos e burros que só entram porque têm pais ricos, eu andei no MIT – atirou a rapariga, suspirando e coçando os caracóis castanhos e curtos.

Tinha uma saia de xadrez e uma camisa branca muito bonita que parecia antiga, talvez dos anos 1950. Tinha um pequeno coração encarnado tatuado num dos pulsos.

– Já vamos em 50 mil páginas – prosseguiu a rapariga, voltando-se finalmente do ecrã.

– É verdade – disse o homem chamado Grønlie.

Tirou os óculos e limpou-os na camisa azul-clara, que saía por debaixo do colete.

– Precisamos de mais pessoas.

– É da investigação sueca – explicou Munch. – Pedimos que nos mandassem tudo o que têm sobre o caso.

– E não param de chegar coisas – murmurou a rapariga.

Com algo que parecia um sorriso resignado, remexeu o nariz debaixo dos óculos pesados e pareceu finalmente perceber que Mia ali estava.

– E tu és?

– É a Mia Krüger – disse Munch.

– E?

– Mas a sério, Holger.

Era novamente Grønlie, que já tinha voltado a pôr os óculos.

– Claro – disse Munch. – Já está tudo tratado. Pedi ao Wilkinson para vos arranjar uma equipa na sede. Sete ou oito pessoas, parece-vos bem?

– É melhor do que nada – retorquiu Anja.

– Não queres que eu lá vá? – perguntou Grønlie. – Ver se estão a trabalhar? Se estão à procura das coisas que interessam? Estamos a falar de muito material.

– O Wilkinson trata disso, eu preciso de ti aqui.

Munch começou a levar Mia para fora da sala, mas parou na esquina.

– Sim, pensando melhor, manda-lhe uma lista de prioridades.

– Está bem.

Grønlie pegou num bloco e numa caneta.

– Pistas. Suspeitos. Declarações das testemunhas. Famílias. Por esta ordem. Tudo quanto lhes chamar a atenção vem diretamente para mim. Quero receber um relatório por *e-mail* todas as noites antes da meia-noite.

– Está a brincar?

Anja estava a falar com Munch, mas Mia percebeu que tinha uma expressão amigável.

– Anja, se encontrar alguma coisa, dou-lhe uma garrafa de Dworek – disse Munch enquanto lhe piscava o olho.

– Uma paleta e temos negócio – retorquiu a rapariga e voltou-se para o

ecrã.

– É polaca – explicou Munch quando estavam outra vez no corredor.

Levou-a até uma sala grande e de repente Mia estava a ver. A pressão. Um relógio a contar os segundos algures no olhar dele. Era uma fachada, aquele sorriso que tinha pespegado na cara por causa dela.

Trinta horas.

É claro que ela tinha visto os jornais.

Tinha lido livros suficientes para perceber o que se estava a passar.

Já não se tratava de um jogo.

Era isso que ela tinha feito. Depois da experiência que passara durante o teste. Tinha ido à Biblioteca Deichman logo a seguir à aula e, depois disso, passara lá as tardes todas durante três semanas. Tinha lido tudo o que conseguira encontrar. Sobre cenas de crimes. Assassinos em série. Criminologia. Medicina legal. Ciências forenses. Para tentar perceber o que se tinha passado na cabeça e no corpo dela. E, no meio daquelas estantes empoeiradas, tinha-se-lhe revelado todo um mundo fascinante; era quase como se...

Não, não.

Delta, a unidade de intervenção tática da polícia.

Era para isso que se tinha preparado.

Era o que ela queria ser.

A primeira mulher.

Ia mostrar àqueles cabrões.

A expressão brincalhona e jovial tinha desaparecido da cara do inspetor gorducho, que agora estava a acender mais luzes na sala, revelando a Mia o trabalho que estavam a fazer. Os factos do caso, por oposição à especulação dos jornais. As fotografias que lhe tinha mostrado estavam penduradas numa das paredes, mas havia muito mais. Mia olhou à volta, fascinada.

– Esta é a sala da investigação, é aqui que tudo se passa – explicou Munch, ainda com a mesma expressão carregada e o mesmo olhar distante.

De repente, Mia sentiu que estava a atrapalhar. Tinha olhado para umas fotografias, pronto, mas aquilo era a vida real. Só teve vontade de se desculpar, de se meter no elevador e de sair para a rua e deixar aquelas pessoas fazer o trabalho delas, mas a sala era tão fascinante que se deixou estar.

– Tenho de a lembrar de que tudo isto para que está a olhar é absolutamente confidencial.

– Claro.

– Devo estar a violar um milhão de regras ao deixá-la entrar aqui.

– Percebo.

– Mas depois do que me disse...

Olhou para ela. A expressão alegre tinha-lhe desaparecido completamente da cara redonda. Sério e sombrio. A olhar angustiadamente para ela, era quase como se Mia lhe conseguisse ler os pensamentos.

*Duas famílias perderam crianças.
Não vão voltar a ver os filhos.
E é da minha responsabilidade apanhá-lo.
Para que seja feita justiça.
Temos o mundo inteiro a olhar para nós.
Está a perceber?*

- Estou a perceber – disse Mia baixinho.
- O quê?
- Desculpe, eu...

Interrompeu-se quando a porta se abriu atrás deles e uma mulher de 30 e poucos anos entrou apressadamente. Uma expressão severa, cabelo loiro pelos ombros e roupas que fizeram que Mia a associasse mais a um banco do que à polícia.

– Onde é que tem andado? Liguei-lhe cem vezes. Somos capazes de ter encontrado a carrinha. O Oxen...

Munch interrompeu-a.

- Anette, é a Mia Krüger.

A mulher loira calou-se de repente e olhou para ela com uma expressão estranha.

- Mia, apresento-lhe a Anette Goli, o meu braço direito.

- Olá – disse Mia cuidadosamente.

– E então? – perguntou-se a mulher loira em voz alta enquanto levantava as mãos, exasperada. – Temos dois avistamentos do mesmo veículo, um ao pé do Metro Senter em Lørenskog e o outro mesmo antes do porto de Lillestrøm, devíamos...

– Dá-me só dois segundos – interrompeu Munch, voltando-se a seguir para Mia.

– Desculpe, importava-se de olhar outra vez? Para a Anette perceber? Dizer-lhe o que me disse a mim?

Tinha outra vez aquela expressão amigável.

- Agora? – perguntou Mia.

- Sim.

Munch sorriu levemente e acenou na direção das fotografias na parede.

Capítulo 8

Fredrik Riis mostrou o distintivo, deixaram-no passar e estacionou ao pé de uma placa que dizia «Clube de Tiro de Lørenskog. Fundado em 1891». O logótipo oval tinha duas espingardas antigas e ficou irritado ao perceber que o faziam pensar no pai, que adorava armas antigas e tinha toda uma coleção na cave da casa em Bærum. Fora do alcance de Fredrik, claro. O pai nunca o tinha desafiado para fazerem coisas juntos. Não que estivesse particularmente interessado em ir à caça com umas Winchester antigas, mas mesmo assim. Tentou não pensar mais no assunto e saiu do carro.

Encontrou imediatamente uma cara conhecida, que dispensava ter encontrado. Erik Brun. Um antigo colega da Academia Nacional de Polícia. Dizer que era um amigo era um exagero, era antes um idiota do ano dele. O matulão vinha a atravessar lentamente o pátio e também fez má cara quando viu Fredrik.

– Olha, olha, se não é o betinho.

Brun passou a mão pelo queixo e fez questão de não a estender a Fredrik.

– Olá – respondeu Fredrik, não fazendo caso da má educação do outro.

Era a melhor maneira de lidar com pessoas daquelas. Tinham estado juntos na mesma patrulha durante um semestre, o que explicava a má cara que o outro fazia agora. Era inveja, pura e simples. Tinha aberto uma vaga na Brigada de Crimes Violentos, na sede da polícia. Um emprego de sonho. Fredrik sabia que Brun também se tinha candidatado, mas tinha sido ele a ficar com a posição.

Estou a ver que ainda andas de uniforme, hã?

Mas não ia descer ao nível de Brun. Boas maneiras. Era a única coisa útil que tinha aprendido em casa.

Oslo era uma cidade pequena. Fredrik Riis sabia perfeitamente de onde vinha a alcunha de «betinho» e como ela tinha corrido rapidamente a polícia toda. Quando conseguiu o lugar na Brigada de Crimes Violentos, excitado e um bocadinho nervoso, ligou para o agente de serviço antes de começar a trabalhar e perguntou-lhe qual era o *dress code*. O agente tinha decidido rir-se

um bocado à custa do parvo do novato. *Fato e gravata. A Brigada de Crimes Violentos usa exclusivamente fato e gravata.* Se calhar, devia ter-lhe cheirado a esturro, mas ao mesmo tempo ainda era muito novo, inocente e, para além disso tudo, estava bastante nervoso. Tinha aparecido com o melhor fato e com uma camisa impecavelmente engomada. Tinha passado horas naquilo, até tinha saído para comprar um ferro melhor. Sapatos italianos engraxados e a brilhar. Um lençinho muito bem arrumado no bolso da frente. Até tinha levado o alfinete de gravata de ouro que tinha herdado do avô. Tão orgulhoso que mal conseguia ficar quieto, a primeira reunião de equipa do trabalho novo. Tinha saído do elevador e sido recebido por vários sorrisos. Um palhaço. Era como se tinha sentido. Superdesconfortável. Todo tenso. A sala estranhamente silenciosa. O único som que se ouvia era o dos sapatos de pele novinhos em folha a ranger contra o linóleo. Tinha-se aguentado até à secretária com o nome dele e depois tinha desatado tudo a rir.

Não fazia mal.

A seguir, até tinha corrido tudo bem.

As pessoas tinham sido simpáticas.

E depois, num momento de loucura, de desafio, tinha decidido abraçar a sua nova alcinha.

E porque não?

Tinha erguido a cabeça e aparecido no trabalho todos os dias impecavelmente vestido. Era a única maneira de os calar. Tinha-se agarrado àquela maneira de vestir. Agora andava um bocadinho mais descontraído, tinha deixado de usar gravata, mas continuava a usar fato.

– O que é que temos?

– Uma casa das máquinas, mesmo ali à frente – respondeu Brun, apontando. – O pessoal da equipa forense ainda lá está, os tipos disseram-nos para não nos aproximarmos. Achem que são melhores do que nós. Estes técnicos forenses são sempre uns convencidos. Não nos deixam aproximar para não *contaminarmos* a cena. Quem é que eles acham que nós somos?

Brun enfiou os polegares no cinto e cuspiu para o chão.

Provavelmente, uma cambada de energúmenos.

– Gosto em ver-te, Erik.

Fredrik deu uma pancadinha no ombro musculado do polícia e seguiu pela carreira de tiro, em direção a três peritos forenses de fatos-macaco brancos.

A primavera tinha chegado finalmente. Havia árvores com diferentes tons de verde ao longo da estrada de gravilha. Duas gaivotas levantaram voo do telhado da carreira de tiro e desapareceram com um guincho por cima dos campos. Fredrik Riis odiava o inverno. Era uma coisa que ele e Munch tinham em comum. Talvez se explicasse pelo facto de serem os dois meninos da cidade. Aqui talvez fosse diferente, mais branco, com as colinas cobertas de neve, boas para andar de trenó ou para os saltos de esquí. Não era como no centro de Oslo, onde tudo era uma escuridão enlameada, ruas molhadas e

peessoas a tremer de frio. Tinha lido algures que nas escolas tinham deixado de ensinar às crianças que a neve era branca. Porque toda a gente via perfeitamente que era cinzenta. Quando não derretia imediatamente, claro. Tinha uns quantos amigos que todos os anos o chateavam para ir com eles à neve. Aos Alpes. St. Moritz. Seefeld. *Slalom* ou *snowboard*. Mas não lhe interessava muito. Durante o inverno, ficava quase sempre em casa. À lareira. Com os selos. E com o pássaro. À espera de que o céu ficasse mais claro. Para conseguir respirar. Ouviu um toque no bolso do casaco e parou a meio da estrada de gravilha para olhar para o telemóvel.

Fogo.

Vejo-te hoje?

Fredrik ainda considerou a ideia por um instante, mas já sabia o que ia responder.

Não.

Esperou uns segundos pela resposta que sabia que vinha.

Porquê?

Abanou a cabeça, desalentado, e enfiou outra vez o telemóvel no bolso.

– É da Brigada de Homicídios?

Uma perita forense vinha pela estrada na direção dele.

– Sim, chamo-me Riis.

– Olá, sou a Janne.

Tirou a luva azul de látex e deu-lhe um passou-bem.

– O que é que temos?

– Uma velha casa das máquinas de um poço. Foi encontrada há umas horas por alguém da equipa de buscas, tenho medo de que tenham patinhado aquilo tudo, mas fizemos os possíveis para salvar o que pudesse haver de pistas.

Tirou o capucho e acenou irritadamente com a cabeça na direção dos agentes que ele tinha acabado de deixar.

– Seria de pensar que lhes ensinavam qualquer coisa na academia, não é?

Fez um gesto para ele a acompanhar e arrancou em direção às árvores.

– Mas agora já acabaram? Posso entrar?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Tirámos impressões do cadeado e de tudo o que conseguimos encontrar.

Um pequeno cadeado metálico estava caído no chão, à frente da casa das máquinas podre que em tempos tinha sido pintada de encarnado.

– Estava trancada?

– Não, o cadeado estava só pendurado no fecho.

– Muito bem – disse Riis enquanto enfiava as luvas.

– Vai precisar disto – disse a perita, estendendo-lhe uma grande lanterna.

– Está estranhamente escuro lá dentro. A casa é tão velha que seria de esperar que houvesse luz a entrar por entre as tábuas, mas alguém a isolou por dentro.

Com feltro preto para telhados. Parece que alguém a usou para...

A perita tirou um maço de cigarros de algum bolso que o fato-macaco escondia.

– A usou para quê?

– Pois, a questão é essa. Usou-a para alguma coisa. Não é todos os dias que uma cena de crime me causa calafrios. Ah, a propósito...

Abriu uma grande mala e tirou um saco de provas transparente.

– Roupa interior?

– Não sabemos se pertencia a algum dos rapazes, mas parece provável, não acha?

A perita forense loira sacudiu a cabeça e acenou em direção a outro perito, que se aproximou dela com um isqueiro e lhe acendeu o cigarro.

– Posso entrar?

– Esteja à vontade.

Fredrik Riis acendeu a lanterna e baixou-se para conseguir passar na porta pequena.

Grande porra.

Capítulo 9

Clique. E o mundo à nossa volta desaparece. Só há as fotografias. Demore o tempo que precisar. Não está aqui mais ninguém. Só você e as fotografias. Ponha as fotografias ao lado umas das outras. Vertical e horizontalmente, de maneira a formarem um quadrado à sua frente. Não tire muitas. Tire só as fotografias que lhe dão uma impressão mais completa. Depois de começar, não as troque de ordem. O processo tem de ser cumprido de uma só vez, sem interrupções. Tem as fotografias todas de que precisa? Consegue ver o contexto maior? Tem as imagens dos pormenores de que precisa? Use uma frase ou um som ou um sabor qualquer na sua boca para fazer desaparecer os últimos vestígios da realidade que a rodeia. Se está habituada a meditar, sabe do que é que eu estou a falar. Pode ser uma coisa qualquer perfeitamente absurda. Desde que a sua mente e o seu corpo saibam o que está em jogo. Está pronta? Então vamos começar.

Pensa na Vovozinha.

Mia isolou-se do mundo e concentrou-se completamente nas fotografias que estavam cuidadosamente dispostas na secretária à frente dela. Desta vez foi melhor. Já tinha entrado dentro delas recentemente, pelo que não tinha de ter medo do que ia encontrar. Desta vez, podia entrar mesmo a sério. Mais profundamente do que da última. Porque havia qualquer coisa que ela não tinha visto, não havia? Não era só o facto de faltarem umas fotografias. Não, era mais do que isso. Uma lacuna. Na história. Nas fotografias que tinha ao seu dispor. Havia algo de errado. Algo que ela não tinha apanhado à primeira. Algo gritante, mas que mesmo assim não estava a conseguir ver. Mia fechou os olhos e tentou não se irritar com a mulher loira que tinha tirado o som ao telemóvel, como lhe tinham pedido, mas não se tinha lembrado de desligar a vibração. No bolso do casaco. Um casaco de fato feminino. Feito à medida, não era de fábrica, ou, se era, não era de uma das lojas normais que há por todo o lado. Azul-celeste. Uma cor neutra e serena. Nada de decisões impulsivas. Eu sou calma. Ponderada. Outra vez o barulho no casaco. Lã e fibra sintética. Três botões. Um bolso de cada lado, mesmo acima das ancas.

– Desculpe, importa-se...

Mia voltou-se para a mulher chamada Anette e indicou com um gesto da cabeça o telemóvel que vibrava.

– Claro, desculpe.

Um sorriso tenso com os lábios muito apertados, um olhar rápido na direção de Munch, seguido de um ligeiro menear da cabeça.

Que m... é esta, Holger?

Sabe que o tempo está a contar, não sabe?

Pronto, Mia.

Vamos com calma.

Pensa na Vovozinha.

Há dois rapazes praticamente nus deitados num campo. Um tem o cabelo loiro e curto. Está deitado de barriga para cima. Com a mão em cima do peito. O outro está um bocadinho mais adiante, num ângulo estranho em relação ao primeiro. O primeiro tem uma expressão calma. Um nariz pequeno. A minha primeira impressão é a de que me lembra um querubim. Aqueles que costumam pôr nos autocolantes. Debruçados por cima de uma nuvem. Este rapaz está nu. Tem um pénis pequeno e poucos pelos púbicos. Também são loiros, como os caracóis que tem na cabeça. Não tem pelos nos testículos. Já sabes a idade dele, mas, se tivesses de adivinhar, dirias que tinha 10 anos. Tem 11. É baixo para a idade. Magrinho. Frágil. Como já disse, dir-se-ia que era mais novo, talvez 9 anos. Tem os membros esguios. As pernas parecem compridas de mais para o corpo curto. Imagina-o a correr. Corre depressa. É como o vento, a sorrir e já sem fôlego enquanto atravessa a meta à frente dos outros. Apaga essa ideia. Não sabes isso. Se ele compete. Mas corre depressa. Tem uma linha azul à volta do pescoço. Foi estrangulado. Por trás. Com alguma coisa fina. Não foi com um arame, que teria deixado marcas diferentes na pele. Com fio de pesca? Talvez. Sentes que lhe está a custar respirar. O peito aflige-se com falta de ar. Porque é que não levanta as mãos para se defender? Não tem lesões. Em nenhum dos dedos. Nem nos braços. Nem em parte nenhuma do corpo branco. Sim, umas nódoas negras. Uma no cotovelo, outra no joelho esquerdo. Mas não têm nada que ver com isto. A fotografia dos dedos. Gostavas de os ver ainda mais de perto, ao microscópio, mas a fotografia vai ter de servir. Porque é a primeira coisa em que reparas. O assassino perdeu tempo com ele. Nenhum rapaz anda com as unhas assim tão impecáveis. Ele cortou-as. Limpou-as. Dispôs os dedos cuidadosamente em leque, como num quadro. Um retrato de uma mão. Uma natureza-morta. Talvez um Rembrandt. Ou um Caravaggio. Este rapaz. Agora já sabes que se chama Ruben. A mão que tem em cima do peito está envolta em gesso branco. Os dedos mal se veem a sair do gesso, mas estão tão bem arrançados como os da outra mão. Ruben está na sala de aulas, é o centro das atenções. O que é que fizeste, Ruben? Caíste da bicicleta? Deste um murro na parede? Não, não me pareces desse género. Tens os ombros um bocadinho para a frente. Se calhar, tens vergonha da tua altura. Não, talvez não seja isso. Mas há qualquer coisa. Tens sido maltratado? Durante muito tempo? Por

adultos? Tiveste muito medo? Só essas crianças é que ficam com os ombros assim caídos, protegem-nos do mundo exterior. As outras crianças como tu. Escrevem coisas no teu gesso. Com várias canetas de feltro. De cores diferentes. Há uma rapariga por quem tens um fraquinho ou que tem um fraquinho por ti. Sylvia. Há um coração encarnado à volta do nome dela no teu gesso. O que é que te aconteceu à mão, Ruben? Terá que ver com os teus ombros? És sem dúvida a personagem principal desta cena. O protagonista. O outro rapaz não passa de uma personagem secundária. Não é tão bonito. Não o limparam com o mesmo cuidado. Nem sequer está completamente despido. Tem umas cuecas azul-escuras velhas. Com o elástico todo lasso. Percebe-se que já foram lavadas montes de vezes. Estão praticamente a desfazer-se. Foi largado ao pé de ti. Nem sequer lhe voltaram a cara para o céu. De repente, um vislumbre dos outros dois rapazes, dos rapazes da Suécia. As mesmas posições. Um completamente nu. O outro, não. Os rapazes não foram assassinados no campo. Foram lá postos por alguma razão. Não é uma coincidência. Isto foi cuidadosamente planeado. Tudo. Até ao mais pequeno pormenor. Puseram um animal entre os miúdos. Uma raposa-vermelha pequena. Parece tranquila. Como se estivesse a dormir. Tem os olhos fechados. As patas estendidas. Tem o focinho voltado para o rapaz que parece um querubim. Porque é que as pessoas que tiraram estas fotografias não perceberam que isso era importante? Que precisamos de estar num plano mais alto? Para ver a imagem no seu todo? Que é isso que importa?

Mia Krüger sentiu-se mal de repente, quase enjoada, e teve de se afastar das fotografias. Deixou-se ficar na cadeira, com a mão a tapar a cara, a esforçar-se por respirar normalmente.

– Está tudo bem?

Munch, com aqueles olhos bondosos, de volta ao mundo real. O relógio ao lado do ecrã na parede do fundo dizia que só tinham passado três minutos. Tinha parecido muito mais.

– Claro, sim, tudo bem – balbuciou Mia, exalando calmamente pelo nariz, para acalmar o martelar da pulsação por baixo da camisola de gola alta preta.

Porque é que tinha aceitado fazer aquilo?

Ser tratada daquela maneira?

Como uma aberração num circo?

Obrigada a exibir-se à frente de dois perfeitos estranhos?

Nem pensar.

Já chega.

Ir para casa.

Voltar à vida dela.

Dormir um bocado.

Depois sair pelas ruas escuras.

Para encontrar Sigrid.

– E agora? – perguntou a mulher loira.

A mulher, que se chamava Anette Goli, estava encostada a uma secretária com os braços cruzados à frente do casaco azul. A linguagem corporal dela indicava claramente que achava aquilo tudo uma perda de tempo.

– Muito resumidamente – começou Munch, aproximando-se das fotografias na parede –, a Mia acha que tem de haver um sítio...

Apontou para uma das fotografias.

– Onde havia um banquinho. Ou um escadote. Qualquer coisa desse género, não é?

Mia anuiu brevemente com a cabeça.

– E isso é importante porque...? – atirou Goli, soltando um suspiro.

– Os rapazes não foram mortos no campo. Os corpos deles foram dispostos no campo, não é o que está a dizer, Mia?

– É.

– O assassino foi meticuloso – prosseguiu Munch, visivelmente entusiasmado. – As unhas dos dedos. Limpas. Os corpos dispostos exatamente como ele queria. Mortos de maneira a não ficarem com lesões, nem estragos nem sujos de sangue; estão completamente intocados, à exceção das marcas no pescoço. E depois...

Olhou para Mia para sublinhar de quem era a ideia, mas ela fez um gesto como se não importasse, o ambiente já não lhe estava a parecer tão hostil.

– É um quadro – disse Munch, triunfante. – Uma obra de arte. Dois rapazes mortos num campo. Ele precisa de subir a qualquer coisa para documentar a cena.

– E então? – disse Goli com uma certa curiosidade, parecendo menos cética.

Olhou para Mia com interesse e depois voltou a olhar para as fotografias.

– Então e os animais? Uma raposa? E a lebre? Da cena do crime na Suécia?

– Não sei – foi tudo o que Mia disse.

– Disse *ele* – continuou Goli. – Temos a certeza de que se trata de um homem?

Munch olhou para Mia.

– Sim – respondeu ela rapidamente, e levantou-se da cadeira. – Seja como for, tenho de me ir embora, portanto, despeço-me, e muito boa sorte com isto.

Saiu da sala o mais depressa que pôde e já ia a meio do corredor quando Munch a apanhou. Realmente, o inspetor não estava em boa forma. Vinha a ofegar por cima da barriga redonda enquanto olhava para ela com a mesma expressão curiosa que tinha no elevador.

– Tem a certeza de que não...

– Não, obrigada – respondeu Mia firmemente, enquanto abria a porta.

Munch continuou a ir atrás dela.

– Tome – disse, estendendo-lhe um cartão de visita. – Ligue-me.

Quando quiser. Se mudar de ideias. Ou se se lembrar de mais alguma coisa. Está bem?

– Está bem – respondeu Mia, enfiando o cartão no bolso de trás das calças, enquanto as portas do elevador apitavam e começavam a abrir-se devagar.

Quando voltou à rua, o ar da primavera pareceu-lhe ainda mais refrescante do que o normal.

Mia ficou muito quieta, até que o martelar que sentia por debaixo da camisola finalmente se acalmou.

Depois dirigiu-se o mais calmamente possível para Hausmanns Gate.

Para apanhar o elétrico de volta para Torshov.

Capítulo 10

Tinha posto o despertador para as nove e meia da noite, mas acordou às nove. A parede vibrava com a música que vinha da divisão do lado e Mia percebeu de repente que era segunda-feira. Os alunos do segundo ano só começavam as aulas tarde às terças-feiras, por isso aquilo tinha-se tornado um hábito. Cervejas às segundas. Começo de noite em Vogts Gate. Uma dúzia de aspirantes a polícia todas empinocadas e aos risinhos. Amontoadas na pequena sala de estar. Mia ainda pensou em dizer qualquer coisa, mas esqueceu rapidamente a ideia. Já a olhavam de lado que chegasse. Se se queriam embebedar, era lá com elas. Mas tinha de ser lá em casa? O apartamento era mínimo e já viviam suficientemente apertadas. Só viviam lá três, mas às vezes parecia que eram muitas mais. A casa de banho estava sempre ocupada. A pequena divisão com a retrete também. Era impossível ter um mínimo de paz na cozinha. Mia já vivia em Torshov havia quase 18 meses e, sempre que o tempo permitia, preferia fazer vida na rua. Gostava de se ir sentar a ler no parque de Torshov. Ou de ir até Maridalen de bicicleta para dar um mergulho. Em vez de ficar enfiada naquele apartamento claustrofóbico a ouvir a conversa vazia das outras. Coscuvilhices. Tagarelice a propósito de coisa nenhuma. Mia Krüger era quase alérgica àquele tipo de pessoas. Preferia mil vezes estar sozinha. Andar pelas ruas. À noite também. Dois coelhos de uma cajadada. Estar sozinha com os próprios pensamentos.

E podia procurar Sigrid ao mesmo tempo.

Estava cheia de vontade de tomar um duche, mas estava visto que esta noite não ia conseguir, por isso enfiou as calças justas pretas, a *T-shirt* preta e uma camisola preta, justa, mas quente. Tirou a mochila grande do sítio onde a escondia, no armário, e encheu-a com tudo de que ia precisar. Luvas. Lanterna. Mais panfletos. Quantos? Cinquenta? A mochila começava a ficar cheia.

Viu esta rapariga?

Sigrid Krüger.

Por favor, ligue-me se souber alguma coisa.

Ia ter de passar pela secretaria da academia em breve, para cravar mais

fotocópias. Mia pôs o coldre ao ombro, de maneira que o punho da faca ficasse bem encaixado debaixo do braço esquerdo. Uma faca EKA Nordic toda preta, em metal de uma ponta à outra e com um punho revestido a borracha, que a tornava leve e ao mesmo tempo fácil de segurar. Andar com uma faca daquelas no meio de Oslo era ilegal, claro, e arriscava-se a ser expulsa da Academia Nacional de Polícia se fosse apanhada, mas não ia passar uma noite a vaguear pelas ruas da cidade sem nada com que se defender. As pessoas eram muito ingénuas, não eram? Elétrico de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Jantar com a família e com amigos. Ainda de dia. Entretenimento medíocre na televisão, estupidificante, mas perfeito para irem para a cama a sentirem-se satisfeitos. A Oslo sempre agradável. A Noruega segura. Onde todos sorriam enquanto andavam de um lado para o outro com os anoraques. *Olá, olá. Prazer em vê-lo.*

Até que a noite caía.

E as baratas saíam todas à rua.

Mia enfiou a faca no coldre, apertou as Doc Martens, pôs uma *sweatshirt* preta e puxou o capucho para cima. Viu-se ao espelho que tinha ao lado do guarda-roupa antes de sair.

Gostou do que via.

Era quase um disfarce.

Um escudo que a protegia do que pudesse encontrar na rua.

Baixou a cabeça, atravessou a casa barulhenta e em menos de nada estava no elétrico, a caminho do centro.

A Estação Central de Oslo.

Plata.

Era sempre ali que começava.

Era onde os carochos paravam.

Heroína?

Mia não quis acreditar quando a irmã lhe disse. Sigrid não planeava dizer-lhe, mas Mia tinha-a encurralado. O que é que se anda a passar contigo, Sigrid? Ultimamente, quase que não te vejo. Então não íamos fazer cenas juntas? Divertir-nos? Como os estudantes fazem? Em Oslo? Liguei para a tua faculdade – sim, liguei mesmo – e disseram-me que já não estás inscrita? Que deixaste de aparecer? Uma enfermeira? Então não era isso que querias ser? O que é que se anda a passar, porra?

Eu não me injeto.

Nós só fumamos.

A irmã, exausta e emaciada, com os olhos vidrados debaixo do cabelo loiro e comprido, que em tempos fora lindo.

Injetar?

Fumar?

Do que é que tu estás para aí a falar?

Sigrid.

A rapariga mais querida, mais boazinha e convencional de Åsgårdstrand.

Que jogava andebol, andava a cavalo, era boa aluna e voluntária num lar de idosos.

Não.

Inicialmente, achou que só podia ser uma piada.

Que iam aparecer pessoas com câmaras, tirar a maquilhagem pálida da cara magra da irmã, atirar confetes ao ar, aplaudir e rir-se muito, que aquilo tinha sido tudo inventado para lhe pregar uma partida.

Eu vou parar, sabes?

Fogo, Sigrid...

É claro que vou parar, só que não é já, já. Pois, e devo dinheiro a umas pessoas. Não é muito, são só 3 ou 4 mil coroas. Eras capaz de me safar? Eu pago-te daqui a uns dias? Por favor?

Tinham lá ido as duas.

Ao multibanco.

Mia tinha levantado quase o dinheiro todo que tinha na conta.

Dez mil coroas.

Fazia agora três meses.

Era a última vez que a tinha visto.

Onde é que estás, Sigrid?

Mia tirou um molho de panfletos da mochila e começou a circular pelo meio das pessoas. A Christian Frederiks Plass. A meio caminho entre a estação de comboios e a Bolsa de Valores de Oslo. Tinha o nome de um rei dinamarquês que em tempos tinha sido rei da Noruega e que tomava chá nos bonitos jardins do palácio. Agora era onde os carochos da cidade se encontravam. Hoje em dia, não era propriamente a realeza. Eram as sobras da humanidade. Os falhados. Os turistas queixavam-se. Era ali que desembarcavam do comboio que vinha do aeroporto quando visitavam a linda cidade de Oslo e aquilo era a primeira coisa que viam. Cavalo, H, pó, *junk*, heroína. Dedos magros e sujos a tremer por cima de calças de fato de treino rasgadas e casacos de penas gastos. Mil coroas por grama. Cinco doses por grama. Papel de alumínio amachucado com um isqueiro por baixo. Um assobio, um borbulhar. A ponta da seringa a chupar o líquido âmbar. Um tubo vermelho de borracha à volta do braço magro para fazer sair as veias. Palhinhas cortadas. Do Burkert King que fica a uns metros dali. Para os que preferem fumar. Figuras trémulas, *zombies* com pouco de humano, a andar às voltas no alcatrão frio, encurvados por cima daquelas substâncias preciosas com aquela espécie de cachimbos brancos improvisados na boca. Mia tinha quase vomitado da primeira vez que sentiu aquele cheiro intenso. Alguém tinha acendido aquilo mesmo ao lado dela. Um rapaz e uma rapariga novinhos. Não tinham mais de 15 ou 16 anos. Porquê, meu Deus, porquê? Tinha ficado impressionada. Era como se toda a decência tivesse sido sugada ao mundo. Todo o bem. Toda a beleza. Desaparecidos num segundo. Ver aqueles miúdos na rua. Já quase mortos. A degradação. E depois os sorrisos que se espalhavam pelas caras deles quando a droga batia e os ajudava a fugir

por uns instantes à vida miserável que levavam.

– Olá, Polly. Como é que estás?

Já lá estivera muitas vezes. Ao princípio, tinham-na evitado. Instinto de carochos. Viam-no no olhar dela. Que não estava ali para se orientar. Que era uma estranha. Mas, com o tempo, tinham-se habituado a ela e tinham-na deixado entrar no círculo deles. *Está só à procura da irmã. Ei, alguém viu a irmã dela? Como é que disseste que te chamavas? Alguém sabe alguma coisa? Tens dinheiro? Para o autocarro? Para um café? Arranjas-me uns trocos? Sigrid, alguém sabe? Sigrid? A miúda nova de Horten?*

A rapariga exausta cabeceava ligeiramente à frente dela, estava com dificuldade em manter os olhos abertos, mas ainda assim, de alguma forma, conseguia ter-se de pé. Campeões mundiais, aqueles carochos. Em resistência. Zero comida. Zero horas de sono. Zero nutrição. E mesmo assim, dia após dia, como uma espécie de máquina de movimento perpétuo, lá andavam eles, sem outro combustível para além de uma dose de vez em quando.

Os olhos de Polly pareceram iluminar-se um pouco quando a viram.

– Ei, és tu? O que é que fazes aqui?

A carocha olhou à volta, desconfiada, e depois apertou o casaco de malha cinzenta contra o corpo. A voz saía-lhe entaramelada e letárgica dos lábios gretados.

– Tínhamos combinado – disse Mia cuidadosamente. – Que eu vinha hoje. Que te trazia um presente. Lembras-te?

As engrenagens começaram a mexer-se lentamente dentro da cabeça dela, por baixo do boné de baseball imundo.

– Ah, iá. Caraças!

De repente, a rapariga mostrou um sorriso esperançoso.

– E então, trouxeste?

– Trouxe – respondeu Mia, indicando com a cabeça a mochila que tinha às costas. – Vais ajudar-me, lembras-te? Disseste-me que talvez soubesses onde estava a Sigrid?

Polly franziu o sobrolho e olhou outra vez à volta.

– Aqui não, vem comigo – disse a rapariga, começando a dirigir-se com passinhos senis para um canto da estação de comboios.

Olhou à volta outra vez.

Paranoia.

Por outro lado, a Plata não era o sítio mais seguro do mundo.

– Posso ver?

A rapariga sorriu com curiosidade e coçou rapidamente a cara.

– Claro – respondeu Mia enquanto tirava a mochila. – Mas tu ias ajudar-me, lembras-te?

– Sim, claro – respondeu a rapariga, dizendo nervosamente que sim com a cabeça. – É de que cor?

– Tu querias cor-de-rosa, não era? – perguntou Mia, enquanto tirava uma boneca da mochila.

Polly. De Bergen. A primeira que tinha ido ter com ela. Com um panfleto na mão.

Eu conheço-a.

Sigrid.

Já a vi.

Já lá iam três semanas e Mia tinha lá ido todas as noites, sem sucesso. A jovem drogada com o cabelo emaranhado parecia ter desaparecido da face da terra, mas nesta noite tinha regressado.

Posso ajudar-te.

Acho.

Mas quero uma coisa em troca.

Um presente?

Pode ser?

Mia tinha a conta bancária quase a zero. Outra vez. Como uma amadora ingénua, dera dinheiro a várias pessoas. Em troca de informações. *Sim, eu conheço-a. Dá-me 300 coroas que eu faço uns telefonemas.* Não eram propriamente bons samaritanos, aqueles carochos, era mais uma questão de sobrevivência e de encontrar otários para enganar, pelo que, ao fim de um tempo, Mia parou com os atos de caridade, mas o pedido daquela rapariga tinha sido tão fora do comum que não tinha sido capaz de lhe dizer que não.

Uma boneca da Cabbage Patch Kids.

Tive uma quando era pequena.

Ela tomava conta de mim.

Achas que me arranjas uma?

Mia Krüger raramente chorava, quase nunca, mas naquela manhã, ao voltar para casa, não tinha aguentado. Estava exausta. A precisar de dormir. Não havia sinais de Sigrid em parte nenhuma. Aquela miséria toda. E depois aquela pobre miúda queria uma boneca?

Era tão triste.

E sim, claro.

É claro que te arranjo uma boneca.

Foi a uma loja de brinquedos assim que acordou, sem sequer tomar o pequeno-almoço, e gastou o pouco dinheiro que lhe restava. Já tinha a renda em atraso, mas que se lixasse, podia esperar.

A rapariga pegou na boneca e encostou-a à cara e foi como se alguém lhe tivesse acendido uma luz nos olhos cansados. Dois breves segundos, e depois voltou a expressão do costume, enquanto abria o casaco de malha e enfiava a boneca lá dentro.

– Muito obrigada.

– Não tens de quê. Mas disseste-me que sabias qualquer coisa, lembra-te?

A rapariga disse nervosamente que sim com a cabeça e olhou à volta outra vez.

– Mas não fui eu que te disse, ouviste?

- Não, claro que não.
- Eles matam-me.
- O quê?

A rapariga estava a murmurar, a sussurrar, Mia quase não a conseguia ouvir.

– Dizem que ela é das novas. Das que viajam. Diamantes na Majorstuveien.

- Que viajam? O que é que queres dizer?

A rapariga deu um salto de repente, estava a acontecer qualquer coisa do outro lado da praça, uma alteração e gritos, pés a correr pelo asfalto, uma luz a brilhar.

Já não era seguro.

Caras que atravessavam a praça na direção delas.

Ei, Polly, que é que andas a fazer?

– Markus Skog – murmurou a rapariga, depois baixou a cabeça, apertou o casacão de malha ainda com mais força à volta do corpo e arrancou para o meio da escuridão quase a correr, desaparecendo.

O quê?

Mia estava a sentir a raiva a acumular-se dentro dela. Tinha de se afastar das caras que vinham na sua direção para não as magoar.

Markus Skog.

O *cabrão* do Markus Skog.

Estava praticamente a espumar da boca quando deixou a praça e os carochos para trás e parou, quase sem fôlego, à porta do centro comercial Byporten, para tentar acalmar-se.

Vamos, Mia.

Não te passes.

Apesar de o queres matar.

Apesar de ele merecer apodrecer no inferno.

Isso não ia ajudar a Sigrid, pois não?

Mia tirou o capucho e respirou fundo.

De repente, sentia-se muito cansada.

Sem forças.

Apesar de ter dormido.

Passou um carro de janelas abertas. Jovens de garrafas na mão e a cantar aos gritos, campónios de visita à grande cidade, preparados para a noite nas ruas de Oslo. Veio-lhe de repente à memória a primeira vez que tinha ouvido a música que eles iam a ouvir.

Os Weezer.

Uma banda californiana de *rock* para totós que Sigrid tinha insistido que ela tinha de ouvir.

Foi a primeira vez que Mia pensou que alguma coisa não estava bem.

A querida Sigrid.

Que gostava da Céline Dion e da Whitney Houston.

Que tinha pósteres dos Backstreet Boys e dos NSYNC na parede.

– Ouve isto, Mia, não é fixe?

Numa noite de verão no jardim, em Åsgårdstrand. As duas sozinhas. Os pais tinham saído e tinham a casa por conta delas. Festa de irmãs. Champanhe, morangos e aquela sopa de peixe cor-de-rosa que Sigrid fazia sempre, que não sabia a grande coisa, mas que fazia parte daquelas noites.

O carro com os miúdos aos gritos desapareceu no fundo da rua, mas a música ficou-lhe na cabeça.

Os Weezer.

No jardim, debaixo das lanternas.

A primeira vez que tinha falado nele.

Markus Skog.

Que estava apaixonada.

Por um músico de Horten.

Que Mia não podia dizer aos pais porque não iam gostar dele.

Porque era diferente.

Porque tivera uma vida difícil.

Mas ia mudar.

Porque ela tinha prometido ajudá-lo.

Porque na verdade ele era tão esperto.

Era tão sensível.

Esta música, estás a ouvir?

Olha, já viste o logo?

De vestido branco, a dançar descalça na relva morna com um sorriso que Mia nunca lhe tinha visto, quase como se não estivesse ali, tão feliz, com as mãos no ar e a fazer um W com os dedos.

Weezer.

O cabrão do Markus Skog.

Estúpido de merda.

Carocho de merda.

Era tudo culpa dele.

Mia voltou a pôr o capucho e arrancou em direção aos semáforos. Estava prestes a carregar no botão quando de repente lhe passou uma ideia pela cabeça.

Porra...

Apalpou o bolso de trás das calças, estava quase a tremer tanto como Polly, depois lembrou-se de que tinha o telemóvel na mochila. Encontrou-o e marcou o número com dedos trémulos.

– Daqui fala Munch.

– Acho que já sei.

– Quem fala?

– É a Mia. A Mia Krüger. Acho que já descobri o que é que não estava a ver nas fotografias.

– E então?

- O gesso. O gesso do rapaz. Ele tinha o pulso partido, não tinha?
- Hum, sim...
- Ele escreveu no gesso.
- Quem?
- O assassino. Ele assinou o gesso.

Mia prosseguiu:

– Todos os outros escreveram os nomes por extenso, mas ele, não. Ele escreveu só uma inicial maiúscula. Pode ir ver. Fui uma parva em não ter percebido mais cedo.

- Podemos falar amanhã de manhã?

Munch parecia ensonado.

- Há reunião de equipa às nove. Vai lá ter?
- Vou pensar nisso.
- Muito bem, ótimo.

Mia sorriu para si mesma enquanto voltava a enfiar o telemóvel na mochila e o semáforo mudava de vermelho para verde.

DOIS

Capítulo 11

Lydia Clemens tinha 12 anos e estava agachada no meio da floresta, a segurar com as duas mãos o arco tenso, triste por saber que o mundo ia acabar. Que a beleza que a rodeava ia desaparecer em breve. A anêmona ao pé do tronco cortado. O veado que pastava na charneca. As folhas verdes da grande bétula debaixo da qual costumava descansar quando dava as suas voltas. Em breve, tudo aquilo teria desaparecido. E tudo porque as pessoas não eram boas e tinham destruído o planeta. Não sabia exatamente quando é que o mundo ia acabar, mas não faltava muito, tinha-lhe dito o avô William. Era por isso que viviam ali os dois sozinhos e tinham aprendido a não depender de ninguém. Ia ser como um inverno comprido e escuro. O longo tempo, como ele lhe chamava. A nova idade do gelo, neve e frio. Cada um ia ter de tomar conta de si até que a mãe natureza se visse livre de todas as pessoas más, que não sabiam pensar nos outros nem no planeta. Realmente, era estúpido. Que aquilo tudo fosse desaparecer. Principalmente agora que tinha chegado a primavera.

Tinha contado 14 espécies de flores de primavera no caminho. Para além da anêmona, que era a preferida dela. Lydia adorava a cor roxa e a anêmona era quase roxa, não era? Folhas com três lóbulos à volta de uma pequena flor roxa, com estames brancos. Talvez não fosse mesmo roxa, mas era bonita. Como as outras flores e plantas que a rodeavam, a anêmona também tinha um nome latino, ou um nome verdadeiro, como o avô lhe tinha ensinado numa das aulas que lhe dava em casa. *Hepatica nobilis*. *Hepatica* porque queria dizer fígado, um órgão grande que ficava atrás das costelas, do lado direito das pessoas, e que o corpo usava para se purificar. As folhas da planta tinham a forma de um fígado.

O avô tinha-lhe ensinado a Teoria das Assinaturas, uma crença antiga de que as plantas curavam as coisas a que se assemelhavam. Como a anêmona tinha folhas em forma de fígado, estas tinham sido usadas para tratar doenças do fígado. Havia outras plantas no bosque que tinham no nome aquilo que curavam, como a pulmonária. Mas a mais conhecida e mais importante era a mandrágora. Tinha raízes que lembravam a forma do corpo humano e, por

isso, as pessoas acreditavam que podia curar todas as doenças, e antes de as pessoas terem estragado o planeta lá com a tecnologia delas, aquelas raízes eram muito caras e consideradas quase sagradas.

Tinham olhado para ela com uma expressão estranha, os dois professores com quem tinha de conversar uma vez por ano; tinham abanado a cabeça da primeira vez que foram lá a casa e ela tinha-os ouvido a falar quando achavam que ela não estava por perto: *Isto não é lugar para uma criança, pois não?*

O avô tinha ficado muito zangado. Tinha quase espumado da boca quando ela lhe contou o que ouvira e lhe perguntou o que eram os Serviços Sociais. Ele nunca ficava assim. Normalmente, era simpático e querido e muito engraçado e Lydia achava-se uma sortuda por poder passar o *longo tempo* com ele. Não havia ninguém tão esperto como o avô. Sabia tantas coisas que Lydia ficava de boca aberta durante as aulas, pasmada com o conhecimento dele. Era uma espécie de biblioteca viva. Lydia ainda não tinha ido a muitos sítios, mas já fora a Vassenden quando ficavam sem coisas que não conseguiam cultivar, como açúcar.

Mesmo assim, sabia muitas coisas sobre o mundo. Num país chamado Egito, numa cidade chamada Alexandria, tinha havido em tempos uma biblioteca maravilhosa, que continha todo o conhecimento de que as pessoas precisavam para viver em harmonia. Mas depois umas pessoas más tinham-na incendiado e a maior parte do conhecimento tinha-se perdido. E agora aqueles malvados tentavam convencer as outras pessoas de que havia um homem que vivia nas nuvens e que os conseguia ver. E que, se não fizessem o que ele mandava, iam todos arder num sítio chamado inferno. As pessoas ficavam todas muito ansiosas e assustadas e, apesar de algumas tentarem resistir e dizer que nada daquilo era verdade – como o avô –, os maus tinham acabado por vencer. E agora, no mundo para lá da floresta, as pessoas tinham de se curvar e de rezar ao homem que estava nas nuvens para que os ajudasse e perdoasse se tivessem feito alguma coisa errada, e tinham de lhe dar o dinheiro que juntavam porque, apesar de o homem nas nuvens saber tudo e conseguir ver tudo, parecia que precisava de grandes quantidades de dinheiro e que não era capaz de o ganhar sozinho, e tinha dito a algumas pessoas especiais, que conheciam as necessidades dele, para o recolherem em seu nome.

História. E Ciências da Natureza. Eram as disciplinas preferidas de Lydia. E Física. Ah, não, e tinha-se quase esquecido de Matemática, que era mesmo a preferida. O avô era o melhor professor do mundo porque tornava tudo o que lhe dizia interessante, ao contrário das pessoas que a vinham ver uma vez por ano. Que se tinham rido dela e que não sabiam o que era a Teoria das Assinaturas. Matemática. Os números nas coisas todas. Na corda do arco que agora puxava à frente do olho direito. Nas folhas dos freixos do outro lado da charneca, que também já estavam verdes. Lydia tinha-as observado ao longo de todo o ano, porque o avô lhe dissera que os freixos eram bons e

ajudavam as pessoas. Estava convencida de que ele tinha razão, como era costume, porque uma vez tinha abraçado um freixo e tinha-o quase ouvido a segredar: *és a princesa. Do longo tempo.* E desde então, tinha-os visitado quase todos os dias, menos quando havia muitas coisas para fazer em casa. O que acontecia muitas vezes, porque os preparativos para o que aí vinha não eram brincadeira nenhuma. Iam precisar de grandes quantidades de tudo. A casinha era demasiado pequena para armazenarem tudo lá dentro. Só tinham a cozinha, o cantinho do lavatório, o quarto do avô, o quarto dela e a sala de aulas. Por isso, era uma sorte o avô ter passado quase a vida toda a cavar um subterrâneo secreto que tinha uma entrada escondida que ninguém conseguia encontrar, a menos que soubesse onde ficava. E era tão espaçoso! Era quase um salão de bailes! E também estava preparado para poderem dormir lá em segurança quando as pessoas más comesçassem com as guerras delas. Porque era assim que ia começar. Com guerras. Já havia guerras noutras partes do mundo. Na maioria das noites, enquanto se preparava para dormir, depois de ter lido um bocadinho de um dos livros que o avô trazia emprestados da biblioteca de Vassenden, ele contava-lhe as notícias mais recentes do resto do mundo. Lydia sabia o que eram jornais e o que era a televisão e a internet, claro, mas não tinham nada disso no meio da floresta. Porque só serviam para espalhar mentiras. Pertenciam todos aos que acreditavam no homem que vivia nas nuvens e só existiam para explorar as pessoas, para as convencer a comprar coisas de que não precisavam e que iam acabar por destruir o planeta inteiro. Mas o avô tinha um rádio. Não era um daqueles com uma antenazinha espetada, era um rádio a sério. Um rádio de onda longa. Estava guardado numa sala especial no subterrâneo e o avô usava-o para falar com outras pessoas como eles. Que também eram boas, que também se estavam a preparar, e quando aquilo chegasse tudo ao fim, iam fazer uma viagem e encontrar-se com elas, num planeta limpo, bom e bonito.

Agora há guerra no Sri Lanka.

O avô de pé atrás dela, enquanto Lydia escovava o cabelo loiro para não ficar todo emaranhado.

Agora há guerra em Angola.

Enquanto limpava as cinzas que tinha posto na cara para a caça, para o sol não se refletir com muita força nos olhos.

Continua a guerra no Afeganistão.

Enquanto lavava os dentes.

Estão outra vez a matar-se uns aos outros na Cisjordânia.

Lydia nunca tinha visto uma guerra, só sabia o que tinha lido e o que o avô lhe dissera. A guerra queria dizer que pessoas normais como eles se começavam a matar umas às outras com armas porque não estavam de acordo em relação a alguma coisa. Muitas vezes não estavam de acordo sobre a cor do cabelo do homem nas nuvens ou se o homem nas nuvens tinha dito que uma determinada coisa estava certa ou errada. Não pareciam capazes de chegar a uma conclusão e por isso matavam-se uns aos outros. E às vezes não

se conseguiam entender sobre quem é que era dono de uma certa parte de um país, ou se uma montanha ou um rio pertencia a este ou àquele, e depois começavam a matar-se para decidir. A guerra assinalava o princípio do fim, e agora já se arrastava há tanto tempo que o *longo tempo* não podia tardar.

Lydia baixou o arco e sentiu-se outra vez triste por saber que aquela beleza toda que a rodeava ia desaparecer. Não tinha amigos, não conhecia outras crianças e, no fundo, aquilo era tudo o que tinha. Não era que não lhe bastasse, nem pensar, ela adorava as árvores, o rio, os pássaros – sim, tudo o que ali tinha à volta – e ia ficar mesmo muito triste quando a escuridão ali chegasse. Era estranho, realmente. Como era tudo tão frágil. Como agora, por exemplo. Tivera o veado na mira. Se tivesse largado a corda, a flecha teria atravessado a charneca, perfurado o coração daquele animal lindo e acabado com a vida dele. Teria deixado de respirar, o coração dele teria parado de bater em menos de um segundo, simplesmente porque ela tinha mexido os dedos e soltado a corda, não era estranho? Porque é que as coisas à nossa volta não eram um bocadinho mais... sei lá, resistentes? Para que a natureza e os animais e, claro, as pessoas boas conseguissem resistir aos maus? Tinha feito a pergunta ao avô num dia em que tiveram uma aula livre, que era quando não seguiam o programa das aulas e ele a deixava perguntar-lhe tudo o que quisesse. Mas não conseguira dar-lhe uma resposta. Tinha só ficado taciturno. Tinha coçado a barba comprida, abanado a cabeça, tinha olhado para ela com aqueles olhos castanhos e ternos e tinha dito: *quem me dera saber, querida*.

Foi então que ela se apercebeu de que o avô, apesar de ser provavelmente o homem mais inteligente do mundo, não sabia tudo.

Por exemplo, não sabia da outra casa no meio da floresta.

Não fazia ideia de que lá estava.

Não sabia que ela gostava de poder estar com outras crianças.

De ter alguém com quem brincar.

Nem que eles às vezes mostravam coisas engraçadas na televisão, que a divertiam e faziam rir e sentir-se quente por dentro.

Nem que era para lá que ela se dirigia agora.

Para a casa embrenhada no meio da floresta.

Tinha-a descoberto por acaso.

E agora ia lá sempre que tinha coragem.

Para espreitar pelas janelas.

Às vezes, o homem que lá vivia tinha a televisão ligada.

Ficava a sentir-se culpada, mas era mais forte do que ela.

Da última vez, tinha-se aproximado sorrateiramente da vidraça.

Ah, tinha sido tão entusiasmante!

Tinha visto um fantoche de rã a falar com um fantoche de porco, que devia ser uma espécie de princesa porque tinha um vestido cor-de-rosa muito bonito e conseguia fazer as coisas desaparecer com uma varinha mágica.

Lydia olhou brevemente na direção do sol desmaiado e fez contas às

horas.

Sim, dava perfeitamente.

Ia chegar mais do que a horas de jantar.

Lydia sorriu sozinha, pôs a flecha outra vez na aljava, pendurou o arco ao peito e arrancou quase a correr por cima do chão húmido, em direção ao outro lado da floresta.

Capítulo 12

Terça-feira de manhã. Tinham passado 48 horas. Fredrik Riis entrou no elevador para subir até ao terceiro piso sem se conseguir lembrar da última vez que tinha dormido tão mal. Normalmente, não o afetavam. As investigações. A primeira vez que tinha visto um cadáver. Sim, claro que tivera uma reação – uma velhota tinha sido morta na própria cama em Sagene e ele fora das primeiras pessoas a chegar à cena do crime – mas isto? Carregou no botão do elevador e tentou recompor-se. Viu-se brevemente refletido nas portas brilhantes, mas desviou os olhos, não conseguia olhar para si próprio numa altura daquelas, e tinha sido a mesma coisa na casa de banho, de manhã, enquanto tentava encontrar a escova de dentes sem olhar. Fredrik não conseguia ver-se livre das imagens. Do que vira na pequena casa das máquinas encarnada. Era quase irreal, o tipo de cena de crime que só se via nos filmes, terrível e macabra. Não fora preparado para aquilo, tinha-lhe derrubado as defesas e desde então que via os mais pequenos pormenores sempre que fechava os olhos. Duas horas de sono. Três, no máximo. Tinha ficado às voltas na cama, quase em desespero, sabia o que o esperava no dia seguinte e que ia precisar de todas as forças. A reunião de equipa ao fim das primeiras 48 horas. Depois de passados os dois primeiros dias, havia sempre mudanças. Já tinha trabalhado com Munch em cinco casos, e o chefe, experiente, seguira sempre o mesmo procedimento. Nada de reações durante os primeiros dois dias. Era só recolher informação. A menos que tivessem factos, coisas concretas para investigar. Tinha protestado durante a primeira investigação, Munch estava calmo e Fredrik estava irritado e desesperado. Uma velhota assassinada em casa, porque é que não faziam qualquer coisa? O que quer que fosse? Mas tinha aprendido depressa que não era assim que Munch funcionava. É uma maratona, não são os cem metros. Em todo o caso, Fredrik Riis olhou para as portas espelhadas quando o elevador apitou, só para confirmar que não estava com um ar completamente desfeito, que era como se sentia. Teria chegado a vez dele? De se ir abaixo? Tinha ouvido histórias sobre os investigadores mais estoicos, que tinham trabalhado durante décadas sem nunca terem uma reação má, e que de repente, de um instante para o

outro, encontravam um caso que os afetava tanto que dava cabo deles. Seria este o caso? Iria dar cabo dele?

Tinha baixado a cabeça para entrar pela pequena porta da casa das máquinas.

O cheiro.

Não sabia o que era, mas era qualquer coisa.

Fria.

Qualquer coisa podre.

Desumana.

Revistas no chão. Mulheres seminuas nas capas. Uma espécie de isco, revistas pornográficas, irresistíveis para rapazes de 11 anos.

Garrafas ao longo de uma das paredes.

Coca-Cola.

Fanta.

Sacos vazios.

De doces.

Tinha sentido uma ligeira náusea.

Fredrik Riis entalou a fralda da camisa por dentro das calças, penteou a franja loira para o lado e tentou encontrar uma expressão que parecesse minimamente normal enquanto as portas do elevador se abriam.

A sala da investigação. Tentou não olhar diretamente para as fotografias novas que havia na parede e sentou-se na parte de trás da sala. Teria sido só um episódio passageiro? Um pequeno choque? Havia de lhe passar.

Já lá estavam todos e ele sentiu-se inesperadamente melhor. Estavam juntos naquilo.

– Muito bem – disse Munch impacientemente junto ao ecrã grande; também não parecia ter dormido grande coisa.

Tinha o cabelo despenteado. A mesma camisola cinzenta e as mesmas calças de bombazina castanhas da véspera. O chefe gorducho coçou a barba e pegou no comando do projetor.

Apareceu uma fotografia dos dois rapazes.

– Ruben Lundgren. Onze anos. Tommy Sivertsen. Onze anos.

Uma nova fotografia, agora do campo.

– Encontrados num campo a menos de um quilómetro de onde moravam. O Ruben foi completamente despido. O Tommy estava só de cuecas.

Uma nova fotografia. Desta vez, um grande plano.

– Foram os dois estrangulados, provavelmente com um cabo, ou talvez um fio de pesca.

Outra fotografia.

– Segundo o médico legista, não há sinais de abuso sexual nem danos exteriores em nenhuma parte do corpo.

Munch carregou outra vez no botão e Fredrik teve de desviar os olhos por um instante. O interior da casa das máquinas.

– A 400 metros de onde estavam os corpos, encontrámos isto.

Mais fotografias. Agora grandes planos de vários objetos.

– Nas garrafas de refrigerantes e nestas miniaturas de bebidas alcoólicas, encontrámos vestígios de Rohypnol e Valium.

– O cabrão...

Foi Karl Oxen quem quebrou o silêncio.

Anette Goli fez-lhe má cara e levou o indicador aos lábios, mas o investigador matulão não se conseguiu controlar.

– Quer dizer, porra! Doces, álcool e pornografia? E depois drogou-os e matou-os?

– Karl – interrompeu Munch.

– Eu sei, mas porra! Quem é que...

Karl Oxen.

O colega com quem Fredrik menos simpatizava. Tinha ficado desiludido ao saber que o antigo pugilista se ia juntar à equipa. Não sabia porquê. Munch costumava dar mais valor à massa cinzenta do que à massa muscular, não era? Por exemplo, Grønlie? Anette Goli? Katja van den Burg? Sim, até ele, já agora. Mas Oxen? Tinha um metro e noventa de altura, ombros largos, um bigode e uma tatuagem com uma âncora, e vestia-se como se fosse um lenhador canadiano. Fredrik conhecia as qualidades de Karl Oxen, claro. Oxen tinha contactos em praticamente todas as redes de crime organizado da zona leste da Noruega. Por qualquer razão, viam-no como um deles. Normalmente, fugiam da polícia como o diabo da cruz, mas com Oxen estavam dispostos a falar. Se tivesse havido um roubo ou se a guarda fronteiriça tivesse intercetado um carregamento de droga, Oxen só precisava de fazer um telefonema e ficava logo a saber, no pior dos casos, quem é que *não* tinha sido. Era impressionante, claro, e um recurso muito útil para a polícia. Mas naquela brigada? Não, Fredrik ainda estava a tentar entender-se com ele.

De qualquer forma, Oxen tinha sem dúvida dito em voz alta o que todos estavam a pensar.

– Não nos vamos precipitar, mas é o que parece – disse Munch e carregou outra vez no comando.

Uma vista aérea da zona.

O campo.

A velha escola.

A cascalheira.

A carreira de tiro.

– Como podem ver, a casa das máquinas fica aqui. Escondida pelas árvores. Só é visível de muito perto. Como o Karl disse, parece que o assassino os atraiu até lá e depois os drogou. A seguir, estrangulou-os, despiu-os e levou-os até ao campo, onde os dispôs exatamente como queria que nós os encontrássemos.

– Levou-os na carrinha? – perguntou Ludvig Grønlie, que estava sentado

ao pé da parede, com o computador portátil em cima dos joelhos.

– É possível – respondeu Munch, clicando outra vez no comando. – Como todos sabem, houve um certo tipo de carrinha que foi avistado quatro vezes. Uma Peugeot Boxer.

Apareceu uma fotografia de uma carrinha branca no ecrã.

– Foi vista *aqui*, no sábado, por volta das quatro da tarde. E *aqui*, também no sábado, por volta das oito da noite. Depois *aqui*, na madrugada de domingo, perto da uma da manhã e, por fim, *aqui*, ainda no domingo, às sete da manhã.

– Então a ideia é que ele passou a noite toda com eles? Na casa das máquinas?

Agora tinha sido Katja van den Burg a falar. Há muito tempo que Fredrik não a via com uma cara tão séria. Se achava que Oxen era problemático, pelo contrário, tinha ficado encantado com a possibilidade de trabalhar com aquela holandesa tão alta. Tinham-se entendido bem logo na sede da polícia. Não sabia exatamente como é que ela tinha vindo parar à Noruega, mas dizia-se que tinha conhecido um norueguês durante o serviço militar no Afeganistão e mais tarde percebido que gostava mais do novo país do que dele. Falava muito bem norueguês, com aquele sotaque trapalhão e ligeiramente afetado que os estrangeiros tinham muitas vezes. Era incrivelmente atraente, daquela maneira típica das holandesas, muito alta, elegante, com uns malares pronunciados. Toda ela era braços e pernas e tinha sempre um comentário sarcástico na ponta da língua. Já se tinham fartado de rir os dois, e Katja era a única pessoa da equipa que via fora do trabalho. Infelizmente, não estava tão interessada em selos como ele. Uma vez tinha-lhe dito, de passagem, que acabara de comprar um Rei Haakon verde-azulado de 1910 e que estava à espera de um selo de 20 cêntimos de Lærdal de 1885, carimbado pelos correios, e ela tinha abanado a cabeça e perguntado que idade é que ele realmente tinha.

Por outro lado, gostavam os dois muito de cinema. Tinham-se divertido tanto juntos que, durante uns tempos, achou que talvez tivesse um fraquinho por ela, mas uma certa noite, quando se aproximou um bocadinho de mais no sofá, ela enxotou-o quase sarcasticamente. *A sério, Freddie?* Mas não tinha parado de combinar coisas com ele. Felizmente. Já tinha sido há algum tempo. Estavam a passar o *2001: Odisseia no Espaço*, do Kubrick, no Gimle e ele estava a pensar perguntar-lhe se queria ir, mas agora isso estava obviamente fora de questão.

Tinham coisas mais importantes com que se ocupar.

– Mais uma vez, é o que parece, mas não podemos ter a certeza – disse Munch, carregando no botão para mudar de *slide*.

As palavras «suspeitos do costume» apareceram no ecrã.

– Ludvig?

– Juntámos uma lista de 14 candidatos que estavam a distâncias plausíveis nos períodos relevantes. Pedófilos condenados e outros que estão

no nosso radar.

– Como sabem, temos uma equipa na sede – interpôs Anette Goli – que regista observações e informações dadas pelo público.

– Quando as cruzámos com a nossa lista – prosseguiu Grønlie –, encontrámos um possível suspeito.

Munch carregou no botão e apareceu uma nova fotografia no ecrã.

– Philip Pettersen.

A fotografia mostrava um homem, na casa dos 50, com o cabelo parcialmente grisalho e umas sobrancelhas grossas. Era uma fotografia cheia de grão e parecia que tinha sido tirada com uma teleobjetiva.

– O nome dele foi mencionado em vários telefonemas – explicou Anette Goli, consultando os seus papéis. – Foi contínuo na escola de Finstad, que era onde os dois rapazes andavam, mas foi despedido há uns anos, depois de várias queixas que referiam comportamentos impróprios. Ainda não tivemos acesso às queixas todas, mas, pelo que dizem vários residentes, como os que nos telefonaram, filmava os miúdos nos balneários e tentava entrar em contacto com eles fora do horário letivo.

– Como já disse, quando pusemos o nome dele na nossa base de dados, encontrámos algumas entradas – prosseguiu Grønlie. – Nenhuma condenação, é verdade, mas quatro entradas no total.

– Que tinham que ver com? – perguntou Katja.

– O mesmo tipo de comportamento. Convidar crianças para irem a casa dele, andar a rondar parques infantis e coisas dessas, mas, como eu disse, nunca foi condenado.

– Só faltava uma pessoa não poder estar ao pé de um parque infantil – disse Oxen com uma certa acidez, com os braços cruzados à frente do peito.

– Precisamente – continuou Goli. – E é por isso que ele não está dentro, mas há suspeitas e, como eu disse, foi despedido da escola.

– Então – disse Munch, com mais um clique do comando –, Philip Pettersen.

Olhou para a equipa.

– Temo-lo sob vigilância há quase 24 horas. E estamos a pensar ir fazer-lhe uma visita hoje.

– Desculpem – interrompeu Anette Goli. – Esqueci-me de referir que o Pettersen vivia em Gotemburgo há oito anos. A uma hora do local dos primeiros homicídios. Mudou de morada, deixem-me confirmar...

Voltou a olhar para os papéis.

– Sim, mudou de morada em agosto de 1993, pouco mais de um mês depois dos homicídios na Suécia. Voltou para a Noruega, para Lørenskog.

Fez-se um certo burburinho por toda a sala.

– Portanto, e para resumir – começou a dizer Munch –, Philip Pettersen, 51 anos, antigo contínuo. Mais tarde, temos de conversar sobre o tipo de pressão a que o vamos querer submeter. Depois digo-vos que estilo de abordagem vamos experimentar e quem é que vai falar com ele.

Excitação e um certo alívio geral. Fredrik Riis estava a sentir o mesmo, tinha um ligeiro sorriso na cara cansada.

Tinham finalmente algo a que se agarrar.

– Posso... – começou Oxen, mas foi interrompido.

– Como já expliquei, depois digo-vos como é que a coisa vai ser feita e quem é que vai intervir, mas devo dizer que me sinto cuidadosamente otimista.

Munch estava quase a sorrir debaixo da luz do projetor.

– Entretanto, vamos avançar. Contexto social das vítimas. Família. Amigos. Professores. O que é que temos?

Fredrik e Katja levantaram a mão ao mesmo tempo.

– Sim, Katja?

– O Tommy Sivertsen vivia sozinho com a mãe, a Hanna Sivertsen. Como já devem saber, eu contava ir buscá-la ao aeroporto, mas ela ficou doente e não a deixaram embarcar. E agora está...

Passou umas páginas do bloco de notas.

– No Hospital Vithas Alicante. Ontem à noite, falei com um médico de lá. Não me quis adiantar grande coisa, mas também estive em contacto com um representante do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros que vai seguir para Espanha hoje e que ficou de me manter informada.

– Muito bem – soltou Munch, dizendo que sim com a cabeça.

– No que toca a outros parentes, não encontrei nada de especial. Parece que ninguém sabe quem era o pai, e a Hanna, a mãe, tem uma irmã no norte do país, mas já não se falam há muito tempo, pelo que pude perceber.

Voltou a página do bloco de notas.

– Quanto aos vizinhos, os que deviam ter ficado a tomar conta do rapaz agora mudaram um bocadinho de conversa. Agora já dizem: *sim, éramos para ficar a tomar conta dele, mas não sabíamos que era esta semana...*

A holandesa abanou a cabeça e fez o gesto de quem leva uma garrafa à boca.

– Estavam podres de bêbados. Mal consegui entrar em casa deles com a quantidade de garrafas vazias.

– Muito bem, obrigado – disse Munch.

Preparava-se para passar ao próximo tópico da lista que tinha à frente quando o telemóvel tocou.

Olhou para o ecrã e sorriu.

– Por enquanto, ficamos por aqui. Vamos fazer cinco minutos de intervalo e depois quero apresentar-vos uma pessoa.

Capítulo 13

Mia Krüger estava sentada no gabinete de Munch, a tentar digerir os acontecimentos da última hora. Tinha passado a noite toda a percorrer a Majorstuveien sem encontrar nada que a fizesse pensar minimamente em diamantes. Tinha-se deixado cair exausta na cama, num apartamento vazio, graças a Deus – as amigas borguistas já tinham acabado a noite de copos –, outra vez com a sensação irritante de ter sido enganada por Polly, a drogada de Bergen. Mia ainda era muito ingénua, não era? A achar que as pessoas que paravam na Plata a iam querer ajudar. Ironicamente, tinha sido uma dessas pessoas que lhe tinha dito, uma certa noite: Não podes confiar num drogado. A gente faz o que for preciso e diz o que for preciso para orientar produto, é a única coisa que nos interessa. Desculpa. Um sorriso torcido com dentes castanhos e a mão estendida, na qual ela depositou uns trocos. É das que viajam? Mas o que é que aquilo queria dizer? Muito provavelmente, era invenção de Polly.

Tinha adormecido com imagens do gesso na cabeça. Os nomes todos. E depois a inicial maiúscula, sozinha, num dos lados, seguida de um ponto final.

W.

Há reunião de equipa às nove.

Vai lá ter?

Tinha acordado a sentir-se estranhamente descansada.

Por amor de Deus, Mia!

O que é que achas que estás a fazer?

É claro que vais dizer que sim.

O elétrico estava cheio de caras que não pareciam muito contentes com a ideia de enfrentar um novo dia. Mas ela tinha ido a sorrir desde casa até à esquadra. Tinha sentido o coração a bater com força por baixo do casaco de cabedal. Tinha ficado parada ao pé das colunas, quase intimidada, a olhar para o grande edifício creme. Chegou um bocadinho atrasada, mas ele não pareceu importar-se. Um grande sorriso no meio da barba arruivada enquanto saía do elevador, parecia quase que lhe ia dar um abraço.

Bem-vinda, Mia.

Que bom.

Fico muito contente por ter vindo.

Ótimo, vamos dizer olá aos outros.

Sentiu-se estranhamente tímida, mas fez o melhor que pôde na grande sala de investigação. Fotografias novas na parede. Imagens pornográficas. Garrafas de refrigerante.

Tinha-se esforçado por se concentrar.

Passou-bens, sorrisos, acenos de cabeça.

Katja.

Alta, como uma atleta olímpica.

Olá, olá.

Fredrik.

De fato e com um sorriso simpático.

Olá.

Karl Oxen.

Uma voz grave e uma âncora tatuada no braço.

Ludvig e Anja.

Olá, já nos conhecemos.

Anette Goli.

Continuava vestida como se trabalhasse num banco, mas hoje estava muito mais simpática.

Preparei o seu contrato. Podemos revê-lo juntas a seguir à reunião.

E depois teve de passar por aquilo outra vez.

Mas agora à frente da equipa toda.

Munch tinha posto umas fotografias de parte especialmente para ela. Parecia quase um pai orgulhoso, ao lado do ecrã, enquanto carregava no botão e ia fazendo comentários. A cara iluminada pela luz do projetor.

Mas não se sentiu como uma atração no circo.

Graças a Deus.

Pareceu-lhe tudo estranhamente certo.

Como se desta vez fosse verdade.

Fosse a sério.

Tinham-na recebido de braços abertos e não sabia como lidar com isso, tinha sido quase de mais.

– Resolvi arriscar – disse Munch, sentado à secretária, depois da reunião.

Estava a sorrir, com um cigarro pendurado no canto da boca, e à procura de qualquer coisa numa gaveta.

Poisou um cartão com um cordão no tampo da secretária.

– É para mim?

– Se vai trabalhar connosco, precisa de um distintivo. E, mais importante, precisa de uma coisa destas.

Destrancou outra gaveta e poisou uma pistola na mesa.

– É-lhe familiar?

– Sim.

Não parecia muito convencido com a resposta, por isso Mia prosseguiu:

– É uma Glock 17, com *safe action*, uma nove milímetros. Dezassete balas no carregador, com a opção de aumentar até 33. São produzidas na Áustria pela Glock. Uma arma de fogo muito popular, especialmente no meio militar um pouco por todo o mundo. Ficou famosa graças ao Bruce Willis no *Assalto ao Aeroporto*.

– Hum-hum...

– Sim. Sim, eu sei que diz aí que é uma Glock 7, mas é uma Glock 17. Essa é de quarta geração.

Mia acenou com a cabeça na direção da arma e encontrou uma pastilha para a garganta no bolso.

Munch riu-se e resfolegou.

– O que eu queria saber era: sabe usá-la?

– Ah, sim, desculpe. Sei, sim. Mas os agentes da polícia norueguesa não costumam andar armados, pois não?

Ele sorriu outra vez e tirou um carregador da gaveta.

– Nós andamos. Vai descobrir que nesta equipa temos uns certos privilégios. É por isso que estamos separados dos outros. Eis um deles.

Escrevinhou qualquer coisa numa folha de papel e estendeu-lha por cima da secretária.

– O que é isto?

– O seu ordenado.

Agora era a vez dela de ficar em silêncio.

– Parece-lhe bem?

Munch sorriu outra vez e encostou-se para trás na cadeira.

– Hum, sim, claro...

– Mais logo, a Anette traz-lhe o seu contrato. Temos acordo?

Outro sorriso enquanto lhe estendia a mão por cima da mesa.

– Bem-vinda à equipa. Já lhe arranjámos um gabinete, fica no canto, na outra ponta do corredor. Pedi ao Ludvig para extrair a informação mais importante relativa ao caso sueco, para ter por onde começar. Também lá deve ter uma pasta a dizer «Philip Pettersen», com tudo o que sabemos sobre ele até agora. Algo me diz que ele talvez não tenha nada que ver com isto, mas temos de começar por algum lado.

Mia saiu para o corredor atrás do novo chefe.

– Diga-me se precisar de mais alguma coisa, está bem?

– Combinado – respondeu ela, fazendo que sim com a cabeça.

Depois avançou hesitantemente pelo corredor, à procura do novo gabinete.

Capítulo 14

Fredrik Riis estava sentado à porta da sala dos professores na escola de Finstad, satisfeito com os seus botões com o trabalho que Munch lhe tinha dado. A escola. Os professores. Os alunos. As pessoas que tinham conhecido os dois rapazes que já não estavam vivos. A bandeira norueguesa a meia haste agitava-se tristemente com a brisa suave de primavera e, dentro do edifício amarelo, o ambiente era igualmente apático. Uma espécie de choque silencioso. A diretora a falar baixinho no gabinete. A Silje vai ajudá-lo, está só a acabar de dar uma aula e depois dei-lhe dispensa para poder falar consigo. Silje Simonsen. É a responsável pelo sexto ano. Conhece-os a todos bastante bem. Falámos na questão da confidencialidade, mas os agentes que cá estiveram ontem disseram que a confidencialidade acabava quando alguém morria, é verdade? Falei com a direção regional e ficaram de me informar, mas disseram-me que era uma questão de bom senso. Não é que tenhamos alguma coisa a esconder, mas temos de ser ponderados, não é? Por causa dos outros alunos. Por causa dos pais. Já agora, sabe alguma coisa sobre o funeral? Toda a gente queria ir, claro, mas temos 300 alunos e 30 professores, não me parece que caiba toda a gente na igreja, não é? Em circunstâncias normais, devia ser uma mulher muito severa, na casa dos 50, com o cabelo curtinho e óculos com armações brancas, mas agora tinha um olhar preocupado, com uma expressão de falsa autoridade que já não tinha energia para manter. Uma diretora. Que tinha perdido dois alunos. Ela não deve demorar mais do que dez ou 15 minutos. Quer tomar alguma coisa? Um copo de água? Um café?

Fredrik Riis disse que não e lembrou-se de que tinha ficado de ligar à família Lundgren.

O funeral do Ruben.

O médico legista já tinha acabado de os examinar, mas Munch tinha-lhe dito que ele ainda não estava satisfeito e que ia precisar de mais uns dias até libertar os corpos.

O telemóvel de Fredrik tocou ao mesmo tempo que a campainha. As portas abriram-se em silêncio e as crianças enfiaram os casacos muito caladas,

dirigindo-se para a saída sem a barulheira do costume.

– *Vemo-nos hoje à noite?*

Riis suspirou e abanou a cabeça.

– Olá. Estava à minha procura?

Um olhar curioso por cima de uma pilha de livros que trazia nos braços.

O polícia levantou-se e disse que sim com a cabeça.

– Fredrik Riis.

– Silje.

– Tem algum sítio onde possamos...

– Sim, claro – disse a professora loira, sorrindo-lhe e levando-o para uma sala no mesmo corredor, um bocadinho mais adiante.

Três secretárias que, juntas, davam para seis postos de trabalho. Estavam cheias de papéis. O sistema de ensino norueguês talvez fosse dos melhores do mundo, mas continuava a ter falta de recursos. Tinha lido no jornal há uns dias que se preparava uma greve. Desta vez, não era para pedir melhores ordenados, mas para conseguir livros escolares novos. Nalguns dos exemplos mais escandalosos, o rei Olavo continuava a reinar e Ronald Reagan ainda era o presidente americano e, num manual de economia doméstica, os alunos podiam ler sobre a importância *de uma mulher saber organizar convenientemente a sua cozinha*. Portanto, sim. Ele percebia porquê. Por enquanto, ainda não havia greve, claro, porque havia professores na pequena sala, mas deviam ter sido informados porque ao fim de pouco tempo tinham-no deixado a sós com Silje Simonsen.

– Quer beber alguma coisa? Café? Ou chá?

Fredrik Riis não tinha aquele olho de polícia de que as pessoas falavam, aquela capacidade de reparar no mais ínfimo pormenor, de descrever uma cara até ao último sinal. Tivera dificuldades com exercícios desse tipo na Academia Nacional de Polícia. Reparar nas características físicas de alguém, e descrevê-las, não era o seu forte. Acabava sempre por se concentrar no que sentia na presença das pessoas, começava logo a perguntar-se quem é que elas realmente eram. Como e porque é que tinham chegado aonde estavam. O que é que as tinha feito escolher aquela vida. Como é que tinham sido em crianças. Em adolescentes. Coisas dessas. Como é que seriam quando estavam sozinhas. Quando ninguém as observava.

Uma vez, Munch tinha-lhe pedido para descrever um senhor de idade que tinha entrevistado num caso, alguns anos antes. Não o tinha repreendido, mas tinha soltado um grande suspiro, e desde aí que Fredrik decidira esforçar-se e treinar.

Silje Simonsen era uma mulher atraente, talvez com 30 e poucos anos. Olhos azuis e cabelo loiro escuro, cortado à altura dos ombros. Não tinha aliança. Portanto, talvez não fosse casada? Fredrik passou rapidamente os olhos pela secretária atulhada e não viu fotografias de crianças nem de nenhum marido. Um casaco de algodão bege por cima de uns ombros esguios. Calças de ganga ligeiramente gastas nos joelhos, ténis Adidas encarnados.

Sardas.

– Não vou roubar-lhe muito tempo – disse Riis, e tirou uma fotografia do bolso do casaco.

Ela olhou para a fotografia, com uma expressão surpreendida.

– Mas...

– É confidencial, por isso vou ter de lhe pedir que não fale nisto a ninguém, compreende?

– Claro – anuiu obedientemente.

– Queria pedir-lhe para identificar todas as assinaturas, se achar que consegue.

– De toda a gente que assinou o gesso?

– Sim. Acha que é possível?

Ela pegou na fotografia e examinou-a cuidadosamente.

– Reconhece algumas delas?

– Desculpe? Sim, claro. Aqui está o Trond, a Sylvia, a Bente, o Einar...

Mas porquê?

Fredrik viu na expressão dela que a professora já tinha percebido qual era a resposta à pergunta que acabava de fazer.

Achamos que o assassino pode ter assinado o gesso.

– Estou à procura de...?

Ela franziu muito o sobrolho e cerrou os lábios.

– Não sabemos bem. Queremos só... bem, é só uma coisa que precisamos de esclarecer. Não posso dizer-lhe muito mais do que isso.

– Claro – murmurou Silje Simonsen, e voltou a concentrar-se na fotografia.

– Acho que as reconheço a todas. Eles têm tendência para formar grupos, está a ver? Dentro do ano deles. Os rapazes jogam todos na mesma equipa de futebol. Há três que também andam na esgrima.

– O Ruben tinha aulas de esgrima?

– Tinha.

Riis pegou no bloco de notas e tirou uma caneta de uma caneca que estava em cima da mesa.

– Imagino que esta aqui seja da irmã, certo?

Ela sorriu brevemente e poisou o dedo sobre a fotografia.

Sanna.

A letra era inconfundível, o primeiro encontro de uma criança de 5 anos com o alfabeto.

– Parece-me que a única que não estou a reconhecer é esta.

Poisou outro dedo sobre a fotografia e olhou para ele com uma expressão inquiridora.

– W?

– Não é ninguém da turma dele?

Simonsen pensou durante uns segundos.

– Não, não temos ninguém com um nome que comece por W.

A porta abriu-se e uma cara algo surpreendida pediu desculpas e preparava-se para a voltar a fechar.

– Espera, Konrad, tens algum aluno que comece por W?

– Desculpa?

– Se tens algum aluno na tua turma com um nome começado por W?

– Não.

– E nas outras turmas do sexto?

– Hum, não sei, porquê?

Riis pegou na fotografia que ela tinha entre as mãos e poisou-a voltada para baixo sobre a mesa. Sorriu e acenou brevemente com a cabeça ao professor que tinha acabado de entrar. Ele percebeu e saiu, fechando a porta.

– Como eu estava a dizer...

– Oh, desculpe – disse Silje Simonsen. – Não parei para pensar, entusiasmei-me e...

– Não faz mal nenhum. Mas, como sabe, as notícias correm muito depressa. Os rumores. Gostávamos de manter isto em segredo durante uns tempos.

– Mas estão à procura de uma pessoa com um nome começado por W?

– Não foi isso que eu disse. Estamos só a tentar perceber quem é que assinou o gesso do Ruben. Pode não ser especialmente importante. Pode não querer dizer nada. Pode ter sido assinado por um pedinte a quem ele deu dinheiro. Ou pela pessoa que trabalha no café onde ele compra pastilhas elásticas. Quando percebermos quem foi, podemos começar a pensar noutras coisas. Percebe?

– Percebo – retorquiu Silje, anuindo respeitosamente com a cabeça e enfiando a fotografia num livro que tinha em cima da secretária, como que para mostrar que aquilo ficava só entre os dois.

– E então como é que aquilo lhe aconteceu?

– O quê?

– O braço. Como é que ele o partiu?

Ela olhou para ele, surpreendida.

– Vocês não sabem?

– Não.

– Ah, bem, na altura deu muito que falar. Quer dizer... antes disto...

– Sim?

– Apareceu no jornal e tudo. O Ruben de repente era quase uma celebridade, pelo menos aqui na escola.

– Porque...

– Porque teve uma daquelas sortes, claro.

Ela franziu outra vez o sobrolho, como se não acreditasse que Fredrik ainda não tinha ouvido aquela história.

– Muito bem. Mas então ele caiu de cima de alguma coisa ou...

– Não, não. Ele estava no carro quando alguém entrou por ele adentro. Foi uma sorte não lhe ter acontecido nada de grave. Teve de ser

desencarcerado.

– E onde é que isso se passou?

– Ao pé do Burger Bar.

– Que é onde?

Ela riu-se brevemente.

– Desculpe, eu esqueço-me de que há pessoas que não sabem tudo o que aqui se passa. Isto é um sítio muito pequeno.

– E então, o Burger Bar?

– Sim, fica no cruzamento da Gamleveien com a Nordliveien. O pai estava a fazer marcha atrás. O Ruben ia no banco de trás. Parece que houve um carro que ia a abrir dentro do parque de estacionamento e que simplesmente se espetou contra eles. Depois fugiu sem parar. Não se falava noutra coisa aqui há umas semanas. Ele realmente teve muita sorte. Só partiu o braço. Podia ter sido muito, muito pior.

– Portanto, bateram-lhes e não pararam?

– Sim.

– E nunca identificaram o condutor do carro?

– Que eu saiba, não. Mas...

Silje hesitou.

– Mas o quê?

– Bom...

Tinha uma expressão insegura nos olhos. Como se não soubesse se devia dizer aquilo em que estava a pensar.

– Vocês têm... oh, não sei. Vocês sabem do pai do Ruben... ou, se calhar, não sabem?

– O que é que quer dizer?

– Que ele...

A porta abriu-se de repente e interrompeu a professora, era a diretora, com os seus óculos brancos.

– Desculpem interromper, o Ragnar teve de ir para casa, acha que podia ficar com a turma dele? Já estão à espera há dez minutos e não tenho mesmo mais ninguém.

Sorriu brevemente como quem pede desculpa.

– Claro – respondeu Simonsen. – É uma aula de quê?

– De Educação Moral e Religiosa, mas entretenha-os como puder.

Fez outra vez cara de quem pede desculpa e desapareceu.

– Desculpe – disse Silje Simonsen, e levantou-se.

– Eu percebo, não há problema – disse Riis, tirando um cartão de visita do bolso. – Mas ligava-me mais tarde? Hoje à noite? Ou na primeira oportunidade que tiver?

– Sim, fica combinado.

Silje Simonsen sorriu e saiu.

Fredrik estava outra vez no parque de estacionamento, à frente da bandeira triste a meia haste. O telemóvel tinha-lhe vibrado no bolso várias

vezes. Sempre a mesma mensagem.

Porquê?

Porquê?

Fredrik pensou na questão por um instante e depois respondeu relutantemente.

Porque tu és casada, está bem?

A seguir, ligou o carro e arrancou em direção ao Burger Bar.

Capítulo 15

Ludvig Grønlie estava com a mesma roupa da véspera e Mia percebeu porquê quando o viu controlar um bocejo e ficar a olhar para ontem no meio do pequeno gabinete. Não tinha dormido muito. Tinha ali ficado a noite toda. Mia começou quase a sentir-se culpada quando percebeu. Tinha sido por causa dela. Munch já sabia quando ela lhe ligou na noite anterior. Que ela ia aparecer. Que ela ia aceitar o emprego. Grønlie fez um sorriso cansado e passou a mão pelo cabelo que começava a rarear, depois acenou com a cabeça na direção das pastas que tinha arrumado muito bem na secretária, à frente dela. A gravata de malha encarnada pendia-lhe molemente do colarinho e a fralda da camisa azul-clara via-se, amarrotada, por cima da cintura das calças. Tinha uns chinelos de xadrez, o que levou Mia a pensar que Ludvig Grønlie não devia passar muito tempo na rua, de arma em riste; era mais provável que costumasse ficar na esquadra.

– Mais vale ignorá-los – disse Grønlie, encostando o rabo à borda da secretária.

– A quem?

– Se alguém fizer comentários sobre a rapidez com que foi contratada. Há cá pessoas menos simpáticas. Inveja. Sabe como é que é.

– Talvez não – respondeu Mia cuidadosamente.

Grønlie riu-se brevemente.

– Não, claro que não. Lembre-me lá a sua idade?

– Vinte e dois. Quase.

– Ah, 22 – disse Grønlie numa voz sonhadora, enquanto tirava os óculos. – A juventude. Nada de preocupações. De responsabilidades. A ingenuidade. Andar atrás do amor. Acreditar que o mundo ainda é um lugar bom. Que ainda podemos fazer a diferença. Aproveite enquanto pode.

– Hum, está bem, obrigada – disse Mia, rindo-se um bocadinho.

– He-he – soltou Grønlie, rindo-se e voltando a pôr os óculos. – Não me ligue. Quando estou muito cansado, começa a dar-me para o existencialismo.

– Ele não o deixou dormir?

– Ligou-me à meia-noite e meia. Disse-me que a Mia se ia juntar a nós.

Queria que eu tivesse tudo pronto.

– Oh, fogo.

– Não, não se preocupe. Todos fazemos as nossas escolhas. E temos de viver com as consequências. Eu podia ter sido pescador. Levantava-me todos os dias às cinco e era o meu próprio patrão no mar. Ou, se calhar, vigário. Pregava um bocado sobre os pecados do mundo e depois descansava o resto da semana. Mas estou onde estou. O Munch é meu chefe. Eu obedeço-lhe. É uma escolha minha e não me posso queixar.

Grønlie piscou-lhe o olho e coçou a testa.

– O que é que eu estava a dizer?

Mia sorriu e ofereceu-lhe o café que tinha comprado para ela a caminho da esquadra.

Ele aceitou-o e depois voltou a olhar à volta com um ar meio perdido.

– Estas pastas?

– Sim, claro. O Munch queria que eu lhe fizesse um breve resumo, mas acho que ainda nem cheguei a isso. A investigação sueca durou oito anos. Valha-me Deus, nem consigo imaginar o que deve ter sido. Felizmente, cérebros melhores do que o meu trataram de organizar os documentos todos por ordem de importância; senão, acho que íamos estar a organizar isto até ao Natal.

– Então o que é que me trouxe? – perguntou Mia, olhando com curiosidade para a secretária.

– As descobertas mais importantes que fizemos até aqui – disse Grønlie, e bebeu um gole de café. – Na primeira pilha temos potenciais suspeitos. Há muitos, mas conseguimos reduzir a lista a três nomes. Os três homens em que os suecos se concentraram ao longo dos anos. Tentaram acusar dois deles, mas o Ministério Público não quis avançar. O desespero, Mia. Eu sei que é muito novinha e isto pode tudo parecer espetacular, mas espere uma semana. Duas semanas. Um mês. Um ano...

Grønlie levantou as sobrancelhas.

– Percebo.

– A primeira investigação em que trabalhei, está quase a fazer 30 anos, demorou cinco anos.

– Pois.

– E mesmo hoje, não lhe posso propriamente dizer que tenhamos resolvido o caso. Foi uma daquelas sortes. Ele entregou-se. Não conseguiu aguentar a culpa. Se não tivesse dito nada, quem sabe se algum dia o teríamos apanhado.

– Pois, desta vez isso não vai acontecer – disse Mia, enquanto abria a primeira pasta.

– O quê?

– Ele não se vai entregar.

– Ah? E como é que sabe?

– É um palpite.

Poisou as fotografias umas ao lado das outras em cima da mesa.

– São estes três?

– Sim – respondeu Grønlie, anuindo com a cabeça, parecia que o café lhe tinha feito bem.

– Tirei tudo das paredes para o caso de querer organizar os materiais à sua maneira.

Indicou com a cabeça o rolo de fita-cola que estava ao lado do computador.

Mia colocou a primeira fotografia na parede, ao pé da janela.

– Steinar Svensson – disse Grønlie, poisando o café. – Canalizações. Tinha feito uns trabalhos para a família Hellberg umas semanas antes dos homicídios. Também foi visto perto da cena do crime na noite anterior à descoberta dos miúdos. Em casa dele, a polícia encontrou um quarto com revistas, fotografias, sim, consegue imaginar o resto. Não era bem um tipo normal. Nove viagens à Tailândia nos últimos anos. Só que não o conseguiram ligar a nada que fosse mesmo ilegal por lá, eram tudo suspeitas.

– Nada de provas forenses?

Grønlie abanou a cabeça.

– É estranho, não é? Estas cenas de crime limpinhas? Nem um cabelo. É quase como se ele soubesse o que está a fazer, não é?

Ergueu muito as sobrancelhas e pegou outra vez no café.

– Continue – disse Mia, intrigada.

– Eu diria que isto é muito raro. Normalmente, é o que os costuma condenar. Sangue. Sémén. ADN tirado de um único cabelo. Houve um caso em que trabalhei uma vez em que o assassino cuspiu na vítima. Até eu fiquei impressionado com o que a equipa forense conseguiu fazer. Esqueça tudo o que leu ou o que viu na televisão, Mia. Nós ainda somos *melhores* do que as pessoas pensam. Encontrar uma agulha num palheiro, isso não é nada. Eu já vi... Bom, está a perceber a ideia. Mas desta vez?

Olhou para ela com uma expressão estranha.

– Nada a que nos agarrarmos?

– Nada.

– Nem na Suécia nem agora cá na Noruega?

Grønlie encolheu os ombros, outra vez com aquele olhar esquisito.

– O Munch ainda não desistiu completamente e pediu-lhes para passarem tudo a pente fino outra vez, mas...

– Porque é que está sempre a fazer essa cara? – perguntou Mia, encontrando a caixa das pastilhas para a garganta no bolso das calças.

– O quê?

– Diz qualquer coisa e depois olha para mim com essa expressão estranha.

Desta vez, Grønlie riu-se em voz alta.

– Realmente, o Munch bem me disse.

– Disse-lhe o quê?

– Que a Mia era muito diferente.

Grønlie aproximou-se da porta e espreitou para o corredor antes de a fechar.

– O que eu estou a querer dizer, já que me pergunta diretamente, é que há algo de muito inquietante em toda esta investigação.

– Sim?

– Estas cenas de crime limpas? Sem provas forenses?

Interrompeu-se como se estivesse à espera de que ela dissesse qualquer coisa.

– Não sei se estou a...

Grønlie aproximou-se mais e baixou a voz.

– Parece que ele sabe o que está a fazer. Que ele sabe mesmo o que está a fazer. Como se soubesse o que nós procuramos. Muito bem. Como se conhecesse procedimentos que não vêm nos livros. Coisas que só nós sabemos...

– Ah, o Grønlie acha que ele é...

Grønlie levou um dedo aos lábios e olhou na direção da porta.

– Não dizemos coisas dessas em voz alta.

– Um... um polícia? – perguntou Mia baixinho.

– Não é impossível.

Grønlie encolheu outra vez os ombros e bebeu mais um gole de café.

– E então, vamos olhar para os outros suspeitos?

Capítulo 16

Fredrik Riis entrou no Burger Bar e ficou enojado com o cheiro acre que se sentia lá dentro. Desde os 15 anos que era pescetariano e não se lembrava da última vez que tinha entrado num lugar daqueles. O menu por cima do balcão gasto dizia-lhe que aquilo não era sítio para pessoas que tivessem cuidado com o colesterol ou que quisessem levar um estilo de vida saudável. O empregado era um jovem de camisa e pala encarnadas com o logótipo do restaurante, as iniciais BB em cima de qualquer coisa que parecia um hambúrguer triplo, abraçadas por duas batatas fritas amarelas, fáceis de confundir com o símbolo de uma cadeia de *fast food* mais famosa. Um assunto para ser tratado por advogados, claramente, se tais pessoas se atrevessem a entrar num sítio daqueles, o que Riis achava altamente improvável. A clientela era composta principalmente por jovens que pareciam não ter nada melhor para fazer do que ficar ali sentados a fumar cigarros, ou talvez a gastar o pouco dinheiro que tinham numa dúzia de *nuggets* de galinha só por 29 coroas, e se calhar numa Løren Cola gigante, não era numa de marca, agora apenas por 8,99 coroas, mais uma coroa para consumir no estabelecimento. Riis esperou pacientemente que o jovem atrás do balcão anotasse os pedidos dos clientes que formavam fila à frente dele e lembrou-se de um artigo que tinha lido há uns tempos numa revista inglesa que encontrou na sala de espera do dentista. «O Fundador», a história de Ray Kroc, um americano vendedor de máquinas de fazer batidos que um certo dia encontrou uma casa de hambúrgueres diferente das outras em San Bernardino, na Califórnia, dirigida pelos irmãos Maurice e Richard McDonald. Nessa altura, nos prósperos anos 1950, lugares daqueles tinham sempre empregadas a servir as coisas às pessoas dentro dos carros, uma prática que implicava longas esperas e, logo, receitas menores, pelo que os irmãos tinham desenvolvido uma coisa a que chamavam o sistema rápido. Ray Kroc comprou os direitos aos irmãos McDonald por 2,7 milhões de dólares, para além de um acordo verbal em como receberiam 1% dos lucros futuros, dinheiro que os irmãos McDonald nunca viram, claro. Para piorar as coisas, o McDonald's original teve de fechar, porque os irmãos já não tinham os direitos do próprio nome.

Uma ideia de génio. E, de repente, tinha-se ido o trabalho de uma vida. Quem é que faz uma coisa daquelas a alguém? Fredrik tinha-se deixado absorver tanto pelo artigo que até se esqueceu de que ia pôr uma coroa num dente, sentindo-se pessoalmente indignado com a história dos dois irmãos que foram enganados e ficaram sem o trabalho de uma vida e sem nome. Não que aquele tipo de atitude o surpreendesse por aí além. Tinha-se esforçado durante muito tempo para se sentir integrado na família, tinha participado nos jantares extravagantes em que o champanhe circulava e só havia uma conversa: o dinheiro, quem o tinha e como é que se podia multiplicá-lo. Teria sido adotado? Infelizmente, as fotografias que sempre tivera na parede mostravam as suas óbvias semelhanças físicas com a mãe e com o pai, pelo que lhe parecia uma hipótese improvável, mas podia sempre sonhar.

Também não precisava deles. Safava-se muito bem sozinho.

– A seguir?

O jovem atrás do balcão acordou-o daquele devaneio.

– Fredrik Riis, polícia – disse Riis, mostrando-lhe o distintivo. – Posso falar com o gerente?

– Quer falar com a Laila? – perguntou o rapaz relutantemente, enquanto limpava o suor da testa, por baixo da pala.

– Se a Laila for a gerente, sim, quero – respondeu Riis.

– Ela não está.

Fez-se um instante de silêncio ali naquele balcão sujo.

– Muito bem, e quando é que ela chega?

– Não sei.

Mais um breve silêncio, até que a sineta por cima da porta tocou atrás dele.

– Vai querer alguma coisa?

– Não, tenho só umas perguntas para fazer. Talvez me possa ajudar?

– Hum, está bem – disse o jovem a coçar a cara. – Mas tenho de ir servir os clientes, por isso...

– Eu acho que eles podem esperar. É por causa daquele acidente no parque de estacionamento, do carro que bateu no outro e fugiu há umas semanas. Por acaso não estava a trabalhar nesse dia, ou estava?

– Hum, estava.

– E viu o que aconteceu?

– Não. Só ouvi um estrondo. É por causa do rapaz?

– Sim.

– Pois, sempre achei um bocadinho estranho – disse o jovem, abanando a cabeça.

– O que é que era estranho?

– Ele nunca poder entrar.

– Então eles vinham cá muito? A família toda?

– Não, só ele e o pai. Mas, sim, o miúdo tinha sempre de ficar no carro.

– Mas isso é assim tão estranho? Quer dizer, ser o pai a comprar as

coisas para a família toda...

– Ah, não – interrompeu o rapaz. – É que ele só comprava coisas para ele.

– O pai?

– Sim.

– Sempre?

– Hum, eu não me vou meter em sarilhos por causa disto, pois não?

– Não, porque é que havia de se meter em sarilhos?

– Não sei, falar com a polícia...

O jovem pegou num pano e começou a limpar o balcão sem dar a menor atenção ao que estava a fazer.

– Não se preocupe. Vi umas câmaras lá fora, por acaso terão o acidente gravado?

Ele abanou a cabeça.

– Não funcionam. São só para assustar.

– Está bem, e a Laila, por acaso tem o número dela?

– Não.

– Não? Ela não tem telemóvel?

O jovem hesitou.

– Peça-me para lhe mostrar uma coisa – disse baixinho e voltou a limpar o balcão.

– Hã?

O empregado acenou com a cabeça na direção da porta e disse em voz alta:

– Está bem, está bem, mas tem de ser rápido. Tenho clientes à espera.

Pôs o pano ao ombro, deu a volta ao balcão e voltou a acenar com a cabeça na direção da porta.

Na mesa do canto, um grupo de jovens riu-se.

– Desculpe, mas não me apetece ficar sem dentes – desculpou-se quando já ninguém os podia ouvir. – É que a polícia não é lá muito bem vista por estas partes, se é que me entende.

– Eu percebo – respondeu Riis. – Então o acidente foi aqui?

– Foi. O carro estava estacionado ali e depois, sabe-se lá como, o outro carro saiu de repente da Gamleveien e passou ali por cima da relva.

O empregado ia apontando para os sítios.

– Foi uma confusão dos diabos. A polícia, os bombeiros, um reboque e sei lá mais o quê e tivemos de fechar o restaurante, as pessoas não conseguiam chegar à porta. No fim daquilo tudo, tiveram de o desencarcerar.

– Ao Ruben?

– Era o nome dele? Coitado.

– E o outro carro simplesmente arrancou?

– Pelo que sei.

– E aquilo não funciona?

Riis indicou as câmaras com a cabeça.

– Não, como lhe disse, são só para meter medo. Mas...

– Sim?

O empregado olhou à volta e aproximou-se de Riis.

– Oiça, eu não sou nenhum chibo que anda para aí a falar com polícias, mas, se fosse a si, fazia uma visita ao Kruppel, naquela casa cinzenta ali em cima.

Fez um pequeno movimento com a cabeça, indicando a casa do outro lado da rua.

– Kruppel?

– Sim, é um maluco. Mas tem câmaras.

– Ai sim?

– Raramente sai de casa. Diz-se por aí que tem medo, acho que uma vez foi espancado dentro da própria casa e agora tem equipamento de segurança por tudo quanto é sítio, tipo alarmes e montes de câmaras. Dá para ver daqui. Se...

O jovem acenou novamente na direção da casa ao mesmo tempo que um dos clientes abria a porta do restaurante.

– Dá para comer um hambúrguer ou não, Kevin? Ou estás muito ocupado a bater uma ao teu namorado?

Ouviam-se gargalhadas lá dentro.

– Kruppel – sussurrou o empregado outra vez, depois atravessou o parque de estacionamento a correr.

Riis estava sentado no carro quando o telemóvel tocou. A voz abafada de Munch do outro lado da linha:

– Fala o Munch, ligaste-me?

– Sim, onde é que está?

– Estamos à porta da casa do Philip Pettersen. Ele acabou de chegar. Vamos entrar agora. Era importante?

– Não, falamos depois.

– Ótimo, até logo – sussurrou Munch e desligou.

Kruppel?

Não tinha ouvido já aquele nome algures?

Fredrik Riis guardou o telemóvel no bolso e enfiou a chave na ignição.

Capítulo 17

Munch entrou nas instalações do número 13 da Mariboes Gate com a consciência um bocadinho pesada, mas passou-lhe assim que vislumbrou a rapariga através das divisórias de vidro do gabinete dela. Era o primeiro dia de trabalho e tinha-a atirado logo para a piscina dos crescidos, mas felizmente não parecia ter ficado especialmente traumatizada. Tinha arredado a secretária para um dos cantos, tirado a cadeira, feito desaparecer o computador e, basicamente, forrado as paredes: folhas de papel A4, notas, fotografias, tudo muito bem organizado por camadas. De onde estava, não conseguia perceber qual seria o sistema dela, mas não tinha dúvidas de que tinha um qualquer. Estava a falar sozinha baixinho, a mudar fotografias de um lado para o outro, sentava-se no chão com a cara enfiada nas mãos por uns instantes e depois punha-se em pé de um salto e corria para a parede, onde mudava qualquer coisa que tinha acabado de fazer.

Munch teve de bater duas vezes no aro da porta para ela perceber que ele estava ali.

– Incomodo?

– Incomoda – respondeu Mia.

Tapou a boca com a mão e fixou os olhos semicerrados num ponto indeterminado da parede, como se estivesse a tentar que ganhasse vida.

A resposta fez Munch sorrir, não conseguia deixar de sentir uma simpatia forte por aquela rapariga. Pelo comportamento dela. Pela forma como parecia ignorar completamente quaisquer protocolos. Como se o mundo dela se regesse por regras diferentes.

Era uma lufada de ar fresco. Começou logo a sentir-se mais bem-disposto. O desperdício de tempo com a visita a Pettersen tinha-o deixado irritado durante todo o caminho de regresso, mas a má disposição começava a dissipar-se enquanto observava Mia a mudar mais uma fotografia de sítio.

– Quer dizer que preferia ficar sozinha?

– Hum... diga?

A rapariga dispensou-lhe um olhar breve e distraído, como se estivesse outra vez surpreendida por vê-lo ali.

– Ah, não, estava só a...

Mia continuava de pé, com os olhos azuis fixos na parede. Parecia que estava a tentar capturar qualquer coisa invisível que tinha à frente, mas acabou por desistir, com um pequeno suspiro, e por voltar ao presente.

– Fez alguns progressos?

– O quê? Sim, quer dizer...

Passou a mão pelo cabelo e abanou a cabeça.

– Há muitas coisas bastante óbvias, parece-me, ao passo que outras, bem...

Munch tirou a canadiana e encostou-se à parede.

– Vá-me explicando. Diga-me no que está a pensar.

– Está bem – retorquiu Mia, pigarreando e aproximando-se de um conjunto de fotografias.

A lebre. A raposa. Fotografias de todos os ângulos, várias que Munch nunca tinha visto. A rapariga devia ter pedido a Ludvig para contactar diretamente o fotógrafo.

– Os animais – disse ela, voltando-se para ele. – Acho que sei porque é que ele os pôs ali.

– Continue.

– Lembra-se do diário do rapaz, não se lembra? De uma das vítimas suecas?

– Sim?

Mia tirou uma folha da parede e deu-lha.

– O diário que os jornais publicaram. *Amanhã é lua cheia. Tenho medo do Lobo.*

Atravessou a sala e voltou às fotografias dos animais, tocando em ambas.

– Acho que não estou a perceber...

– O lobo? – disse ela outra vez, de olhos novamente postos nas fotografias dos animais. – Não acha que...

– Que quê?

Munch estava com vontade de sorrir.

– Acho que vai ter de me...

– Ah, claro, desculpe. Se o assassino se vê como *O Lobo*, então isto faz sentido, não faz?

Apontou rapidamente para a cabeça da lebre.

– E isto?

A raposa.

Aos poucos, Munch começou a perceber onde é que ela queria chegar.

– A lebre e a raposa são presas? Do lobo? É isso que quer dizer?

– Sim, é isso.

Mia sorriu, triunfante.

– Presas. Era a palavra de que me queria lembrar. Ele está a mostrar-nos, não está? Já teve algum gato?

– Um gato?

– Sim, um gato, como animal de estimação. Nós tínhamos um gato que nos estava sempre a trazer ratos. Poisava-os no chão à nossa frente. Para nos mostrar como era esperto, o que era capaz de fazer.

– Então acha que foram lá postos a pensar em nós?

A rapariga pareceu desorientada por um instante. Olhou para a parede outra vez e voltou a perder-se nela.

– Talvez não seja necessariamente a pensar em nós – disse ao fim de algum tempo. – Ou se calhar até é, não sei. Pode ser principalmente a pensar nele próprio. *Já viste, és O Lobo. Olha só o que és capaz de fazer.* Acha que faz sentido?

Mia pareceu de repente um pouco hesitante. Voltou-se para Munch e coçou a testa.

– Parece-me plausível – respondeu Munch, sem conseguir esconder como estava impressionado.

Quantas horas é que tinha estado fora?

Três?

E aquela rapariga já tinha...

– Pronto, ótimo – disse Mia. – Portanto, isto era a primeira questão.

Dirigiu-se apressadamente para um outro conjunto de fotografias, que estava junto a um mapa da cena do crime e das zonas envolventes. Agora eram as vítimas. Tinha escolhido só fotografias tiradas à distância, nada de grandes planos. Munch acompanhou-a com curiosidade.

– A segunda coisa em que tenho estado a pensar é...

Interrompeu-se por um instante e franziu o sobrolho.

– Pronto, isto não é tão tangível, é mais uma intuição que tenho. Há problema?

– Não, claro que não.

– Pronto. Olhe aqui. Isto tem qualquer coisa de visual. Há um certo elemento de beleza, não há? Parece que isso lhe importa. O lado estético. E o que isto tem de, bem, de visual, estou a repetir-me, mas não sei bem como...

– Não faz mal. Por favor, continue.

– Pronto. Estou bastante convencida de que isto foi composto para ser saboreado depois. Visualmente. Por isso, estou a achar que...

Aproximou-se do mapa.

– Ele deve ter estado a ver.

– A ver como?

Ela voltou-se para ele.

– Quer dizer, a cena do crime. Para tirar partido da obra dele. Não deve? Já pensou nisso? Ter criado aquilo tudo. Que depois nós encontrámos. A emoção. Ele deve ter lá estado. Por isso, pedi um mapa ao Ludvig e olhe aqui...

Mia poisou um dedo no mapa e olhou para Munch.

– Esta é a única zona que é elevada, por isso acho que ele deve ter estado

aqui, ou aqui ou, vá lá, se calhar aqui, mas eu começaria...

– Ao pé da cascalheira?

– Sim, ou acha que é exposto de mais? Se calhar, a floresta é melhor, aqui, por exemplo? Aqui ninguém o via.

– Então acha que ele estava a observar-nos?

– Acho.

Tinha os olhos azuis a brilhar.

– Não era o que faria no lugar dele? Aproveitar. Ver-nos a descobrir a criação dele?

Munch disse que sim com a cabeça e aproximou-se mais da parede.

– Isto é bom, Mia.

– É?

– É muito bom. Vou mandar alguém lá acima imediatamente. O que é que acha, aqui?

Pôs o dedo no mapa.

– Sim, ou talvez aqui, não sei, só temos de encontrar um sítio com uma vista desimpedida do campo onde estavam os corpos, acho que não pode haver assim lá muitos. Quer dizer, tudo quanto fica *aqui* para baixo ia ser baixo de mais, não ia?

– Isto é bom, Mia. Mesmo muito bom. Estava com medo de a ter deixado aqui desamparada.

Ela olhou para ele quase sem expressão.

– Porquê? Eu fico bem sozinha.

– Sem dúvida – disparou Munch, sorrindo. – Muito bem. E então, é tudo?

– É. Quer dizer, não.

– Então?

– É só uma coisinha.

Arrancou outra vez, agora para o outro lado da sala.

– Só comecei isto agora, mas acho que pode ser importante.

Uma lista só com duas entradas.

– E isto é?

– 1993, dois homicídios na Suécia. 2001, dois homicídios na Noruega. Oito anos de intervalo.

– Sim?

Ela levantou as duas mãos.

– Onde é que ele andou este tempo todo?

– Exatamente. Isso também me tem feito alguma confusão.

– É, não é?

Mia anuiu com a cabeça e tirou a franja da frente da testa.

– E então o que é que acha?

A rapariga pensou um bocado no assunto antes de responder.

– É difícil ter a certeza. Se calhar, simplesmente não lhe apeteceu. Se calhar, não encontrou ninguém de quem gostasse. Mas, sim...

– O quê?
– O mais provável é que não tenha tido oportunidade, não acha?
– Em que sentido?
– Não lhe sei dizer. Mas é um homem que não está bem. Ele acha que está, mas pelos nossos padrões certamente não está. Quer dizer, se ele é *O Lobo*...

– Em que é que está a pensar?

Ela hesitou.

– Pronto, se calhar, isto é simples de mais, mas não será possível que ele tenha estado dentro?

– Na prisão?

– Sim, ou numa instituição qualquer?

– Num asilo?

Ela sorriu brevemente.

– Acho que já não é assim que se diz, mas, sim, alguma coisa desse tipo.

– Bom trabalho, Mia, bem pensado.

– Ah, e quase que me esquecia do mais importante.

Mia abanou a cabeça e voltou às fotografias dos animais. Tirou uma da parede e passou-lha para a mão.

– Repara nalguma coisa?

Tirou uma maçã do bolso, deu uma dentada e apontou, entusiasmada, para a fotografia.

A raposa.

Um grande plano da cabeça.

– Não me parece...

– Veja com atenção – disse ela animadamente, voltando a apontar. – Olhe para a orelha dela.

– Sim?

– Está a ver? Essas marcas? Mesmo na pontinha?

Munch viu o que ela lhe indicava e começou a perceber.

Uau.

Incrível.

– Acha que tinha um brinco?

– Acho. É o que parece, não é?

Ela sorriu outra vez e prosseguiu, entusiasmada.

– Tinha uma marca auricular. O que quer dizer que alguém a andava a monitorizar, não é? A ver por onde é que andava. Deve ter sido o assassino a tirá-la, mas ainda assim? E se fosse eletrónica? Com GPS? Ao tirarem-na...

Olhou para Munch, estava quase a provocá-lo.

– C’um caraças – disse Munch a sorrir.

– Não é? Se tiver parado de emitir sinal ao ser removida, então sabemos onde é que foi que...

– Macacos me mordam.

Munch riu-se sozinho.

– E já...?

Mia já estava a ir ao outro lado da sala buscar o bloco de notas, com a maçã enfiada na boca.

– Já fiz umas quantas chamadas e parece que, no que toca a raposas-vermelhas, principalmente na zona leste do país, temos de falar com a Inland Norway University of Applied Sciences, em Lillehammer. Têm um projeto em parceria com o Instituto Norueguês para o Estudo da Natureza, tenho aqui um nome... onde é que está? Isso, Nina Dobrov. Estava ocupada, mas disseram-me que lhe podia fazer uma visita amanhã de manhã.

– Isto é do caraças, Mia! – exclamou Munch, sorrindo, e tinha acabado de tirar os cigarros do bolso quando ouviram bater à porta e viram a cara excitada e sem fôlego de Fredrik Riis a espreitar.

– Estou a interromper? É que tenho ali uma coisa que têm mesmo de ver.

O investigador do fato não esperou que lhe respondessem e arrancou pelo corredor em direção ao gabinete dele, onde enfiou uma *pen* USB no computador.

– Pronto, primeiro um bocadinho de contexto. Fui à escola para perguntar pelo gesso e só aí é que me apercebi de que nem sequer sabíamos porque é que ele o tinha. Não me tinha passado pela cabeça que pudesse ter alguma coisa que ver com a investigação, sei lá, um rapaz de 11 anos, podia ter sido por uma série de razões, mas houve uma coisa que a professora dele me disse que me deixou curioso.

Estavam os dois a ouvi-lo com atenção. Munch puxou uma cadeira e voltou a guardar o cigarro dentro do maço.

– Parece que o Ruben era uma espécie de celebridade local. O gesso foi resultado de um acidente de carro. De um acidente bastante invulgar. A professora dele, que se chama Silje Simonsen, diz que ficaram todos muito aliviados por não lhe ter acontecido nada pior. Que podia ter sido muito mais grave. Por isso, resolvi ir investigar. Isto que vos vou mostrar passou-se à porta do Burger Bar. O Ruben e o pai foram lá buscar comida. Ou melhor, o pai foi lá buscar comida e o Ruben ficou no carro, no parque de estacionamento ao virar da esquina...

– E as câmaras apanharam tudo?

– Não. As câmaras não estão ligadas, são só para enfeitar. Mas o empregado do restaurante deu-me uma dica. Lembra-se do Roy Kruppel?

Munch disse que sim com a cabeça.

– Não foi o tipo que...

– Exatamente – respondeu Riis com entusiasmo.

– Quem? – perguntou Mia a olhar para eles.

Munch ia começar a explicar, mas Riis antecipou-se:

– O Roy Kruppel. Foi um caso feio aqui há uns anos. Num estilo muito pouco norueguês. Muito violento. Foi por isso que chamou a atenção de tanta gente. O Roy Kruppel era um tipo normal, trabalhava numa seguradora, a mulher dele era educadora de infância numa creche ali perto. Tinham dois

filhos, que já viviam sozinhos, uma casa, um carro, um cão – estás a perceber, pessoas normais, com uma vida normal. Até que uma certa noite em, deixa cá ver, em maio, há alguns anos, sim, foi no dia 18, eu lembro-me porque tinha estado a comemorar o Dia da Constituição com...

Munch pigarreou.

– Sim, claro, desculpe.

Riis sorriu timidamente para Mia.

– Pronto, não interessa, nessa noite, entraram-lhe três homens em casa. Sem razão aparente. Talvez tenha sido um assalto que deu para o torto, não sabemos, mas não parece que ele tivesse nada de especialmente valioso em casa, pelo menos segundo os relatórios que eu li. Marido e mulher foram ambos atados e amordaçados, o cão foi drogado, ficaram para lá deitados durante horas e depois os assaltantes começaram a espancá-los. Mais uma vez, não sabemos porquê. Primeiro o cão. Espancaram-no até à morte. Depois a mulher do Kruppel. Lá está, foi uma coisa muito agressiva, muito violenta, parecia tudo absolutamente gratuito...

– Ela ficou inválida depois do ataque – atalhou Munch, com uma certa falta de paciência. – Mas porque é que isto é importante?

– Sim, desculpe. O Roy Kruppel ficou um homem diferente depois do ataque. O que se percebe perfeitamente, quem é que não ficaria? Depois de ser atacado na própria casa? Onde é suposto estarmos seguros? Seja como for, ficou cheio de medo de que lhe pudesse voltar a acontecer uma coisa parecida e desde então que a casa dele é quase uma fortaleza. Tem uma vedação com arame farpado em cima e câmaras por todo o lado...

– Portanto, foi ele que registou o acidente à frente do Burger Bar?

– Sim, mas não foi só isso...

– Porque é que não nos mostras? – perguntou Munch, voltando a tirar um cigarro.

O jovem investigador parecia querer dizer mais qualquer coisa, mas percebeu a dica, voltou-se para o computador e carregou no *play*.

A imagem tinha muito grão. Era a preto e branco. A câmara tinha claramente sido posta de forma a apanhar a entrada da casa, e não o edifício do outro lado da estrada, por isso o que viam passava-se num canto do ecrã, quase fora do enquadramento. Havia um carro claro estacionado atrás do Burger Bar. Riis parou o vídeo e apontou.

– Este é o Volvo dos Lundgren. Até dá mais ou menos para ver o Ruben aqui, no banco de trás.

Carregou outra vez no *play*.

Não se passou nada de especial. Durante alguns segundos. O carro claro estava parado. O rapaz no banco de trás não se mexia.

– Agora vejam.

Completamente do nada. Uma carrinha branca passou de repente por cima da relva e atravessou o parque de estacionamento a grande velocidade, indo espetar-se contra uma das portas traseiras do Volvo.

– Meu Deus!

Mia deu um salto.

– E agora olhem.

Riis apontou para o ecrã e voltou-se, ansioso, para eles.

– Ele nem sequer para.

As rodas da carrinha branca derraparam brevemente no asfalto.

– Parece que está a ter dificuldades com as mudanças.

A carrinha branca bateu mais duas vezes contra a porta atrás da qual estava o rapaz.

– E depois lá encontra a marcha-atrás.

A carrinha arrancou em marcha-atrás e estacou de repente.

– Ele liga-a outra vez.

A carrinha branca derrapou, com as rodas a patinar no asfalto, e depois desapareceu do ecrã.

– Meu Deus – murmurou Munch para si próprio.

– É esquisito, não é? – perguntou Riis, voltando-se para eles. – Vem do nada. Enfia-se direitinha no Volvo. As rodas a patinar numa espécie de pânico e depois pira-se? O tipo nem sequer sai da carrinha para ver se está tudo bem?

– Isto foi investigado?

Riis tirou o bloco de notas do bolso do fato.

– Foi. Falei com um agente do trânsito. Foi comunicado, investigado e arquivado. Não houve mortes, por isso não era prioritário.

– Mas uma criança ficou ferida.

– Pois, foi o que eu lhe disse, mas foi esta a resposta que me deu. Não parecia um tipo muito organizado, mas disse que me mandava o relatório por *e-mail*.

– E só temos isso? – perguntou Munch, acenando com a cabeça na direção do ecrã.

– Não, não – respondeu Riis. – O Kruppel tem o dia todo, até tem a semana toda. Ele mostrou-me o escritório dele. Tem a cave toda equipada. Parece a sede dos serviços secretos, a CIA ia ter inveja.

– Pobre coitado – murmurou Munch, enfiando o cigarro na boca. – Mas do acidente só temos isso?

– Só – respondeu Fredrik, enquanto clicava noutro ficheiro da *pen*. – E depois há isto.

– Isso é o quê?

– É o que se passou depois. A polícia a chegar. Os bombeiros com a tesoura hidráulica que eles usam para desencarcerar as pessoas. O reboque chega bastante depressa. A ambulância também aparece, estranhamente tarde, agora que penso nisso. Tiram o miúdo do carro e põem-no no chão, ainda fica ali um bocado. Uma data de espectadores.

Riis encolheu os ombros.

– O miúdo é posto na ambulância. Vai-se toda a gente embora. O reboque leva o Volvo.

Munch levantou-se.

– Bom trabalho, Fredrik. Excelente.

– Obrigado – soltou o investigador, sorrindo e olhando para Mia, que continuava de olhos fixos no ecrã.

– Uma carrinha branca – disse ela cuidadosamente. – Vocês não tinham relatos de uma carrinha branca perto da cena do crime?

– *Nós* tínhamos, sim – disse Munch, piscando-lhe o olho e tirando o isqueiro do bolso.

– Ah, desculpe. *Nós* não estávamos à procura de uma carrinha destas? Uma Peugeot Boxer branca? Já a encontramos?

– Ainda não.

– Não sei se repararam, mas não tinha matrícula à frente – interpôs Riis.

– Mas atrás tinha, não tinha? – perguntou Mia, aproximando-se mais do ecrã, onde o vídeo estava parado no momento da fuga da carrinha. – Não conseguimos ler a matrícula?

– Infelizmente, não. Mas já enviei as imagens à nossa nova equipa dos computadores. Eles vão tentar aumentá-las. Se tivermos sorte e não ficar tudo demasiado pixelizado, talvez consigamos ler a matrícula.

– Bom trabalho, Fredrik – disse Munch outra vez.

O telefone dele começou a tocar e o inspetor saiu para o corredor para o atender.

– Estou?

– É a Anette. Com grande pena minha, parece que estivemos a perder tempo.

– O Pettersen?

– Sim. O álibi dele aguenta-se.

– Porra! Pronto, muito bem. Estás a vir para aqui?

– Sim, já estou a caminho.

– Ótimo. Escuta, quantos agentes é que temos aí?

– Em Finstad?

– Sim. A bater às portas.

– Não sei bem, cerca de 30. Porquê?

Munch entalou o telemóvel entre o queixo e o ombro e entrou no gabinete de Mia.

– Podes mandar dez ou 12 para a floresta?

– Posso. Por alguma razão em particular?

– A Mia acha que ele é capaz de nos ter estado a observar. Tenho aqui uma localização para te dar. Tens uma caneta?

– Tenho.

– Muito bem, explica-lhes que é para aqui que têm de ir – disse Munch, começando a ler em voz alta as coordenadas do grande mapa que o membro mais recente da equipa tinha encontrado e pendurado na parede.

Capítulo 18

Lydia Clemens avançava silenciosamente pelo meio do bosque. Já há algum tempo que fazia aquela brincadeira, fingia ser um tigre que se esgueirava silenciosamente pelo chão da floresta sem que ninguém o visse. A rapariga de 12 anos tinha-se tornado especialista naquilo, como acontecia com quase todas as coisas a que se dedicava. Com o arco, por exemplo, não tinha demorado muito a ficar ainda melhor do que o avô. Meu Deus!, exclamou ele uma vez, depois de ela atirar três flechas de seguida mesmo para o meio do alvo que tinham montado no prado atrás de casa. Hoje em dia, acertava no que quisesse. Com flechas feitas por ela. Com penas que ela é que arranjava. O avô fazia as pontas afiadas na forja, tal como tinha feito a faca que lhe tinha dado nos anos. Nunca se ia esquecer da cara dele quando viu como a tinha deixado feliz. O avô nunca chorava, mas tinha-lhe escorrido uma lágrima pela cara abaixo, à frente da lareira, na casinha deles. É incrível!, tinha atirado Lydia, e corrido a abraçar o avô. A sério? Gostas mesmo? Estás contente? Adoro! E era verdade. Porque ela tinha usado a faca velha para desmanchar renas e para amanharr peixe e cortar erva para as cabras e para limpar peles de raposa e fazer bonecas de madeira, tinha-a usado para tudo e mais alguma coisa, mas realmente já estava em muito mau estado. Por fim, tinha-se queixado da faca ao avô, junto da pedra de amolar. Olhe para a minha faca. Já quase que não sobra nada. Tinha ficado um bocadinho zangada quando ele lhe respondeu: Oh, isso ainda te vai durar muito tempo. E depois, afinal de contas, tinha-lhe feito uma nova, o que explicava tantas idas misteriosas à forja. Vou só ali à forja, Lydia. Ficas aí a fazer os trabalhos de casa.

Os trabalhos de casa, sempre os trabalhos de casa. Às vezes, era de mais, mas Lydia sabia que era importante e por isso aguentava-se. Apesar de nem sempre serem divertidos. Porque depois do *tempo longo* viria o *verão eterno* e a Terra ia precisar de pessoas como ela. Que sabiam muitas coisas. Para que a civilização não tivesse de recomeçar do zero. Iam precisar de pessoas espertas que tivessem lido muito e soubessem coisas. História. Ciências Naturais. Matemática. Química. Mas também pessoas com capacidades práticas, como construir abrigos e fazer as próprias velas. E caçar, claro, que era a tarefa mais

importante para que usava a faca e o arco, arranjar comida, e não era só durante o *tempo longo*, também ia ser depois, quando aquilo tudo terminasse. Porque ia ser preciso tempo para reconstruir a sociedade, talvez vários séculos, por causa de tudo o que os maus tinham destruído. Portanto, apesar de odiar matar animais, sabia que tinha de ser.

Lydia tinha inventado um pequeno poema que recitava sempre para si própria antes de matar um animal, só para mostrar ao mundo que a rodeava, aos espíritos das árvores e a todos os que a observavam das estrelas que respeitava a vida que estava prestes a tirar. *Peço desculpa, minha beldade. Com o olho junto à corda tensa do arco. Eu amo-te. Espero que haja um céu para – aqui inseria o nome do animal, as lebres, por exemplo – e que, quando fores para lá, sejas feliz para sempre.* Nesta altura, teria preferido fechar os olhos, mas não podia. Tinha de acompanhar a flecha até ao alvo. Era esse o segredo do tiro com arco. Decidir com a cabeça onde é que a flecha ia acertar e depois *visualizá-la* enquanto voava até lá.

Os 20 rios mais compridos da China: Chang Jiang, Huang He, Amur, rio das Pérolas, Mekong, Tarim, Argun, Han Shui, Wujiang, Selenga, Nen, Liao He, Hai He, Yalong, Kherlen, Orkhon, Yarlung Zangpo, Dadu He, Jialing, Huai.

Os 20 primeiros elementos da tabela periódica: 1 hidrogénio. 2 hélio. 3 lítio. 4 berílio. 5 boro. 6 carbono. 7 nitrogénio. 8 oxigénio. 9 flúor. 10 néon. 11 sódio. 12 magnésio. 13 alumínio. 14 silício. 15 fósforo. 16 enxofre. 17 cloro. 18 árgon. 19 potássio. 20 cálcio.

A Revolução Russa de 1917: os grandes latifundiários e os proprietários das fábricas detinham a riqueza toda na Rússia, enquanto o povo passava fome e vivia na miséria. Os ricos recusavam-se a dividir a riqueza e o povo revoltou-se. Conduzido por Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido por Lenine, o povo tomou o poder para que toda a gente pudesse ter comida e um trabalho decente sem ter de implorar aos capitalistas.

Uma receita para sabão caseiro: 150 gramas de gordura animal, 360 gramas de óleo de colza, 150 gramas de água fria, 71 gramas de barrela, se houver.

Esta última tinha saído num teste prático. A história da revolução na Rússia tinha saído num teste escrito e Lydia tivera alguma dificuldade, porque achava que era muito mais fácil falar sobre o assunto do que escrever, mas mesmo assim tinha conseguido safar-se. O avô tinha ficado muito contente, até tinha dito que iam usar algum do açúcar que lhes restava para fazer um bolo, e assim ela não tinha ficado tão chateada com aquelas palavras estúpidas, sempre a saltar de um lado para o outro, sem nunca ficarem pela ordem certa no papel.

Muito silenciosa, ia avançando, ágil como um tigre, à medida que se aproximava da pequena casa do outro lado da charneca. Agachou-se cuidadosamente no meio da urze, atrás de um velho pinheiro, e tirou os binóculos. Parecia tudo muito parado. Não saía fumo da chaminé, como da

última vez. O que na verdade fora um desperdício parvo, não estava frio suficiente na rua para ser preciso acender o lume, mas ainda assim o homem que ali vivia tivera o lume aceso da última vez. Entalou os pequenos binóculos no cinto de couro e avançou cuidadosamente por entre os fogos-fátuos amarelos. Adorava o cheiro do brejo. Era quase mágico, como se as rachas húmidas no solo contivessem metal ferrugento. Tinha de ter atenção, claro, e de poisar sempre os pés em cima da turfa sólida, sem se deixar tentar pelas poças enlameadas, onde podia cair e desaparecer para sempre. É claro que isso não era um problema para ela. Conhecia a paisagem de trás para a frente e tinha travado amizade com todas aquelas plantas. A casa era velha. Castanha. Não era muito bonita. A tinta estava a cair em vários sítios. Havia um celeiro cinzento, por pintar, do outro lado do pequeno pátio. Não havia jardim. Nem legumes, nem flores nem nada. O homem que ali vivia não tomava conta das coisas. Não se respeitava a si próprio nem às suas coisas, como o avô dela diria. Havia uma moto-quatro estacionada na estrada junto à casa, mas estava tudo no mais completo silêncio. Lydia deitou-se de barriga no chão e foi a rastejar até à parede, onde se agachou, enquanto sentia o coração a bater por debaixo do casaco de pele. Já sabia, já tinha percebido quando ainda ia a meio da charneca que a televisão não estava ligada, porque da última vez vira uma luz e ouvira sons que atravessavam as paredes, mas ainda assim levantou a cabeça e espreitou lá para dentro. Era o que tinha achado. O ecrã estava preto e sem quaisquer sinais de vida. *Bolas*. Tinha andado a sonhar com aquilo. Suspirou, desiludida, e deixou-se enterrar na erva castanha, encostada à parede. O sol já estava quase a tocar nas copas das árvores, que projetavam longas sombras sobre a paisagem ocre, pelo que se calhar mais valia assim. Eram horas de voltar para casa. Ouvir as notícias no rádio do avô enquanto lavava os dentes. Encostar a cabeça na almofada e sentir o edredão cómodo e quente.

Lydia tinha acabado de se levantar quando ouviu uma espécie de gemido estranho. E um chocalhar. Umas pancadas. Deu a volta à casa devagarinho. Tudo em silêncio.

Teria...

Não, lá estava o barulho outra vez.

Atravessou velozmente o pátio.

Os sapatos de pele praticamente não faziam barulho na gravilha e, de repente, estava a olhar para ele.

Um texugo.

Numa jaula.

Preso.

Dois olhinhos mínimos e um pequeno focinho a tentar empurrar a porta de rede.

Mas que...

Lydia ficou furiosa.

Animais?

Em jaulas?

Não, aquilo era imperdoável.

Enviou um pensamento de ódio ao homem que vivia naquela casa podre e abriu o fecho da jaula onde o bicho estava aprisionado.

Uns farejos cuidadosos.

Depois saiu cá para fora.

O texugo olhou para ela agradecido antes de correr de volta para a liberdade.

O quê?

Enjaular assim um animal?

Não, aquilo deixava-a fora de si.

Lydia lançou um olhar furioso à porta da frente e cuspiu desdenhosamente na gravilha antes de se voltar a baixar.

Depois voltou para casa pelo meio da charneca húmida.

Capítulo 19

Fredrik Riis entrou em casa depois de um longo dia de trabalho. Tinha de ver como é que estava o pássaro. Não que tivesse explicado isso aos outros, claro. Já bastava que o vissem como o betinho que andava sempre de fato, não lhe apetecia que também lhe comesçassem a chamar columbófilo. Descalçou os sapatos italianos, levou a pasta para a cozinha e deu de caras com a pequena catatua, poisada no exaustor, por cima do fogão, a olhar para ele com uma expressão triste. Sorriu e estendeu a mão ao pássaro. Com uma certa relutância, como acontecia sempre que tinha estado fora durante algum tempo, a catatua lá lhe subiu para os dedos, pelo braço acima e ao longo do ombro, até ficar encostada à cara dele, que era o seu lugar preferido. Sjöberg. Uma catatua branca e cinzenta, com a cabeça amarela e faces cor de laranja. Tinha-lhe dado o nome de um atleta sueco do salto em altura, Patrick Sjöberg, que tinha batido o recorde mundial em 1987, em Estocolmo, com uns impressionantes 2,42 metros. Pôs-se a conversar com o pássaro enquanto ia ao tabuleiro da comida, para a catatua o ver a mudar a água e a alpista e a pôr um petisco adicional dentro da bolinha que estava presa ao pequeno sino. Tinha lido que era importante interagir o mais possível com o pássaro. A catatua cinzenta enfolou as penas e emitiu um pequeno som de satisfação. Fredrik foi buscar o *sushi* que tinha apanhado a caminho de casa e ficaram os dois num silêncio cúmplice durante algum tempo, a jantar juntos na cozinha. Tinha acabado de sair do duche quando o telemóvel tocou. Não reconhecia o número. Atendeu a chamada no quarto.

– Estou, fala Fredrik Riis.

– Estou, olá, Fredrik. Fala Silje Simonsen.

Puxou pela cabeça cansada até a conseguir identificar. A professora loira.

– Ah, olá. Como está?

– Oh, estou ótima.

Parecia estar a sorrir.

– Desculpe ligar-lhe tão tarde, mas foi um longo dia. A minha filha ficou zangada comigo porque a fui buscar tarde à creche e recusou-se a adormecer.

– Não faz mal nenhum – disse Fredrik.
– Era por causa do gesso – prosseguiu a professora. – Era um W, não era?

– Exatamente. O que é que descobriu?

– Não descobri ninguém. Há um rapaz chamado Walter, da esgrima, mas ele já tinha assinado, por isso se calhar a vossa suspeita está certa.

– Ligou a um rapaz que não é seu aluno?

– Sim, não era suposto?

– Não, não, tudo bem – respondeu Fredrik, sorrindo. – Foi impecável, mas não precisava de ter tido tanto trabalho.

Foi à cozinha, tirou uma garrafa de água do frigorífico e levou-a para a sala.

– Eu queria ajudar – disse ela num tom amigável. – É divertido, não é? Brincar aos detetives. Não é todos os dias que tenho essa oportunidade. O meu trabalho não é tão entusiasmante como o seu.

– Oh, não sei – retorquiu Riis, deixando-se cair no sofá.

– Enfim, estava a ligar só para lhe dizer isso.

– Claro, ótimo. Muito obrigado pela sua ajuda. Tem o meu número, por isso se houver mais alguma coisa...

– Sim...

Silje hesitou.

– Há mais alguma coisa?

A professora ficou em silêncio durante uns segundos.

– Oh, não sei bem.

– Então?

– É só que... tenho uns rapazes na minha turma que, bem, como é que hei de dizer, que começaram a comportar-se de maneira diferente.

– Estou a ver. Como?

– Bom, é um bocadinho difícil de explicar. Pode ter só que ver com esta situação toda. Que os tenha afetado, mas não sei bem. Normalmente, são muito abertos, mas, nos últimos tempos, andam a evitar-me. Não sei se isto faz sentido?

– Faz, claro que faz – respondeu Fredrik, levantando-se para ir para o quarto.

– E hoje, quando eu estava a vigiar o recreio, virei uma esquina e, quando me viram, calaram-se. Tinham quase uma expressão de culpa, está a ver?

– Estou – respondeu Fredrik. – Se calhar, era melhor fazer outra visita à escola, não?

– Sim, se calhar.

– Precisamos de autorização dos pais para interrogar menores, mas podíamos só conversar com eles e ver no que é que dava?

– Ótimo – disse a professora num tom terno. – Eu gostava.

– Então está combinado. Eu ligo-lhe amanhã.

- Perfeito. E desculpe ter-lhe ligado tão tarde.
- Não fez mal nenhum, ainda estava mais do que acordado.
- Ótimo. Boa noite.
- Boa noite – respondeu Fredrik Riis e pôs o telemóvel na mesinha-

de-cabeceira.

Boa noite?

Talvez um nadinha íntimo de mais.

Não, estava demasiado cansado para pensar nisso agora.

Tinha de dormir.

Tinha acabado de voltar da casa de banho, de pôr uma manta em cima da gaiola de Sjöberg para ter uma noite descansada e de se enfiar debaixo do edredão quente, quando o telemóvel, que estava debaixo do candeeiro, vibrou de repente.

Podemos encontrar-nos em breve?

Suspirou e respondeu relutantemente.

Não, é má ideia.

Passaram uns segundos e chegou outra mensagem.

Só um encontro rápido. Por favor?

Pensou naquilo um instante, sentiu-se quase enjoado, mas já tinha tomado a decisão.

Não, não podemos.

Uma mensagem logo de seguida.

Porquê?

Endireitou-se na cama por um momento e enfiou a cara nas mãos. Como é que se tinha metido numa coisa daquelas? Não, era...

Mordeu o lábio e escreveu a resposta o mais depressa que conseguiu.

Porque és casada.

Com um colega meu.

TRÊS

Capítulo 20

Susanne Hval Pedersen espreitou nervosamente por detrás das cortinas do número 13 da Timoteiveien, enquanto pensava que gostava de se lembrar de onde é que tinha deixado os comprimidos. Sabia que os tinha posto num sítio qualquer fora do normal porque não precisava realmente deles. O médico tinha-lhe dado uma receita há umas semanas. Valium? Ela? Era ridículo. Não era de todo do género de precisar de ajudas artificiais para dormir. Mas o médico insistira. Para conseguir relaxar um bocadinho depois de tudo o que tinha acontecido. O marido que perdera o emprego. Que andava com um comportamento estranho. Era tão esquisito. Quase não o reconhecia. Saía à noite. E depois, quando acordava, saía outra vez, sem lhe dizer nada. Sem lhe dizer onde tinha andado. Nem onde ia. Onde é que eu pus os comprimidos? No armário da casa de banho, com certeza? Na caixa de primeiros-socorros? Não, aí já viste. Três vezes. A única coisa que havia era paracetamol e a bomba da asma de Nora.

Susanne espreitou outra vez da janela da cozinha, mas encolheu-se ao ver que um carro desconhecido passava lentamente à frente da casa. E agora isto? Como se já não bastasse? Ruben? Ali da rua? Filho de Vibeke e de Jan-Otto? Assassinado? Num campo ali perto? Deus do céu. Era de uma violência. Não fazia sentido. Não podia ser verdade, mas não se falava noutra coisa no país inteiro. Na rádio, quando se levantava para fazer o pequeno-almoço. No jornal da região que tinha à entrada de casa quando abria a porta para o gato sair. Em todas as rádios, quando ia deixar Nora à escola, e depois, quando ia para Lillestrøm abrir a loja. Nas televisões que ocupavam a montra da Elkjøp, a loja ao lado. Que normalmente passavam programas adoráveis da vida selvagem, ou telediscos coloridos, mas agora, não. Boletins de notícias de última hora. O dia inteiro. Na NRK e na TV2. Repórteres conhecidos com expressões graves por detrás do microfone. Cronómetros a aparecer no ecrã. NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA: POLÍCIA DIVULGA NOMES DOS DOIS RAPAZES ASSASSINADOS. Parecia que não dava para fugir àquilo. Caras familiares, pessoas importantes. Agentes da polícia com uniformes justinhos. O ministro da Justiça. Era ele, não era? Aquele que tinha uma certa cara de

rato? Na loja da esquina, no intervalo do almoço, quando foi comprar cigarros. Montes de jornais sensacionalistas. Com títulos estridentes. NÃO HÁ SUSPEITOS. NORUEGA DE LUTO. Como se estivessem em guerra. Como se tivesse sido todo o país a perder aqueles dois miúdos. As pessoas à frente dela, na fila do supermercado. A sussurrar, a trocar boatos. *Sabias que a mãe de um deles tinha ido para Espanha? Deixou o miúdo sozinho em casa. Sim, é o que eles dizem. Hã? Parece que os vizinhos, só que eles não sabiam quando é que era suposto ficarem a tomar conta dele. Já te tinha passado pela cabeça que há pessoas assim? Pois, nas casas da câmara, claro. Hã? Não, não faço ideia de quem seja. Mas conhecemos o Ruben. Ah, não sabias? Estava no mesmo ano que a minha Anita. Até veio lá a casa uma vez. Um miúdo bonito. Sardas. Loiro. Parecia um anjinho.*

Susanne Hval Pedersen fechou as cortinas e olhou para o relógio que tinha por cima do balcão da cozinha. Eram nove e um quarto. Tinha acabado de deitar Nora. Sozinha. Outra vez. Apesar de a pobre criança se ter fartado de perguntar por ele, coitadinha. *Onde é que está o papá? Quero que o papá me leia uma história.* A Lagartinha Muito Comilona. *Não, mamã, não quero que sejas tu, quero o meu papá.* Tinha ficado a cantar muito mais tempo do que o normal até a criança adormecer. Tinha desistido de lhe ligar para o telemóvel, como ele também não atendia. A última vez que o tinha visto fora... bem, quando é que tinha sido? Na noite anterior? No domingo de manhã? Não, não o tinha visto, só ouvira a porta da entrada a abrir-se. Tinha ficado acordada debaixo das mantas, na esperança de que ele fosse para o quarto, se deitasse na cama e a abraçasse como costumava fazer, e que aquilo tudo acabasse. O que quer que fosse. Mas ele não tinha ido para o quarto deles, ela tinha ouvido os passos pesados nas escadas que davam para o quarto das visitas. E depois os passos a descer as escadas, muito antes da hora a que costumava levantar-se, mas ainda estava acordada. A porta sólida a fechar-se. O carro a arrancar e a ir-se embora.

Onde é que teria enfiado os comprimidos?

Desceu à cave e entrou na oficina. Não era uma parte da casa onde fosse muitas vezes e demorou uma data de tempo a encontrar o interruptor. Era o território dele, onde guardava as ferramentas. Uma pequena aparelhagem a um canto. Discos de quando era miúdo, as coisas do quarto de adolescente, os cartazes que ela não o deixava ter na sala. Led Zeppelin. Rolling Stones. Jimi Hendrix. Thin Lizzy. Música que ela odiava. Não, não odiava, não era a palavra certa, mas o *rock* era música de pobres, não estava habituada a ouvir aquilo, pelo menos na casa da família dela, que desprezava aquela música, e ela chegara a adulta com a mesma opinião. Música clássica. Isso é que interessava. O piano de cauda na sala onde se juntavam todos enquanto a avó tocava. Uma árvore de Natal enorme. Vestidos bonitos. Uma classe média confortável. Como no filme, *Fanny e Alexander*. Em que as crianças eram vistas, mas não se ouviam. Mas ela não se importara. Tinha adorado a infância. Tinha tocado violoncelo. Não profissionalmente, claro, mas era

razoavelmente boa. Fora escolhida várias vezes para tocar no concerto anual de verão do Barratt Due. E depois tinha-o conhecido. Um homem que não sabia que garfo devia usar. Que se vestia como se tivesse apanhado a primeira coisa que tinha visto na H&M. Ter-se-iam afastado? Seria esse o problema? Tinha-se tornado tudo aborrecido. Rotineiro. Primeiro, o filho, que já tinha 23 anos, tinha ido para Bergen estudar Medicina. Susanne tinha ficado muito orgulhosa quando ele lhes disse. Que tinha conseguido entrar. Não era Oslo, mas Bergen era uma ótima segunda escolha, não era? Quantos candidatos é que tinha havido? E para quantas vagas? Durante um ano inteiro, o filho tinha feito todos os dias a viagem até à escola privada em Bjørknes para repetir as disciplinas em que ainda não tivera as notas de que precisava. Médico. Quem diria? A mãe dela tinha ficado tão contente, não se lembrava de alguma vez a ter visto sorrir daquela maneira. E depois a pequenina, a maravilhosa Nora, tinha aparecido quando nem sequer estavam a tentar. O sexo já não acontecia regularmente no quarto azul, o que era perfeitamente normal para um casal da idade deles, pelo que lhe diziam as amigas, mas depois, um certo dia. Grávida? Incrível. Ia ter o bebé? O quê? É claro que ia ter o bebé, de que é que estavam a falar? Na altura, só tinha 39 anos. Não era velha. A diabetes? O que é que isso tinha que ver com o assunto? Tinha ficado indignada, até mudara de médico de família. E agora Nora estava a dormir na caminha dela. *Onde é que está o meu papá? Quero o meu papá!*

Susanne suspirou e estacou no meio da oficina. Não sabia o que é que estava a fazer ali em baixo. Afinal de contas, de certeza que não tinha escondido os comprimidos ali. Há três anos que não ia lá abaixo. Wenche, uma amiga que vivia na Kløverveien, tinha-lhe contado que outra mulher, cujo nome se recusava a mencionar, tinha encontrado um quarto secreto na cave, atrás do ginásio do marido. Susanne não acreditara na história, tinha de ser inventada, mas a amiga tinha insistido que era verdade. Um armário. Com um interruptor escondido, como se via nos filmes. E lá dentro – não, era revoltante de mais –, equipamento para, como é que se dizia, S&M, seria isso? Máscaras e correntes e chicotes e fatos de cabedal, dildos enormes, Wenche não a tinha poupado aos pormenores, mas Susanne tinha tapado os ouvidos e pensado noutra coisa. Aqui? Neste bairro? Onde as ruas tinham todas nomes de flores? Onde toda a gente se conhecia? Não, recusava-se a acreditar naquilo. Mas agora? Depois de tudo o que tinha acontecido, já não sabia o que pensar.

Susanne estava prestes a apagar a luz quando reparou numa coisa. Um monte de roupa no canto da oficina. Aquilo não era a camisa dele? Aproximou-se devagarinho. E as calças? As calças de fato de treino velhas que ele não a deixava deitar fora? Apanhou-as do chão e olhou para elas com curiosidade. O que é que estavam a fazer ali? Ele costumava deixar sempre a roupa suja na casa dos engomados, como ela lhe pedira, para saber onde estavam as coisas. Não se importava de ser ela a tratar da roupa suja, mas tinha lá o sistema dela, e ele sabia, não sabia? Era só não deixar a roupa

espalhada pela casa toda, ela tinha deixado isso bem claro, não tinha?

Irritada, pegou na camisa que estava no chão e foi aí que reparou.

Nas nódoas.

Cor de ferrugem.

Secas.

Mas que porcaria era aquela?

Estavam por toda a roupa.

Valha-me Deus, o que é que andaste a fazer, Gunnar?

Não, isto não pode ser.

Temos de ter uma conversa.

Decidiu-se ali mesmo.

Não ia esperar por ele na cama.

Ia esperar numa cadeira.

Junto à porta.

E ia lá ficar até que ele aparecesse.

Nem mais.

Era assim que ia ser.

Levou a roupa dele para a casa dos engomados e pô-la no programa quente.

Depois fez um café bem forte.

Capítulo 21

O Instituto Norueguês para o Estudo da Natureza ficava num edifício com uma fachada de tijolo vermelho, ao pé do Estádio de Ullevaal, e Mia Krüger não conseguiu deixar de pensar no pai, na conversa telefónica da noite anterior, e em como tinha sido horrível mentir-lhe apesar de, em última análise, não ter tido escolha. Tinha sido só uma mentira pequenina, mas ainda assim uma mentira. Ullevaal era igual a futebol e à seleção norueguesa. Mia não podia estar menos interessada, mas adorava o pai e tinha ido ao jogo com ele porque ele a tinha convidado. A ela e não a Sigrid. Tinha-a convidado a ela e era disso que principalmente se lembrava da única vez que tinha ido ao Estádio de Ullevaal. Do companheirismo. O pai e ela. Por uma vez na vida, a Noruega tinha-se safado bem. A seleção talvez se qualificasse para o Mundial pela primeira vez desde, seria desde 1938? Era qualquer coisa do género. Pelo menos, de certeza que tinha sido há montes de tempo. Depois tinha sido um treinador novo a mudar as coisas. Até Mia já tinha ouvido falar no homem a quem chamavam Drillo. Um excêntrico de esquerda que andava de botas de borracha, um croqui em Geografia que descrevia todos os tipos de música como barulho e que tinha inventado uma nova abordagem ao futebol, de que o resto do mundo fazia troça, mas que parecia dar resultado. Mia não tinha prestado muita atenção ao que se passava no campo, mas lembrava-se de como tinha gostado de estar muito encostada ao pai, os dois rodeados de bandeiras, capacetes *vikings* de plástico e pessoas com a cara pintada. A Noruega contra a Inglaterra. O irmão mais novo contra o irmão mais velho, não, não era bem isso. Era mais do género, um zé-ninguém contra o país onde o futebol tinha sido inventado. Mas, para surpresa de todos, tinham ganho o jogo. A pequena Noruega tinha derrotado a Inglaterra por 2-0. Tinha 14 anos na altura e ficou tão feliz. Porque toda a gente tinha ficado feliz. Trinta mil pessoas felizes todas juntas. Nunca tinha visto o pai como ele ia dentro do carro, enquanto voltavam para casa. A cantar de janelas abertas, como todo o país fez durante os dias que se seguiram.

Por favor, fala com a Sigrid. Diz-lhe que a mãe não queria ter dito aquilo. Que temos saudades dela, os dois.

A voz bonita do pai ao telefone, ela teve de morder o lábio para não dizer nada.

A discussão que a mãe e a irmã tinham tido era, de certa forma, conveniente, porque lhe dava mais tempo. Para encontrar a irmã, para corrigir as coisas. Antes que o pai descobrisse o que Sigrid andava a fazer. Ia morrer de tristeza, Mia estava certa de que ele não aguentaria.

A mãe, severa e ríspida como sempre: *Enquanto andares com esse bandalho não te quero ver cá em casa, percebeste?*

A mãe dizia coisas daquelas e depois arrependia-se, mas mesmo assim não voltava atrás. Não, se a mãe tinha dito que Sigrid não podia voltar enquanto andasse com Markus Skog, era assim que ia ser. E agora o pai, o diplomata que tentava sempre mediar as negociações, achava que Sigrid estava só a ser tão teimosa como a mãe.

Mas ela não atende o telefone? Nem quando sou eu a ligar. Que mal é que eu lhe fiz? Tenho saudades das minhas filhas! Não lhe podes dizer para voltar para casa? Por favor?

Mia não tinha planeado dar-lhe logo as novidades. Ia esperar pela próxima vez que fosse lá a casa, mas tinha-lhe saído, principalmente para tentar mudar de assunto.

Arranjei um emprego, pai.

O quê? Mas tu não estás ainda na academia?

Todo orgulhoso.

Era típico daquele pai maravilhoso que ela tinha.

Conseguia ouvir a emoção na voz dele, não parava de a elogiar.

Mas temos de comemorar isso!

Tu vens no sábado, não vens?

Sábado.

A avó fazia 80 anos.

Ainda não tinha perguntado a Munch se podia tirar o dia, não sabia bem como fazê-lo. Parecia que toda a gente na equipa trabalhava pelo menos 24 horas por dia e sete dias por semana, mas mesmo assim tinha prometido ao pai que ia.

A diretora do departamento de investigação do Instituto Norueguês para o Estudo da Natureza, Nina Dobrov, era uma mulher de 40 e poucos anos e exatamente como Mia a tinha imaginado. Óculos com armações metálicas e cabelo loiro-escuro pelos ombros. Umas calças sem cor debaixo de um pulôver igualmente sem cor. Uma cara sem sinais de maquilhagem e uns olhos inquietos, sempre a distraírem-se com outras coisas enquanto conversavam. Se havia uma pessoa que encarnava o estereótipo do cientista maluco, era aquela senhora. Era distraída, não se preocupava minimamente com a aparência física, tinha o escritório numa bagunça total e falava calorosa e apaixonadamente do trabalho que fazia.

Fez uma visita guiada a Mia, enquanto explicava coisas e fazia gestos entusiasmados.

– O Instituto Norueguês para o Estudo da Natureza também é conhecido por NINA, como eu, é engraçado, não é? Sou diretora do NINA e chamo-me Nina.[1]

A senhora tinha uma coisa branca na bochecha que talvez fosse iogurte, mas Mia não teve coragem de lhe dizer. Limitou-se a anuir educadamente com a cabeça enquanto seguiam pelos corredores estreitos e entravam e saíam de uma série de gabinetes, quase todos vazios.

– Bem, diretora do NINA não é bem verdade, porque a nossa sede é em Trondheim, mas mesmo assim temos aqui muita gente. Acho que somos 32, incluindo os alunos. As nossas áreas de investigação são a ecologia e a diversidade em zonas florestais, montanhas, pântanos, o repovoamento, tudo e mais alguma coisa. Aqui o Daniel, bem, por acaso agora não está cá, trabalha em taxonomia entomológica. Depois há a Vibeke, que trabalha na monitorização de espécies terrestres. O Arnt, bem, como pode ver, a maior parte dos nossos cientistas trabalham no terreno, nas florestas e no campo; bem vistas as coisas, é lá que eles têm de estar, não é nestes gabinetes minúsculos. Esta é especialista na monitorização de insetos, a Berit, que *normalmente* está sentada naquele posto, e está a trabalhar num projeto muito interessante sobre a saúde das pardelhas-dos-alpes e das trutas pequenas em lagos com níveis elevados de enxofre. O NINA foi criado pelo parlamento norueguês em 1988, depois de um processo incrivelmente demorado. Teve que ver com separar a investigação dos processos administrativos. Tirar finalmente os cientistas do Ministério do Ambiente. É quase como a separação entre a Igreja e o Estado, está a ver? A investigação que fazemos não pode ser ditada pelo ministério. Tem de ser livre. Pense, por exemplo, no salmão de aquacultura... é extremamente importante para a economia norueguesa, não é? Mas é bom? Para o ambiente? Para as pessoas? Não podemos guiar-nos pela agenda do governo, não é? Um governo a que só interessam considerações financeiras? Não, nós...

Era sem dúvida tudo muito interessante, mas Mia teve de a interromper. Parecia que, com o entusiasmo, a diretora do departamento de investigação se tinha esquecido da razão pela qual ela lá estava.

– A propósito da raposa... – disse Mia, tocando ao de leve na mala.

– Ah, claro, tem razão. Desculpe – disse Dobrov, limpando finalmente o iogurte da bochecha. – O Lars devia cá estar, ele é que é o especialista, mas teve de ir a Lillehammer. Como vê, estamos espalhados pelos quatro cantos do mundo. A Universidade de Lillehammer é responsável pela maior parte da identificação animal na zona leste da Noruega. Por outro lado, a gestão é principalmente feita aqui, e afinal de contas sempre sou a chefe, por isso devo saber qualquer coisa.

Sorriu e fez Mia entrar numa pequena sala de reuniões.

– Disse que tinha fotografias, não disse?

Mia sentou-se e tirou-as da mala.

– É por causa desta raposa-vermelha – disse, fazendo uma fotografia

deslizar por sobre o tampo da mesa. – Como vê, tem umas marcas na orelha, e eu estava a pensar se...

– Hum... sim, exatamente, exatamente. O Wilfred, ele devia cá estar, está a ver?

A senhora voltou a sorrir-lhe.

– Ai sim? E...

Um homem com uma camisa de lenhador e o cabelo muito desgrehado espreitou para dentro da sala.

– Não era suposto termos uma reunião hoje?

– Não, ficou para a semana que vem. O Ottar teve de ir a Vadsø.

– A Vadsø? Mas eu vim de propósito.

– Não te avisaram?

Dobrov sorriu.

– Não. É o costume. Porque é que nunca são capazes de... – murmurou o homem para consigo, enquanto abanava a cabeça, desalentado, e se ia embora.

– Onde é que nós estávamos?

– Tinha falado num Wilfred?

– O Wilfred, claro – disse Dobrov e sorriu. – É um dos nossos brilhantes alunos de doutoramento. Gosta muito de raposas. Eu queria oferecer-lhe um emprego, mas infelizmente o amor interveio. Agora vive na Austrália. Enfim, acontece.

– Muito bem, mas acha que...

Mia voltou a poisar o dedo sobre a fotografia, agora um pouco mais firmemente.

– Realmente, parece que teve aqui um brinco – concordou Dobrov, semicerrando os olhos atrás das lentes grossas. – Mas não deixo de achar estranho.

– Porquê?

– Porque já mais ou menos acabámos com isto.

– Acabaram com o quê?

– Com este tipo de identificação passiva. Pelo menos, nas raposas-vermelhas. Arranjámos transmissores novos no outono. Quer dizer...

Fez um gesto na direção do pescoço.

– Coleiras. Com transmissores GPS. São melhores para o animal e para nós. Agora conseguimos segui-las por onde quer que andem. Sempre. Conseguimos ver no computador onde é que elas estão em qualquer momento. É impressionante, não é? Esta tecnologia nova.

– Falou em identificação passiva, o que é isso?

– Há várias maneiras de identificar os animais – começou a explicar Dobrov, retomando o tom professoral. – Anilhas, por exemplo, como as que usamos nos pássaros. Antigamente, às vezes usávamos pequenos rádios, que eram implantados na barriga do animal, dá para acreditar? Chegámos a encontrar dois ursos-pardos que morreram por causa dos aparelhos, que

reagiram à humidade e enferrujaram e entraram em curto-circuito por causa das pilhas. Trágico. Por isso já não fazemos coisas dessas. A ideia era que...

– Então isso é passivo? – perguntou Mia, pigarreando ligeiramente. – Como na fotografia? Quer dizer que não sabe por onde é que esta raposa andou?

– Sim. Para isso precisávamos de uma coleira. Infelizmente.

– E é isso que hoje em dia usam nas raposas-vermelhas?

– Sim, começámos há um ano. Realmente é curioso...

– Então está a dizer que esta raposa foi identificada antes disso. Há mais de um ano?

– Sim, era o que eu diria, não?

– E trata-se de uma identificação passiva?

– Sim.

– O que significa que não temos forma de saber onde é que ela esteve, é isso?

– Se fomos nós a marcá-la, teria sido sempre na zona leste do país. Mas se não fomos, então pode ter vindo de qualquer parte. Até da Suécia, por exemplo. Trabalhamos muito com eles.

– Muito bem, muito obrigada pela sua ajuda – disse Mia, tentando disfarçar a desilusão, enquanto voltava a enfiar as fotografias na mala.

Tinha acabado de sair do edifício quando o telemóvel tocou. No ecrã, um número desconhecido.

– Estou, fala Mia Krüger.

– Estou?

Uma voz familiar que a fez sorrir.

– Vovozinha?

– Estou? Mia? Estou?

– Vovozinha, estou a ouvi-la.

– Estou?

Ouviu uns murmúrios do outro lado e a chamada desligou-se de repente.

Mia sorriu quando o telemóvel voltou a tocar.

– Estou?

– Olá, Vovozinha.

– Ah, já te oiço! Devo ter carregado na tecla errada. Porque é que estas teclas têm de ser tão pequenas? O que é que isso adianta?

– Não me diga que arranjou um telemóvel?

– Sim, como é que sabias? – perguntou a voz terna e orgulhosa. – É encarnado e vive no bolso da saia.

– Muito bem, Vovozinha. E como é que está?

– Eu? Oh, não vamos perder tempo comigo. Ouvi dizer que tens um emprego novo? Muitos parabéns.

– Obrigada, Vovozinha. Espero conseguir ir aí no sábado.

– O quê? Sábado?

– Os seus anos?

A velha senhora bufou do outro lado da linha.

- Não, obrigada, não quero cá festa nenhuma.
- Não quer? Porquê?
- Em vez disso, quero dar-te eu um presente.
- O quê?
- Já há uns tempos que ando a pensar nisso e parece-me que chegou a altura. Amanhã estou em Oslo. Podes vir ter comigo?
- Porquê?
- Para te dar o teu presente. Vens ter comigo ao meio-dia?
- Não sei se consigo.

A senhora deixou de se ouvir por um instante, mas depois voltou a aparecer.

- Podes, Mia? Atrás do Palácio Real? Ao meio-dia?
- Vou tentar.
- O quê?
- Vou lá estar – disse Mia a sorrir. – Mas não posso ficar muito tempo.
- Não vai demorar muito tempo.
- Está bem. Então vemo-nos lá.

Fez-se outra vez silêncio, mas ela sabia que a avó ainda estava ao telefone.

- Vovozinha?
- Sim?
- Vai desligar?
- Ah, vou?
- Então carregue na tecla encarnada.
- Sim, querida, obrigada.
- Vemo-nos amanhã.
- Está combinado.

[1] Em norueguês, o nome do instituto é Norsk Institutt for Naturforskning. (*N. dos T.*)

Capítulo 22

Munch estava na cascalheira em Finstad, à procura do marcador vermelho que tinham posto no chão. Tinha de admitir que andava muito entusiasmado com a sua contratação nova, mas Anette Goli tinha-lhe dado nas orelhas. A advogada era conhecida por ser direta e daquela vez não fora diferente. Ofereceste-lhe um emprego depois de teres estado, o quê, um quarto de hora com ela? Mas tinha sido de pouca dura. Tanto as dúvidas dele como as reservas de Anette, que, ao fim de apenas dois dias, tinha abandonado a sua posição profundamente cética e transformara-se na maior admiradora da investigadora recém-chegada. O que é que ela encontrou? A sério? Na orelha da raposa? O que é que disseste que ela tinha sugerido? Que cabeça! Isso nunca me teria ocorrido. Goli vinha agora na direção dele. Tinha trocado o estilo habitual que usava na esquadra por roupas mais práticas, e isso era mais uma razão para ser ele a escolher a equipa. Não se ficavam pelos mínimos. Faziam sempre um esforço extra. Porque queriam. Tinha trabalhado em sítios onde havia tanta falta de energia que pareciam a sala de jantar de um lar de idosos. Mas no número 13 da Mariboes Gate passava-se exatamente o contrário. Às vezes, também podia ser um bocadinho de mais, mas fazia parte. Mia tinha sugerido que o assassino talvez os estivesse a observar enquanto descobriam os corpos. Uma possibilidade que toda a equipa sentiu como um insulto pessoal. Ai, ele estava a observar-nos? Toda a gente que não tinha uma tarefa mais urgente para fazer pôs roupa de campo e andava agora a passar a floresta a pente fino à procura de pistas. Munch acendeu um cigarro novo no que agora chegava ao fim, enquanto Anette se aproximava dele e apontava.

– É preciso ir lá acima, até àquelas árvores, para se ver o sítio que a Mia dizia. Daí, eu diria que há para aí 300 metros em qualquer direção de onde a vista é boa. Era preciso ter uns binóculos, claro, mas imagino que ele viesse preparado. Seja como for, tenho de me ir embora, a Dreyer ligou. Eu disse-te que ela te quer ver no gabinete dela, não disse?

– Tenho mais que fazer.

– Claro, mas eu disse-te, não disse?

– Ah, sim, disseste.

– Ótimo. Assim, quando ela se passar, pelo menos a culpa não é *minha*.

Goli sorriu e começou a descer a cascalheira, mas parou a meio e veio outra vez ter com ele.

– Já me esquecia. Ligaram-me da Unidade Central de Investigação Criminal de Estocolmo. Perguntaram se queríamos ajuda.

– A sério? E qual das equipas que não conseguiram resolver o caso é que nos querem enviar?

Não tinha planeado uma resposta tão sarcástica, mas foi como lhe saiu.

– Têm lá um tipo que está envolvido na investigação desde o princípio. Um psicólogo. Especialista em comportamentos criminosos. Patrick qualquer coisa. Sempre evitava que o Ludvig e a Anja tivessem de ler tudo o que nos chegou da Suécia de uma ponta à outra. É boa ideia, não achas?

– Acho.

– Já imaginava que achasses, por isso respondi-lhes que ele era muito bem-vindo. Chega ao aeroporto amanhã de manhã. Eu trato de lhe arranjar uma casa, se tivermos alguma disponível. Mas, ainda assim, vais encontrar-te com ele, não vais?

– Claro.

– Ótimo, muito bem, quando souber, mando-te o sítio e a hora por mensagem.

Goli despediu-se com um aceno de cabeça e começou outra vez a descer a cascalheira, quando o telemóvel dele tocou.

Marianne.

Munch olhou para a floresta lá em cima, onde cerca de 50 homens e mulheres andavam à procura de pistas.

Tentava sempre evitar aquilo.

Que a vida familiar interferisse no trabalho.

Eram mundos diferentes.

E não podiam misturar-se.

Precisava de que assim fosse.

Não só para se conseguir concentrar, para se embrenhar naquele mundo mental o mais profundamente possível, mas por outra razão, que talvez fosse igualmente importante: *Para poder ter uma vida normal quando voltava para casa. Uma vida em que ninguém encontrava rapazes de 11 anos mortos num campo.*

O telemóvel parou de tocar, mas o nome dela continuava no ecrã.

Foi aí que se lembrou.

Era hoje?

23 de abril.

Sim, claro que era.

Munch carregou na tecla verde.

– Olá, Marianne.

– Olá, querido, como é que isso vai?

– Vai andando...

– Não te queria interromper, mas sabes que dia é hoje, não sabes? Este ano vamos ou preferes esquecer?

Munch deu uma longa passa no cigarro e deixou a pergunta da mulher no ar.

23 de abril de 1992.

Nove anos desde que o pai tinha morrido. Todos os anos o recordavam e iam ao cemitério em família. Uma tradição bonita.

Munch apercebeu-se de repente de como estava cansado. Desde que tinham encontrado os rapazes que não dormia nada de especial e estava a começar a ressentir-se. Uma ligeira fragilidade. Uma falha que deixava entrar os pensamentos negativos.

Oito anos.

Era o tempo que os suecos tinham dedicado àquilo.

E mesmo assim não resolveram o caso.

Será que ele também ia ali estar ao fim de oito anos?

Sem respostas?

– Holger, estás aí?

– O quê, sim, claro, escuta, se calhar, este ano deixávamos passar. Estamos aqui ocupadíssimos e...

A mulher pareceu-lhe um pouco desapontada.

– Sim, claro. Ou então podíamos adiar? E se fôssemos no fim de semana?

Um tom quase esperançoso do outro lado da linha, mas ele não podia fazer promessas.

– Vamos ver, está bem?

– Está bem. Vens a casa hoje? Queres que te deixe jantar? Que te ponha roupa para amanhã?

E então vieram, as memórias, apesar de ter tentado evitá-las.

O pai.

Assuntos por resolver.

Agora via-o perfeitamente.

Grande e sorridente.

Num daqueles passeios intermináveis de esquí que tinham sempre de dar. Munch tinha crescido em Larvik, num apartamento modesto com terraço, e aos domingos aquelas saídas eram obrigatórias. O pai lá à frente, com grande ritmo, chocolate quente e laranjas na mochila. A mãe mais paciente, felizmente, enquanto o filho trapalhão tentava organizar as pernas a caminho de algum destino longínquo. *Só mais um bocadinho. Estamos quase lá.* A Noruega. Patriotismo. Por fim, lá chegavam ao alto de um monte qualquer, onde o pai estava a sorrir como um rei que examina todo o seu reino. *Olha para o nosso país, Holger. Um berço de gigantes. Pertence ao povo norueguês, sabes? Nunca vamos deixar que os capitalistas o roubem!* O pai tinha trabalhado nos caminhos de ferro e sido um nome importante nas listas do Partido Comunista Norueguês. É claro que nunca tinha sido eleito para

nada, pela simples razão de que já ninguém votava nos comunistas, apesar de o pai nunca ter parecido reparar nisso. Sempre que era noite de eleições, obrigava o filho a ficar acordado, sempre excitado, sempre esperançoso: *É hoje, Holger, desta vez é que eles vão ver!* O cartaz com Lenine no corredor e aquele chapéu verde esquisito, com a pala e a estrela vermelha, que a mãe lhe pedia que escondesse no canto mais recôndito do armário, mas que saía sempre que havia eleições legislativas ou autárquicas. Acompanhado sempre de uma pinga. Só ao fim de anos é que percebeu que o pai era alcoólico. Nunca tinha batido em ninguém e nunca deixava que os filhos o vissem bêbado. Era a mãe que tinha de o aturar, coisa que Munch também não tinha percebido, só tarde de mais, só quando leu o relatório da autópsia depois do acidente. Uma quantidade de álcool no sangue muito acima do limite legal, uma carrinha do outro lado da estrada. Nunca ninguém falou abertamente em suicídio, o médico de família deles tinha-se limitado a apontar vagamente para essa hipótese quando Munch o visitou. O pai estava com uma cirrose grave e o médico tinha-lhe dado menos de um ano de vida. Depois disso, a mãe tinha praticamente desaparecido. Tinha-se transformado noutra pessoa. Agora estava numa casa de repouso e tinha-se virado para a religião, e mal reconhecia o filho quando ele lá passava, o que infelizmente o fazia ir lá cada vez menos.

Munch só se tinha embebedado uma vez na vida, com 14 anos, com a ginjinha do pai.

Depois disso, nunca mais tocou numa gota.

– Estás outra vez sem rede, Holger?

– O quê? Não, estou a ouvir. Vou tentar passar por casa.

– Boa. Eu deixo-te o jantar.

Estava a passar-se qualquer coisa lá em cima.

Conseguia ver Katja a acenar.

– Obrigado. Olha, tenho de ir, conversamos logo à noite, boa?

– Está bem.

– Holger!

A voz da holandesa ecoava na cascalheira.

– Temos aqui qualquer coisa! Acho que encontrámos o sítio!

Munch deixou cair o cigarro e obrigou o corpo pesado a trepar colina acima.

Capítulo 23

Fredrik Riis apercebeu-se de que estava contente, de que lhe estava a saber bem voltar a vê-la, quando Silje Simonsen fechou a porta e ficaram os dois sozinhos na sala de aulas. Tinha a sensação de que era estranho estar assim numa escola já adulto, quase como se tivesse feito alguma coisa mal, enquanto Silje tirava uma fotografia de turma da parede e a punha à frente dele. Fredrik não tinha grande simpatia por figuras de autoridade, o que talvez explicasse a sensação. O pai era severo, mesmo muito severo. E o jovem Fredrik tinha levado aquilo para a vida de adulto, mostrando sempre um respeito exagerado por qualquer pessoa mais velha ou superior hierárquico. Os professores da escola em que tinha andado eram todos da velha guarda, uma espécie de relíquias do tipo de ensino que se praticava nos anos 1950 – não se podia chamar àquilo uma filosofia de ensino, pois não? O mínimo que se podia dizer é que não era muito voltado para as crianças. As crianças só precisavam de ser transformadas em adultos educados, de dar as respostas certas e, de resto, de estar caladas. Felizmente, tinha havido progressos desde essa altura. Tinha visitado a escola de um primo num dia aberto há uns tempos e tinha sido uma surpresa agradável ver como estava tudo muito mais descontraído e acolhedor do que 15 anos antes. O mundo estava a mudar para melhor, graças a Deus.

– Era destes dois rapazes que lhe estava a falar – disse Silje baixinho, poisando o dedo na fotografia. – O Lasse. E o Karl-Martin. Normalmente, são miúdos muito alegres, mas, como lhe disse, mudaram completamente de comportamento.

– Já tentou falar com eles? – perguntou Fredrik, voltando a fotografia para si.

Cerca de 20 crianças alinhadas, a olhar para a câmara, unidas por laços que se dissipariam daí a uns anos.

– Se calhar, devia ter tentado? – perguntou-se Silje em voz alta, mordendo o lábio. – Mas não sabia bem. Depois de tudo o que aconteceu, sabe? E também não os queria assustar. Já é mau terem passado por isto tudo, não acha?

– Claro que sim – respondeu Fredrik, anuindo com a cabeça. – Fez bem em falar comigo primeiro. Estive a confirmar os aspetos jurídicos lá na esquadra e parece-me que me enganei. É verdade que precisamos de autorização dos pais, mas só para uma entrevista formal. Conversar com eles como estamos a fazer os dois não tem mal nenhum.

– Muito bem, ótimo – disse Silje. – Quer que os vá buscar?

– Agora é boa altura?

– Sim, já combinei com a Bente, que também é professora do sexto, e ela disse-me que era só avisá-la quando chegasse.

– Ótimo – disse Fredrik.

Silje Simonsen levantou-se e dirigiu-se para a porta.

– Trago-os juntos? Ou um de cada vez?

– Não sei. Se calhar, juntos. Não quero intimidá-los. Talvez se sintam mais confortáveis os dois juntos.

– Está bem.

Silje sorriu e saiu para o corredor.

O telefone vibrou-lhe no bolso e Fredrik aproximou-se da janela para atender.

– Fala o Riis.

– Olá, é o Bernhard, da informática. Mandou-nos um vídeo e queria uma matrícula?

– Sim, tiveram sorte?

– Quer primeiro as boas notícias? Ou as más? Ou um *mix* das duas ao mesmo tempo?

– Um quê?

– Um *mix*? Boas notícias? Más notícias?

Fredrik Riis suspirou e olhou lá para fora, para o recreio. O novo departamento informático. A polícia tinha finalmente reconhecido que estava muito atrasada em termos de cibercrime e de tudo o que tinha que ver com investigação eletrónica. Tinham entrado em pânico e tentado contratar toda a gente que encontravam na internet, pelo que acabaram basicamente com uma equipa de miúdos imberbes de 19 anos. O departamento que era conhecido como brigada-e. Bem, se calhar estava a ser um bocadinho injusto, mas não muito. Tinha ouvido dizer que a situação estava a melhorar lentamente, mas tinha a certeza de que o tipo com quem estava a falar ainda vivia com a mamã.

– E então, primeiro as boas? Primeiro as más?

Dava para perceber que Bernhard estava a comer e que tinha o telemóvel entalado entre a cara e o ombro enquanto os dedos escreviam qualquer coisa no teclado.

– Dá para ler a matrícula da carrinha ou não?

– Afirmativo.

– Desculpe?

– Sim. Dá para ler. Tenho 99,7% de certeza.

- E então?
- É que... agora ficámos sem sistema. Outra vez.
- O Windows? – perguntou Riis secamente.

Era uma piada recorrente no departamento. Já tinha percebido das outras vezes que falara com eles.

– Exatamente – respondeu o chico-esperto. – Não é estranho como os *boomers* insistem em surfar a onda do Gates apesar de ela já ter perdido o gás todo?

Riu-se da própria piada, depois pareceu dar um gole numa bebida qualquer.

– Sim, realmente é estranho. Porque é não correm isso tudo no Linux?

– Exatamente! – exclamou o miúdo. – Eu fazia isto muito mais depressa em casa, está a ver?

– Estou. Então daqui para a frente vai passar a trabalhar de casa?

– Hã, o quê? Hum, não... eu...

– Quando é que acha que vão ter o sistema a funcionar outra vez?

Riis suspirou enquanto olhava para o recreio e via uma bola a ressaltar na direção da janela.

Uma rapariga de pele escura correu para a vir apanhar. Parou por um instante, depois viu-o atrás da janela e ficou a olhar para ele com a cabeça ligeiramente de lado, por fim piscou-lhe o olho e voltou com a bola para o pé das outras crianças.

Muito querida.

Fredrik sorriu. Tivera a mesma reação da última vez que tinha visto o primo. Perguntou-se se os homens teriam um relógio biológico. Como as mulheres. Que lhes dizia que agora é que era a altura certa para ter um filho. Não sabia, mas realmente às vezes parecia que sim. Nos últimos tempos, tinha dado por si a olhar sonhadoramente para as pessoas com carrinhos de bebé.

– Pode demorar uma hora, pode levar a noite toda, que é o mais provável. Sabe como é, querem agarrar-se à onda do Gates e...

– Ligue-me quando tiverem a matrícula.

– Está bem. Eu...

Riis desligou o telefone ao mesmo tempo que a porta se abria e entravam dois rapazes com um ar apreensivo.

– Cá está ele – disse Silje, que entretanto tinha reativado a voz reconfortante de professora. – Chama-se Fredrik e é polícia, mas não está aqui porque vocês se portaram mal. Só quer conversar convosco. *Nós os dois* queremos conversar convosco.

Os rapazes atravessaram a sala e estenderam a mão a Riis.

– Lasse.

– Karl-Martin.

– Fredrik – respondeu ele a sorrir. – Sentem-se à vontade. A Silje estava a dizer a verdade, só queremos conversar um bocadinho convosco.

Encostou-se o mais descontraidamente possível à secretária da

professora enquanto os rapazes se sentavam nas respectivas carteiras. Olharam brevemente um para o outro, ainda nervosos, e sentaram-se com as costas tão direitinhas que Fredrik quase teve pena deles.

– Vocês eram amigos do Ruben, não eram?

Sorriu e tentou fazer a voz mais amigável possível.

– Sim – responderam em uníssono e olharam brevemente um para o outro.

– O Tommy também era amigo dele?

– Não, o Tommy, não, nem por isso – disse o rapaz que se chamava Karl-Martin.

Tinha o cabelo loiro desgrenhado e uns olhos azul-claros, parecia um bocadinho o Emil dos livros de Astrid Lindgren.

– Por alguma razão especial?

Lasse, o outro rapaz, hesitou.

– Bem, ele só... só não fazia bem parte do nosso grupo, não sei...

Olhou de relance para Silje Simonsen, que lhe respondeu com um sorriso animador.

– Ele não estava assim muito interessado no Tommy – disse Karl-Martin de repente.

O amigo reagiu:

– Ei, Karl...

– Eu sei, mas não devíamos...

– *Ele?*

Fredrik franziu o sobrolho.

– Ele quem? Outro amigo vosso?

Os rapazes abanaram a cabeça em silêncio.

– O homem – disse Karl-Martin.

Fredrik começava a perceber só de olhar para eles. A tensão. Ao princípio, tinha achado que era só porque estavam a falar com um polícia, mas agora percebia que tinha uma origem muito mais grave. Os rapazes pareciam simplesmente aterrorizados. Mas porquê?

– Rapazes – começou Fredrik calmamente, inclinando-se para eles –, primeiro quero que percebam que, se viram alguma coisa e ainda não falaram nisso a ninguém, não há problema nenhum. Não quero que se sintam mal com isso. Depois, se têm...

Lasse desatou a chorar de repente.

– Ele disse que nos matava – soluçou. – Se disséssemos a alguém.

– O homem? – perguntou Fredrik cuidadosamente.

Disseram os dois que sim com a cabeça.

A voz de Karl-Martin também lhe falhava:

– Ele queria que o ajudássemos a levar o Ruben lá para cima.

– Para onde? – perguntou Silje.

– Para a casa das máquinas – respondeu Lasse a soluçar, enquanto esfregava o nariz com a mão.

Fredrik olhou brevemente para Silje, que começava a abrir muito os olhos.

– Vocês falaram com um homem? Que queria que fossem com ele à casa das máquinas? Aquela encarnada do poço, ao pé da carreira de tiro?

Os rapazes anuíram os dois com a cabeça, mas depois abanaram-na num gesto contrário.

– Ele não queria que nós fôssemos, queria que o Ruben fosse lá acima.

– Muito bem. Têm a certeza disso?

Olharam os dois para ele por um instante.

– O quê?

– Quer dizer, têm a certeza de que ele queria que fosse especificamente o Ruben a ir lá acima? Não era um rapaz qualquer?

– Sim – respondeu o rapaz loiro, anuindo veementemente com a cabeça.

– Foi mesmo isso que ele disse. Disse que nos dava dinheiro. Se o ajudássemos. Era para ser surpresa. Tinha um presente para o Ruben. Lá em cima. E dava-nos 100 coroas a cada se convencêssemos o Ruben a ir lá acima.

Fredrik conseguia ver as mãos pequenas deles, poisadas no colo, por baixo da mesa.

– E essa casa das máquinas – começou a dizer – é um lugar que toda a gente conhece?

– Se calhar, toda a gente, não, mas a maior parte. Os mais velhos vão para lá para curtir. E nós já lá fomos vê-los. Não fizemos nada de mal, pois não?

– Nada – respondeu Silje para os tranquilizar.

– Claro que não – concordou Fredrik. – O que vocês são é uns verdadeiros detetives. Deviam estar orgulhosos. Por nos estarem a contar isto.

Os rapazes espreitaram cuidadosamente um para o outro.

– Podemos começar pelo princípio? Achem que são capazes?

Ambos fizeram que sim com a cabeça, pareciam menos assustados. Fredrik Riis tirou o bloco de notas do bolso do casaco.

– Onde é que viram o homem pela primeira vez?

– Ao pé do campo de futebol.

– Não, não foi – disse o rapaz loiro. – Já o tínhamos visto no Burger Bar, não tínhamos?

– Tínhamos? Não me lembro.

– Sim, não te lembras? A minha mãe tinha-me dado 50 coroas e fomos buscar umas batatas fritas.

– Isso não foi comigo – disse Lasse.

– Sim, tu estavas lá – insistiu o outro rapaz. – E a Else-Karin também. E ela disse que a Tove queria que fôssemos lá a casa.

– E tu foste a casa da Tove?

– Não, não chegámos a ir, mas tu estavas lá...

– Não, deve ter sido o Mats.

– Não faz mal – interrompeu Fredrik brandamente. – Esse homem que

viram no campo de futebol...

– E no Burger Bar.

– E no Burger Bar. Conseguem descrevê-lo?

Os rapazes começavam os dois a entusiasmar-se, como se o maior medo deles os tivesse deixado.

– Ele tinha bigode – disse Lasse.

– E os dentes eram esquisitos – disse Karl-Martin.

– Sim, eram muito estranhos – concordou Lasse. – Como se os da frente estivessem todos encavalitados.

O rapaz abriu a boca para lhes mostrar.

– Era velho?

– Sim – respondeu Lasse, anuindo com a cabeça.

– Que idade é que acham que ele tinha?

– Mais ou menos a sua – respondeu o rapaz loiro, apontando para Fredrik.

– Portanto, mais ou menos 30?

– Sim, ou se calhar 40.

– Ele era muito estranho, como se quisesse ser nosso amigo apesar de ser velho, falou sobre futebol, perguntou se gostávamos do Manchester United e...

– E do Solskjær.

– Sim – prosseguiu o amigo entusiasmado. – Perguntou se gostávamos do Ole Gunnar Solskjær e disse que se gostássemos que nos conseguia arranjar um autógrafo dele.

– Um autógrafo?

– Sim, um autógrafo.

– Muito bem.

– Sim, ele andou na escola com o Solskjær. Disse que o tinha conseguido fintar e que era muito melhor ponta-de-lança do que ele, que era para ter ido jogar pelo Manchester United, mas que depois lhe aconteceu qualquer coisa ao pé...

– Ao joelho – corrigiu Karl-Martin, apontando para a própria perna.

– Ele estava a vacilar um bocado, por isso até deve ter sido verdade.

– Queres dizer que ele estava a coxear? – interpôs Silje.

– Sim, desculpe, queria dizer coxear.

– Então ele arranjava-vos o autógrafo do Solskjær. E ele também falou no Ruben?

Os rapazes olharam brevemente um para o outro.

– Não, da primeira vez, não.

– Então depois encontraram-no outra vez?

– Sim, ao pé da paragem. Parou-nos quando andávamos a dar uma volta de bicicleta. Foi aí que ele nos perguntou.

– Mostrou-nos uma fotografia – acrescentou Karl-Martin.

– Uma fotografia do Ruben?

– Sim. Perguntou-nos se o conhecíamos e isso. Se éramos capazes de o ajudar...

– A levar o Ruben até à casa das máquinas?

Os rapazes disseram os dois que sim com a cabeça.

– E o que é que vocês lhe responderam? – perguntou Silje num tom amigável.

– Respondemos que não.

– Muito bem – disse Fredrik. – E posso perguntar-vos porquê? Porque é que não o queriam ajudar?

Demoraram um bocadinho a responder.

– Porque ele já não estava a ser simpático.

– Já não? Porquê?

– Estava diferente. Muito mais, tipo, adulto e sério, mais ou menos como...

Lasse olhou de relance para Silje.

– Como eu?

– Sim. Quer dizer, não é bem como a professora, mas sabe, como os professores ficam quando se zangam...

– Agressivos? – sugeriu Fredrik.

– Sim, é isso, ele estava quase a cuspir-se todo.

– Foi aí que ele disse – balbuciou Lasse. – Disse que nos matava. Se contássemos a alguém que ele tinha falado connosco.

– E o bigode dele estava diferente.

– O quê?

– Não sei, estava tipo...

O rapaz loiro atravessou o dedo por baixo do nariz.

– Da primeira vez, estava assim, mas, da segunda, já estava mais assim...

– Vocês acham – disse Fredrik calmamente – que se eu vos trouxesse cá um desenhador eram capazes de lho descrever?

– Um desenhador?

Olharam um para o outro sem saber o que aquilo queria dizer.

– Sim, é uma técnica que às vezes usamos na polícia. Quando não sabemos como é que uma pessoa é.

– Mas temos de o desenhar?

– Não, não, vocês só dizem o que viram e o desenhador faz o desenho. Pode ser?

Olharam outra vez um para o outro.

– Talvez – respondeu Lasse.

– Mas ele estava sempre um bocadinho diferente de cada vez – disse o amigo.

– Isso não faz mal. Ficamos combinados? Eu trago cá um desenhador e vocês descrevem-lhe o homem?

– Está bem – responderam os miúdos, com uma expressão já quase

entusiasmada.

– Só mais uma coisa antes de irmos embora: vocês têm mesmo a certeza? De que ele estava à procura do Ruben? E de mais ninguém?

– Sim. Foi o que ele nos disse.

– E não explicou porquê?

Abanaram ambos a cabeça.

– Muito bem – disse Fredrik, levantando-se. – Oiçam, meninos, muito obrigado. Fizeram um excelente trabalho. E nós estamos cá para vos proteger, por isso não precisam de ter medo. Prometem-me?

As duas pequenas caras abriram-se em sorrisos.

– Está bem.

Fredrik deu-lhes um aperto de mão forte e viu Silje sair com eles para o corredor.

Tirou o telemóvel do bolso com as mãos a tremer assim que a porta se fechou.

– Estou, fala o Munch.

– É o Fredrik. Temos uma descrição do homem.

– O quê?

– Dois miúdos. Viram-no várias vezes. Consegue arranjar-me um desenhador?

– Claro.

– Ótimo, e mais uma coisa.

– O quê?

– Ele andava à procura do Ruben.

– O quê?

– As vítimas não são aleatórias. Ele sabia exatamente quem queria.

– Ah, porra!

– Pois é.

– Bom trabalho. Estás a vir para a esquadra?

– Vou já. Tenho só de acabar aqui.

Riis enfiou o telemóvel no bolso e saiu decidido da sala, à procura de Silje.

Capítulo 24

O velho de cabelo branco já estava à espera de que acontecesse alguma coisa, mas nunca lhe tinha passado pela cabeça que fossem desconfiar dele tão depressa. É claro que tinha sido ousado da parte dele convidar seis das maiores celebridades suecas para jantar, mas porque não? Há que viver a vida no limite, era o lema dele. Um homem normal teria escolhido uma via mais segura, mas ele, não, disse não o podiam acusar. Um explorador, era isso que ele era, a abrir caminho à catanada pelo meio de uma selva desconhecida. Tinha aprendido a ser assim quando era pequeno, porque dormia muitas vezes na rua como uma raposa numa toca, sempre que não podia entrar em casa. Às vezes até no inverno, mas aquilo não era um problema para um aventureiro como ele. Não, a floresta nos arredores de Uddevalla parecia as montanhas gélidas dos Himalaias e, sim, estava muito frio. Havia dois dedos da mão esquerda que ainda funcionavam mal por causa das queimaduras do frio, mas se a mãe lhe tinha dito que ele era um diabo e que merecia dormir na rua, então devia ser verdade. Porque era assim mesmo, tínhamos sempre de dar ouvidos à mãe, mesmo se a voz dela às vezes saísse do rádio, até quando não estava ligado.

O jantar tinha sido um sucesso. Mikael Persbrandt tinha-se embebedado, como era costume, e tinha insistido em jogar ao jogo da garrafa, mas Allan Edwall tinha-se recusado terminantemente, e ainda bem, porque Persbrandt só queria falar de Maria Bonnevie o tempo inteiro e de como gostava de dar um murro no focinho de Fredrik Skavlan, esse grande lambe-botas. De pé em cima da cadeira, enquanto agitava um punho no ar. Nessa altura, o velho achou que jogar à garrafa talvez não fosse assim tão má ideia, porque ia obrigar os convidados a ouvirem-se uns aos outros em vez de estarem sempre a falar neles próprios, mas depois, felizmente, Cornelis Vreeswijk tirou a guitarra e cantou a balada de Fredrik Åkare e de Cecilia Lind e toda a gente chorou e ergueu os copos de *aquavit* Hallands Fläder, até que Ingmar Bergman apareceu, apesar de estar deprimido. Estava péssimo. Estragou completamente o ambiente. No fim, atiraram-se todos a ele e fecharam-no na cave e, apesar de o conseguirem ouvir a bater com a vassoura no teto,

ignoraram-no, principalmente depois de terem servido os lagostins e de ele ter encontrado uma garrafa de pinga que tinha roubado do telheiro do vizinho que vivia no outro lado da floresta.

O velho espreitou por debaixo da aba do guarda-sol forrado com papel de alumínio e perguntou-se como é que as autoridades o tinham descoberto tão depressa. Tinha acordado no chão, tapado com o casaco de Max von Sydow, e foi aí que as ouviu. As vozes que passavam pelo meio das tábuas da parede da cozinha, que não estava selada hermeticamente. Tinha enfiado folhas de jornal nas maiores aberturas, mas o vento tinha-as arrancado. Depois tinha encontrado uns rolos de lã de vidro na garagem de uma casa acabada de construir em Åsparöd, mas aquilo fazia comichão e tinham-lhe ido parar uns bocadinhos amarelos ao prato e para isso mais valia a corrente de ar. E os barulhos. Mas tinha percebido depressa que não eram os barulhos do costume. Não, eram potências estrangeiras que tinham vindo da lua e de outros lugares, por isso era melhor que não o encontrassem ali. Papel de alumínio. Já tinha ouvido falar nisso. Que ajudava. Por isso, tinha pegado na bicicleta e pedalado a toda a velocidade até ao ICA Kvantum de Göteborgsvägen e tinha-se escondido no armazém deles, atrás das paletes das batatas fritas, até desligarem a luz e ele poder finalmente servir-se à vontade. De papel de alumínio.

O trabalho novo.

Já lhe tinha passado pela cabeça.

Podia explicar porque é que as autoridades andavam atrás dele.

Aquele telemóvel ótimo.

O azul.

Que estava sempre a apitar na gaveta da cozinha.

Raios o partam!

Foi aí que decidiu.

Tinha de desaparecer.

Acabaram-se os trabalhos de ator.

O trabalho novo.

O telemóvel.

Tinha de se ver livre dele.

Era isso que tinha de fazer.

O velho de cabelo branco preparou-se, contou até três, e depois atravessou o pátio a correr o mais depressa que conseguia.

Quando entrou em casa, deixou-se ficar encostado à porta.

Ótimo.

Até aqui tudo bem.

Não se ouvem barulhos.

Percorreu a divisão pé ante pé, evitando acertar nas garrafas vazias que cobriam o chão, e tapou momentaneamente os ouvidos com as mãos quando percebeu que Ingmar Bergman ainda estava na cave a bater com a vassoura no teto, até que por fim chegou.

À frente da gaveta da cozinha.

Pensa, pensa.

Agora, como é que ele ia fazer aquilo?

Olhou à volta e, felizmente, tinha a resposta mesmo à frente do nariz.

As luvas amarelas de lavar a loiça.

Perfeito.

Calçou cuidadosamente as luvas e tinha acabado de abrir a gaveta quando o telemóvel apitou outra vez.

Raios!

Olhou para o pequeno aparelho azul com apreensão.

Ato 2. Cena 3. Ok?

Pensou naquilo por um instante.

Não queria desiludir o encenador.

Devia ter ficado a pensar durante algum tempo porque o telemóvel apitou outra vez.

Ato 2. Cena 3. Ok?

Pronto, está bem.

Ou vai ou racha.

Uma última conversa.

O velho foi ao dossiê que estava em cima do banquinho, por baixo da janela.

Respirou com cuidado.

E marcou o número no outro telemóvel.

Capítulo 25

Mia tinha dormido bem pela primeira vez desde há muito tempo e detetou imediatamente um otimismo parecido no resto da equipa quando se encontraram na sala da investigação para fazer o primeiro ponto de situação do dia. Munch entrou na sala a sorrir e assumiu o posto ao lado do projetor.

– Bom dia a todos, ontem foi um grande dia, por isso queremos ver se hoje mantemos o ritmo. Há muita coisa para rever, por isso é melhor irmos diretos ao assunto.

Carregou no comando e apareceu a primeira fotografia.

Um pinheiro grande, na floresta que ficava por cima da cascalheira.

– O assassino esteve a observar-nos.

Outra fotografia, agora do chão junto à árvore.

– Sei que isso perturbou alguns de vós, mas isso é bom. Essa raiva pode ser produtiva.

– Filho da mãe – murmurou Karl Oxen e enfiou uma almofada de *snus* debaixo do lábio.

– É isso mesmo, Karl, ótimo. Não é muito fácil encontrar uma vista desimpedida lá em cima, mas este sítio é perfeito. Está parcialmente escondido pelas árvores, mas dá para ver muito bem o campo onde os rapazes estavam.

Munch clicou no comando e apareceu outra fotografia, com a vista lá de cima para o local onde tinham sido encontrados os corpos.

– Se calhar, ele começou por escolher o local? – sugeriu Katja van den Burg, meio para ela própria, meio para os outros.

– Desculpa?

A holandesa vinha com um ar particularmente atlético, com um fato de treino azul da Adidas, como se tivesse acabado de dar uma corrida.

– Bem, parece tudo tão bem planeado, não parece? Por isso, se calhar, o campo não foi escolhido ao acaso. Talvez seja essa a explicação. Para ele ter deixado os corpos ali. Já ter encontrado um bom sítio de onde observar.

Fez-se um burburinho e houve muitos acenos de cabeça entre os membros da equipa.

- Bem pensado, Katja.
- Isso diz-nos muito – soltou Anette Goli.
- Como por exemplo?

Era outra vez Karl Oxen. Mia percebeu que já estava farta daquele fanfarrão. Realmente, era estranho que Munch, que parecia tão inteligente, o tivesse escolhido para a equipa.

– Não achas que devias conseguir perceber isso sem ajuda, Karl? – perguntou Katja com um suspiro, cruzando os braços à frente do casaco azul do fato de treino. – És capaz?

– Vá lá, equipa, deixem-se disso. Não podemos perder tempo com estas coisas.

Agora era Ludvig Grønlie, sentado ao pé da parede. O investigador mais velho não costumava falar muito, pelo que toda a gente lhe dava atenção quando abria a boca.

– O que é que queres dizer? – perguntou Oxen irritado, voltando-se para ele.

– Quer dizer que te devias calar – disse Katja, ainda de braços cruzados.

– E porque é que eu havia de me calar? – rosnou Karl, lançando um olhar furioso à holandesa. – É uma pergunta legítima, não é? Porque é que é importante ele ter encontrado primeiro o sítio de onde ia ficar a observar?

Katja suspirou e abanou a cabeça.

– Não temos tempo para isto, equipa – disse outra vez Ludvig Grønlie.

Karl Oxen murmurou qualquer coisa entre dentes.

– Obrigado, Ludvig – disse Munch junto ao ecrã. – Encontrámos isto ao pé do sítio onde ele estava...

Próximo *slide*.

Um montinho de beatas. No chão, debaixo da árvore.

– É possível que não pertençam ao assassino. Mas é bem provável que o nosso homem ali tenha estado. São Camel Light e já foram enviadas para o laboratório. Pedi-lhes para lhes darem prioridade máxima, se tudo correr bem dizem-nos se conseguiram encontrar vestígios de ADN ainda hoje.

Toda a gente a sorrir e a anuir com a cabeça.

– E isso é fácil de conseguir?

Agora foi Anja que falou. A croma dos óculos que não costumava falar muito nas reuniões de equipa.

– O quê?

– Extrair ADN de beatas. Achava que era daquelas coisas que eles só fazem na televisão. Dá mesmo para fazer?

Encolheu ligeiramente os ombros e olhou à volta.

– Achava que tinhas andado em Harvard – disse Oxen a rir.

– Não, andei em... mas não interessa, fiz mal em ter perguntado?

Anja parecia envergonhadíssima.

– Todos os vestígios biológicos que fiquem numa superfície podem ser analisados – respondeu Ludvig. – Sangue, saliva, sémen, pele, células

epiteliais. O que importa é a quantidade recolhida. Se for suficiente, dá para construir um perfil de ADN.

– Está bem. E há quantidade suficiente numa beata?

Mia teve uma certa pena da jovem investigadora, que tinha claramente sido contratada porque percebia de computadores, e não porque dominasse as ciências forenses.

– Com um bocadinho de sorte, devemos ter quantidade suficiente – declarou Munch. – Encontrámos 12 beatas. Não podemos dizer que é absolutamente certo, mas acho que devemos safar-nos. Como já disse, espero ter notícias entre hoje e amanhã. Fredrik?

Munch acenou com a cabeça ao investigador do fato, que se levantou e se aproximou do ecrã.

– Como já todos devem saber, ontem falei com dois miúdos da escola de Finstad.

Munch passou-lhe o comando do projetor.

– Eles dizem que estiveram em contacto com um homem que lhes pediu que tentassem convencer o Ruben a ir até à casa das máquinas. O desenhador já nos deu estes dois retratos do suspeito.

Apareceram dois retratos a lápis no ecrã.

– Esperem – disse Oxen, desta vez levantando a mão. – O que é que disseste? Ele não tentou levá-los *a eles*?

– Não.

– Oh, raios! Então isso quer dizer... que ele queria especificamente o Ruben? – perguntou e olhou à volta.

– Parabéns, Sherlock – respondeu Katja, dando uma dentada numa maçã.

Os outros tentaram disfarçar o riso.

– Sim, mas...

– É isso – disse Riis, continuando. – Na minha opinião, é uma informação extremamente importante. Este homem esteve claramente em contacto com várias crianças no período que antecedeu os homicídios. E, como o Karl percebeu, escolheu especificamente o Ruben como presa...

Oh, fogo!, pensou Mia, sem se aperceber de que o tinha feito em voz alta.

De repente, estava toda a gente a olhar para ela.

– Sim, Mia?

– Oh, desculpem, estava só aqui a pensar...

– Sim?

– Bem, o outro rapaz. O Tommy. Não fazia parte do mesmo grupo de amigos, pois não? Parece-me que era, como é que disseste, Fredrik? Do lado errado da rua, ou qualquer coisa do género?

– Sim, realmente era – respondeu Fredrik, anuindo com a cabeça.

– Então no que é que está a pensar, Mia? – perguntou Munch.

– Não, pode não ser muito importante, mas os dois rapazes que falaram

com o homem não fizeram o que ele queria, pois não?

– O quê?

– Não levaram o Ruben à casa das máquinas?

– Não, eles deixaram isso bem claro – respondeu Riis.

– Então se calhar foi o Tommy.

Ficou toda a gente em silêncio.

– O outro rapaz – prosseguiu Mia. – Estou a imaginar que, sendo *do lado errado da rua*, se calhar não tem tantos amigos, e já sabemos o tipo de vida que tinha em casa, os apoios do Estado, a mãe ausente, se calhar foi mais fácil de convencer. Um estranho que fala com ele, que lhe dá atenção e lhe oferece dinheiro?

– Bem pensado – disse Munch.

– Isso explicava muita coisa – acrescentou Goli. – Realmente, faltava uma ligação. Entre o Ruben e o Tommy. Porque, ao que parece, não eram amigos.

– E também pode explicar a cena do crime – continuou Mia. – Os dois rapazes, em posições tão diferentes. Era óbvio, ou pelo menos pareceu-me óbvio, que o Ruben era a personagem central daquela imagem. Também era o único completamente despido.

– Então o Tommy terá sido só...

– Um meio para atingir um fim – disse Mia baixinho. – Um dano colateral.

– Isso é excelente – disse Munch, indicando a Riis que podia voltar a sentar-se. – Muito bem, agarremo-nos a isso, para não nos fugir. Duas vítimas, uma que foi usada para apanhar a outra. Porquê?

– Porque era o Ruben que ele queria – respondeu Katja.

– Mas porquê? Porquê o Ruben?

A sala ficou outra vez em silêncio.

– O acidente – disse Munch. – Quando o Ruben se magoou ao pé do Burger Bar. Em que ponto é que estamos com isso?

– A brigada-e está a ter umas dificuldades técnicas, mas estão quase certos de que nos conseguem dar a matrícula ainda hoje.

– Ótimo, quando tivermos a matrícula vai passar a ser um assunto prioritário, está bem?

Toda a gente a responder que sim com a cabeça.

– E, mais uma vez, porquê o Ruben? Porquê ele?

– Talvez devêssemos olhar com mais atenção para a família dele? – sugeriu Goli. – A resposta pode estar aí.

– Sim – respondeu Munch.

– Já recebemos vários relatos de pessoas que têm reservas em relação ao pai dele – disse Grønlie.

– É verdade, já há alguns, não há? – perguntou Munch. – Tinha achado melhor deixar isso para depois, mas pode ser importante investigá-los já. Ludvig e... Katja, importavam-se de falar com as pessoas que telefonaram?

Ludvig e Katja anuíram com a cabeça.

– Não se esqueçam da Suécia – disse Mia.

– O que é que quer dizer?

– Tudo indica que ele escolheu o Ruben, realmente, mas qual dos miúdos suecos é que ele escolheu? As pistas não devem estar todas aqui na Noruega, à volta da família do Ruben, não é?

Fez-se ouvir um novo burburinho pela sala.

– A menos que não haja ligação entre a família sueca e a norueguesa?

Fora Karl Oxen a falar e era a primeira coisa sensata que dizia naquela reunião.

– É claro que isso já me passou pela cabeça – respondeu Mia. – Mas ainda não tive tempo para ver as coisas todas do crime anterior.

Calou-se e olhou para Ludvig, que prosseguiu:

– Como já vos disse, temos uma quantidade enorme de material da Suécia. Estamos a falar de praticamente...

– Cem mil – disse Anja.

– Sim, praticamente 100 mil páginas de documentos e é difícil saber por onde começar, é como procurar...

– Comecem por aí – disse Munch decididamente. – Procurem qualquer coisa que sugira uma ligação entre a família Lundgren e...

Voltou-se para Mia.

– Quem é que acha que é a personagem central na cena do crime sueca?

– O Oliver.

– Muito bem, entre a família Lundgren e a família Hellberg, passem tudo o que temos a pente fino e vejam se encontram alguma coisa.

Katja e Ludvig disseram que sim com a cabeça.

– Hoje vamos ter uma pessoa que vos pode ajudar – disse Anette Goli.

– Pois é, claro, já me esquecia – disse Munch, voltando-se outra vez para a equipa. – Mandaram-nos um tipo ligado à investigação sueca para nos ajudar. Um psicólogo. Foi o analista comportamental das três equipas de agentes que trabalharam no caso, por isso acho que pode ser uma boa ajuda. Ele chama-se...

– Patrick Olsson – completou Goli.

– Isso. O Olsson chega hoje à tarde e entretanto vamos pensar na melhor maneira de aproveitar a ajuda dele.

– Se calhar, podia começar connosco, não? – sugeriu Ludvig, com um pequeno aceno de cabeça na direção de Katja.

– Exatamente. As famílias. Se há alguma ligação. Lundgren e Hellberg. Porque é que o assassino escolheu o Ruben? E o Oliver?

– Se a minha jovem colega tiver razão – disse Oxen maliciosamente, indicando Mia atrás dele.

– Eu acho que tem – respondeu Munch com um ligeiro sorriso, a olhar para Mia. – Muito bem, as famílias, e que mais?

Coçou a cabeça.

– Os retratos – disse Riis, olhando para os retratos que já estavam no ecrã há algum tempo.

– Sim, claro – retorquiu Munch. – Como veem, são muito diferentes. É porque ele estava muito diferente nas várias ocasiões em que os miúdos o viram. Se querem que vos diga, não tenho muitas esperanças nestes desenhos. Parece que ele gosta de se disfarçar...

– Acha que são disfarces?

– É o que me parece. Ou, pelo menos, um deles. Temos de decidir se os devíamos tornar públicos, se vamos ter capacidade para lidar com a quantidade de avistamentos falsos destas duas caras.

Voltou-se para Goli.

– Eu acho que os devíamos tornar públicos. Eu falo com a comissária para ver se conseguimos pôr mais pessoal a atender telefones na sede.

– Muito bem, então está decidido. Fazes chegar os retratos à imprensa durante o dia. Pode ser que dê ainda mais ritmo à investigação.

Coçou o nariz e ficou a pensar um instante.

– Muito bem, alguém tem alguma coisa a acrescentar?

Riis levantou a mão.

– Sim?

– É só um pormenor, não sei se será importante. Até pode não ser verdade, mas há qualquer coisa que me diz que pode ter interesse.

– E o que é?

– Quando falei com os dois rapazes na escola, eles falaram em futebol. No Manchester United. O suspeito usou o assunto para meter conversa com eles. Também falou no Ole Gunnar Solskjær. Disse que tinha andado na mesma escola que ele. Talvez tenham jogado futebol na mesma equipa. Na primária, imagino eu. E depois houve qualquer coisa sobre um joelho lesionado. Parece que o suspeito coxeava ligeiramente. Pode não dar em nada, mas ainda assim...

– Vale sem dúvida a pena investigar – disse Munch.

– Clausenengen – disse Oxen.

– O quê?

– O Ole Gunnar Solskjær. Jogou no Clausenengen FC quando era miúdo. Em Kristiansund.

– Ótimo. Então tu tratas disso, Karl. Antigos treinadores, fotografias da altura, sabes o que é preciso.

– Combinado.

– Muito bem, temos muito com que nos entreter. Vamos trabalhar e encontramo-nos aqui logo à noite para fazer um novo ponto de situação, ou antes disso, se alguém descobrir alguma coisa importante.

Munch tirou um cigarro do bolso da canadiana.

– Mia? Queria dizer alguma coisa?

– Não era nada de especial. Precisava de falar consigo.

– Está bem, encontramo-nos no meu gabinete daqui a nada. Muito bem,

equipa. Boa sorte a todos.

Munch sorriu, enfiou o cigarro na boca e desapareceu na direção da varanda onde costumava ir fumar.

Capítulo 26

A mudança repentina quase lhe paralisou os sentidos. Mía andava tão embrenhada no trabalho novo que se tinha esquecido de que havia um mundo lá fora, mas agora começava a regressar lentamente a ele, à medida que deixava a Karl Johans Gate para trás e se aproximava dos jardins do palácio. Árvores enormes e lindas, que recebiam a primavera com folhas verdes e brilhantes que se agitavam na brisa leve. Não conseguia ver os pássaros, mas pareciam estar por toda a parte. Uma chilreada ensurdecadora, como se todos os pássaros se tivessem encontrado ali para celebrar, mesmo à frente da casa da família real da Noruega. A bandeira real estava desfraldada, o que queria dizer que o rei estava lá. Tinha aprendido aquilo quando era pequena e, na altura, o que mais a tinha preocupado era como é que a família real não se perdia numa casa tão grande. Só para irem à casa de banho ou para se irem deitar, deviam ter de andar tanto que ficavam cansados, e para irem tomar o pequeno-almoço? O rei devia ter de planear todos os movimentos dele, senão como é que se orientava? Tinham ido ao palácio num Dia da Constituição, no dia em que o país inteiro vestia trajes tradicionais e ia aplaudir a família real junto à varanda. Mal podia esperar por vê-los, mas não tinha sido fácil. Havia cornetas a apitar e cavalos da polícia a bater com os cascos no chão e pessoas a aplaudir e a gritar e a agitar bandeiras. Tinha começado a ficar nervosa, a sentir-se aprisionada no meio da enorme multidão que enchia a rua, mas os braços fortes do pai tinham-na resgatado. Pegou nela e pô-la às cavalitas e, de repente, o mundo parecia completamente diferente. O pai não era monárquico, ou pelo menos não admitia sê-lo, mas tinha sem dúvida mais simpatia pelo regime do que a mãe, que estava sempre a queixar-se da quantidade de dinheiro que se gastava com as famílias reais. Já olharam para o Reino Unido? Onde a realeza se casa com vestidos prateados e tronos dourados e tudo com uma pompa e circunstância que custa milhões, enquanto há pessoas a passar fome nos bairros operários? Vão dizer-me que isso é aceitável? Era sempre mais fácil estar com o pai, que cheirava bem, usava camisas impecavelmente engomadas e nunca se importava de abrir os cordões à bolsa. Mais tarde, participou nas paradas do Dia da Constituição que a escola de Åsgårdstrand

organizava, e tinha sido giro, mas não era a mesma coisa. Menina do papá. Lembrou-se do que lhe chamavam com um ligeiro sentimento de culpa enquanto passava pelo Grotten, o edifício que servia de residência honorária a artistas noruegueses, que tinha começado por ser a casa do poeta Henrik Wergeland, em 1841. Desde então, tinha albergado um número muito reduzido de artistas, que foram considerados suficientemente importantes para representar o país numa morada colada ao Palácio Real. O ocupante atual era o compositor contemporâneo Arne Nordheim, que fazia uma música cheia de barulhinhos, como o pai costumava dizer, mas que era claro que a mãe adorava. Era uma grande admiradora de tudo quanto fosse intelectual e ligeiramente elitista. Ele gosta mais de ti do que de mim. Sigrid, à porta da garagem, era o que ela lhe chamava quando queria ser má. Menina do papá. Mia tinha-se sentido sempre insultada. Ser uma menina do papá, não é? Mas o facto é que gostava de estar na garagem enquanto o pai mexia no velho Jaguar cor de jade, que tinha comprado apesar das objeções da mãe, e em que quase todas as tardes fazia arranjos, na esperança de um dia o pôr a andar. Uma maria-rapaz. Essa ainda era pior, mas ao fim de uns tempos tinha deixado de se importar. Com as miúdas da turma. Porque não ia com elas para a bomba da Mobil comprar pastilhas elásticas cor-de-rosa e embebedar-se enquanto tentavam arranjar alguém com carro para irem para o lado sul do lago Borrevannet para curtir. Em vez disso, tinha comprado uma moto, uma Honda CB100 encarnada, e a mãe ia tendo um ataque de coração. O quê? Mas tu queres matar-te? E tu perdeste a cabeça, Kyrre? O pai, sempre calmo e a defendê-la. Desta vez também. Mas porque é que ela não pode gastar o dinheiro do crisma no que bem entender? Sigrid anda no andebol e na equitação. Porque é que Mia não podia ter uma coisa só dela? É verdade, uma menina do papá, provavelmente era isso que ela era. O que talvez explicasse porque é que se dava tão bem com a avó paterna.

– Raio Lunar – disse a senhora a sorrir muito, e deu-lhe um abraço forte e comprido.

Tinha-se aperaltado para ir ter com a neta. Tinha apanhado o cabelo escuro e indomável num carrapito e tinha-se pintado com umas cores muito leves. Trazia um casaco encarnado que Mia conhecia bem, e de que gostava muito, e os botins preferidos, que eram dourados e tinham uns berloques atrás. Olhou para Mia com os olhos escuros e profundos, enquanto lhe fazia uma festa na cara com a mão enrugada.

– Está muito gira, Vovozinha.

– Não, Mia, tu é que estás muito gira – respondeu a velha senhora, entrelaçando os dedos das mãos. – Deixa-me olhar para ti. Quem diria que o meu pequeno raio lunar ia ficar deste tamanho.

– A Vovozinha viu-me há duas ou três semanas.

– Eu sei, eu sei, mas ainda assim. E agora tens um emprego e tudo. Não, realmente já devia ter feito isto há mais tempo. Anda. Mal posso esperar para te mostrar.

A avó sorriu, enfiou o braço no dela e conduziu-a pela Parkveien acima e depois pela rua que ficava por trás.

– Esta rua, cara amiga – disse a avó com um sorriso matreiro –, chama-se Inkognitogata.

– E?

– Ali – prosseguiu, fazendo de guia turística enquanto percorriam a rua elegante – é a Embaixada da Coreia. E ali a de Itália. Logo ali adiante fica a residência do primeiro-ministro. Depois temos a do Chile, da Suécia e de Cuba. Tudo embaixadas. Portanto, cara amiga, isto é uma zona daquelas. E o rei mesmo aqui ao lado também não a torna pior.

A velha senhora piscou o olho, abriu um portão e entrou num jardim pequeno, que pertencia a um grande edifício branco.

– Foi construído em 1879, desenhado pelo arquiteto Stener Lenschow, e, como vês, tem uma daquelas fachadas assimétricas típicas do estilo neorrenascentista – disse com um certo exagero, como se estivesse a fazer troça dos programas de televisão que a mãe de Mia gostava de ver. – Todos temos os nossos segredos, e este é o meu.

A avó voltou a piscar-lhe o olho e tirou uma coisa do bolso.

– É um presente que te dou, gosto muito de ti.

Uma chave.

– O que é isto?

A senhora sorriu, feliz.

– É para ti, querida.

Mia ficou a olhar para a chave, atónita. Voltou a olhar para o prédio maravilhoso e depois olhou outra vez para a avó.

– Nos anos 1950 – disse a senhora a rir –, eu ainda não era a velhota que tu vês. Sim, quando Oslo virou uma festa, mas isso foi só o princípio. O período do pós-guerra levou-nos a fazer, como é que hei de dizer, coisas um bocado estranhas e imponderadas.

Riu-se e depois começou a tossir.

– A Vovozinha está bem?

– Estou, claro que estou – respondeu a velha senhora.

– Esta... esta casa é sua?

– É – respondeu ela com um sorriso brincalhão. – Quer dizer, não é toda, eu era rica na altura, mas não tanto. Mas o primeiro andar é meu. Ainda são 250 metros.

Pôs-lhe outra vez a chave à frente da cara.

– E agora é teu.

– Não, ó Vovozinha, não pode...

Mia estava boquiaberta. Tinha ficado completamente sem palavras.

– Ai isso é que posso.

A avó pegou-lhe outra vez pelo braço.

– Não, a sério, Vovozinha, não pode...

– Anda – disse a senhora a sorrir, enquanto começava a subir os degraus

trabalhados. – Não queres ver como é por dentro?

Capítulo 27

Fredrik Riis tinha acabado de ir buscar o almoço à padaria da Wilses Gate e estava no elevador quando o telemóvel tocou. Era outra vez da brigada-e, mas felizmente era um dos técnicos superiores.

– Estou, fala Morten Olsen. Estou a falar com o Fredrik Riis?

– Sim?

– Desculpe a demora, tivemos o sistema em baixo.

– Pois, já me tinham dito. Mas conseguiram?

– Ah, sim, acabámos por conseguir. Tivemos uma certa dificuldade com o último número, não sabíamos bem se era um sete ou um um, mas acabámos por decidir que era um sete.

– Muito bem – disse Riis, já esquecido de que estava cheio de fome.

Tinham encontrado a carrinha.

– Tenho de lhe dizer que ficámos um bocado surpreendidos – disse o homem do outro lado da linha.

– Surpreendidos?

– Bom, quando vimos o nome no pedido achámos que se calhar era uma brincadeira.

– Porque...?

O elevador tinha chegado ao terceiro andar. Grønlie apareceu no corredor e parecia que queria falar com ele, mas Fredrik despachou-o e apontou para o telemóvel.

– O seu nome é Fredrik Riis, não é?

– É.

– E trabalha com o Munch?

– Sim.

– E isto não é nenhuma brincadeira, pois não?

– Oiça – disse Fredrik, começando a perder a paciência –, importava-se de me dizer em que nome está registada a carrinha?

– Não, claro, queria só confirmar. É que a carrinha branca do vídeo que nos mandou está registada em *seu* nome.

– O quê?

– Sim, está em seu nome. Tem alguma empresa sediada em Alnabru?

– Não.

– Ou conhece alguém com um nome igual ao seu? A Boxer branca com a matrícula DK 87127 está registada em nome de Fredrik Riis Lda., Verkmaster Furulunds Vei, número 12. Então não é sua?

– Não, já lhe disse – respondeu Fredrik, que já se tinha esquecido completamente do almoço. – Sabe dizer-me o que é que faz essa empresa?

– Não, só temos o nome e a morada.

– Muito bem, ótimo, obrigado pela ajuda – disse Riis, desligando a chamada.

Ludvig Grønlie espreitou outra vez para o corredor.

– Tens dois minutos?

– Por acaso, não. Acabámos de identificar a carrinha do acidente no Burger Bar. Tenho de lá ir. Era importante?

– Sim e não. O funeral do Ruben foi antecipado para amanhã.

– Já? Porquê?

Grønlie encolheu os ombros.

– Não sei. O que é que fazias se tivesses perdido um filho? O luto tem de começar, não achas que deve ser por isso? O Munch quer ter lá alguém, achas que podias ir com a Katja?

– Claro. Qual é a ideia? Que como ele nos observou na cena do crime, se calhar também pode aparecer no funeral?

– Qualquer coisa do género – disse Grønlie, fazendo que sim com a cabeça. – A missa é ao meio-dia, na igreja de Lørenskog.

– Está bem, obrigado, eu digo à Katja.

Fredrik acenou com a cabeça e apanhou o elevador até ao parque de estacionamento subterrâneo.

Fredrik Riis Lda.?

Em circunstâncias diferentes, talvez tivesse achado graça, mas hoje não estava com espírito para isso. Tinha acordado outra vez com o telemóvel cheio de mensagens e desta vez tinha decidido não responder. Merda! Como é que tinha deixado aquilo acontecer? Como é que se tinha metido numa embrulhada daquelas? E agora aquela coincidência? Como é que era possível? Qual era a probabilidade?

Um concerto em Grünerløkka, um trio de *jazz*, já não se lembrava do nome. Tinha ido sozinho, coisa que fazia muitas vezes, não se importava nada de ficar apenas na companhia da música. Depois, à saída, tinha-se sentido meio estranho. Feliz, mas ao mesmo tempo triste, melancólico, a música tinha-o afetado. Ela estava sentada. O bar estava cheio e ele tinha-lhe perguntado educadamente: *importa-se que me sente?* Sem segundas intenções, estava só à procura de uma cadeira e de um sítio para poisar a cerveja. Três horas depois, já sabia quase tudo sobre ela. A conversa tinha fluído de uma forma surpreendentemente natural. Tinham começado a flirtar muito ao de leve. Música, filmes, um bocadinho de política, sentimentos,

pensamentos. O bar de *jazz* tinha fechado e tinham seguido para outro, como se fosse a coisa mais natural do mundo, já um bocadinho mais bêbado, mas nada de especial, ainda estava a conseguir pensar como deve ser, e depois começaram as histórias tristes. Fredrik Riis não sabia o que é que tinha, mas devia ter qualquer coisa, porque toda a gente queria desabafar com ele. Contavam-lhe as coisas mais íntimas. Era como se tivesse ADN de confessorário. Ou então emanava só uma forma qualquer estranha de profunda empatia, não sabia bem, mas já era assim desde que era adolescente. Os amigos da escola a contarem-lhe os segredos no quarto, que acabavam sempre com: *Mas não podes contar isto a mais ninguém*, e em adulto era a mesma coisa. Tinha acabado por se deixar levar precisamente por isso. Pelo sofrimento dela. Aquela criatura pequena que tinha à frente e que estava obviamente a precisar de um ombro amigo.

O meu marido não se porta bem.

Se não fosse a nossa filha...

Não que ele se importe muito com ela.

O corpo suave e desconhecido debaixo das mantas na cama dele.

Só mais tarde.

Da quarta vez.

Mas então o que é que o teu marido faz?

Merda!

Estacionou à frente do grande armazém e olhou outra vez para o telemóvel, mas não tinha mais mensagens.

Ainda bem.

Uma plaquinha de latão e uma porta que ia dar ao primeiro andar, uma série de escritórios, uns a seguir aos outros. Bateu devagarinho à primeira porta e foi mandado entrar por uma senhora de idade que estava sentada atrás de uma secretária de rececionista daquelas à antiga. Não havia nada que denunciasse que tipo de empresa era aquela, mas já devia existir há uns tempos, porque o interior da sala parecia não ter sido alterado desde os anos 1970. A senhora de cabelo grisalho sorriu-lhe enquanto poisava o auscultador do telefone.

– Olá, chamo-me Fredrik Riis e sou polícia.

A senhora riu-se quando ele lhe deu o cartão.

– Está a brincar?

– Não, eu...

– Olav! – gritou ela, enquanto batia na parede de tabique fininha.

Apareceu um senhor da mesma idade, com umas calças de bombazina e um colete.

– Diz.

– Tens aqui o teu avô – disse-lhe a senhora a sorrir.

– Hã, o quê?

– Fredrik Riis – apresentou-se Fredrik, estendendo a mão ao senhor.

– Olha.

A senhora levantou-se e deu a volta à secretária para lhe mostrar o cartão de visita.

– Valha-me Deus! – exclamou o senhor do colete a sorrir, enquanto punha os óculos que tinha pendurados ao pescoço. – A polícia? Mas fizemos alguma coisa de mal?

– Queria fazer-vos uma pergunta sobre esta carrinha – disse Fredrik, mostrando-lhes a fotografia. – Está registada em vosso nome. Reconhecem-na?

O senhor saiu para o corredor estreito a trautear baixinho e Fredrik seguiu-o. Parou à frente de uma janela e levantou o estore empoeirado, voltou a sorrir e apontou lá para baixo, para o parque de estacionamento.

– Será uma daquelas?

Fredrik espreitou e viu várias filas de carrinhas estacionadas.

– Temos 32 – disse o senhor a sorrir. – Por isso, pode bem ser uma das nossas.

– O que é que faz a sua empresa?

– Lavandaria comercial – respondeu o senhor num tom orgulhoso. – Para o ano, fazemos 40 anos bem medidos. Quer que lhe mostre a casa?

– Não, obrigado, não é preciso – respondeu Fredrik. – Lavandaria comercial... ou seja?

– Hotéis. Há 6 mil quartos de hotel na zona leste da Noruega que precisam de roupa lavada todos os dias. Quando o meu avô começou o negócio, os tempos eram outros, claro. Nessa altura, estávamos no centro da cidade, éramos uma casa de limpeza a seco normal, mas, um dia, por acaso durante um almoço no Kaffistova, está a ver, é que o meu avô tinha vindo de Seljord para Oslo e não tinha tempo para aquilo a que ele chamava *comida moderna*...

– Sim, é impressionante – interrompeu Fredrik educadamente. – Então isso explica porque é que têm tantas carrinhas.

– Nós vamos buscar roupa suja e devolvemo-la lavada – disse o senhor a sorrir. – Podia ser o nosso *slogan*. É o que fazemos todos os dias. Andar de um lado para o outro. A maior parte das carrinhas vai para o centro da cidade, claro, mas também há umas que vão a Lillestrøm, ao aeroporto de Gardermoen, Drammen...

– E esta carrinha? – perguntou Fredrik, levantando outra vez a fotografia.

O senhor olhou para ela por cima dos óculos.

– Sim, é capaz de ser das nossas. Já falou com o nosso gestor de frota?

– Ainda não, onde é que o encontro?

– Venha comigo – respondeu ele, começando a descer umas escadas em caracol periclitantes e entrando numa sala do piso de baixo.

Parecia um pequeno café. Era claramente a sala do pessoal. Uma máquina de bebidas num canto. Um balcão onde, segundo o leteiro, se podiam servir de café e pãozinhos, mas: *Máximo três por pessoa. Se tirar*

mais, por favor, deixe umas moedas no cestinho.

Olhos desconfiados a espreitar por cima dos copos de plástico.

Um homem de cabelo escuro e bigode poisou o jornal quando eles entraram.

– Olav, o que é que o traz cá abaixo ao meio dos comuns mortais? Não me diga que nos veio dar outro aumento?

Os condutores que estavam sentados no banco junto à janela riram-se.

– Hoje, não – respondeu o patrão, sem parecer minimamente afetado pela pergunta sarcástica. – Andamos à procura de uma carrinha.

Fez um sinal de cabeça a Fredrik, que mostrou a fotografia ao homem que parecia um pirata.

– DK 87127. Hum.

O homem do cabelo escuro levantou-se e aproximou-se de uma lista que estava afixada na parede.

– Sim, é nossa. Porquê?

Devolveu a fotografia a Fredrik e sacudi qualquer coisa do bigode.

– Quem é que usa essa carrinha? – perguntou Fredrik. – Cada condutor tem a sua?

O homem voltou-se para os condutores que estavam ao pé da janela.

– Alguém aqui sabe quem é que anda na...

Olhou outra vez para a matrícula.

– Na DK 87127?

Abanaram todos a cabeça por trás dos respetivos copos de café.

– Temos um sistema rotativo – explicou ele, indicando com a cabeça um letreiro na parede que dizia DISPONÍVEL, com várias chaves penduradas por baixo. – Se alguém precisa de uma carrinha, é só tirar as chaves.

– Então não me sabe dizer quem é que... – começou a perguntar Fredrik, mas foi interrompido por um dos jovens que estava sentado.

– Essa não foi a que foi roubada?

Os condutores murmuraram e anuíram.

– Porra, pois foi!

O homem do cabelo escuro passou a mão pelo bigode.

– Falta-nos uma carrinha? – perguntou o patrão. – Desde quando?

O gestor de frota, que queria um aumento, mas claramente não sabia fazer o trabalho dele, ficou sem palavras e voltou a ser salvo por um dos colegas.

– Há 15 dias.

– Pois, foi mais ou menos há duas semanas. Eu ia mesmo dizer-lhe que temos de fazer queixa, nós tratamos disso. O senhor é da polícia? Acha que podemos...

O patrão estava irritado e bateu com o pé no chão de linóleo.

– Isto é da tua responsabilidade.

– Sim, pois é... Só que eu...

– Vê se fazes queixa do roubo imediatamente. Não te disse que queria as

coisas em ordem aqui em baixo?

– Sim, sim...

O homem estava a olhar para o chão, envergonhado, enquanto os condutores junto à janela resmungavam entre dentes.

– Então falta-nos uma carrinha. E ninguém sabe onde está?

Todos calados no banco.

– Vais tratar disso agora – disse o senhor do colete, espetando um dedo no tampo da mesa à frente do empregado negligente.

Fredrik e Olav voltaram ao piso de cima, com o empresário a pedir muitas desculpas enquanto subiam a escada barulhenta.

– Mais uma vez, lamento muito.

– Não têm câmaras? – perguntou Fredrik, voltando a olhar para as carrinhas estacionadas.

– Aqui fora, não. É preciso um cartão de segurança para entrar no recinto. Mas há duas câmaras à entrada do portão. Vou falar com o segurança para ver se temos gravações dessa altura.

– Ou algum tipo de registo? Os condutores devem ter de assinar quando pegam numa carrinha, não?

O senhor suspirou.

– Pois, era assim que devia ser. Mas acabou de ver como funciona. Sou bonzinho de mais. A minha mulher está sempre a dizer-me. *És bonzinho de mais, Olav. Isto não é uma instituição de caridade, ou é?* O meu avô dizia sempre que...

– Importava-se de me contactar se conseguir descobrir quem foi o último a usá-la? Ou se alguém se lembrar de alguma coisa?

Fredrik tirou um cartão de visita do bolso e deu-o ao senhor, que disse que sim com a cabeça.

– Com certeza. Vou tentar.

– Muito obrigado. Foi um prazer.

Fredrik despediu-se com um aceno de cabeça, fez o mesmo à senhora da receção e desceu pelas escadas estreitas de volta ao carro.

Raios!

Estava com esperanças de poder ligar a Munch com boas notícias.

Bem, pelo menos sabiam de onde vinha a carrinha.

Era melhor do que nada.

Fredrik tinha acabado de se sentar ao volante quando lhe bateram no vidro.

Reconheceu imediatamente a cara. O condutor que lhes tinha dito que a carrinha fora roubada.

O jovem olhou rapidamente à volta.

– Eu sei quem foi.

– O quê?

– Eu sei quem foi, eu sei quem é que levou a carrinha.

Capítulo 28

Mia Krüger só queria poder parar o tempo e reviver a última hora repetidamente, ficar para sempre com a avó no apartamento. Continuava em estado de choque e não soube o que dizer quando viu a senhora a abrir os braços e a dar uma piruetazinha debaixo do florão central de uma das muitas e enormes divisões.

– Como vês, podes mudar-te quando quiseres – disse a avó a sorrir. – Arrendei-o durante anos, mas há uns tempos mandei vir a mobília que tinha no armazém. Não sei se é bem o teu género, mas podes sempre trocar as coisas depois. Achei que era mais fácil se já tivesses cá qualquer coisa para começar.

– É lindo, Vovozinha – retorquiu Mia com um sorriso, enquanto tirava cuidadosamente a proteção de plástico de cima de um sofá cor de mostarda.

– Bom, isso já não sei. Não é lá muito moderno, mas é melhor do que nada.

– Acho tudo lindo.

– A sério? – perguntou a avó, inclinando a cabeça. – Achas que ficas confortável?

Mas o mundo não estava para fazer a vontade a Mia e o telemóvel dela tocou, interrompendo o idílio. Entrou na cozinha enorme, de onde se via a Embaixada de Itália, e atendeu a chamada.

– Estou, é o Holger. Onde é que estás?

Mia foi apanhada momentaneamente desprevenida.

Pois, realmente, onde é que eu estou?

Passou os olhos pelo apartamento incrível outra vez, ainda conseguia sentir a barriga a efervescer de felicidade.

– Estou com a minha avó, desculpe, como lhe disse, tinha de vir fazer uma coisa. Está tudo bem?

– Sim, está tudo bem. Identificámos a carrinha branca do Burger Bar.

– A sério?

– O Fredrik fez um bom trabalho. Vamos agora interrogar o condutor. Era por isso que estava a ligar.

– Diga.

– Eu tinha de ir receber o analista comportamental sueco, o Patrick Olsson. Ele está agora a caminho da Mariboos Gate, mas nós temos de sair. Acha que pode vir para aqui?

– Agora?

– Sim, ele deve estar quase a chegar. Tem carro?

– Não, estou a pé.

– Apanhe um táxi.

Ouviu-se muito barulho de fundo e Munch desapareceu por um instante, até se voltar a ouvir:

– Vamos sair agora, já está a caminho?

– Estou, estou – respondeu Mia e desligou, sentindo-se um bocadinho desiludida enquanto guardava o telemóvel no bolso das calças.

– Trabalho? – perguntou a avó.

– Sim, desculpe, Vovozinha – respondeu Mia. – Tenho mesmo de me pôr a andar.

– Não faz mal. Eu fico mais um bocadinho. A relembrar outros tempos, se não te importas.

– Claro que não. Fique o tempo que quiser, até podíamos viver aqui juntas, não era bom?

A avó riu-se.

– És muito querida, Raio Lunar. Mas eu prefiro viver ao pé do fiorde. E, como te disse, podes mudar-te assim que quiseres. Tens muita coisa em tua casa?

– Não, quase nada. Vou trazer tudo para cá assim que conseguir. Com sorte, ainda faço isso hoje à noite.

– Que bom – disse a velha senhora a sorrir. – E já te dei as chaves?

Mia deu-lhe mais um grande abraço, fez chocalhar o conjunto de chaves enquanto descia as escadas e saía para a rua elegante, e depois correu o mais depressa que pôde até à Bogstadveien para apanhar um táxi. Ainda não tinha recuperado o fôlego quando saiu do táxi, depois de pagar apressadamente ao taxista, e percebeu que não precisava de se ter preocupado. Patrick Olsson estava com um ar perfeitamente descontraído, encostado à parede creme do edifício, de olhos fechados. O táxi arrancou e Mia observou-o à distância. Um psicólogo. Não era a primeira coisa que ela diria. Talvez alguém com uma profissão mais criativa. Arquiteto. *Designer*. Uma coisa dessas. Porque tinha um ar sofisticado. Um casaco de lã cinzento por cima de uma camisola de gola alta preta. Calças de ganga azuis e uns botins castanhos de camurça. Nada mal. Estava quase impressionada. Não havia muitos homens que percebessem de sapatos. Mãos bonitas. Dedos compridos. Como os de um pianista. Olhos azuis. Sueco. Obviamente. Mas não era loiro. Tinha cabelo escuro. Como o dela, talvez um bocadinho mais claro, e com uns cabelos brancos aqui e ali, que até lhe ficavam bem. Que idade é que Munch tinha dito que ele tinha? Quarenta? Devia ser mais ou menos isso. Era velho de mais

para ela, obviamente, mas ainda assim. Era sem dúvida um homem bem-parecido. Seria mesmo ele? O especialista em assassinos em série? O único membro da equipa sueca que acompanhava a investigação desde o início? Tinha mais pinta de modelo, ali encostado, a soprar para tirar a franja da cara e a olhar brevemente para um relógio de pulso muito bonito.

Só havia uma maneira de descobrir.

– Patrick Olsson?

Mia atravessou a rua e aproximou-se.

Os olhos azul-claros dele pareceram iluminar-se ao vê-la.

– Sim?

– Mia Krüger – disse ela, estendendo-lhe a mão.

– Um prazer – retorquiu ele a sorrir, enquanto apanhava um saco de camurça do chão. – O Munch não está cá?

– Não, ele pede desculpa, mas teve de sair.

– Está bem – respondeu Olsson, pondo o saco ao ombro.

– Só trouxe isso?

Ele riu-se brevemente.

– Não, já deixei a mala no hotel.

– Não tinham tratado de lhe arranjar uma casa? – perguntou Mia, passando o cartão à frente do leitor da porta de entrada.

– Acho que era essa a ideia, mas não estava pronta. Não faz mal. É a polícia sueca a pagar. Pelo menos, por enquanto.

Uma voz calma. Parecia de fiar. Não ia a um psicólogo desde os 7 anos, mas, se viesse a ser preciso, este homem serviria. Deitar-se no sofá e contar-lhe os segredos todos. Tinha um brilho carismático nos olhos e um laivo de um sorriso amigável no canto da boca enquanto esperava pacientemente pelo elevador ao lado dela.

– Eu acabei de começar – disse Mia, carregando no botão. – Mas acho que já lhe estou a apanhar o jeito. Consigo senti-lo. Não sei se isto faz sentido?

Os olhos do sueco iluminaram-se outra vez.

– Muito bem, então a Mia é...

– Não, não sou a secretária de ninguém – respondeu Mia a sorrir. – O Munch não deixou nada particularmente definido quando me contratou, mas acho que se pode dizer que sou analista comportamental, não sei bem.

– Mas é muito jovem, não?

Estava a olhar para ela. A tirar-lhe as medidas de uma ponta à outra, mas não era uma coisa desagradável, como às vezes era quando certos homens olhavam para ela.

– Sim – disse Mia anuindo com a cabeça, enquanto entrava no elevador.

– Há uns dias, ainda estava na Academia Nacional de Polícia.

Olsson riu-se, mais uma vez sem lhe parecer irritante, só simpático.

– Está a falar a sério?

– Estou. Como lhe disse, acabei de começar, mas estou a fazer

progressos. Quer que lhe mostre o que descobri até agora? Ou prefere começar pela visita guiada completa?

– Não me parece que vá precisar da visita guiada completa – respondeu o sueco a sorrir.

– Muito bem, ótimo – afirmou Mia, carregando no botão do terceiro andar outra vez.

Capítulo 29

Susanne Hval Pedersen tinha acabado por desistir da ideia. De esperar ao pé da porta até que o marido chegasse a casa. Ou melhor, tinha tentado, tinha-se instalado na entrada com uma cadeira da cozinha, uma chávena de café forte e umas revistas, mas, umas horas depois, parecia-lhe que estava a ver de fora a figura que estava a fazer e a perceber como tudo aquilo era ridículo. Todos os casais passavam por maus bocados, e então? Não havia dúvida de que o marido estava a atravessar qualquer coisa, uma fase qualquer, mas tinham sido sempre capazes de conversar quando era preciso, não tinham? Ela não gostava, era verdade que não gostava. De como ele chegava a casa tarde e ia direito para o quarto das visitas, sem sequer lhe falar, de como ficava a dormir enquanto ela preparava Nora para a escola e depois saía antes de ela voltar do trabalho. Mas isso era lá com ele, não era? Havia de ir ter com ela quando precisasse de ajuda. Tinha lido um artigo há uns tempos numa revista feminina: «O Seu Marido Mudou?» E dizia que os homens começavam a sentir-se mais aborrecidos e distantes a partir de uma certa idade. Era uma crise de meia-idade, aparentemente. O psicólogo que tinha escrito o artigo dizia que era normal os homens mudarem quando se apercebiam de que tinham deixado mais estrada para trás do que a que lhes faltava percorrer. Uma casa, um emprego, crianças, os 40 já ultrapassados. E, de repente, apercebem-se de que afinal já não vão ser estrelas de *rock*. Nem jogadores de futebol milionários. De que a vida deles é aquela, uma rotina diária que inclui lavar pratos, pagar contas e ver programas aborrecidos na televisão à sexta-feira à noite. A conclusão era simples: deve estar ciente de que, nesta fase da vida, é possível que o seu marido procure consolar-se através da infidelidade. Muitas vezes com uma mulher mais jovem. Um caso? Oh, meu Deus, por favor, não! Tinha-se sentido fisicamente enjoada com a ideia, porque a verdade é que ele estava a dar todos os sinais, não estava? Saía muito à noite? Sim. Dava respostas evasivas às perguntas dela? Sim. Interessava-se menos pelos filhos? Sim. Tinha comprado roupa nova, começado a ir ao ginásio, mudado de corte de cabelo ou de *aftershave* e começado a interessar-se por coisas novas de repente? Hum, não. A esta tinha realmente de responder que

não. Da última vez que tinha falado com ele, dois segundos no corredor, depois dos quais ele murmurou qualquer coisa e saiu porta fora, tinha-lhe parecido com pior aspeto do que nunca.

Então o que é que ele andava a fazer?

O que quer que fosse, era hoje que ia descobrir.

Tinha ido deixar Nora à escola mais cedo do que o costume e em vez de ir para o trabalho tinha ligado a dizer que estava doente.

Ia fazer um dia de gazeta.

Para estar em casa quando ele se levantasse.

Assim, não podia desaparecer outra vez.

Também tinha decidido que ia ser bastante severa.

O que é que andas a fazer, Gunnar?

A Nora tem saudades tuas.

Eu tenho saudades tuas.

Por favor, isto não pode continuar.

Susanne nunca tinha faltado ao trabalho na vida, mas, para grandes males, grandes remédios.

Ia perceber o que se passava.

Hoje.

Viu outra vez movimento pela janela da cozinha quando foi pôr a chávena vazia no lava-loiças.

Mais um carro.

Com um fotógrafo no lugar do morto.

Qual era o problema daqueles jornalistas?

Porque é que não deixavam aquela pobre família em paz?

Wenche tinha-lhe dito que Holm, do número 11, tinha apanhado um no jardim dele, a tentar tirar uma fotografia da casa dos Lundgren, e que o tinha enxotado.

A lata.

O que é que iam fazer a seguir?

Remexer-lhes nos caixotes do lixo?

Aquela pobre família não tinha já problemas suficientes?

Abriu a porta do frigorífico e voltou a senti-lo, o medo com que tinha acordado uns dias antes, um pânico que se recusava a deixá-la.

Podia ter sido a Nora.

Não, mais vale nem pensar nisso.

Tinha imaginado certas coisas, depois acabou a dar voltas à casa à procura dos calmantes que o médico lhe tinha receitado, mas ainda não tinha conseguido encontrá-los.

Ia ser enterrado em breve.

Ruben.

Era já amanhã.

Já se tinha perguntado, devia ir? Era o que se costumava fazer numa situação daquelas? Viviam perto deles, isso obrigava-a a ir? Para mostrar

apoio? Ou seria o contrário? Devia deixá-los em paz? Mostrar respeito pela família? Para não os pressionar? Para não ser mais uma a querer dar-lhes os pêsames? O que é que se fazia numa situação daquelas? E o que é que era melhor para eles?

Tinha decidido que era melhor não ir.

Conhecia Vibeke, a mãe de Ruben, mais ou menos, mas era só de dizer olá quando se cruzavam. O marido também dizia olá, mas com uma certa relutância, e só se ela o cumprimentasse primeiro. Como é que se chamava? Jan-Ottar? Jan-Otto? Era qualquer coisa assim. Era um tipo um bocado estranho, não era? Já tinha ouvido uns boatos, é claro que não se podia acreditar nessas coisas, mas não havia fumo sem fogo, não é?

Tirou uns ovos, bateu-os com um bocadinho de leite, de tomilho e de cebolinho e deitou a mistura numa frigideira que tinha ao lume. Um pequeno-almoço tardio, mas bom. Ia dar-lhe pelo menos isso. Antes de lhe dar uma desanda, ah-ah. Estava a sorrir ligeiramente para si própria e ligou o rádio ao mesmo tempo que via um carro a parar à frente de casa. Depois outro. Desviou ligeiramente a cortina. O que é que se estava a passar? Um homem gorducho, de barba arruivada, saiu do primeiro carro e fez uns gestos. Fez sinais a um carro que tinha estacionado do outro lado da estrada. O homem da barba começou a subir o caminho de gravilha que ia dar a casa deles, seguido de um homem mais jovem de fato. Estavam a chegar mais carros para além dos dois primeiros. De repente, havia muito movimento.

Mas o que é que se estava a passar?

Susanne Hval Pedersen passou as mãos por água num instante e secou-as nas calças enquanto se dirigia para a entrada. Tinha acabado de chegar à porta quando a campainha tocou.

– Gunnar Pedersen?

– Sim, ele vive aqui, mas está a dormir. Posso ajudar?

– Chamo-me Holger Munch. E o meu colega chama-se Fredrik Riis.

Somos polícia.

– O quê? Aconteceu alguma coisa?

Conseguia ver movimento na estrada, mais adiante.

O monte de jornalistas.

A vir em direção à casa dela.

– O que é que...

Passaram-lhe uma folha de papel para as mãos.

– Temos de lhe pedir que o vá acordar.

QUATRO

Capítulo 30

Kevin Myklebust, de 11 anos, estava sentado no banco de trás do velho Toyota Corolla a desejar que o chão se abrisse e o engolissem de repente. Não sabia exatamente como é que isso podia acontecer, mas era sem dúvida melhor para todos. Porque Kevin estava convencido de que era tudo culpa dele. Era por causa dele que a mãe tinha de andar num carro tão velho. Tão enferrujado que parecia que se ia desmanchar. E que se tinha avariado, outra vez, no meio do nada, onde só se via árvores. Tinha-as ouvido outra vez na sala na noite anterior. À mãe e a Elsebet, uma amiga que ia lá a casa ver o *Big Brother* com ela, e a mãe tinha começado com a conversa do costume. Podia ser eu ali na televisão. Agora, com este corpo, sabe Deus que não, mas como eu era dantes. Pelo menos não lhe dei de mamar, sempre é qualquer coisa. As paredes eram tão fininhas que tinha enfiado a cabeça debaixo das mantas, como fazia sempre, o que ajudava um bocadinho. E depois tivera outra vez o sonho, aquele que o deixava sempre tão feliz. Em que um anjo o vinha buscar e o levava para outro sítio, e quando acordou pensou que era muito melhor para toda a gente se ele desaparecesse. Só que não sabia como é que isso se fazia.

Há muito tempo, a mãe tinha sido jovem e bonita. Onde quer que fosse, os homens voltavam-se para a ver passar e uma vez, em Oslo, um homem tinha-a parado no meio da rua para lhe perguntar se gostava de ser modelo. Ia ganhar muito dinheiro e viver em Nova Iorque, num enorme apartamento no último andar, em vez da cave miserável que arrendavam agora, mas infelizmente tinha ficado grávida dele e não tinha feito nada até ser tarde de mais, e agora a vida dela estava arruinada.

A mãe acabou a chamada, voltou a entrar no carro e suspirou. Voltou-se para o retrovisor para ver se tinha o batom bem posto e depois ajustou o espelho e viu os olhos dele a olhar para ela.

– Porque é que eu estou presa nesta vida miserável, Kevin? Serás capaz de me explicar?

Ele encolheu os ombros timidamente.

– Este carro? Hã? Achas que é justo? Porque é que eu não posso ter um

carro como deve ser como toda a gente? Um carro novo. Um SUV. Com tração às quatro rodas e teto de abrir e uma caixa para os esquis, tipo um Mercedes. Não gostavas de ver isso? De ver a tua mãe a guiar um bruto Mercedes?

– Sim, gostava, mãe.

– Pois, pois gostavas, não é? Mas eu não tenho um Mercedes.

Abanou a cabeça e tirou os cigarros da carteira. Suspirou de impaciência quando percebeu que já só tinha dois no maço.

– *Merda!*

Kevin tinha olhado muitas vezes para os maços de tabaco na loja, enquanto sonhava ter coragem para lhe roubar um, ou se calhar muitos, para ela não ficar tão zangada por serem pobres e por não poder fumar os cigarros todos que lhe apetecia. Sabia que muitos dos rapazes da turma dele roubavam coisas nas lojas, mas só de pensar nisso tinha-lhe doído a barriga e tinha ido envergonhado para casa. Não só era um fardo para a mãe como nem sequer tinha coragem para roubar um maço de cigarros.

As outras crianças que conhecia tinham avós. Pelo menos, a maioria tinha. Isso é que era uma boa solução, não era? Assim era só fazer a mala e nem sequer tinha de se despedir. Ia de bicicleta ou apanhava uma camioneta. E ia para casa de uma das avós. Mas também nunca tinha ouvido falar nas avós, nem sabia se existiam ou não, e a única velhota que conhecia era a senhora da biblioteca, que era muito simpática, mas não podia ir viver com ela, pois não?

Não, era tudo muito complicado.

– Bom, pelo menos temos proteção contra avarias. Ele esqueceu-se de cancelar, não foi, o idiota?

A mãe sorriu-lhe brevemente pelo retrovisor e acendeu um cigarro, apesar de ter poucos.

– Já não é mau, Kevin. Ter-nos deixado qualquer coisa antes de se ter pirado.

O rapaz de 11 anos disse que sim com a cabeça e também tentou sorrir. Gostava quando o alvo das invetivas da mãe não era ele. Às vezes, era o que fazia quando ela estava muito zangada, fingia perguntar por acaso por um dos homens que tinha vivido lá em casa, porque sabia que a mãe ficava ainda mais furiosa e começava a dizer mal deles.

– Falhado de merda! Onde é que se enfiaram os homens decentes? Bem, aqui é que não estão, pois não? Aqui no meio de nenhures é que não estão. Se ao menos vivêssemos em Oslo. Porque é que tenho de viver aqui? És capaz de me dizer? Porque é que a vida é tão injusta?

Não, não era capaz de lhe dizer, apesar de um professor ter um dia explicado à turma que o dinheiro todo do mundo estava distribuído de tal forma que havia algumas pessoas que tinham muito e muitas pessoas que não tinham quase nenhum, mas não lhe parecia que a mãe se estivesse a referir a isso. De qualquer forma, tinha pensado muito no assunto, mas continuava sem

saber o que fazer para tornar a vida dela mais feliz.

– A porra de uma hora! – disse a mãe irritada, e olhou para o relógio. – Para que é que me serve? Porque é que estou a pagar a assistência em viagem se tenho de ficar aqui horas à espera?

Kevin estava quase a dizer que não tinha sido ela a pagar mas Jan-Erik. Assim como tinha pago as outras coisas todas durante os meses que viveu com eles. A renda e a eletricidade e a televisão nova e as roupas da mãe, e apesar de ela dizer que ele não passava de um peixinho dourado e que não era um homem de verdade, tinha chorado um bocadinho no dia em que ele fez as malas e se foi embora. Mas não tinha durado muito. Uns dias depois, já estava a viver lá em casa um homem chamado Rune e depois um chamado Gunnar, mas Kevin tinha gostado mais de Jan-Erik e tinha ficado um bocadinho triste por ele se ter ido embora.

Nunca ficavam.

Pelo menos, por muito tempo.

A maior parte só ficava lá em casa umas semanas, com a mãe era assim. Ao princípio, estava sempre muito interessada, esforçava-se, pintava-se muito, ria às gargalhadas de tudo o que eles diziam e embrulhava-se neles como se fosse um gato e elogiava-os, dizia bem da moto, se tivessem uma moto gira, apesar de Kevin saber que a mãe não gostava de motos. Ou se tivessem músculos grandes, ele sabia que isso era uma coisa de que a mãe gostava, porque ela já tinha reparado nos músculos de Ronny – Ronny era um amigo dele – e tinha dito que muito provavelmente ia ser um homem bem-parecido daí a uns anos. E depois tinha enfiado os dedos nos cabelos dele e mais tarde a mãe de Ronny bateu-lhes à porta a dizer que Ronny já não podia ir brincar mais lá a casa e que Kevin também não podia ir visitá-lo, e isso é que era uma pena, porque Ronny tinha na cave a maior pista de carros do mundo, que o pai tinha construído. E Kevin adorava lá ir porque o deixavam fazer corridas com aqueles carros tão fixes naquele sítio enorme, mas agora já não podia.

Um peixinho dourado.

Sabia o que aquilo queria dizer. Não era o que as pessoas pensavam, um peixe pequenino de um mar longínquo enfiado num aquário como o que havia em casa de Nina, mas, quer dizer, também podia ser isso. Mas a mãe costumava chamar aos homens todos que iam viver lá para casa, ou a quase todos, peixinhos dourados, e isso queria dizer que não tinham de se preocupar com a falta de dinheiro durante uns tempos porque havia uma pessoa a viver com eles que ia tratar das contas.

Kevin não sabia o que é que preferia. Era viver só ele com a mãe, claro, mas isso tornava-se sempre problemático, porque sempre que chegavam cartas pelo correio ela desatava a chorar, apesar de nem sequer abrir a maior parte e de as enfiar numa gaveta até mal a conseguir fechar. Por isso, se calhar era melhor ter alguém lá em casa que pudesse pagar as contas, mas nem todos eram simpáticos e pareciam quase desiludidos quando percebiam que afinal de contas ela não vivia sozinha, que havia um rapaz escondido no quarto

enquanto eles se divertiam na sala. Alguns iam-se embora quando percebiam, sem sequer lhe dizerem olá, mas Jan-Erik não, era diferente dos outros.

Era quase como um pai.

Kevin nunca tinha conhecido o pai, mas estava bastante convencido de que tivera um pai, porque de vez em quando, quando a mãe estava a ter um dia mesmo mau, dizia-lhe coisas como: *Para de olhar para mim com esses olhos e essas sardas. Lembra-me uma pessoa em que não me apetece nada pensar agora.* O que o levou a concluir que devia ser um homem assim que era pai dele. Um homem com caracóis loiros e sardas. E depois fazia o que costumava fazer sempre que as coisas estavam difíceis, ia para a paragem do autocarro e ficava lá até escurecer, a imaginar como é que o pai seria e, mais importante, *onde* é que estaria. E uma vez pensou que se calhar era como numa banda desenhada que tinha lido, em que havia várias dimensões no mundo, e que ele tinha ido parar à dimensão errada por engano e que algures havia uma dimensão completamente diferente que era a certa, onde o pai estava à espera dele. E quando pensava naquelas coisas, ficava sempre mais bem-disposto.

A mãe baixou o vidro e atirou a beata pela janela, depois olhou brevemente para o maço outra vez, onde já só havia um cigarro, e deixou-o cair dentro da carteira, mas mudou logo de ideias e repescou-o, acendendo o cigarro com um suspiro ainda maior.

– Valha-me Deus, Kevin, o que é que vai ser de mim?

Voltou a ver-se ao espelho e abanou a cabeça.

– Olha para isto, tu olha-me só para isto.

A mãe voltou-se para ele e puxou a pele por baixo dos olhos e nas bochechas.

– Eu acho que estás bonita.

– Achas? Não achas que tenho muitas rugas?

– Não, muitas, não.

– O que é que estás a dizer? Estás a dizer que tenho rugas? Onde, onde é que estão?

– Não tens rugas nenhuma, mãe.

– A sério? Mas acabaste de dizer que não tinha muitas. Vê se te decides.

– És muito bonita, mãe.

Ela voltou-se para o espelho e abanou outra vez a cabeça, desalentada, mas de repente viu qualquer coisa na estrada, atrás deles.

– Ah, finalmente. Aqui estão eles.

Tirou rapidamente o batom da carteira e reforçou a camada já espessa de vermelho, depois puxou a camisola para baixo, de maneira a ficar com os ombros à mostra.

– Espera aqui.

A mãe abriu a porta e acenou alegremente ao homem que tinha chegado no reboque amarelo.

Kevin abriu um bocadinho a janela para deixar sair o fumo espesso,

conseguia perceber pela voz dela e pela maneira como mexia o corpo.

Estava outra vez a ser como um gato.

– Então, o que é que se passou aqui?

O homem coçou a cabeça como se não acreditasse que alguém ainda andasse num chaço daqueles.

– Pois, eu cá não sei. Mas o senhor é o meu cavaleiro andante, não é? Veio ajudar uma donzela aflita.

– Sim, acho que vim – respondeu o homem enquanto dizia que sim com a cabeça e depois voltava a abaná-la.

– Que bom! – exclamou a mãe a sorrir.

E depois poisou a mão no braço do homem.

Capítulo 31

Katja entrou na sala, poisou o café na mesa junto ao espelho unidirecional e pôs-se ao lado de Munch, que estava a observar o homem de 40 e tal anos que tinham na pequena sala de interrogatórios.

– Vamos deixá-lo suar?

Munch disse que sim com a cabeça.

– Precisa de tempo para se recompor.

– Está com péssimo aspeto – disse Katja, e tirou uma maçã do bolso do casaco de fato de treino. – Já disse alguma coisa?

– No carro não abriu a boca – disse Fredrik Riis, que se tinha sentado na outra ponta da sala.

– E não quer um advogado?

– Não, diz que não – respondeu Munch.

– Que estranho. Porque não podia parecer mais culpado.

Katja deu uma dentada na maçã e aproximou-se mais do vidro.

– Está branco como a cal da parede. Já viram, está a tremer? Só pode ser culpado.

– Pode bem ser – retorquiu Munch com um suspiro. – Mas de quê?

Encolheu ligeiramente os ombros, tirou a canadiana e entrou na sala de interrogatórios sozinho. O homem saltou da cadeira.

– Por favor, não se levante, Gunnar – disse Munch, indicando com um gesto que ele podia voltar a sentar-se. – Quer beber alguma coisa? Um café? Ou um copo de água?

– Não, obrigado – murmurou o homem a tremer. – Não, espere, se calhar um copo de água. Tenho a boca completamente seca.

– Um copo de água, se faz favor – disse Munch, fazendo um gesto na direção do espelho, deixando-se cair na cadeira à frente da de Gunnar Pedersen e carregando no botão instalado na mesa.

– 24 de abril. São 15 horas e 20 minutos. Interrogatório de Gunnar Egil Pedersen. Presentes estão Pedersen e Holger Munch, responsável pela investigação. Gunnar Egil Pedersen prescindiu do direito a um advogado.

Munch olhou para o homem do outro lado da mesa.

– Importava-se de o confirmar em voz alta, Gunnar?

– Hã?

Tinha-se distraído e não parecia saber onde estava.

– Para o microfone? Prescindiu do direito a um advogado, não é verdade?

– O quê? Ah, não, obrigado. Não preciso de advogado.

– Muito bem – disse Munch, e abriu o dossiê que tinha à frente. – Gunnar Egil Pedersen. Nascido a 12 de janeiro de 1956. Está correto?

– O quê? Hum, sim.

– A sua morada é Timoteiveien, número 13? E é casado com Susanne Hval Pedersen? Têm uma filha? Nora, de 5 anos?

Pedersen passou a mão por cima da testa enrugada e disse que sim com a cabeça.

– Ótimo. Então temos a pessoa certa. Vamos começar com uma pergunta simples. Sabe porque é que aqui está?

A porta abriu-se. Katja entrou, poisou uma garrafa de água em cima da mesa e saiu sem fazer barulho.

Pedersen também não emitia o mais pequeno som, ainda parecia estar a tentar perceber o que é que se passava. A perguntar-se se aquilo era tudo realidade ou se ainda estava na cama, a sonhar.

– Não – disse ao fim de um tempo, olhando brevemente para Munch.

– Não? Não me pareceu lá muito convicto, Gunnar. Vamos tentar outra vez, boa? Sabe porque é que aqui está?

O homem esguio mordeu o lábio, depois olhou à volta à procura de uma janela, que não havia.

– Acho... acho que não.

– Tem de se decidir, Gunnar. Não sabe porque é que aqui está? Ou acha que não sabe? Está a querer dizer-me que não faz ideia? Que o trouxemos para aqui porque calhou?

– Não, se calhar não foi porque calhou – respondeu Pedersen numa voz submissa, fitando outra vez a mesa.

– Porque é que não poupamos tempo um ao outro, Gunnar? Não é muito divertido estar aqui sentado, pois não? Porque é que não confessa e podemos ir todos para casa, não era bom?

– E eu podia ir para casa? – perguntou Pedersen, esperançoso.

– Bem... – disse Munch, indicando com a cabeça a garrafa de água.

O homem estava tão assarapantado que nem tinha reparado que Katja a tinha trazido.

– Isso depende do que nos disser, não é?

Pedersen abriu a tampa, mas tinha as mãos a tremer tanto que mal conseguia levar a garrafa à boca.

– Não era... – começou a dizer, lançando mais um olhar assustado a Munch.

– O que é que não era?

– Bom, não foi de propósito. Eu não queria que as coisas acabassem assim.

Voltou a olhar para o chão, por entre as pernas.

– Eu só achava que... bem, sabe como é. Que não ia acabar assim. Nunca foi minha intenção.

– Estava só a divertir-se?

– Hum, sim... ou se calhar não, se calhar não era bem a divertir-me, mas achei que não fazia assim tanto mal. Pelo menos, ao princípio, está a ver?

Voltou a olhar cautelosamente para Munch.

– Não, não estou a ver, Gunnar. Mas pelo menos isso diz-me que sabe porque é que cá está, estamos de acordo?

Pedersen voltou a pôr a tampa na garrafa com algum esforço, poisou-a no chão ao lado da cadeira e disse que sim com a cabeça.

– Sim? Sabe porque é que aqui está?

– Sim, sei.

Parecia que lhe tinham tirado um peso enorme de cima. O corpo esguio mostrou uma espécie estranha de alívio. Soltou um grande suspiro e mostrou a Munch algo que se parecia com um pequeno sorriso.

– Mas eu nunca pensei que... enfim, já sabe. Que fosse dar no que deu.

A cara pálida ficou séria outra vez, pigarreou e voltou a olhar para Munch.

– Estava só a querer divertir-se um bocadinho, não foi?

– Sim. Quer dizer, não, se calhar não me estava a divertir, não é bem a palavra certa. Mas, sim, estava irritado. Zangado. Isso estava. Queria vingarme. Eu disse-lhes que lhes pagava, não disse? Mas não, recusaram-se a ouvir-me. E nem sequer estávamos a falar assim de tanto dinheiro, não é? Umas míseras 50 mil coroas. Não é razão para mandar uma pessoa para a rua, ou é? Trabalhei lá dez anos. Acha que era o meu emprego de sonho? Ser contabilista numa lavandaria? Claro que não. Dei-lhes tudo. Trabalhei dias a fio...

Munch interrompeu-o.

– De que é que está a falar? Cinquenta mil coroas?

Pedersen voltou a olhar para ele, baralhado.

– Então, o dinheiro. Que eu roubei. É por isso que aqui estou, não é?

– Não, Gunnar.

Munch tirou uma fotografia do dossiê e passou-lha por cima da mesa.

– É por isto que aqui está.

Pedersen olhou para a fotografia e abriu muito os olhos.

– O quê?

A cena do crime. Os rapazes deitados no chão com a raposa no meio.

– Mas vocês estão loucos? Não estão a querer dizer-me que...

– Estava só a querer divertir-se um bocadinho, Gunnar? Pelo menos, ao princípio? Com os rapazes? Foi isso? Na casa das máquinas? Só por diversão, era essa a ideia? Embebedá-los? Divertir-se um bocadinho?

– Não, não... isso...

Os olhos de Pedersen arregalaram-se ainda mais e o homem começou a abanar a cabeça desesperadamente.

– Mas as coisas correram mal, não foi? Eles morreram lá dentro, Gunnar? Ou foi só depois? Ainda estavam vivos quando os levou para o campo?

Pedersen tinha a cara completamente vermelha, estava a custar-lhe ficar quieto na cadeira.

– Não, não, não...

Encolheu-se e tapou a cara com as mãos.

– Tire-me isso daqui. Tire-me isso daqui.

– Então não foi você? – perguntou Munch calmamente, pondo uma segunda fotografia ao lado da primeira.

– Não.

Pedersen tentava não olhar para as imagens.

– Não? – perguntou Munch, poisando uma terceira fotografia em cima da mesa. – Não matou o Ruben?

Apontou com o dedo para o corpo despido do rapaz.

– Nem o Tommy?

Pedersen estava a tremer tanto que mal conseguia tapar a cara com as mãos.

– Afinal quero um – disse baixinho.

– Quer um quê, Gunnar?

– Um advogado – murmurou o homem a tremer. – Quero um advogado.

Capítulo 32

Mia Krüger estava sentada no Mother India, na Pilestredet, à frente de um busto de Shiva feito de bronze, e apercebeu-se de que se sentia tensa porque não era capaz de ler o psicólogo sueco. Tinha sido só ela a falar. Tinha estado quase duas horas à frente das fotografias no gabinete dela, com a sensação de se ter repetido tanto que já estava farta de se ouvir, e, durante todo aquele monólogo, Patrick Olsson não tinha dito uma única palavra. Tinha o casaco cinzento pendurado nas costas da cadeira ao lado dele. Óculos de leitura postos e sobrolho franzido. Um ou outro aceno com a cabeça, de vez em quando. Um caderno no colo, que abria ocasionalmente e onde ia escrevinhando qualquer coisa, mas não tinha dito nada. Ao fim de um tempo, Mia já não aguentava mais, tinha cruzado os braços e perguntado diretamente:

– Então, o que é que acha? Isto faz sentido?

O sueco tinha-se limitado a sorrir discretamente, a guardar os óculos no estojo devagarinho e a dizer:

– Acho que temos de ir comer qualquer coisa. Por acaso sabes se há algum indiano bom aqui perto?

Em circunstâncias normais, teria ficado irritada. Tinha-se exposto e estava nervosa, era uma principiante a explicar o seu raciocínio a alguém que fazia aquilo há muito tempo: *Vá lá, homem, diga qualquer coisa! Acha que estou perto? Que estou a perceber o criminoso? Ou embalei numa caça aos gambozinos?* Contudo, havia qualquer coisa nele que a impedia de se impacientar. Era muito calmo. Muito simpático. Digno de confiança. Aquela impavidez parecia a coisa mais natural do mundo. E, se calhar, o mais importante era ter sentido que Olsson a considerava igual a ele enquanto lhe apresentava o caso. Apesar de ela só trabalhar ali há três dias. Apesar de todo o conhecimento dela vir dos livros da biblioteca. Tinha lido muitos, é um facto, mas ainda assim aquilo era diferente. Aquelas fotografias não vinham de uma obra de consulta americana. *Columbus, Ohio, 4 de abril de 1987. Repare que as duas prostitutas, tal como na cena do crime anterior, estão voltadas uma para a outra, sem unhas e com as mãos postas na cintura uma da outra.* Não era nada daquilo. Isto era real. Mas se ele tinha achado, nalgum

momento ao longo da apresentação que lhe fizera, que ela não estava à altura do trabalho, não tinha dito nada.

– O caril de frango e coentros está a parecer-me bem – disse o sueco por cima do menu. – Já cá tinhas vindo alguma vez?

– Só uma vez – respondeu Mia, dizendo que sim com a cabeça.

– E o que é que pediste?

– O *korma* de borrego. O número 53.

– Estava bom?

Mia começava a ficar irrequieta, já não conseguia esperar mais.

– Ótimo. Mas dizem que aqui é tudo bom.

– Um *tikka masala* é sempre uma escolha segura – disse o sueco por detrás dos óculos de leitura, voltando a olhar para o menu.

E de repente reencontrou uma memória, de um episódio em que já não pensava há muito tempo.

Ir ao psicólogo.

Tinha 7 anos e não tinha percebido muito bem. Era cedo, num domingo de manhã, e os pais estavam os dois acordados, até a mãe, que costumava ficar na cama até mais tarde.

Queremos ter uma conversa contigo, Mia.

Uma gravidade que nunca tinha visto nos pais e ocorreu-lhe logo a ideia mais óbvia. Tinha feito alguma coisa de mal? O que é que teria sido? As 30 coroas em trocos que estavam num frasco ao pé da porta de entrada? Tinha sido ideia de Sigrid, mas ela tinha alinhado, por isso sentia um nó no estômago. Tinham comprado gomas na loja da esquina, que tinham escondido num esconderijo secreto, no sótão. Ou teria sido a janela da cave? Estavam a jogar *croquet* no jardim e tivera azar. Tinha falhado o último aro com uma bola descontrolada. O vidro da janela estalou, mas felizmente não se partiu. Era uma racha muito fininha, teriam dado por isso? Apesar de ser quase invisível?

Só que não lhe parecia que fosse levar uma descasca.

Os pais estavam os dois muito calmos, com expressões simpáticas, tinham-lhe preparado uma panqueca com doce.

– Sabes, Mia, quando às vezes parece que... desapareces?

– Não percebo, papá.

– Bem, tu sabes, quando estás connosco e é como se desaparecesses?

– Desapareço?

Os pais olharam um para o outro.

– O papá está a falar de quando ficas parada a olhar. É estranho.

– Fico a olhar?

De repente, a panqueca já não lhe sabia tão bem como de costume, era só uma bola no estômago.

– Tu sabes de que é que estamos a falar, Mia.

– Não te preocupes, não é muito importante, mas achámos que talvez fosse boa ideia conversares com alguém sobre isso.

A mão quente do pai poisada sobre a dela, felizmente.

– Sabes o que é um psicólogo?

E ao longo dos seis meses que se seguiram, de 15 em 15 dias, a pequena Mia sentou-se no grande cadeirão, que tinha um cheiro esquisito, à frente de um adulto desconhecido que estava a tentar ser simpático, mas que ela via que era a fingir, que o que ele estava realmente era curioso, e que lhe fazia sempre a mesma pergunta, como se não lhe fizesse diferença estar a perguntar-lhe a mesma coisa vezes sem conta: Mas então o que é que tu vês quando ficas a olhar para as coisas durante horas?

Apareceu um empregado e o sueco lá se decidiu. Tinha finalmente chegado o momento de ouvir o veredicto dele. O psicólogo pôs os óculos na ponta do nariz, tirou o caderno do saco e pô-lo ao lado do prato.

– Muito bem – disse com um sorriso. – A primeira coisa que tenho a dizer é... uau!

Inclinou-se para trás na cadeira, bateu palmas e disse outra vez:

– Uau! Para não exagerar, pode dizer-se que estou muitíssimo impressionado. Mas isso nem faz bem justiça ao que eu sinto, é mais um caso de...

Riu-se, mostrando-lhe uma fiada de dentes muito brancos.

– Choque. Posso usar esse termo? Já trabalho nesta área há quase... bem, há quanto tempo é que é?

Foi interrompido pelo empregado, que tinha voltado com um jarro de água.

– Quinze anos? E tu fazes isto... há quanto tempo?

Mia começou a sentir-se com calor por baixo da camisola, quase um bocadinho envergonhada.

– Eu li muito – disse a sorrir. – Houve uma altura em que praticamente vivi na biblioteca...

– Claro, claro, mas o que tu tens... o teu olho... – retorquiu o psicólogo, apontando para o seu próprio olho. – Isso não se aprende nos livros.

– Oh, não sei – disse Mia, voltando a sorrir e bebendo um gole de água para esconder a cara.

– Já sou teu admirador – atirou o sueco, com um risinho abafado. – Que idade é que disseste que tinhas?

– Quase 22 anos – respondeu Mia.

– Meu Deus! A sério, é incrível, mesmo impressionante, mal posso esperar para te ver em ação outra vez.

O sueco riu-se novamente enquanto o empregado lhe servia um copo de vinho.

– Tu não queres mesmo?

– Vinho?

– Sim.

Mia abanou a cabeça.

– Não bebo álcool.

– Ai não?

– Bom, é muito raro. Não sinto a necessidade de me anestesiarem. Gosto do mundo como ele é.

Aquilo não lhe saiu muito bem. Viu-o a franzir o sobrolho e a mudar de expressão, como se o tivesse lembrado de qualquer coisa.

– Mas lá está, isso é só como o meu corpo e a minha cabeça funcionam. A maior parte das pessoas que conheço bebe, toda a gente bebe, por isso é o que é normal fazer, não é? Beber? Portanto, eu é que sou anormal. Nesse aspeto?

O psicólogo estava de volta, a sorrir outra vez, mas parecia um bocadinho desconfortável enquanto experimentava o vinho.

Valha-me Deus, Mia!

A sério.

Mas tu tens de dizer sempre tudo o que te passa pela cabeça?

Desviou o olhar, um bocadinho envergonhada, e fingiu examinar o busto que estava atrás dela. Shiva. Casado com Parvati. O deus dos opostos, macho e fêmea, asceta e animal, criador e destruidor. De repente, viu uma imagem de Sigrid numa sala de aulas. Educação Moral e Religiosa. A professora a suspirar porque ela lhe tinha feito mais uma das perguntas dela. Criativa e destrutiva. Mia pigarreou e olhou para o sueco pelo canto do olho, na esperança de não ter feito precisamente isso, destruído a relação deles mesmo antes de ela ter começado. Afinal de contas, sempre iam estar a trabalhar juntos durante uns bons tempos, até aquilo acabar, mas o psicólogo não parecia ter levado a mal e agora tinha o caderno aberto, a caneta numa mão e o copo de vinho na outra.

– Queres saber o que eu achei?

Olhou para ela com uma expressão quase provocadora, por cima da borda do copo, à medida que o cheiro a borrego acabado de assar e a caril vermelho os começava a envolver.

– Sim, por favor.

De repente, tinham uma quantidade de comida entre ambos, com um cheiro quente e maravilhoso.

– Almoçamos primeiro?

– Não, tem mesmo de ser?

– Queres que te diga já, já?

– Quero. Não consigo esperar mais.

Ele riu-se.

– És sempre assim tão sincera?

– Sim, acho que sou.

– É refrescante. Acho que vamos gostar de trabalhar um com o outro.

Mal posso esperar pela nossa próxima sessão.

O psicólogo sorriu, ergueu o copo e empurrou cuidadosamente o caderno por cima da toalha de mesa branca na direção dela.

– Estás a ver isto?

- Sim?
- Acho que em relação a isto estás absolutamente certa.

Capítulo 33

Fredrik Riis estava sentado há tanto tempo atrás do espelho unidirecional a olhar para a sala de interrogatórios que sentia o corpo a ficar dorido, mas o que se passava lá dentro tinha-o absorvido de tal maneira que não fora capaz de se levantar. No princípio do interrogatório, estava entusiasmado, convencido de que tinham encontrado o culpado. Gunnar Pedersen tremia que nem varas verdes, estava pálido e caído, pronto para confessar os pecados, porém, quando o advogado apareceu e Gunnar Pedersen começou a conseguir formular frases coerentes, Fredrik percebeu que as coisas não eram assim tão simples como tinha pensado. Gunnar Pedersen era culpado de alguma coisa. Mas não de ter assassinado os dois miúdos. Isso tinha-se tornado cada vez mais óbvio. Fredrik percebia-o até no comportamento de Munch, que era sempre impecavelmente profissional em interrogatórios daqueles. Quanto melhor Pedersen se começava a explicar, mais calma ficava a voz do inspetor. Agora já estavam perto do fim e Fredrik tinha acabado de decidir que ia esticar as pernas e buscar um café quando Anette Goli entrou com dois copos de plástico, um dos quais, felizmente, era para ele.

– Como é que está a correr? – perguntou a advogada enquanto se sentava ao lado dele e olhava para a sala de interrogatórios.

Era quase estranho vê-la assim. Sentada. Fredrik sabia que Anette tinha sido a primeira escolha de Munch quando começara a formar a nova equipa, e percebia perfeitamente porquê. Na sede da polícia, chamavam-lhe o coelhinho Duracell; supostamente estava lá para dar apoio jurídico aos colegas, mas parecia que não havia nada que ela não fizesse. Não se conseguia lembrar de a ter visto sentada desde que trabalhavam juntos, andava sempre de um lado para o outro, parecia que tinha um telemóvel colado a cada orelha. Toda a gente sabia que Munch não se entendia com a Diretoria de Oslo, nem com o comissário antigo nem com a comissária nova, por isso Anette tinha assumido ainda mais essa responsabilidade, a de manter as linhas de comunicação abertas, de se certificar de que havia um nível de cooperação mínimo para as coisas funcionarem. Fredrik não conseguia deixar de se sentir espantado com a capacidade de trabalho dela.

– Temos o nosso homem? – perguntou ela baixinho enquanto lhe passava o copo de plástico.

– Não, receio bem que não seja ele.

– E temos a certeza?

Uma ligeira nota de desilusão na voz dela, que ecoava o que ele estava a sentir.

– Sim, infelizmente. Ou, pelo menos, é o que me parece. E acho que ao Munch também. Ainda assim, vamos mantê-lo cá até amanhã, apesar de o advogado estar a tentar levá-lo para casa.

Goli franziu o sobrolho e bebeu um gole de café.

– Então que história é a dele?

Riss abanou tristemente a cabeça.

– Se queres que te diga, é daquelas histórias miseráveis.

– Faz-me um resumo – disse Goli, olhando para um dos telemóveis que tinha à frente. – Um resumo rápido, por favor. Mais um bocadinho e tenho de me pôr a andar.

– Está bem. Gunnar Pedersen. Contabilista na Fredrik Riis, Lda.

Goli sorriu ao ouvir o nome da empresa.

– Eu sei! Não é uma coincidência maluca? Se calhar, devia ter ido trabalhar para lá.

– Ainda bem que vieste antes trabalhar connosco – disse Goli, enquanto respondia a uma mensagem escrita que tinha acabado de receber.

– Seja como for, não sei se estava farto do casamento, ou só aborrecido com a vida em geral, mas o que sabemos é que, ao longo dos últimos anos, desenvolveu um problema grave de jogo.

– Sim?

– Não percebemos bem como, mas ficou viciado naquelas máquinas dos frutos que estão por toda a parte. Põe-se uma moeda, aquilo acende-se e espera-se que nos saiam três limões ou uma coisa do género.

Goli ignorou uma nova mensagem escrita.

– Então estava viciado nessas máquinas de loja de conveniência? Um homem crescido?

Riis encolheu os ombros.

– Parece que é mais normal do que se pensa. Imagino que tenha que ver com uma certa sensação de depressão. E depois uma felicidade súbita. Um fluxo de dopamina. Sei lá.

– É triste.

– É, não é? E depois houve outras coisas, uma complicação qualquer com um jogo de póquer, em que ele achou que alguém o tinha enganado...

– Portanto estamos a falar de problemas de dinheiro?

– Sim. E num momento de desespero, resolveu roubar o patrão; não foi nada de especial, acho que foram 50 mil coroas, mas foi apanhado e posto na rua e foi aí que se começou a passar.

– Mas era ele que ia a guiar a carrinha? Que bateu no Ruben?

Fredrik disse que sim com a cabeça e deu um gole no café.

– Embriagado. Não sei bem como é que isto tudo se explica, um tipo que nunca se tinha metido em chatices e de repente parece que só faz asneiras. Não se lembra de muito, parece que estava bastante bêbado. Mas admite que roubou a carrinha da lavandaria, talvez como uma espécie de vingança, e também que guiou bêbado nesse dia, ou pelo menos acha que sim. Bateu no carro em que estava o Ruben e acordou no dia a seguir com o nariz partido e as roupas cheias de sangue, por isso acha que deve ter sido ele.

– Muito bem – disse Goli, olhando outra vez para o telemóvel, enquanto, na sala de interrogatórios, o advogado se levantava, seguido pelo cliente, com um ar particularmente abatido.

– Bom, pelo menos conseguimos seguir a pista até ao fim – disse Goli. – É mais uma coisa que podemos riscar da lista.

– Já recebemos os resultados do ADN? Das beatas?

Goli abanou a cabeça.

– Dizem que é amanhã de manhã. Desculpa, tenho mesmo de atender. Estou, daqui Goli?

A advogada acenou-lhe com a cabeça, sorriu e saiu porta fora.

Capítulo 34

Munch estacionou o carro à porta da garagem que ficava à frente da casa branca, desligou-o e deixou-se ficar ao volante, numa contemplação silenciosa. Uma casa. Um jardim. Uma mulher extraordinária. Uma filha de 14 anos maravilhosa. Era em dias daqueles que se perguntava porque é que estava tão preso ao trabalho quando podia estar antes em casa. Ouvir uma sinfonia. Abrir as janelas para o jardim. Regar as rosas. Ia fazer 43 no outono, mas sentia-se muito mais velho. E o dia que tinha passado não tinha ajudado nada. A miséria humana. Um pobre coitado que só queria um bocadinho de animação na vida, que tomou umas decisões erradas, ficou sem emprego e quase acabava preso por homicídio. Tinha-se safado por pura sorte. Munch abanou tristemente a cabeça, saiu do carro, acendeu um cigarro e parou para olhar para o céu. Abril em Oslo. Os dias mais claros. Uma camada leve e agradável de crepúsculo sobre a cidade e o cheiro a primavera. Teria sido um erro? Ter dito que sim? À possibilidade de ter a sua própria equipa? A ambição que sempre tivera? Estava a vê-la lá dentro, atravessou a gravilha e aproximou-se das janelas. No sofá. Com as pernas cruzadas debaixo do corpo. A luz do candeeiro incidia num livro que lhe estava quase a escapar das mãos. Tinha adormecido. Exausta. Não era de estranhar. Um dia inteiro com uma turma do primeiro ano. Crianças refugiadas que procuravam escapar à miséria, e ela tinha de lhes ensinar norueguês, de as ajudar a orientar-se num país novo, num mundo completamente diferente. Amava-a por isso. Por ser assim. Por ajudar os outros. Sem pedir nada em troca.

Munch chegou-se ao pé da sebe, atirou o cigarro para a estrada e acendeu outro, quando o telemóvel tocou.

- Olá, Mia.
- Olá, Holger. Estou a ligar em boa altura?
- Sim, está, claro que está. Ainda está a trabalhar?
- O quê?
- Ainda está na esquadra?
- Hum, estou.
- Mas sabe que não precisa. Tem de fazer um intervalo de vez em

quando. Isto é uma maratona, não são os cem metros. Preciso de si descansada, ouviu?

– Sim, quero só acabar uma coisa que o Patrick e eu começámos.

Patrick Olsson. O psicólogo sueco. Devia ter sido ele a ir recebê-lo, claro, mas simplesmente não tinha dado. Além disso, a reunião de equipa da manhã seguinte ia dar a Olsson uma boa oportunidade de se apresentar a toda a gente. De qualquer forma, era bom perceber que Mia já tratava o psicólogo pelo nome próprio.

– Como é que correu?

– Como é que correu o quê?

Munch não pôde deixar de sorrir. A miúda só fazia parte da equipa há uns dias, mas sentia que já começava a conhecê-la. Cronicamente distraída. Tinha sido ela a ligar-lhe, mas parecia que já se tinha esquecido. Quase a conseguia ver. O cabelo preto e comprido. Os olhos azuis fixos nas fotografias com uma tal intensidade que parecia que estava à espera de que elas ganhassem vida e que não queria perder esse momento nem por nada.

– Mia, ainda aí está?

– O quê? Sim, tive só de...

– Então correu tudo bem com o Olsson? Ele já se instalou no apartamento?

– Não.

– Não?

– Acho que ainda não estava pronto, por isso foi para um hotel.

– Está bem. Vou ver o que é que posso fazer.

Munch apontou mentalmente o assunto e guardou essa mesma nota na cabeça já sobrelotada. *Perguntar à Anette pelo apartamento do Olsson. Marcar conversa com a Dreyer. Ler as notas de hoje do Ludvig e da Anja. Dar instruções à Katja e ao Fredrik sobre o funeral de amanhã: fotografias / máquina no carro / pedir à Katja para não ir de fato de treino. Pedir à Anette o relatório sobre o pai do Ruben. Boatos / têm algum fundo de verdade / vale a pena interrogá-lo?*

– E sim – disse Mia.

– Sim o quê?

– Está a correr bem. Com o Patrick. Começámos com duas horas aqui na esquadra. Expliquei-lhe tudo em que tínhamos, ou em que eu tinha, estado a pensar até agora, depois fomos almoçar, a seguir ele foi para o hotel e eu voltei para a esquadra. Há qualquer coisa que não faz sentido...

Mia desapareceu outra vez, mas depois voltou.

– O que é?

– Não consigo dizer exatamente. O Patrick disse qualquer coisa sobre não termos todas as fotografias relevantes do caso sueco. Tentei perguntar ao Ludvig, mas não consegui falar com ele. O Holger sabe alguma coisa?

– Do Ludvig?

– Não, das fotografias da investigação sueca que nos faltam.

Mais um assunto para juntar à enorme pilha com todos os outros que já tinha apontado mentalmente.

– Vou ver se descubro isso. Ele disse que fotografias é que faltavam?

– Não...

E desapareceu outra vez. Conseguiu ouvi-la a mexerica em coisas no gabinete.

– Mia?

Estava a ficar mais escuro. O sol tinha acabado de se pôr e as luzes da rua acenderam-se. Olhou para o jardim do vizinho com inveja. Vinha uma luz azulada da televisão e conseguia ver a família na sala. Todos no sofá.

– Mas ele trouxe coisas.

– O quê?

– O Patrick. Trouxe bastante material da investigação sueca, e comecei a pensar se não nos bastaria usar o que ele trouxe, não acha que era melhor? Em vez de a Anja e o Ludvig estarem dias a fio a vasculhar no meio dos ficheiros que eles enviaram?

– Claro. Boa ideia – respondeu Munch, acendendo um cigarro novo no que estava a acabar.

– E sim, era mesmo por isso que lhe estava a ligar. Ou melhor, por duas coisas, mas tenho de pensar primeiro, está bem?

– Tem de pensar no quê?

– Se lhe falo nas duas coisas ou só numa.

Munch voltou a sorrir. Aquele tipo de sinceridade era uma lufada de ar fresco. Apontou também mentalmente que tinha de enviar qualquer coisa a Yttre para lhe agradecer aquela recomendação.

– Está bem. Então diga-me a primeira coisa enquanto pensa. Já se está a fazer um bocado tarde, não está?

– Arranjei um apartamento novo.

– Ótimo, muitos parabéns. Era isso que me queria dizer?

Ela voltou a desaparecer, mas não por muito tempo.

– Isto aqui é um bocado apertado. Não há espaço para tudo. Por isso, estava a pensar... as paredes da minha casa nova são enormes. Parecem umas telas brancas gigantes. Talvez me fizesse bem. Começar do princípio. No meu apartamento. Olhar para tudo com outros olhos, está a ver? E talvez o Patrick pudesse ficar com umas paredes. Para as coisas dele. Assim podíamos comparar notas, acha que podíamos fazer isso?

Munch estava a achá-la quase enternecedora e lembrou-se de uma coisa de que não podia de todo esquecer-se: apesar de ela ser esperta, talentosa e aparentemente forte, não deixava de ser uma miúda novinha e frágil.

– Oiça, Mia.

– Sim?

– Já não estamos na academia.

– O que é que quer dizer com isso?

– Quero dizer que pode fazer praticamente tudo o que lhe apetecer. É

ótimo que me vá mantendo informado, de onde está e do que está a fazer, mas é a Mia que decide, percebe? Se quer levar tudo para a sua casa nova, força. A mim parece-me uma ótima ideia. Assim como combinar o que temos com as coisas que o Olsson trouxe. Perfeito. Sinto-me duplamente abençoado por vos ter aos dois. Mas quero esse telemóvel sempre ligado, ouviu?

– Hum-hum – respondeu Mia numa voz distante.

– Ouviu o que eu disse?

– O quê?

– Estou só a dizer que preciso de conseguir contactá-la.

– Claro. Oiça?

– Sim?

– Como é que está a mãe do Tommy Sivertsen?

– Mandaram hoje uma pessoa do consulado ao hospital, mas não conseguiu falar com ela.

– Que pena, e não sabemos quando é que vai conseguir?

– A Anette é que está em contacto com eles. Porquê?

– Nada, é só que...

– Desembuche.

– O Tommy tem umas marcas por cima dos tornozelos. Não as vi logo porque não se veem bem quando ele está deitado de barriga para cima, mas acabei de receber as fotografias da autópsia e nessas sim... mas não sei...

– De que tipo de marcas é que estamos a falar?

– Bem, são só... umas pintas.

– O relatório da autópsia não fala nelas?

– Ainda não o li.

Desapareceu outra vez momentaneamente.

– Veja o que é que lá diz e eu vejo isso amanhã quando chegar à esquadra, está bem?

– Está bem... temos reunião de equipa amanhã de manhã?

– Sim, às nove.

– Vou tentar ir, mas, se não conseguir, deixo-lhe cópias das fotografias no seu gabinete, pode ser?

– Pode, Mia.

Munch esperou um bocadinho que ela dissesse alguma coisa.

– Mais algum assunto?

Do outro lado da linha só havia silêncio.

– A segunda coisa? O segundo assunto de que me queria falar?

Mais uns instantes de silêncio, até que ela voltou à linha, para lhe dizer calmamente:

– Fica para a próxima. Hoje, não.

– Muito bem, Mia. Bom trabalho. Boa noite.

– Boa noite, Holger.

Munch enfiou o telemóvel no bolso da canadiana e entrou em casa sem fazer barulho, para não acordar Marianne.

Capítulo 35

O dobrar dos sinos já se tinha calado, mas o som ainda lhe ecoava na alma, ou pelo menos era o que Fredrik Riis sentia enquanto verificava as câmaras que tinham instalado no interior do carro. Uma no tabliê voltada para a igreja e outras tantas por cima de cada janela, para apanhar os dois lados da rua. A reação aos sinos da igreja tinha-lhe ficado da infância e, apesar de já a ter praticamente ultrapassado, ainda tremia quando os ouvia e quase conseguia ouvir a voz dela. Da avó do lado do pai. Revivia a sensação de impotência e de abandono. Porque os pais não tinham paciência para os ouvir, a ele e à irmã, passavam os verões enfiados em Telemark, enquanto os pais iam para o Mediterrâneo, deixando-os na masmorra cristã, como tinham começado a chamar-lhe. Ano após ano. Sempre a mesma coisa. Passar por Ulefoss a caminho da zona que era supostamente a mais rica da Noruega. Uma quinta grande e bonita com vista para o Nomevatn, o lago que fazia parte do pitoresco canal de Telemark. Campos amarelos e vacas a mugir. Galinhas no galinheiro e cabras em cima do telhado do armazém. Parecia tirado de um conto popular de Asbjørnsen e Moe e pintado por Tidemand e Gude, e, se ao menos o avô lá estivesse, teria sido idílico, ou um dos dois irmãos dele, que viviam na casinha. Mas, não, na quinta Nedre Riis só mandava uma pessoa: a avó. A avó não se tinha limitado a ver Jesus na floresta. Não, durante a revelação, tinha também sido informada de que o mundo era uma fossa séptica a transbordar de pecado e de ignomínia e de que era a missão exclusiva dela voltar a transformá-lo no Reino de Deus. Por outras palavras: era austera. Três semanas no inferno era dizer pouco. Felizmente, já tinha passado muito tempo, mas o corpo dele ainda se lembrava, e sentia-se sempre mal quando ouvia o som detestável dos sinos.

– É um tipo bem-parecido, o nosso psicólogo sueco – disse Katja com um sorriso provocador.

– Ai sim, achas?

– Acho, faz mesmo o meu género. Quase que tenho vontade de ir a uma consulta.

Katja riu-se e abriu a janela.

Tinha havido uma reunião de equipa umas horas antes e estavam todos bastante animados. Mais um membro novo na equipa, que, para além disso, tinha trabalhado na investigação sueca. Podia não ter corrido tão bem, mas desta vez até Oxen tinha ficado calado e se tinha deixado impressionar por ele.

Calmo, simpático e, sim, Fredrik também tinha reparado que o psicólogo era um tipo bem-parecido.

– Eu acho que é bom – disse Katja.

– O quê?

– Ele ter vindo. Com a experiência que tem, não é? Ela é muito esperta, a nossa jovem estudante, mas mesmo assim...

– O que é que estás a dizer?

– Sei lá, já tivemos esta conversa. Ela tem boas ideias, mas não podemos basear a investigação toda na... como é que hei de dizer...

– Intuição?

– Não, não era bem isso que queria dizer, é mais que...

– Ainda é o Munch que manda.

– Eu sei, estou só a dizer que acho melhor termos cá o Patrick.

– Porque ele é tão giro?

– Ah-ah.

Katja fez uma careta e deu-lhe um murro no ombro.

– Não, porque é um analista comportamental experiente. Uma pessoa que sabe o que está a fazer. É reconfortante. Sinto que estamos em boas mãos.

Fredrik serviu-se de café da garrafa térmica e olhou na direção da igreja.

– Quanto tempo demora a missa, sabes? – perguntou Katja, olhando para o telemóvel.

Estavam à espera do fim da missa. Eles e os agentes de uniforme que estavam lá fora, principalmente para afastar a imprensa. Um porta-voz nomeado pela família tinha aparecido nas notícias na véspera a pedir que lhes dessem alguma privacidade. Tinha escolhido as palavras com cuidado, mas toda a gente tinha lido nas entrelinhas. Os jornalistas importavam-se de os deixar em paz? Não parecia ter tido muito efeito. Não havia magotes de jornalistas, mas ainda assim havia os suficientes para os agentes, que agora andavam de um lado para o outro na outra ponta da rua, terem erguido uma barreira e fechado a rua ao trânsito. Já havia três carros encostados aos degraus da velha igreja, preparados para levar os membros da família. Parecia um bocadinho uma coisa à Hollywood. Ou um funeral de Estado. A igreja de Lørenskog. Com espaço para 140 pessoas. Só que tinham aparecido muitas mais. Mais uma vez, era como se todo o país estivesse de luto por um líder morto, grupos de pessoas a chorar, que não sabiam o que fazer depois de terem fechado as portas da igreja, montes de flores, fotografias e velas. Os fotógrafos estavam à espera, com tripés e grandes objetivas apontadas para o cemitério, na esperança de conseguirem fotografias sensacionalistas das caras pesarosas enquanto desciam o caixão à terra, mas Fredrik sabia uma coisa que eles não sabiam. Por questões de segurança, tinha sido decidido que a família

de Ruben Lundgren não ia tirar o caixão da igreja. Isso só teria lugar, sem ninguém saber, na manhã seguinte, para que a família tivesse uns instantes de privacidade para se despedir do filho.

– Não faço ideia – respondeu Fredrik, tamborilando com os dedos no volante. – Afinal de contas, só começou... à uma, não foi? E só para sair toda a gente da igreja vai demorar pelo menos...

– Pois, eu sei, mas a família e os amigos mais próximos vão sair primeiro, não vão? – perguntou Katja, apontando para o dossiê que Grønlie lhes tinha dado.

Uma lista completa dos membros da família, próximos e afastados. Já tinham identificado a maioria, mas ainda faltavam alguns.

– Já vimos este?

Katja apontou para a fotografia de um homem com óculos e bigode.

– Quem é esse? Um tio do lado da mãe?

– Sim. Loki. Que raio de gente é que chama Loki ao filho? Tu deves ter a mitologia nórdica mais em dia do que eu, mas o Loki? Não era um aldrabão? Um manhoso? É como chamar Judas ao filho, não é?

– Mitologia nórdica? C'os diabos, mas como é que tu sabes essas coisas? Isso aprende-se na escola lá na Holanda?

Katja remexeu-se no assento, já estava desconfortável. Munch tinha-lhe pedido para não ir representar a polícia no funeral de fato de treino. Até parecia que tinha pedido roupa emprestada a Anette Goli e que não estava a gostar.

Fredrik riu-se.

– Então? A mitologia nórdica? Conta lá.

Katja suspirou.

– Não, realmente não se aprendia na escola, foi um namorado que eu tive.

– Sim?

– A sério? Vais obrigar-me a contar-te?

– Claro que vou. Agora ainda estou mais curioso. Foi há quanto tempo?

– Oh, há seis ou sete anos.

– Uau, isso foi recente. Então vá, continua lá. A mitologia nórdica?

Ela voltou a remexer-se no assento, e não apenas porque a saia a deixava desconfortável.

– Porque é que não revemos a lista?

– Já revimos a lista. Está cá toda a gente, não está? Exceto os que avisaram que não conseguiam vir. A avó do lado da mãe, que está no hospital. A tia, que vive... onde é que era?

– Na Nova Zelândia.

– Isso. Então e o Loki?

Fredrik sorriu outra vez para se meter com ela. Já há muito tempo que não faziam nada juntos, as coisas tinham mais ou menos estagnado desde aquela vez em que tinha interpretado mal os sinais dela no sofá. Não tinha

sido um desastre completo, mas ainda assim sabia-lhe bem estar ali com ela, para se distrair um bocadinho da tragédia que se desenrolava no edifício branco ali à frente.

Katja suspirou.

– Eu não quero que isto se saiba na esquadra, ouviste?

– Claro. Agora ainda estou mais curioso.

Ela abanou a cabeça.

– Eu andei com um tipo, está bem? Que gostava de *black metal*. Norueguês. *Mayhem*. *Burzum*. *Dark Throne*. *Immortal*. E não era só da música, era mesmo de tudinho. Helvete, a loja de discos, mitologia nórdica e essas coisas. Portanto o que é que eu fiz? Tentei ser a namorada que se interessa, não é? Vamos pôr a coisa nestes termos: já tive a minha dose de satanistas.

Piscou-lhe o olho e deu uma dentada na maçã que tinha poisado ao pé da manete das mudanças.

– Uau, não estava à espera dessa!

– O meu passado sombrio.

Katja riu-se brevemente.

– Mas de que é que estamos a falar? Roupa com tachas? Cabelo pintado de preto?

– De tudinho mesmo.

– Pintavas-te de cadáver para ir aos concertos?

– Acho que por hoje ficamos por aqui.

– A sério? Maquilhagem branca?

Katja fez de conta que fechava a boca com um fecho-éclair.

– Ah, vá lá! É por isso que agora te vestes sempre à Sporty Spice? Para compensar?

Desta vez deu-lhe um murro no ombro com tanta força que Fredrik se encolheu. Preparava-se para continuar a fazer troça dela, mas os sinos começaram a tocar e o ambiente voltou a ficar pesado dentro do carro.

Katja pegou na máquina fotográfica e usou a teleobjetiva para olhar à volta.

– Onde é que tu estás... onde é que tu estás?

As beatas que tinham encontrado na floresta eram a principal razão pela qual Munch tinha achado boa ideia ficarem de vigia.

Ele gosta de observar.

De ver aquilo que criou.

Que melhor oportunidade do que um funeral?

– Tu gostas disto, não gostas? Vá, vem à Katja.

O som do obturador e do espelho a levantar-se para as imagens se fixarem no rolo fazia lembrar uma metralhadora.

As portas da igreja abriram-se e as pessoas começaram a sair. A olhar para o chão. Vestidas de preto. A mãe aos soluços, tinham de a ajudar para conseguir andar. Os jornalistas começaram a ficar irrequietos, um mar de

lentes apontadas para a igreja enquanto as pessoas desciam hesitantemente os degraus em direção aos carros, e foi aí que aconteceu.

Parecia uma cena em câmara lenta.

Um fotógrafo conseguiu passar a barreira policial. Braços tentaram impedi-lo em vão. O pânico nas caras enlutadas quando deram por si a olhar para uma máquina fotográfica, e depois uma cena de que todos os enlutados haviam de falar por muito tempo.

O tio.

Loki.

– Dá-me isso, meu cabrão!

Uma mão a tirar a máquina ao fotógrafo e outra a dar-lhe murros na cara até ele cair de joelhos, cheio de sangue na camisa, e depois se encarracolar no alcatrão.

– É disto que tu gostas? De perseguir as pessoas?

O tio levantou a máquina bem alto antes de a cravar com força na cabeça do homem que já estava caído. E depois repetiu a dose.

– Estás a gostar? Achas isto divertido?

O pé levantado em direção à cara já em sangue, mas por esta altura ela já os tinha alcançado.

Katja.

Subjugou Loki, deitou-o no chão e fez sinal a Fredrik.

Tira-os daqui!

E ele estava lá no meio.

Via tudo de perto.

Os olhos encovados.

Lágrimas nas faces.

– Muito bem. É isso mesmo. Por favor, entrem nos carros.

E uns instantes depois tinha acabado tudo.

Luzes traseiras encarnadas a desaparecer à distância.

Katja sentada em cima das costas de Loki e a olhar severamente para os agentes que só agora chegavam para os ajudar.

– Mas onde é que vocês estavam, raios partam? Vão buscar o carro imediatamente!

Fredrik Riis só se apercebeu de que tinha sangue nos sapatos quando se afastou, um bocadinho abalado.

E chamou a ambulância.

Capítulo 36

Mia Krüger deu alguns passos atrás para observar, quase com orgulho, a parede nova que tinha organizado. No gabinete, estava tudo muito apertado e confuso. Agora parecia-lhe muito melhor. Uma perspectiva nova. Sorriu e atravessou aos saltinhos o velho chão de tacos em direção à cozinha, voltando para a sala com um café acabado de fazer. O apartamento era enorme e tinha muitas salas, mas tinha decidido que ia começar aos poucos. Ocupar só algumas divisões ao princípio. Tinha feito três viagens na véspera, apanhando o elétrico até Torshov e voltando até à paragem do Nationaltheatret, e percebido que não tinha muitas coisas. Tinha deixado o quarto antigo praticamente vazio, o pouco que faltava podia lá ficar, não lhe fazia diferença, alguém havia de querer aquilo. Ao sair pela última vez, tinha-se apercebido de como estava farta de dividir aquele apartamento manhoso e de como estava feliz por ir viver para aquela casa maravilhosa. Que era só dela? Mal conseguia acreditar. Ia ter de dizer qualquer coisa à avó. Era de mais. Não podia aceitar um presente daqueles. Talvez lha conseguisse arrendar? Pagava-lhe o que pudesse? Sempre estava a receber. Já lhe tinham transferido o primeiro ordenado para a conta. Irritava-a um bocadinho não receber a caução que tinha pago no apartamento, mas paciência. Não importava.

A avó tinha lá deixado alguns móveis, umas mesas e cadeiras bonitas, tapadas por causa do pó, mas Mia tinha guardado tudo numa divisão e fechado a porta. De resto, o apartamento estava vazio. O que era realmente incrível. Não havia nada para a distrair. Tinha escolhido o quarto que dava para o jardim. Uma cama grande no meio do quarto e de resto mais nada para a distrair também lá. Duas salas grandes e aquela cozinha ótima. Por enquanto, chegava. A prioridade era aquilo: as imagens coladas nas paredes que a rodeavam. O resto podia esperar. A vida podia esperar. Sentou-se no chão, encostando as pernas nuas aos tacos, e poisou o telemóvel. Tinha-lhe enviado uma mensagem, mas ele não tinha respondido. Tinha sorrido enquanto lha enviava. *Estou pronta*. Era exatamente assim que se sentia. Acordada. Presente. Mais desperta do que nunca. Com os sentidos todos completamente alerta. Como um caçador que persegue a presa. Mal tinha

conseguido dormir. Tinha-se deixado ficar deitada na grande cama branca, excitada, à espera da luz, à espera que o dia raiasse. É claro que sentia uma certa culpa por não ter andado na rua, à procura. Mas já andava a fazer aquilo há tanto tempo, não andava? Tinha distribuído panfletos por todo o lado. Se Sigrid estivesse em Oslo, tinha de saber que Mia andava à procura dela. Oslo não era uma cidade assim tão grande, ou pelo menos o meio dos carochos não era. Bem vistas as coisas, Mia já os conhecia a quase todos, não conhecia? Foda-se, Sigrid. Porque é que me estás a fazer isto? Também se sentiu logo culpada pelo que tinha acabado de pensar. É claro que ninguém tinha de ter pena dela. Não era isso que estava a querer dizer, ali sentada no seu palácio novo, com um emprego novo e tudo, e a irmã algures lá fora...

Interrompeu-se. Recusou-se a continuar. Era um pesadelo visual que já quase lhe destruíra a cabeça. Imagens distorcidas de Sigrid, pedrada, rodeada de... não, chega, afastou aquilo da ideia e foi buscar outro café. Se calhar, devia comer qualquer coisa, mas resistiu à tentação. A comida deixava-a mole. Letárgica. Preferia mil vezes assim, dormir um bocadinho, muito café, ter a cabeça completamente desanuviada, os nervos tensos, quase mais do que seria responsável. Sentou-se e depois levantou-se para tirar duas fotografias de uma das paredes e para as afixar na parede completamente vazia que ficava de frente para a cozinha.

Uma raposa morta.

Uma lebre morta.

Uma raposa.

Uma lebre.

Uma vermelha.

Outra branca.

Branca?

Pureza?

Inocência?

Tirou a tampa da caneta com os dentes e correu para a terceira parede, que tinha forrado de folhas de papel branco.

Branco.

A criança.

Inocência.

Sim, sem dúvida.

Era por ali.

Então porque é que gostas da inocência? Da vulnerabilidade? Faz-te sentir poderoso? Gostas de ser tu a mandar? Pelo menos ali? Será uma coisa que não tens? Na tua vida?

Os tais oito anos?

Terá sido por isso?

Estiveste preso?

Durante oito anos?

Num hospital psiquiátrico?

Tinhas de fazer o que te mandavam?

Fizeram-te sentires-te pequeno outra vez?

Insignificante?

Por isso, tinhas de lhes mostrar?

Outra vez?

Quando tiveste alta?

Quem tu eras realmente?

Que eles não podiam fazer de ti gato-sapato?

Que tu és...

Escreveu O LOBO em letras maiúsculas numa das folhas vazias.

Amanhã é lua cheia.

Tenho medo do Lobo.

Do diário de Oliver Hellberg.

O anjinho loiro da Suécia.

Era fácil, claro, nem tinha precisado de confirmar no dossiê do caso.

28 de maio de 1993.

Bastava procurar na internet.

Lua cheia.

Bebeu o resto do café e reparou no chão lindo enquanto corria para ir fazer mais uma cafeteira. Esperou impacientemente que a água fervesse, com medo de perder o fio à meada.

O Lobo.

É a tua desculpa, não é?

Para matar?

Faz-te sentir melhor?

Fazer o que a tua compulsão te obriga a fazer?

Patrick. No restaurante. Era isso que tinha escrito no caderno que lhe tinha passado por cima da mesa, a parte que achava que ela tinha percebido.

Estás só a fingir.

Para ser mais fácil.

Um lobo.

A caçar a sua presa.

Como se fosse natural.

Como se o que tu fazes fosse natural.

A culpa não é tua, pois não?

Entornou um bocado de café ao voltar, mas não tinha tempo para o limpar, agora, não, correu para junto da parede.

Está a fingir.

Para se justificar.

Mas isso não quer dizer nada.

Para mim, não quer.

Ainda assim, é por aí que tenho de começar.

PORQUÊ ESTES RAPAZES E NÃO OUTROS?

Não.

Riscou isso e acabou por escrever:

Porquê o Oliver?

Porquê o Sven-Olof?

Porquê o Ruben?

Porquê o Tommy?

Foi encher a caneca e sentou-se outra vez no chão.

Não, não.

Aquilo estava tudo mal.

A conversa de Fredrik com os outros miúdos, com os amigos da escola, que o conheciam.

O Ruben.

Era ele que interessava.

O papel de Tommy fora só o de levar Ruben até à casa das máquinas.

Teria sido a mesma coisa na Suécia?

Olhou para o telemóvel, mas Patrick ainda não tinha respondido.

Porra, quem lhe dera que ele ali estivesse agora!

Mas...

Não, não...

Sentia o cérebro dolorosamente lento.

Porque já sabia a resposta.

Pôs-se em pé de um salto e correu para a parede, tirou as fotografias da raposa e da lebre e substituiu-as por outras, das cenas dos crimes. As duas. De maneira a conseguir ver todos os corpos.

Oh, concentra-te lá, Mia!

Está mesmo à tua frente.

Foste tu que reparaste nisso.

Na obra de arte.

Um rapaz nu, de barriga para cima, no centro de tudo; o outro, sem importância, nem sequer completamente despido.

Escrevinhou rapidamente por baixo das fotografias:

Eu quero o Ruben.

Eu quero o Oliver.

Porquê?

Voltou a riscar o que tinha escrito e substituiu-o por uma palavra em letras maiúsculas:

PORQUÊ?

Agora estava a começar a tremer, mal conseguia beber o resto do café.

Olha, Mia.

Está mesmo à tua frente.

Deves estar a olhar para a resposta.

Agora põe-me esse cérebro a funcionar.

O telemóvel começou a tocar de repente, um número desconhecido, mas não estava com energia para atender, agora, não.

Porquê o Ruben?

Porquê o Oliver?

Deu um passo atrás para se afastar da parede.

Está mesmo à tua frente, Mia.

Ele escolheu-os por alguma razão.

E de repente percebeu.

Meu Deus!

Voltou a atravessar a sala a correr, tirou as fotografias da parede e observou-as à luz da janela.

É isso!

O teu cérebro é tão lento que até dói.

Estava à frente do teu nariz o tempo todo.

Será possível?

No chão, o telemóvel começou outra vez a vibrar e ela carregou na tecla encarnada para despachar o número desconhecido, procurando depois o número de Munch.

– Estou, fala o Holger.

– Olá, é a Mia.

Agora já estava a sentir. Que estava a falar muito depressa. Tinha o coração a bater a cem à hora debaixo da camisola preta.

– Olá, Mia, está tudo bem?

– Já percebi porquê, Holger.

– Porquê o quê?

– Como é que ele os escolhe. Porque é que ele escolheu especificamente aqueles miúdos.

– Está em casa?

– Estou.

– Qual é a sua morada?

– Inkognitogata, número 12.

– Deixe-se estar aí. Estou a caminho. Dê-me dez minutos.

Capítulo 37

Fredrik Riis estava a sentir-se desconfortável, sentado na sala da investigação com os sapatos no colo, a esfregar um pano na pele mole para tirar o sangue. Katja também estava de mau humor, curvada numa cadeira ao lado dele, enquanto Ludvig Grønlie abanava a cabeça e pendurava na parede as últimas fotografias que ela tinha tirado.

– Não foi bom.

Grønlie suspirou e repetiu o que tinha acabado de dizer, mas desta vez estava a falar com eles.

– Não foi bom.

– Eh pá, por amor de Deus! – exclamou Katja, erguendo as mãos. – Nós não estávamos lá para fazermos de *baby-sitters* de ninguém. A culpa não foi nossa.

– Seja como for, não foi bom – insistiu Grønlie com outro suspiro enquanto empurrava os óculos para cima. – Sabem a imagem que isto dá de nós, não sabem?

– De que somos uns amadores – murmurou Fredrik enquanto examinava um dos sapatos, que felizmente já começava a parecer limpo.

– Exatamente – soltou Grønlie.

Munch tinha acabado de sair, a rosnar. Fredrik não tinha visto o chefe assim tão irritado muitas vezes, mas felizmente o telemóvel tinha começado a tocar e ele tinha saído para atender, antes que ficasse ainda mais piorso.

– O parvo há de sobreviver – disse Katja, que entretanto tinha tirado a saia e o casaco e já estava outra vez de fato de treino. – Quer dizer, de que é que estavam à espera? Não é? Mostrem um mínimo de respeito. Não podem andar para aí a pespegar as lentes das máquinas na cara das pessoas.

– A questão não é essa – contrapôs Grønlie. – Tenho a certeza de que ele estava a pedi-las, mas o problema é que a imprensa norueguesa estava toda lá, não faltava ninguém. Já viste as notícias? Está por toda a parte. O que é que achas que a comissária vai dizer? Está sempre à procura de razões para apertar connosco. Achas que vão deixar o Munch ter uma brigada só dele para sempre? Nem penses. Se fosse por ela, já nos tinha...

Passou o indicador pela garganta como se a cortasse.

– Eu sei, eu sei, mas por amor de Deus! Nós os dois só estávamos lá para tirar umas fotografias. O pessoal fardado era da responsabilidade do Munch, não era? Ou era da Anette? Mas não nos culpem a nós.

– Pois, mas estou só a dizer-vos. O Munch já foi chamado.

– Chamado para o quê?

– Para uma reunião com a nossa querida Hanne-Louise Dreyer. Há quem diga que nos quer tirar da investigação.

– Impossível.

– Não, a sério. É o que as pessoas andam a dizer. Parece que a Kripos já foi avisada. Já começaram a ler os dossiês do caso.

Katja calou-se. Fredrik não sabia porquê, mas, depois de um caso em que tinham trabalhado há uns tempos, ela tinha deixado brevemente a Brigada de Homicídios para trabalhar para a Kripos, a Agência Nacional de Investigação Criminal.

– Está bem, mas acham que agora podemos esquecer o assunto? E voltar ao trabalho que devíamos estar a fazer?

Fredrik calçou os sapatos e levantou-se. Aproximou-se da parede e acenou com a cabeça na direção das fotografias.

– Então temos estes espectadores? Como é que vamos fazer isto?

Nenhum dos outros disse nada.

– Vá, vá lá! Se eles nos tirarem o caso, bem, tiram-nos o caso, mas até lá vamos dar o nosso melhor. E, sim, Katja, eu concordo com o que tu dizes. Não vamos levar com as culpas do que aconteceu. Manter a ordem pública? Isso não era responsabilidade nossa.

Katja pareceu animar-se um pouco e também se levantou.

– Estão aqui as fotografias todas, Ludvig?

– Sim, isto é tudo o que temos.

– Muito bem, então por onde é que começamos?

Ludvig encolheu os ombros.

– Por aqui, se calhar? Pela imprensa? Pelos fotógrafos? Posso fazer umas perguntas. Enviar as fotografias para as redações. Risquem os vossos jornalistas e os vossos fotógrafos. Para ver se acabamos com alguém que não sabemos quem seja.

– Boa ideia – disse Fredrik, anuindo com a cabeça.

– Não, não é, vai demorar semanas.

– Não, quando muito uns dias, mas senão o que é que fazemos?

– É uma boa ideia – repetiu Fredrik num tom encorajador. – Vamos começar. Estamos a falar de quantas pessoas? Para aí umas 50? Não pode demorar assim tanto, quer dizer, só eu consigo identificar para aí metade.

– Eu aposto neste grupo – disse Katja, apontando para outra fotografia. – Mas por onde é que vamos começar?

As pessoas que apareceram com flores, bonecos de peluche e fotografias. Que não se sentaram com a família na igreja.

– Então assim, se calhar – disse Ludvig, tirando uma caneta do bolso enquanto se aproximava da fotografia. – As mulheres podemos eliminar, não podemos? Ou seja, isso corresponde... a que é que acham, a facilmente mais de metade do grupo? Portanto o que é que sobra? Para aí uns 40 homens? E se a seguir eliminarmos crianças e adolescentes, ficamos com o quê? Assim por alto, uns 12 ou 15 homens? Temos de conseguir identificá-los, não achas, meu raiozinho de sol?

Katja fez uma careta, mas anuiu com a cabeça.

– Sim, devíamos conseguir identificá-los.

– Exatamente. Como dizem os americanos, se a vida te dá limões, faz limonada. Mas se calhar vocês não dizem isso lá na Holanda?

– Não, isso não dizemos, mas temos uma expressão parecida.

Katja roubou-lhe a caneta.

– E qual é?

– Deixa de ser tão irritantemente otimista e vai-me buscar uma Coca-Cola, que eu prometo que vou estar mais bem-disposta quando voltares.

– Deus do céu! Mas que poético!

– É, não é?

Katja fez outra careta, desta vez mais amigável, e começou a riscar caras na fotografia ampliada. Ludvig saiu da sala a trautear.

– Ele tem razão, já viste? – disse Katja. – Olha aqui. Não há muitos homens adultos.

Fredrik aproximou-se, mas o telemóvel começou a tocar. Quando viu quem era, saiu para o corredor para atender.

– Olá, Silje.

– Olá.

A voz dela parecia-lhe ansiosa.

– Passa-se alguma coisa?

– Eu...

– O que foi?

– Eu acho que se calhar fiz uma coisa que não devia ter feito. Não sabia bem a quem é que devia ligar e...

– Ainda bem que me ligou a mim. Conte-me.

Houve uns instantes de silêncio antes de ela responder:

– Está a ver o pai do Ruben?

– O Jan-Otto Lundgren? O que é que tem?

– Bem, é só que, agora estou a sentir-me mesmo culpada, sou capaz de ter feito uma coisa que não é propriamente legal...

A professora que costumava ser tão alegre agora parecia à beira das lágrimas.

– Não se preocupe. Tenho a certeza de que não vai haver problema nenhum. Vá, conte-me lá o que fez.

Fechou a porta da sala da investigação e afastou-se mais uns passos pelo corredor.

– Lembra-se, bem, nós falámos na possibilidade de o pai dele não ser propriamente boa rês? Que se dizia por aí que ele talvez não tratasse bem o Ruben?

– Sim?

Houve outra pausa.

– Eu tenho uma amiga que trabalha nos Serviços Sociais. Decidi investigar um bocadinho e pedi-lhe que me dissesse se tinham alguma coisa sobre ele.

– Um processo?

– Sim.

– E?

– Bom, é uma coisa que ela não pode fazer, obviamente, mas conhecemo-nos bem, somos amigas há muito tempo e...

– Descobriu alguma coisa?

Fez-se silêncio outra vez.

– Estou?

– Desculpe, oiça... preferia não ter esta conversa ao telefone. Acha que nos podemos encontrar? Sem ser num sítio público? Onde tenhamos alguma privacidade?

– Onde é que está agora?

Ludvig vinha pelo corredor com uma lata de Coca-Cola na mão e sorriu-lhe antes de entrar na sala da investigação.

– Vim à cidade, estou em Oslo. A minha mãe ficou a tomar conta da Siri, por isso estou sozinha. Onde é que o Fredrik está?

– Estou no trabalho. Quer vir cá ter?

– Não, não sei se...

– Ou a minha casa? Preferia?

– Oh, estou tão nervosa, devia ter ficado quieta!

– E se se metesse num táxi e eu fazia a mesma coisa? Encontramo-nos em minha casa... assim que puder? Envio-lhe a morada por mensagem, está bem?

Silêncio outra vez.

– Tem a certeza de que não me vou meter em sarilhos?

– Claro que tenho. Estou a sair agora da esquadra.

– Está bem. Ótimo. Muito obrigada.

– Não tem nada que agradecer. Até já.

Capítulo 38

Munch estacionou o carro e ficou impressionado quando olhou para o majestoso edifício branco. Perguntou para consigo se Mia lhe poderia ter dado a morada errada. Inkognitogata? De certeza que os meros mortais não viviam aqui, pois não? Conseguia ver a residência do primeiro-ministro a curta distância. Repentinamente, ela chamou-o de uma janela aberta no primeiro andar.

– Está aberta, entre à vontade.

Passou uma sebe verde brilhante que parecia que tinha sido aparada com precisão matemática e estava prestes a abrir a grande porta da frente quando o telemóvel tocou. Era Karl Oxen. Munch tivera as suas dúvidas, para ser absolutamente sincero. Oxen tinha a reputação de ser impetuoso e desnecessariamente machão, mas Munch tinha querido que a unidade tivesse diversidade. Uma gama alargada de personalidades. Mas talvez tivesse chegado a altura de ter uma conversa com ele. Katja nunca tinha sido específica em relação à razão por que tinha pedido, subitamente, uma transferência para a Kripas, mas a curta discussão que ela tivera com Oxen durante uma recente reunião de informações tinha-o feito perceber que Oxen podia muito bem ser um dos motivos. Um choque de personalidades. Era uma coisa a que ele devia ter dado atenção mais cedo, mas era tudo tão recente. A unidade era tão nova. E também não tinha querido admitir a derrota e fazer mudanças logo no primeiro ano. Mas talvez tivesse chegado a hora.

– Olá, Karl. Que se passa?

Tirou um cigarro do maço que tinha no bolso e acendeu-o contra o sol que estava a espreitar atrás de uma nuvem.

– O Ole Gunnar Solskjær. Estou a começar a ver a perspetiva geral, mas ainda não tenho a certeza. Há algo que me diz que podia fazer um trabalho melhor se apanhasse um avião para lá para ver com os meus próprios olhos. Falar com as pessoas cara a cara.

Os rapazes com quem Fredrik tinha falado na escola. O homem do retrato-robô que se tinha gabado de ter jogado futebol com o herói norueguês, mas a que uma lesão tinha posto um ponto final na carreira.

– Ele jogou sempre pelo Clausenengen. Quando era miúdo, quer dizer, iniciou-se na equipa A deles aos 17 anos. Pergunto-me se não deveria saltar para um avião e ir ver algumas fotografias antigas da equipa. Falei com um dos treinadores antigos dele. O que é que acha? Vale a pena?

– Não tenho a certeza – replicou Munch. – Não passa de um boato e ele podia tê-lo inventado facilmente, mas, ao mesmo tempo, é tão específico que acho que devemos tentar.

– Quer dizer, se ele está a mentir, porquê mentir sobre uma coisa como essa?

– Exatamente. Acho que pode passar um dia ou dois lá. Vá-me mantendo informado, ok?

– Certo – resmungou Oxen e desligou precisamente quando Mia, com uma expressão perplexa, desceu as escadas com uma banana na mão.

– Então, vem ou não?

– Vou.

Munch sorriu e seguiu-a para dentro do edifício imponente.

– Jesus! É aqui que vive?

Mia encolheu os ombros levemente.

– Ainda não tenho bem a certeza daquilo que aconteceu realmente, mas tenho uma chave, por isso, para já, vivo. Por favor, deixe os sapatos aqui fora, sim?

Atirou a casca da banana para o balcão da cozinha e seguiu à frente dele, descalça, até uma grande sala de estar branca, com uma roseta no teto. A sala cheia de luz estava completamente vazia, com exceção das paredes, que estavam cobertas de fotografias e notas.

– Deus do Céu! – exclamou Munch. – Se calhar, devíamos ter tentado arranjar gabinetes aqui.

– Sim – concordou Mia, sem parecer tê-lo ouvido.

Já estava voltada para uma das paredes que tinha menos fotografias.

– Então, o que é que tem aqui? – quis saber Munch enquanto se juntava a ela.

– Mais uma vez – disse Mia, afastando o cabelo dos olhos. – Posso estar completamente errada e, depois de termos falado ao telefone, comecei a ter dúvidas, mas todas as teorias merecem ser consideradas, não acha?

– Com certeza – respondeu Munch, assentindo com a cabeça e pondo o telemóvel em silêncio.

– A propósito, já falei com o Patrick.

– Ah?

– Ele ia encontrar-se aqui comigo a seguir à reunião da equipa, mas não se está a sentir bem. Problemas de estômago. Seja como for, ele acha que não vai estar fora durante muito tempo, por isso, reservei um espaço para as fotografias dele ali.

Mia apontou para uma parte da parede que ainda não estava preenchida.

– Vá lá então, ponha-me à prova – disse Munch.

– Ok. Comecei por olhar para as fotografias das cenas dos crimes. Como é que os rapazes tinham sido colocados. Porque é que o Ruben está completamente nu? Enquanto o Tommy ainda tem as cuecas vestidas? E é a mesma coisa na Suécia. Porque é que o Oliver está completamente nu? Enquanto o Sven-Olof ainda está de cuecas? E depois havia uma coisa que os rapazes disseram. Que ele queria o Ruben especificamente... a propósito, soubemos mais alguma coisa nessa frente?

– O Wilkinson e a equipa dele ainda estão na área – respondeu Munch. – A bater às portas, a abanar as pessoas um bocadinho, sabe como é. Até agora, há imensos boatos e pouca informação concreta. Temos alguns avistamentos que pensamos que podem ser do nosso homem, de longe, claro, mas eles estão a trabalhar no caso e eu tenho uma grande fé de que o Wilkinson irá voltar com qualquer coisa. Há sempre alguém que sabe alguma coisa, embora não saiba que sabe – ou, pelo menos, é essa a experiência que tenho.

– Ótimo. E quanto aos esboços? Alguma coisa?

– Oh, o que é que não temos? Anda toda a gente a telefonar para a linha de incidentes sobre tudo e mais alguma coisa, desde tios suspeitos até uma pessoa que podem ter visto a espreitar para a garagem do vizinho. Sabe como é.

– Na verdade, não sei.

Ele sorriu fracamente.

– Não, claro. Só vive aqui há uma semana, mas é tão profissional que me estou sempre a esquecer disso.

– Acabou de me fazer um elogio?

Ela virou-se e olhou para ele calorosamente.

– Se calhar, até fiz.

– Obrigada. Voltando às cenas dos crimes. Parece que... não, isso é demasiado vago... é muito claro que o assassino está particularmente interessado num dos rapazes, nos dois casos. Talvez goste de matar ambos, mas tenho a sensação de que ele gosta particularmente de matar um deles *em especial*. Está a perceber?

– Estou.

– Por isso, tinha estado a fixar estas fotografias até ficar quase cega quando, repentinamente, compreendi que... olha? Que estúpida que és, as fotografias para que eu preciso de olhar são *estas*. As dos rapazes *vivos*, não está a ver?

Tirou umas fotografias da parede, levantou-as e voltou a poisá-las para reforçar a ideia.

– Olhe.

Deu um passo para o lado e apontou para as quatro fotografias.

– Ah?

Fotografias de todos eles vivos.

– De que é que estou a procura?

– Volte a olhar.

Tirou duas fotografias, ficando apenas as de Ruben e Oliver.

– Não, espere.

Mia correu para a parede e voltou com uma fotografia da cena do crime.

– Esta é melhor. Acho que a outra era uma fotografia antiga do Oliver. O cabelo tinha este aspeto quando ele morreu. Era mais comprido.

Munch praguejou baixinho, agora já conseguia ver.

Mia sorriu triunfantemente.

– Não é espantoso como são semelhantes?

– Como é que não dei por isso mais cedo? – questionou-se Munch em voz alta.

– Não é fácil ver. Porque os rapazes não são iguais, não é isso. Têm apenas a mesma... como é que hei de dizer? De certo modo, dão-nos a mesma sensação, não dão?

– Meu Deus...

– São os dois loiros. O cabelo de ambos é bastante comprido, têm olhos muito azuis. E olhe para isto, não dei por isso ao princípio porque os olhos perdem o brilho quando a pessoa morre, claro, e nesta fotografia do Ruben deve haver qualquer coisa errada com a luz, mas *nesta*? E novamente, esta fotografia do Oliver, olhe para os olhos dele? Azul brilhante. E olhe, aqui e aqui. Sardas. O Ruben tem muitas, não tantas como o Oliver, mas tem-nas, não tem?

Mia apontou entusiasticamente. Munch assentiu com a cabeça devagarinho.

– E têm ambos uma constituição física esguia. Delicada. Se calhar, também eram tímidos, que sei eu?

– O que é que quer dizer com tímidos?

– O temperamento deles, a impressão que davam. Muitos rapazes com aquela idade são... como é que posso dizer? Tentam parecer duros, não é? A exibirem-se? Um bocadinho selvagens, alguns deles. Mas aposto que se tivéssemos conhecido estes dois rapazes, eles teriam sido umas almas muito gentis. Bondosos. Humildes. E ele gosta disso...

– Isto são progressos, Mia – disse Munch.

– São, não são? Tem de querer dizer alguma coisa. Eles parecem quase angélicos, não parecem? Como aquelas imagens. Como é que lhes chamam? Querubins?

– Então, ele gosta deste tipo... – disse Munch baixinho.

– Frágil, pequenino, loiro, humilde, bondoso...

– Um belo trabalho, Mia.

– Não posso ficar com os louros todos – respondeu Mia, correndo para a cozinha.

Voltou com uma embalagem de iogurte.

– Desculpe, preciso de comer qualquer coisa. Estou sempre a esquecer-me. Já estou praticamente côncava.

– E porque é que não? Então de quem são?

– Da Jodie Foster.
– Repita lá isso?
– Viu o filme? *O Silêncio dos Inocentes*?
– Não, lamento, mas, não.
– Oh, a sério, Holger. Tem de o ver. O Hannibal Lecter é um assassino em série. Ele ajuda-a e dá-lhe uma dica. *Cobiças o que vê*s.

– Que significa o quê?
– Que desejamos aquilo que vemos. *Queremos* uma coisa, temos de a ter, não conseguimos impedir-nos – é o que isso quer dizer. O filme baseou-se num assassino em série verdadeiro, o Ed Gein. Ele vivia nos EUA, claro. No Wisconsin, numa terrinha pequena, algures numa região rural. Quando a polícia revistou a casa dele, encontrou várias peças de mobília forradas com pele humana, máscaras feitas de caras de mulheres verdadeiras, um cinto feito de mamilos humanos, um *abat-jour* feito com a pele de uma cara humana. Havia partes de corpos por todo o lado, lábios, dedos, genitais...

– Jesus! – soltou Munch, apalpando a canadiana à procura dos cigarros.
– Pois, exatamente. E, por isso, pensei que era possível que também estivéssemos a lidar com isso aqui, que isto se baseie numa coisa qualquer verdadeira. Quer dizer, ele vê-os...

Bateu com a ponta do dedo nas fotografias.

– Ele quiere-os. E decide que os leva.

Munch entalou um cigarro entre os lábios.

– Mas como?

– Quer dizer onde é que os escolhe? – perguntou Mia.

– Não tenho bem a certeza. Escolas? Campos de futebol?

Mia hesitou.

– Tenho um palpite de que pode não ser assim tão deliberado. Que acontece, deparar com as crianças por qualquer razão e que depois é que sente o impulso. De outra maneira, haveria mais vítimas, não haveria? Se o impulso dele é tão forte que praticamente as persegue, passando a pente fino recreios e outros locais desse género à procura deles?

– É capaz de ter razão nisso.

– Sabe o que é que o Ed Kemper disse quando foi interrogado pela primeira vez por profissionais que estavam interessados em saber por que razão tinha decapitado a mãe e mais tarde tivera sexo com a cabeça?

– Mais outro assassino em série?

– Sim.

– Quanto tempo é que passou a estudá-los?

– Muito. Seja como for, ele disse: *É como um espirro. Temos apenas de espirrar, não é?*

– Então é como espirrar?

– Sim. Porque também não é uma coisa que possamos controlar. Pois não?

– Deus do Céu!

– Acontece o mesmo com o homem de que andamos à procura, não? Se calhar, ele nem sequer sabia que era assim? Se calhar, a Suécia foi a primeira vez? Viu o Oliver, uma criança delicada e atraente – não sei – e teve de o fazer.

– Ok, mas porquê esperar oito anos até à vez seguinte?

– Talvez tenha ficado assustado? Assustado com a sua própria violência? Se fosse um completo principiante?

– Mas não sabemos isso.

– Não, mas já viu outros homicídios como estes? Rapazinhos, um deles nu, com um animal poisado entre os dois? Portanto, pode ter sido a primeira vez dele. E como é que é da primeira vez? Depois da primeira vez?

Mia olhou intensamente para ele, como se quisesse indicar que Munch devia dizer qualquer coisa, mas o inspetor não conseguiu pensar em nenhuma resposta.

– A primeira vez? – continuou ela. – Uma experiência intensa. Não interessa o que é. Quer dizer, saltar de paraquedas, sexo, *bungee jumping*, mergulho livre de 40 metros, uma emoção total, não é? Um alvoroço? Mas, em contraste com as experiências que acabei de mencionar, isto é...

Voltou a espetar o dedo nas fotografias das cenas dos crimes.

– Isto é diferente, não é? Matar alguém. Aquele escape. Ensina-nos qualquer coisa sobre nós mesmos. Lá no fundo, podíamos ter desconfiado já há algum tempo. É fácil de negar desde que não se atue em relação a isso, mas agora fizemo-lo, não é verdade? Então agora já sabemos quem somos.

– Então pensas que ele se internou a si próprio?

– Bingo! – exclamou Mia, assentindo. – Se calhar, assustou-se. Com medo de quem realmente era. Estou doente. Preciso de ajuda.

– Num hospital psiquiátrico?

– Muito provavelmente. E fica lá durante muito tempo, anos. Sente-se melhor. Se calhar, até acredita que está bem. Volta à sociedade. Até é capaz de arranjar um emprego. Até um dia. Um raio inesperado.

Apontou para Ruben.

– E a história repete-se? – perguntou Munch.

– Exatamente.

– Um novo desejo.

– *Cobiças o que vês.*

– Mia, isto já dá para eu poder avançar.

– Sim?

– Absolutamente. Fez um belo trabalho.

Tirou o cigarro da boca e olhou em redor quando o telemóvel de Mia vibrou no chão.

– Tenho de atender. Esse mesmo número tem estado a tentar falar comigo o dia inteiro.

– Onde é que eu posso fumar?

– Siga por aí, passe por uns quartos, há uma varanda nas traseiras, no

canto.

Despediu-o com um aceno, mordiscou o lábio e pareceu que se estava a fortalecer antes de, finalmente, carregar no botão verde no telemóvel.

Capítulo 39

Kevin Myklebust, de 11 anos, acordou com os barulhos que vinham da casa de banho e percebeu que tinha voltado a acontecer. Havia um homem novo em casa e a mãe iria ser uma pessoa diferente, pelo menos durante algum tempo. Coisa com que não se importava porque sempre que havia um homem novo em casa, ela era mais simpática e não se queixava tanto como costumava fazer, mas tinha tido esperança de que ela se tivesse mantido firme na decisão que tinha tomado umas semanas antes. A mãe parecia ser uma data de pessoas diferentes. Duas, pelo menos. Uma quando estava sozinha e outra quando ela e Elsebet bebiam vinho tinto, porque, nessa altura, ela parecia gostar um bocadinho dele, bem, gostava enquanto Elsebet lá estivesse. Tu e eu, Kevin, hem? Vamo-nos desenrascando lindamente, não é? Não precisamos de um homem em casa para estarmos bem, pois não? Tu é que és o homem da casa, não és? Elsebet também o dissera: Tens sorte em teres esse rapaz. Ele é bestial, quem me dera ter tido um anjo como ele. E ainda que as duas fumassem dentro de casa e o recanto por baixo das escadas onde ele dormia não fechasse bem e, por isso, a roupa da cama cheirasse a fumo durante vários dias, não tinha importância, naquela altura, não. Quando a mãe o apertava com força e dizia que ele se podia servir da lata de Coca-Cola no frigorífico, embora fosse realmente dela, e nem sequer fosse sábado. Nessas ocasiões, sentia-se todo quentinho, todo confortável, e depois davam-lhe licença para se sentar com elas enquanto as garrafas chocalhavam e a mãe lhe beijava a bochecha e o apertava ainda com mais força e não importava que ela cheirasse a tabaco porque ela agora o amava por trás dos olhos marejados de lágrimas e sonolentos. És o meu menino, Kevin. Sou uma mãe tão sortuda por te ter.

É isso foi o que ele se tinha esforçado por ser desde essa noite. O homem da casa. Não tinha a certeza do que aquilo queria realmente dizer, mas tinha tentado fazer o que os outros homens que tinham vivido com eles tinham feito. Como Rune. E Gunnar. E Jan-Erik, que fora o seu preferido, que até lhe tinha prometido uma bicicleta, uma a sério, não como a velha da mãe, que era demasiado grande e tinha um quadro para mulher. Não, uma bicicleta de verdade, uma todo-o-terreno. Oh, imaginem só! Uma bicicleta de montanha

de verdade? Isso iria calá-los, lá na escola, aos rapazes do ano à frente do dele, que estavam sempre a fazer troça e a apontar-lhe os dedos quando ele chegava a empurrar a grande e velha bicicleta da mãe. E então? Quem é que se está a rir agora? Olhem só para isto. Uma bicicleta de montanha. Com decalques de chamus. Ah pois é. E agora calem mas é a boca, vocês todos.

Mas não era tão fácil como ele tinha imaginado. Ser o homem da casa. Tinha feito tudo o que normalmente fazia. Preparar o pequeno-almoço. Lavar e arrumar a seguir. Limpar e endireitar a sala quando Elsebet ou uma das outras amigas da mãe tinham lá passado. Apanhar os copos que tinham acabado na carpete. Despejar os cinzeiros a transbordar. Tinha aprendido a usar o Hoover sem fazer demasiado barulho para que a mãe não ficasse com dores de cabeça. Tinha apenas de o ligar na velocidade mais baixa, a que tinha o desenho de uma cortina. Mas o trabalho mais difícil de todos mantinha-se à mesma. Pagar as contas. Não tinha conseguido fazer isso. Por mais que espremesse os miolos. Não tinha dinheiro nenhum e as garrafas que tinha recolhido ao pé do campo de futebol, para ficar com o depósito, não rendiam nada de jeito.

Talvez fosse essa a explicação.

Para ela ter acabado por trazer um homem novo lá para casa.

Agora conseguia ouvi-los mais claramente, as paredes eram finas, a mãe ria e dizia coisas que ele só tinha ouvido na televisão. Enfiava os dedos nas orelhas, depois contava até dez mil e, nessa altura, parecia que eles já tinham acabado. Agora estavam na cozinha, conseguia cheirar o café e o *bacon* e isso era a deixa dele. Não queria ver nenhum deles nu, não, não queria mesmo, mas, provavelmente, já era seguro sair do quarto.

Kevin vestiu-se, ainda deitado na cama estreita, e depois entrou na cozinha com um sorriso forçado.

– Olá.

– Oh, olá, querido. Lembras-te do Ulf?

Estenderam-lhe a mão.

– Sim, olá, olá. Claro que me lembro.

O cavaleiro da armadura reluzente que tinha salvado a donzela em perigo.

Bem, alguém tinha de o fazer.

Visto que ele não tinha conseguido ser o homem da casa.

– Senta-te que já vou arranjar-te o pequeno-almoço, queridinho.

A mãe pôs a voz afetada que usava sempre que havia um homem novo lá em casa.

– Não, obrigado. Não tenho fome. E tenho de me ir embora. Tenho planos. Não quero chegar atrasado.

– Oh, onde é que vais, filho?

Kevin pegou numa maçã e dirigiu-se para a porta.

Queria dizer-lhe: Vou ter com o Ronny – só que já não tenho autorização para o ver por causa de ti, mas não conseguiu obrigar-se a fazê-lo,

não queria ser cruel.

– É só uma ida à biblioteca. Temos um projeto lá na escola. Gostava de me sair bem.

– Oh, mas que menino tão bom que tu és, Kevin.

Por qualquer razão, a mãe estava de avental. Aproximou-se dele e fez-lhe umas festas na cabeça.

– O Kevin está a sair-se muito bem na escola. Não consigo imaginar a quem é que ele sai, de certeza que não é a mim.

Soltando uma risadinha, enfiou-se nos braços do homem novo e deu-lhe um beijo na cara como uma dona de casa a sério provavelmente faria.

– Ainda bem para ti – disse o homem que se chamava Ulf. – Não vais querer acabar a guiar um reboque.

Soltou uma gargalhada rouca e a mãe de Kevin deu-lhe um murro leve no ombro.

– Oh, meu tontinho. Não há nada de errado em guiar um reboque. Ir em socorro das pessoas.

– Claro – replicou Ulf com um leve encolher de ombros antes de voltar a pôr os braços à volta dela, rindo-se enquanto a apalpava aqui, ali e por todo o lado.

Kevin já estava farto.

Desta vez, não olhou para trás, podia baixar a guarda um bocadinho e não se preocupar que ela visse para onde ele ia. O jogo tinha recomeçado. E Kevin sabia como se ia desenrolar. Ia ser agradável durante algum tempo. Até que eles percebessem como ela era realmente. E, nessa altura, iam-se embora com o rabo entre as pernas, até Jan-Erik, que tinha durado bastante tempo, quase um ano inteiro, até que também ele se tinha fartado.

Kevin fingiu que estava a descer em direção à estrada, só para o caso de o estarem a observar, mas quando chegou a um pequeno anexo, não virou na direção da cidade, agachando-se antes. Esperou um bocado e depois fez-se o mais pequeno possível, rastejou ao longo da sebe, outra vez na direção da casa, e correu o mais depressa que conseguiu pelo caminho de carroças que levava à floresta.

Tinha-se sentido triste durante uns momentos, mas agora já não porque tinha um plano, não tinha?

Um sorriso abriu-se na boca pequena quando pensou na descoberta que fizera.

Um lugar só dele.

A sua própria casa.

Podia ser, não podia?

Não sabia porque é que ainda não tinha reparado na cabana. Ou, mais precisamente, tinha estado bastante escondida, era quase invisível atrás da colina, isso podia explicá-lo. O coração tinha dado um salto por baixo da camisola quando a vira pela primeira vez, a cabana delapidada no meio de umas árvores robustas. Ao mesmo tempo, a luz tinha incidido do céu, um raio

por entre as nuvens como se alguém lá em cima lhe tivesse mostrado o caminho. *Olha, Kevin. Um sítio secreto. Só para ti.*

Não levou muito tempo a lá chegar. Tornou a sorrir, estava praticamente a rir-se por entre dentes, era perfeito. Uma casinha minúscula escondida bem no meio da floresta. Conhecida apenas por ele. E toda dele. Kevin abriu a porta com todo o cuidado e encontrou os fósforos que tinha escondido, acendeu a vela e pendurou o casaco num cabide ao pé da mesa de cozinha partida. Tinha feito várias viagens até ali acima. Transportando coisas à socapa na mochila. Estava a começar a ficar bem bonita. Um colchão para dormir num canto, tinha encontrado o saco-cama na garagem do senhorio. Agora o sítio estava confortável. Não havia eletricidade, mas havia um fogão e, por isso, tinha transportado uns toros na mochila assim como um machado para transformar a madeira de pinheiro velha e a morrer em lenha. Uma caçarola. Um prato. Umas peças de cutelaria. A mesa já lá estava, assim como uma cadeira. Ambas um bocado estragadas, mas conseguiu arranjá-las. Assim que o verão chegasse e o sol ficasse mais forte, iria pôr tudo lá fora, para aquecer e secar como devia ser. Dirigiu-se para o guarda-louça a que faltava uma porta e tirou alguma comida enlatada que estava a armazenar lá. Pêssegos. E feijões em molho de tomate. Atravessou o espaço, encontrou um lápis e escreveu com dedos impacientes. Coisas de que preciso: uma frigideira. Um cântaro grande para poder ir buscar água ao riacho. Sabão. Toalhas. Voltou a pôr o lápis no seu lugar e parou à frente de um espelho pequeno pendurado na parede. Era velho, estava estalado e um bocadinho ferrugento, de modo que só conseguia ver a cara.

Uma vida nova.

A sua própria casa.

Talvez ele, também, se pudesse transformar noutra coisa?

Mudar a aparência?

Cortar o cabelo?

Talvez pintá-lo de outra cor?

Era mais outra coisa de que faziam troça dele na escola, mas a mãe gostava tanto do cabelo dele que Kevin tivera medo de lhe fazer fosse o que fosse, sabia tão bem ser elogiado por alguma coisa.

O cabelo loiro e comprido.

Sardas no nariz.

Parecia uma rapariga.

Endurecer.

Kevin Myklebust sorriu rasgadamente para si próprio enquanto tirava a maçã da mochila e saía lá para fora.

E virou a cara para o sol fraco da primavera.

Capítulo 40

O táxi tinha parado num sinal vermelho ao pé da Pascal Patisserie, na Henrik Ibsens Gate, quando o céu se abriu e uma tempestade de chuva atingiu o parâbrisa e o capô com tanta força que Fredrik Riis e o taxista deram um salto ao mesmo tempo.

– *Pakao!* – exclamou o jovem ao volante.

– Exatamente – concordou Fredrik, olhando pela janela para as nuvens pretas que tinham emboscado a capital. – Não que eu saiba o que é que isso quer dizer, mas soa bastante certo.

O taxista dirigiu-lhe um sorriso apologético pelo espelho retrovisor.

– Desculpe.

– Não, não, não se preocupe com isso. *Pakao?*

– Quer dizer inferno – respondeu o motorista. – Em croata.

– Pois, resume isto muito bem.

Riis olhou para as nuvens mais uma vez quando caiu outra tromba de água. Agora, o sinal já estava verde, mas os carros em redor continuaram parados. Uma autêntica catarata tinha desabado sobre eles em poucos segundos e a água já estava a correr pelas ruas.

Esperava que Silje a tivesse evitado ou pelo menos encontrado um sítio qualquer para se abrigar, mas não parecia que o tivesse conseguido. A professora estava a tremer debaixo do pequeno alpendre na entrada do bloco de apartamentos dele quando Fredrik saiu a correr do táxi, tentando cobrir a cabeça com as mãos antes de tentar encontrar a chave desajeitadamente.

– Bom Deus!

– De facto.

Encharcados, correram pelas escadas acima enquanto um relâmpago caía do lado de fora das janelas pequenas, seguido por um trovão.

– Raios, de onde é que veio isto tudo?

Silje Simonsen riu-se, apertando a carteira ainda fora do apartamento de Fredrik enquanto escorria água.

Finalmente, Fredrik conseguiu abrir a porta.

– Bem, é para aprender a não usar maquilhagem – disse ela a tremer

enquanto parava à frente do espelho da entrada e descalçava as botas pelo tornozelo, completamente encharcadas.

– O Dia do Juízo Final? – perguntou Fredrik sarcasticamente, ao mesmo tempo que sacudia a água do cabelo.

Silje olhou para ele, a maquilhagem a dissolver-se rapidamente, e retribuiu-lhe o piscar de olhos.

– Muito possivelmente. Ainda assim, não é a pior maneira de passar o Armagedão.

Fredrik soltou uma gargalhada e apontou para a carteira dela.

– O ficheiro está aí? Sobreviveu?

– Espero que sim – retorquiu Silje a tremer enquanto se dirigiam para a cozinha, ambos a deixar pegadas molhadas no lindo chão de carvalho.

Silje poisou a carteira na mesa, sacudiu o cabelo molhado e mirou-se de alto a baixo.

– Sei que isto parece um cliché e que acabámos de nos conhecer, mas acha que lhe posso pedir roupa seca?

Meia hora depois, o pior da tempestade tinha passado. As nuvens negras tinham dispersado e estavam agora a dirigir-se para sul, para atormentarem os turistas no *ferry* para a Dinamarca. Já se conseguia ver um sol fraco lá fora, que incidia na mesa da cozinha. Repentinamente, parecia uma cena de uma comédia romântica, com ela ali sentada com a camisa azul-clara dele, demasiado grande, a aquecer as mãos numa caneca de chá, com os troncos a estalar na lareira ao fundo; tinham estado ambos gelados até aos ossos.

– Desculpe – disse Silje passado um bocado, com a cara a assumir uma expressão séria, semelhante ao que ele detetara na voz dela ao telefone.

– Desculpo o quê?

– Ser um incómodo tão grande, tenho a certeza de que a culpa é minha, por ter feito asneira.

Apontou para os restos da tempestade que agora se afastava, atravessando o fiorde de Oslo.

– Então é nisso que acredita? Que há alguém lá em cima? A aplicar-lhe um castigo? E quem poderá ser? Um meteorologista?

Ela forçou um sorriso.

– Sim, porque não?

– Uma mulher loira a abanar os braços à frente de um ecrã verde, a fazer previsões, a falar da pressão atmosférica e, de quando em quando, a administrar castigos à humanidade.

A professora riu-se.

Ele gostava do riso dela. Na verdade, gostava de tudo nela. Era uma situação estranha. Mais do que tudo, Fredrik queria pôr a realidade de parte durante uns tempos. Saborear este momento.

– Disse Siri, foi isso?

– Perdão?

– É a sua filha?

Silje baixou os olhos para a mesa e abanou a cabeça.

– Agora também vou ter de me sentir mal em relação a isso.

– Mal em relação a quê?

– Menti à minha mãe. Disse-lhe que tinha de tratar de uma coisa na cidade. Não tinha, mas precisava de algum espaço. Na verdade, aquele funeral incomodou-me muito.

– Sim, foi uma cena forte.

– Estava lá?

Fredrik assentiu com a cabeça.

– Viu o que aconteceu?

– Um mau trabalho da polícia. Provavelmente, a culpa foi nossa, não sei.

– Ele está ali dentro.

Silje olhou para ele e depois indicou o ficheiro com a cabeça.

– Quem?

– O tio do Ruben. O Loki.

– Está a falar a sério?

Voltou a assentir e bebeu um gole de chá.

– Então também o investigou?

– Não. Mas a Nina contou-me. Caramba, portámo-nos mal, não portámos? Tenho a certeza de que vamos ser as duas despedidas.

Poisou a caneca e olhou dissimuladamente em volta.

– Por acaso não terá um vinhito?

– Claro.

Fredrik levantou-se e aproximou-se de uma prateleira por cima do balcão da cozinha.

– Que tal um Pinot Noir?

– Sim, por favor. Desculpe, acho que estou um bocado abalada, normalmente não bebo a esta hora do dia.

– São cinco horas algures, não são?

Sorriu-lhe e descobriu um saca-rolhas numa gaveta. Tirou dois copos de uma prateleira e serviu vinho para os dois.

– Tem uma fotografia dela?

– De quem?

– Da sua filha. Da Siri.

A cara atraente dela voltou a iluminar-se.

– Tenho, sim.

Tirou a bolsa da carteira e empurrou-a para ele.

– Oh, é um amor. Que idade tem?

– Cinco. Vai começar a escola este outono. Acabámos de a inscrever.

– Que excitante.

– Oh, não sei. Acho que ainda é muito novinha. Pobre miúda.

Apertou a fotografia antes de a voltar a meter na bolsa.

– E... o pai?

Aquilo pareceu grosseiro e Fredrik arrependeu-se imediatamente, mas

pela expressão nos olhos de Silje, conseguiu perceber que ela não se tinha importado.

– Nunca esteve presente.

– Ok.

– Por isso, sou... sim, uma mãe solteira, feliz e contente. E você?

Abriu os braços para abarcar o apartamento.

– Sou solteiro, como pode ver. Sou só eu e...

Patrik Sjöberg.

Tinha-se esquecido completamente do pássaro. O pobrezinho devia estar aterrorizado depois da tempestade. Desculpou-se e foi buscar a gaiola ao quarto, tirou a coberta e soltou a catatua.

– Desculpe.

Ela sorriu e ergueu o copo.

– Tudo bem. Então, sem filhos, nem namorada?

– Uma namorada, não. Crianças, gostaria de ter algumas, mas as duas coisas costumam andar juntas, não é?

– É o que dizem.

Ela voltou a soltar uma gargalhada.

– Então... – soltou Riis, aclarando a garganta e olhando para o ficheiro.

– Vamos...

– Temos de o fazer? Ainda me estou a sentir um bocado abalada.

– Não, claro que não. Leve o tempo que quiser.

– Tem a certeza?

Silje bebeu outro gole do vinho e olhou furtivamente para ele, por cima da borda do copo.

– Não preciso de estar em mais lado nenhum – respondeu Fredrik, sorrindo, um bocadinho envergonhado, e agarrando no copo cuidadosamente, ergueu-o num brinde.

Capítulo 41

Emilie Skog estava sentada nas rochas da costa de Hvalstrand, a sentir-se melancólica porque em breve tudo estaria acabado. Estavam em meados de março e ainda estava frio ali, em Asker, mas ela não se importava porque gostava de se embrulhar num cobertor e ir para o fiorde a fim de aclarar a mente de manhã, antes de os outros acordarem. Era estudante na Academia das Artes de Amund Andersen, uma escola de arte privada que oferecia um curso de dois anos. Todos os anos, eram admitidos sete estudantes, por isso havia 14 pessoas na casa enorme. Nem todas viviam lá, mas a maioria vivia, estudantes que tinham vindo de longe, como Emilie, que tinha vindo da cidade postal de Grimo, na Noruega ocidental. Todavia, em breve estaria a fazer o caminho de regresso a casa para o compromisso da vida dela. A quinta. Os pais. As maçãs. Apercebeu-se de que sempre o soubera. Que iria viver o resto da vida lá. Não porque tivesse de o fazer, mas porque queria fazê-lo. Não conseguia imaginar outra vida. Então porque é que eles não compreendiam? Ela ter querido ter dois anos para ela primeiro? Os pais tinham abanado a cabeça. Para Oslo? Para fazer o quê? Pintar quadros? Porquê? Toda a gente estava perplexa, até os amigos. Porque é que queres fazer isso? Não que interessasse, porque Emilie já tinha decidido. Dois anos. Só para ela. Numa escola de arte. A seguir, iria para casa para tomar conta da quinta e não apenas por ter prometido ao pai fazê-lo. Não, era porque era o que ela queria, por isso porque é que não compreendiam? Tinham-se posto a abanar os bonés da varanda à frente da casa branca da quinta, como uma cena de um quadro do século xix ou uma história de Olav Duun. Emilie tinha esperado com a mochila na paragem do autocarro. Ouçam, gentes, a vida já não é assim. Primeiro que tudo, estamos praticamente no século xxi, ou não sabiam? As raparigas não precisam de poupar para a arca do enxoval e esperar por um admirador que por ali passasse ou que o rapaz na quinta ao lado se apaixonasse por elas. Ouve, mãe. Ouve, pai. Eu vou voltar. Rostos cobertos de lágrimas atrás de lenços bordados, a avó paterna até tinha vestido o fato tradicional com todos os acessórios de prata. E tinham içado a bandeira. Parem, por favor, parem com isso. Finalmente, a camioneta tinha chegado e a

viagem dela tinha começado.

Emilie escolheu um seixo e atirou-o para a água calma. Era diferente dos outros estudantes da universidade, não havia qualquer dúvida sobre isso, mas, mesmo assim, tinha feito amigos para a vida. E isso é que interessava, não era? Tentar uma coisa nova? Conhecer pessoas novas? E, sim, pai, vou voltar, porque é que não haveria de voltar? Porque é que iria abandonar isto tudo? Tinha-o arrastado para a janela para realçar o ponto de vista dela. A vista do pomar de maçãs. As deliciosas maçãs Hardanger, pequenas e vermelhas, como puro amor nas árvores. As melhores na Noruega ocidental. Também produziam a sua própria cidra, que também era muito popular; até os melhores restaurantes de Bergen se tinham apercebido daquele sabor incrível. E as montanhas a mergulhar no fiorde cintilante. Pai, percebes agora? Eu vou voltar!

Primeiro tinha pensado na Academia de Belas Artes em Oslo, mas depressa tinha abandonado a ideia. Luvas ensanguentadas numa parede e ratos mortos dentro de frascos de pickles não eram a ideia que ela tinha da arte. Gostava de pintar. Nada de profundo. Apenas recriar o que via. Criar de novo. Adorava o elemento visual. Gostava da forma como a mão se movia pela tela. Como as cores se metamorfoseavam em conjunto na paleta e se transformavam em tonalidades novas. Emilie não era profunda, como Hansi, por exemplo. A angústia dele. Aquela sensação de vazio. A dor existencial pela condição humana e o medo da morte. Ok, ele só tinha 19 anos, mas mesmo assim. Hansi era de Trøndelag e era de facto muito simpático, mas também triste e não muito bom a tomar conta de si próprio. Não queria comer e não bebia água nem cidra de maçã, nem outra coisa qualquer que fosse saudável porque *Não é assim que a vida é, a vida não é bonita, a vida é dura e difícil e, no fim, vamos todos morrer e ninguém sabe porquê. E querem que eu me sente aqui a comer bolo e a beber um cordial? Não me parece.*

Emilie escreveu «Hansi?» no bloco de notas que tinha no colo.

Talvez um dos quadros fantasma dele?

Era isso que ele pintava. Figuras tão finas que se podia ver através delas, os esqueletos e tudo. Vê-lo a mover-se à frente da tela dava-lhe calafrios pela espinha abaixo. A técnica do pincel dele era incrível. Às vezes, ela parava de trabalhar só para o ver pintar.

Mas ele era tão infeliz.

Pobre rapaz.

Ia comprar um dos quadros dele antes de ir para casa. Tinha tomado essa decisão. Hansi tinha beneficiado de uma bolsa do próprio Andersen. Ele só concedia uma por ano e, dois anos antes, tinha ido para Hansi. Não ia dizer-lhe que tinha comprado um quadro dele. Ia limitar-se a colar subrepticamente um autocolante cor de laranja nele.

Olha, fizeste uma venda, Hansi!

Ver a alegria nos olhos dele.

Ou, possivelmente, um quadro da Amalie?

A quase homónima dela do norte da Noruega?

Escreveu o nome no bloco de notas.

A exposição de fim de curso da Academia. Era essa a razão de ela ter ido para ali naquela manhã. Porque Andersen lhe tinha dado um trabalho importante.

Ouve, Vestland.

Fora essa a alcinha que ele lhe dera desde o primeiro dia.

Estás a ouvir, Vestland? Estás a pintar um alce ao pôr-do-sol? Olha para a tua luz! É terrível. Sem remédio. Dá-me os teus pincéis para os poder queimar.

Emilie sorriu para consigo e apertou o cobertor à volta do corpo quando o sol espreitou por cima de Konglunden, no outro lado do fiorde agora cintilante.

Ele fazia coisas dessas.

Andersen.

Um excêntrico de 80 anos que dava mais valor à arte do que a qualquer outra coisa no mundo e que nunca tinha papas na língua quando dava a sua opinião.

Graças a Deus, ele não falava assim com Hansi porque Hansi ter-se-ia quebrado como um galho e caído desamparado, mas Emilie não se ralava.

Vestland, eu disse luz! Luz, luz, luz, diabos te levem!

Um dedo torto a espetar a tela dela.

O que é que estás a fazer aqui, Vestland? Volta para a tua quinta com os porcos, não quero ver os teus esforços odiosos!

Maças.

O quê?

Cultivamos maçãs.

Tenho ar de quem quer saber disso? Tira-me esse quadro pavoroso do meu estúdio imediatamente!

E, no entanto, tinha-a escolhido.

Ouve, Vestland.

Sim?

Estás a ver a exposição de fim de curso?

Sim?

Precisamos de um cartaz.

E?

Quero que o faças.

O cartaz para a exposição de fim de curso.

A sério.

Ela?

Porque ela sabia o que isso significava.

Que podíamos escolher o nosso próprio quadro.

Que ficaria em exposição nesse ano e para sempre.

Academia das Artes de Amund Andersen.

A Exposição de fim de curso de 2001.

O cartaz deste ano foi criado por Emilie Skog.

Ou, possivelmente, um dos quadros de Amalie?

Estava prestes a escrever o nome da amiga, mas teve uma dúvida. Perguntou para consigo porque é que tinha trazido o bloco de notas se já tinha decidido, não tinha?

Porque era impossível escolher.

Entre eles.

Tinha-se dirigido a Andersen com alguma relutância: podia escolher dois quadros para o cartaz? Mas o velho tinha resfolegado com desprezo. Não queria uma porcaria de uma colagem, o que é que ela pensava que aquilo era? Um jardim infantil?

Emilie soltou um suspiro e voltou a enfiar o lápis no bolso.

Não, ia seguir a primeira ideia.

O rapaz com o texugo.

Tinha descoberto o quadro nas profundezas do armazém que lhe tinham pedido para limpar. Ele era bom nisso, o velho Andersen, a conseguir que os estudantes fizessem o trabalho que devia ser dele. Quer fosse cortar a relva ou passear o cão. Mas, fosse como fosse, o quadro tinha estado deitado num canto cheio de pó. Um rapaz loiro e nu.

A olhar para ela lugubrememente.

Com um texugo nos braços.

Tinha perguntado a Andersen o nome do pintor, mas o professor não fora prestável. *Um idiota qualquer. Esteve cá só uns meses, não podia pagar as propinas*, e, desde essa altura, tinha ficado pendurado por cima da cama dela.

Restavam seis semanas.

Tinha-se divertido.

Tinha feito amigos para toda a vida.

Mas, afinal de contas, se calhar, devia escolher o quadro de Hansi, não?

Ele não precisava mais da publicidade?

Não, não podia fazer isso a Amalie.

Ia manter-se fiel à primeira ideia.

O rapaz com o texugo.

Emilie Skog levantou-se da rocha, estendeu os braços para o céu, sorriu para o sol e depois dirigiu-se calmamente para a casa grande para começar a fazer o pequeno-almoço.

CINCO

Capítulo 42

Tinha rebentado um cisma na pequena comunidade religiosa depois de a filha de 14 anos do pastor ter tido a sua visão. De facto, já tinha havido desentendimentos antes disso – se não mesmo verdadeiras rixas, pelo menos discussões acesas –, mas nada igual. Agora estavam divididos em dois campos. Os que acreditavam na revelação dela e os que a negavam e a consideravam uma profecia falsa, e agora os primeiros tinham-se reunido na plataforma de observação no cimo de Marifjell. Se se olhasse com atenção, a estrutura de madeira lembrava a Torre de Babel e fora erguida no ponto mais alto da montanha, apenas a poucos quilómetros do sítio onde tinham construído a igreja nova menos de dois anos antes. Porque mal a discussão tinha finalmente terminado sobre se a visão da filha do pastor fora ou não verdadeira, a parte da congregação que acreditava nela tinha gastado muito pouco tempo a debater onde a assunção iria acontecer. A plataforma de observação explicava em grande parte por que razão as pessoas tinham sido persuadidas – logo para começar, por que outro motivo a teriam construído? E naquele sítio exato? Em Marifjell? Qual era o nome da filha do pastor? Exatamente, o nome dela era Mari. E que altura tinha a montanha? 718 metros acima do nível do mar. E o que é que dizia em Mateus 7:18? Uma árvore boa não pode produzir fruta má, nem uma árvore corrompida pode produzir fruta boa.

Karoline sorriu para consigo quando um dos jovens se aproximou da pedra onde ela estava sentada e lhe ofereceu chá. O jovem, Erik, andava pela idade dela, 21 anos, uma das consequências do cisma na pequena comunidade: tinha-a dividido pela idade, os novos *versus* os velhos. A infeliz situação continuava já há algum tempo sem que ninguém a abordasse publicamente. Na maioria dos casos, tinha havido apenas resmungos nos cantos, entre os jovens membros da congregação. *Mas estas ideias são velhas, certo? De certeza que não podem estar certas, pois não? Acham que Deus irá enviar anjos para nos vir buscar se nos comportarmos assim?* Com o passar do tempo, tinham formado uma facção pequena que obedecia aos sermões como lhes fora dito, sim, mas que também tinha começado a reunir-se em

segredo. À noite. Quando os membros mais velhos já tinham ido para a cama. Eram orientados por Marius, que tinha estado perto de ser ostracizado pela comunidade por causa das suas opiniões, mas após protestos dos – precisamente – membros mais novos, fora autorizado a ficar. À experiência. A partir daquela altura, tinha de seguir as regras e fazer o que os mais velhos mandavam. Porque uma arca iria vir. Esse era o centro do conflito. Era o que Deus tinha prometido e estava na Bíblia, não estava? A Arca de Noé? Antes do dilúvio, Noé tinha escolhido dois de cada espécie e as pessoas que Deus tinha escolhido. Tinham-se rido às gargalhadas com isto durante as reuniões secretas, amontoados no chão da pequena cabina, à luz das velas. Uma arca. Sim, a sério. Um barco enorme feito de madeira iria aparecer ali em cima? Com espaço para toda a gente? Bah. Tinha de ser uma *metáfora*, de certeza que toda a gente conseguia perceber isso. Os tempos eram outros. Agora, viviam no mundo moderno. E Deus não era nenhum ludita, era a própria luz e era óbvio que não lhes ia enviar um barco.

– E um ovni?

Fora Erik que o mencionara primeiro, numa voz calma, na pequena cabine, a sussurrar, um pensamento quase demasiado perigoso para ser dito em voz alta.

E a alegria tinha-se espalhado por eles, uma espiritualidade que não podia ser confundida. Todos o tinham sentido, como a ideia se instalara neles, tornando-os quase eufóricos.

– Sim!

– Claro!

– Isso explica tudo, não é?

Porque já tinham discutido a possibilidade na igreja não muito depois de Marius dizer que pensava que tinha visto uma coisa qualquer luminosa a voar por cima da cordilheira. Não tinha visto apenas uma luz, também tinha visto uma espécie de nave. Era metálica e zumbia, ofuscante e com cores no centro, quase como um clube noturno, uma comparação que fizera os mais velhos reconsiderar ostracizá-lo porque era pecaminoso. Deus nunca faria uma coisa dessas. Discos voadores, homenzinhos verdes e vida extraterrestre, toda a gente sabia que isso era o trabalho do diabo na Terra para confundir a humanidade, para a fazer duvidar da maravilha da criação. Mas não era isso que Marius tinha estado a tentar defender. Estava a dizer que o ovni *era* Deus, mas isso só piorou as coisas e tinham-lhe dado um novo aviso; felizmente, isso já não interessava.

O que interessava agora era o que Mari, a filha de 14 anos do pastor, tinha visto. Tinha estado a dormir profundamente na cama a meio da noite quando uma voz a tinha acordado e dito para descer até ao rio. Mari não tivera medo, sentira apenas, como tinha explicado, uma cálida sensação de conforto, e obedecera à voz. Vestindo apenas a comprida camisa de noite branca, tinha caminhado descalça pela floresta e, como dissera mais tarde: *Não tinha sapatos, mas sentia-me bem. Fosse o que fosse que pisasse, não me magoava,*

era como se Deus tivesse, Ele próprio, feito um carreiro de algodão, só para mim.

Ao atravessar a floresta, tinha conseguido ouvir música maravilhosa à volta dela. Um coro de anjos e violinos e tinha-se sentido tão comovida que as lágrimas lhe tinham corrido pelas faces, e depois tinha chegado ao rio, que estava rápido a seguir às inundações da primavera, mas a voz tinha-a mandado entrar nele à mesma. E depois, imaginem, mesmo com a água a rugir e a espumar à volta dela, tinha-se mantido firme. E fora nessa altura que viu aquilo. Ali. Na água.

Os números a arder.

24040424.

– E não pode haver chamas debaixo de água, pois não? – disse Erik enquanto se sentava no cepo ao lado dela e voltava a cara para o céu.

A frase tinha-se tornado a senha secreta entre eles.

Não pode haver chamas debaixo de água, pois não?

Sendo o significado: quem é o único suficientemente poderoso para produzir um tal sinal?

Era óbvio.

DEUS.

Tinha-se seguido um debate e toda a gente tinha participado, como era costume desde que se tinham mudado para ali há alguns anos. De onde virá Deus? Quando é que Deus virá? E o que é que fazemos para garantir que Ele nos escolhe para entrar no céu?

No que respeita à última, estavam todos convencidos de que a questão estava resolvida. Porque eles eram os escolhidos. Ninguém servia Deus melhor do que eles.

E onde é que Deus desceria até eles, bem, agora já tinham a resposta, não tinham? Mari? Marifjell? Não podia ser uma coincidência que o pastor tivesse escolhido esta mesma floresta para construir a igreja nova, pois não? Não, claro que não. Agora só restava uma questão: quando?

Quando irá acontecer? Quando receberemos a nossa recompensa?

24040424.

– E se significar 24 de abril? Às 4h24 da manhã?

Outra revelação explosiva dentro da pequena cabana e Karoline quase chorara de alegria.

Raramente tinha sentido tamanha verdade.

– Isso é já daqui a nada.

– Uma questão de semanas.

– Não temos tempo a perder.

E, por isso, tinham começado.

Em segredo, novamente.

A juntar as coisas.

O pouco de que precisavam.

E agora estavam aqui à espera, a tremer de excitação.

Catorze jovens.

Estava escuro como breu lá fora, apenas umas quantas estrelas iluminavam as montanhas e o grupinho tinha-se juntado quase instintivamente.

4h20

4h21

Karoline sentiu o coração a acelerar debaixo do casaco, as mãos a começar a entrelaçar-se umas nas outras.

4h22

4h23

4h24...

4h25...

Mas...?

4h26

Não era essa...?

Olharam uns para os outros, desconcertados, e depois para o céu infinito por cima deles.

Marius foi o primeiro a ver.

– Olhem!

Dedos ansiosos a apontar para as chamas que vinham da floresta.

Pequenas ao princípio, depois maiores, mais ferozes.

Sorrisos, agora que percebiam o que estava a acontecer.

A plataforma de observação em Marifjell.

Não iria aterrar aqui.

Claro que não iria.

Aquilo era o ponto de onde o iriam ver!

Karoline soltou um gritinho de prazer enquanto reunia rapidamente os seus parques pertences.

Depois começou a correr o mais depressa que conseguia pela encosta abaixo.

Na direção do sinal a arder.

Capítulo 43

Holger Munch saiu do carro e acendeu um cigarro enquanto Fredrik Riis se aproximava, subindo o carreiro estreito da floresta. Por uma vez, o jovem investigador não estava de fato, tendo escolhido sensatamente uma roupa mais apropriada para o local.

– É longe? – quis saber Munch.

Abriu o porta-bagagens do carro e tirou as botas de borracha.

– Um pouco menos de um quilómetro.

– E já fechámos o acesso à área?

– Sim, o pouco de que foi preciso. Não vivem muitas pessoas por aqui, como pode ver.

Riis apontou com a cabeça para os bosques que os rodeavam, a reserva natural Marifjell, à beira do lago Hurdalsjøen. Ficava apenas a 90 minutos de carro para norte de Oslo, no entanto parecia que estavam bem no interior de uma zona selvagem. Tinham recebido um telefonema no princípio da manhã da polícia local, que fora suficientemente inteligente para perceber a ligação. Uma carrinha Peugeot Boxer branca. Tal como aquela de que andavam à procura.

– Então e quem é que a encontrou?

Riis hesitou antes de ser capaz de responder à pergunta de Munch.

– Um grupo de jovens. Disseram que estavam aqui a acampar, mas não tenho a certeza. Não vi tendas e usavam todos crucifixos ao pescoço, coisa que me diz que estavam aqui para... bem, quem sabe, e não me parece que tenha lá grande importância. Seja como for, aperceberam-se do fogo e alertaram-nos, por isso, acho que tivemos sorte por eles estarem aqui. O fogo já estava praticamente extinto quando cheguei.

Munch desceu o caminho atrás dele. Já havia muito tempo que não estava tão longe da cidade. O cheiro da paisagem norueguesa. Um ar tão fresco que quase lhe punha os pulmões à prova. Provavelmente, fazia-lhe bem, tinha fumado uma série de cigarros recentemente. Marianne tinha olhado para ele ansiosamente quando teve de o ajudar a entrar no corredor.

– *A tua respiração é muito pesada quando estás a dormir, Holger. Não*

te parece que devíamos marcar outra consulta com o médico?

Tinha-os desiludido outra vez, pois já tinha prometido a Marianne passar algum tempo em família ao pequeno-almoço.

Arranjei-te uma coisa leve para lebares.

Um esquilo desceu velozmente pelo tronco de uma árvore e correu como uma flecha pelo carreiro à frente deles.

– Mas pensamos que é o nosso homem?

– Não podemos ter a certeza – retorquiu Riis. – Mas porque é que alguém havia de conduzir uma carrinha Peugeot branca, quase novinha em folha, até tão longe nesta zona selvagem e depois pegar-lhe fogo? Na pior das hipóteses, é uma coisa suspeita. Estou impressionado por os agentes locais a terem ligado à nossa investigação tão depressa.

Munch já estava a ofegar. Estava a ter dificuldades em acompanhar o ritmo do colega mais novo.

– Porque é que não viemos de carro?

– O quê?

– Se ele conseguiu guiar a carrinha até cá abaixo, porque é que nós não podemos?

Riis parou, voltou-se e sorriu.

– Não se importa de fazer um exerciciozinho, pois não?

– Claro que não, mas há limites.

– Já vai ver porquê quando passarmos aquela curva.

Duzentos metros mais à frente, Riis parou diante de um pinheiro grande que lhes bloqueava o caminho.

Apontou para a madeira fresca no final do tronco.

– Estou a ver – resmungou Munch.

– Parece um exagero, mas dá a ideia de que cortou o pinheiro para bloquear o caminho.

– Que estranho.

Munch tirou um cigarro da algibeira da canadiana e acendeu-o.

– Porquê aqui?

Olhou em volta.

– Será que isso quer dizer alguma coisa?

– O que é que quer dizer com isso?

– O facto de ele a ter cortado exatamente aqui. Será importante?

– Não tinha pensado nisso.

Riis olhou em volta e depois encolheu os ombros.

– Suponho que seja uma coincidência, não acha? Podia ter sido uma árvore qualquer. De certeza que ele só estava a tentar impedir outras pessoas de descerem por aqui, não? Atrasar o acesso delas à carrinha queimada? Quer dizer, eram quatro e meia da manhã, tivemos sorte que os jovens estivessem na área, fosse lá o que fosse que estivessem a fazer. Se não tivessem estado aqui, podia não ter sido descoberta durante semanas.

– Não, nada do que este tipo faz é por acaso – resmungou Munch,

rolando o cigarro entre os dedos. – Como é que ele voltou?

– Hem?

– Traz a carrinha até aqui. Para no meio de nenhures. Portanto, será que fez a pé o caminho todo até casa? Estaria alguém à espera dele na estrada?

– Bem visto – replicou Riis, estudando o chão até encontrar aquilo de que estava à procura.

– Está a ver isto? São recentes e há várias ao longo de todo o carreiro.

Marcas de pneus na terra molhada.

– Acho que ele devia ter uma moto-quatro na carrinha. Guiou a carrinha até aqui. Incendiou-a. E depois abandonou a cena na moto-quatro. Pelo menos, é uma teoria.

– E há quantas horas, disseste tu?

Munch voltou a olhar em redor.

– As testemunhas disseram por volta das quatro e meia. Por isso, há cerca de cinco horas.

– E há outras estradas que venham dar aqui?

– Só aquela que subiu, segundo os agentes da terra. Mas se eu tiver razão e ele tivesse uma moto-quatro, em teoria, podia ter deixado a área por qualquer sítio.

Riis encolheu os ombros e continuou ao longo do trilho, ao mesmo tempo que o telemóvel de Munch começou a tocar.

Anette.

– Sim, fala o Holger.

– Olá, já aí estás?

– Estou mesmo agora na cena. Alguma novidade?

– Tivemos notícias dos técnicos forenses. Temos uma correspondência nas beatas. Um perfil de ADN. Está no nosso sistema. Acho que eles até podem ter descoberto o nosso homem, Holger. Estou a olhar para a fotografia dele agora mesmo.

– Fica onde estás – respondeu Munch muito entusiasmado. – Estou a caminho.

Gritou para Riis:

– Tenho de voltar. Temos uma correspondência nas beatas. Continua a seguir as marcas da moto-quatro e liga-me se os técnicos forenses descobrirem alguma coisa na carrinha, ok?

– Claro.

Munch deixou cair o telemóvel dentro da algibeira da canadiana, deu uma última passa no cigarro e começou a avançar, meio a correr, pela floresta acima.

Capítulo 44

Mia Krüger tinha passado uma noite terrível e acordou sentindo-se muito transtornada. A cama estava completamente sozinha no grande quarto branco e era assim que ela se sentia, dominada pela solidão. Tinha-se atrevido a voltar a ter esperança. Quando o telemóvel começou a tocar sem parar. Mostrando o mesmo número.

Sigrid?

Mas não, claro que não era ela.

Olá, estou a telefonar de...

Só mais uma estúpida chamada de *marketing*.

Mia obrigou-se a levantar-se da cama e arrastou-se até à cozinha. Agarrou numa embalagem de iogurte do frigorífico. Sentia-se agoniada, mas tinha de comer qualquer coisa. Deu um salto quando o telemóvel voltou a tocar, mas, felizmente, desta vez, o nome de Munch apareceu no ecrã.

– Sim, fala a Mia.

– Holger. Estás em casa?

– Sim.

– Temos uma correspondência para as beatas da floresta.

– A sério?

– Estou a caminho da tua casa.

– Desço já.

E a seguir, não muito depois, uma sensação de que havia alguma coisa errada quando entrou no Audi preto. Munch estava a olhar pelo para-brisas inexpressivamente. Não era uma reação de que ela tivesse estado à espera. Se tinham uma correspondência para as beatas dos cigarros, porque é que ele ainda não tinha prendido o suspeito? E porquê aquela cara? Não havia sinais de alegria, apenas aqueles olhos contraídos que acabaram por acordar e olhar para ela enquanto Mia punha o cinto de segurança.

– Então conte-me lá.

– Desculpa? – retorquiu Munch, parecendo quase mal-humorado ao ligar o carro.

– Quem é? A correspondência foi com quem?

O inspetor apontou com a cabeça para um dossiê fino entre os dois, entrou calmamente na Parkveien, continuando em direção a Majorstua. Por qualquer razão, tinha todo o tempo do mundo.

Mia tirou os papéis do dossiê.

– Paul Iverson?

Olhou para a fotografia. Um homem de 30 e tal anos. Tinha a cabeça rapada. Olhos cansados. Tatuagens – uma ao lado do olho e várias pelo pescoço abaixo. A fotografia fora claramente tirada no âmbito de uma detenção e tinha havido todo o cuidado em documentar todos os pormenores físicos. Várias cicatrizes no peito e nas coxas. Talvez de uma faca.

Munch parou num sinal vermelho. Continuava a não haver nada que indicasse que estava com pressa.

– Lembras-te de um caso de há uns anos? – resmungou quando o carro recomeçou a andar.

– Qual caso?

– Um assalto a um banco em Lillestrøm. Teve publicidade ao nível nacional, não por terem fugido com uma data de dinheiro mas por não terem chegado muito longe.

Um pequeno e breve sorriso a despontar, antes de voltar a ficar sério.

– Oh, é ele o tipo?

Mia lembrava-se bem do caso. A família tinha estado colada à televisão enquanto o assalto ao banco se transformava num entretenimento clássico de sábado à noite. Tinha continuado durante semanas, mesmo depois de os programas de notícias se terem esquecido do caso, os comediantes tinham-se apoderado do assunto. Os piores ladrões de bancos do mundo. O pior condutor de um carro de fuga da história. Mia lembrava-se do muito que se tinham rido nesse verão em Åsgårdstrand. Estar de novo em casa tinha sido maravilhoso. As imagens das câmaras de vigilância tinham passado repetidamente no ecrã. Dentro do banco, onde os assaltantes tinham brandido as armas, ordenado às pessoas que se deitassem no chão. Os alarmes estavam desligados, era um trabalho verdadeiramente profissional, como nos filmes. Até ali, tudo bem, mas a seguir havia as imagens do exterior. O carro de fuga tinha chegado velozmente e estacionado lá fora, o condutor tinha desligado o motor. E depois, ação, com os ladrões de balaclava a saírem a correr do banco, ainda a brandir as armas, só para encontrarem o carro parado. O condutor saiu, com a cara descoberta, conseguindo mesmo fitar uma das câmaras. Abriu o capô. Mexericou no motor. Finalmente, entrou, conseguiu ligar o carro, só para ir parar ao outro lado da rua e espetar-se no poste de um candeeiro.

O assalto a um banco mais curto do mundo.

– É ele?

Munch assentiu com a cabeça e virou para a Sørkedalsveien.

– Era ele que ia a guiar o carro?

– Era o Paul Iverson que ia a guiar o carro, sim. Apanhou 18 meses,

principalmente por ser um idiota, acho eu; seja como for, é por isso que temos o ADN dele no sistema. Está cá fora, a viver de subsídios, vive em Østerås.

– E?

– E o quê?

Mia continuava a não conseguir perceber o que se estava a passar.

As beatas?

Do sítio com a vista desimpedida?

Da clareira.

E então?

Não havia luzes azuis a piscar?

Por que raio é que Munch a tinha ido buscar primeiro?

O inspetor franziu o cenho, abriu a janela e acendeu um cigarro quando pararam noutro sinal vermelho.

– OK – disse Mia. – E temos a certeza? É o ADN dele nas beatas?

– Os tipos da equipa forense dizem que é uma correspondência exata.

– Então, é ele?

– É o que parece.

Mas que raio, Munch?

– E sabemos onde é que ele vive?

– No 88C da Eisksveien. Segundo andar.

– Já mandámos um carro para lá?

– Não.

– Então como é que sabe que ele está em casa?

– Telefonei-lhe.

– Fez o quê?

– Ele disse que ia pôr a chaleira ao lume.

– Telefonou-lhe a dizer que estávamos a chegar?

– Sim.

Foi nesse momento que Mia se fartou:

– Porque é que não está contente?

– O que é que queres dizer com isso?

– Temos uma correspondência do ADN nas beatas. E, mesmo assim, o Munch está a guiar como um autêntico domingueiro? E para que é que se deu ao trabalho de me ir buscar?

Munch voltou a franzir o cenho.

– Porque queria que visses com os teus próprios olhos.

– Visse o quê?

– Já vais descobrir quando ele abrir a porta.

Capítulo 45

O estranho estado de espírito dele já durava há dias e embora Lydia Clemens tivesse chegado a pensar que podia ser por culpa dela, na verdade, não podia. Uma vez por ano. Porque ela era menor. E por isso, se calhar, no fundo, a culpa até era dela, porque eles estavam a vir por causa dela, mas com certeza que o avô conseguia perceber que não era uma escolha dela, certo? Que os monitores viessem fazer-lhes uma visita? Isso era algo que o governo tinha decidido e não ela. De vez em quando, Lydia ficava realmente zangada com ele. A primavera tinha chegado, todos os pássaros amigos dela estavam de regresso e ela poderia correr descalça pelo chão da floresta e a única coisa que ele fazia era amuar. Tenta animar-te, avô, dissera-lhe, quase descaradamente durante o pequeno-almoço, mas isso só o tinha feito ficar ainda mais maldisposto, tendo acabado por levar a comida para o quarto e fechado a porta, sem que Lydia o tivesse voltado a ver. Oh, bem, não iria perder mais tempo a preocupar-se com isso porque tinha labutado durante todo o inverno, a trabalhar com a pesada máquina de costura, que não era elétrica e tinha um daqueles pedais em que era preciso carregar com o pé e ela mal lhe conseguia chegar e, por isso, tivera de lhe atar um grande bloco de madeira. Mas agora já não tinha tanta importância porque hoje era o primeiro dia em que o ia usar, o ia mostrar a alguém.

O vestido.

Lydia sorriu e conseguiu sentir as faces a ficarem quentes. Já estava pendurado no guarda-vestidos, mas não o tinha querido tirar de lá. Precisava de uma ocasião. Não que a visita dos *monitores* fosse uma coisa para ser comemorada, mas não servia de nada exibir um vestido se não havia ninguém para o ver, pois não? E o avô não ligava a essas coisas. Havia uma razão para isso, obviamente, e ela conhecia-a. Porque a indústria da moda era uma das razões pelas quais a Terra estava destruída e o *tempo longo* iria chegar em breve. Se as pessoas se limitassem a contentar-se com as roupas de que *precisavam*, a natureza ainda estaria viva. Mas as pessoas não eram assim. As pessoas eram criaturas tontas e obcecadas consigo próprias que gostavam de mostrar que eram mais atraentes ou melhores do que todas as outras. Isto tinha

que ver com a aparência exterior delas, que por vezes realçavam com joias, que extraíam do subsolo com recurso a escravos em África, ou maquilhagem que testavam em animais que morriam por causa disso, mas o que usavam mais do que tudo o resto era roupa, ou *moda*, como as pessoas no mundo lá fora lhe chamavam. A moda era uma coisa que estava sempre a mudar, não porque fosse necessário mas porque as pessoas que faziam roupa não ganhariam uma data de dinheiro se as pessoas usassem sempre as mesmas roupas em vez de comprar novas. Por isso, tinham feito um acordo dissimulado com jornais e revistas do mundo inteiro para fingir que a moda era uma coisa de que as pessoas precisavam. E se não seguissem esta *moda*, eram estúpidas e não valiam tanto como as outras. Dessa maneira, as revistas e as pessoas que faziam as roupas ficavam ricas ainda que ninguém precisasse realmente de comprar os produtos que produziam. Era um plano muito inteligente, dissera o avô quando lhe explicara como estava tudo ligado. *Por qualquer razão, as pessoas gananciosas são muito espertas e isso é muito mau para o resto de nós.* Ela achara que aquilo estava bem visto e fizera uma nota no caderno onde tinha a tendência de colar coisas que encontrava ou escrevinhar os pensamentos que tinha se, por exemplo, tivesse saído de bicicleta e visto uma águia que era tão impressionante e bela e que pairava tão majestosamente lá bem alto do céu que ela se interrogava porque é que as águias não tomavam conta da Terra em vez das pessoas estúpidas, que eram a razão para o *tempo longo* estava prestes a chegar.

Por isso, Lydia fizera aquilo que o avô sempre lhe ensinara: *Antes de fazermos uma coisa nova, temos de gastar primeiro o que temos.* Logo para começar, isso tinha-se mostrado difícil porque todas as roupas deles eram feitas ou por Lydia ou pelo avô e a maior parte era de peles de animais que tinham matado ou da lã dos carneiros e não havia nada que fosse lá muito especial se iam ter visitas e ela queria parecer elegante. Lydia tinha refletido nisto durante muito tempo antes de a solução lhe ocorrer. Sabia muito bem que não o devia fazer porque *o cofre proibido* era exatamente isso, proibido e de acesso interdito, assim como trancado, e o seu conteúdo era secreto e ninguém iria voltar a olhar para o que estava lá dentro, nunca mais. Mas, por outro lado, também sabia onde o avô guardava tudo. Ele era assim. Esquecido. Por isso, tinha inventado um sistema e tudo tinha um lugar próprio. Incluindo as coisas secretas, como a chave do *cofre proibido*. E ela sabia muito bem que não o devia fazer, que era proibido, mas fora um inverno tão escuro e longo. Tinha havido neve por todo o lado e não daquela neve silenciosa e divertida, que ficava no chão, não, tinha sido neve suave a cair, que a encharcava até aos ossos mesmo quando só saía para ir mungir as ovelhas. E ali não tinha ninguém com quem brincar. Não havia outras crianças. Porque as outras crianças ou eram estúpidas ou más, não era verdade? Com doenças nos corpos e nas mentes e, se fôssemos infetados, ou ficávamos como elas ou então acabávamos tão doentes que nunca sobreviveríamos ao *tempo longo*.

E por isso tinha-o feito.

Um dia, quando o avô tinha ido a Vassenden para comprar coisas que não conseguiam plantar ou fazer eles próprios.

Ainda que soubesse que não tinha autorização.

Tinha trepado para um banco, tirado a chave de dentro de uma cigarreira velha no cimo do armário e descido o escadote muito inclinado até à cave, onde tinha tirado os cobertores com os dedos a tremer antes de abrir o cofre cor-de-rosa. Já o tinha feito uma vez e era por isso que sabia que estavam lá. As cortinas floridas. Da primeira vez, só se tinha atrevido a dar uma espreitadela, mas, durante o último inverno, tinha ficado mais ousada. O que não admirava porque tinha feito 12 anos. Doze anos, isso era uma idade importante. Porque, nessa altura, uma criança podia tomar as suas próprias decisões. O avô tinha-lhe dito que havia duas idades importantes. Doze anos, porque nessa altura passávamos a ser nós, e não os nossos pais, a poder decidir onde queríamos viver se houvesse problemas em casa e o nosso pai e a nossa mãe quisessem viver em casas separadas. Isso tinha tendência a acontecer no mundo exterior porque o amor não parecia ser simples e muitas pessoas conheciam-se quando eram demasiado novas e depois tinham uma criança porque pensavam que iam gostar uma da outra para sempre, mas depois mudavam de ideias e muitas vezes acontecia uma coisa chamada divórcio e alguns adultos que não eram bondosos ou espertos descarregavam nas crianças. E, por isso, o governo tinha decidido que uma criança de 12 anos podia decidir por si própria. Tinha parecido muito importante. O dia de anos dela. O avô tinha-se levantado ainda mais cedo do que o habitual, feito um bolo e limpo a casa inteira e, quando ela apagara as velas todas, começara a chorar, afagara-lhe o cabelo e dissera: *És a rapariga mais maravilhosa*, e ela sentira-se muito reconfortada e essa sensação tinha permanecido durante dias. Era um bocadinho estranho, realmente, tinha pensado, que o avô tivesse dito uma coisa positiva sobre o governo, a importância de fazer 12 anos, mas não tinha querido sondar mais. Dezoito. Era o próximo grande aniversário. Mas 12 era o mais importante porque 18 era principalmente para as pessoas no mundo exterior, embora continuasse ansiosa por isso. Embora provavelmente *o tempo longo* fosse acontecer primeiro, continuava a ser agradável ter uma coisa que nos levasse a desejar; era melhor do que não ter nada por que ansiar.

Estava a tremer de reverência quando tirou o vestido do guarda-fatos e deixou as roupas de pele de veado caírem no chão. O espelho era pequeno e estava muito sujo, mas ela conseguia ver-se nele com alguma dificuldade enquanto enfiava cuidadosamente o vestido florido e se punha debaixo da janela, onde a luz era melhor.

Uau!

Como estava bonita.

Rodopiou e sorriu.

Devia ir bater à porta do avô?

Mostrar-lhe como estava bonita?

Não.

Era melhor não.

Ia saborear isto.

Lydia Clemens sorriu abertamente enquanto se escapulia para o corredor e calçava as botas.

E correu o caminho inteiro até ao portão.

Para ficar à espera.

Capítulo 46

Fredrik Riis estava acorçado no chão, no sítio onde o trilho molhado se transformava num caminho de gravilha um pouco mais duro, sentindo-se aliviado por, por uma vez, o tempo ter estado do lado dele. A chuva tinha molhado ainda mais o trilho de lama e o de gravilha e depois de ter estudado o chão durante um bocado, acabou por vê-las. As marcas da moto-quatro. Voltou para o carro e abriu o mapa em cima do capô. Era o mesmo que procurar uma agulha num palheiro. Estava rodeado pela floresta por todos os lados. Para o norte, o trilho de gravilha levava à reserva natural de Gullenhaugen antes de virar para oeste e descer até Øyangen e depois para a estrada 120, à beira do lago Hurdalsjøen. Nesse ponto, o assassino podia ter seguido para qualquer lado – descer para Eidsvoll ou subir para Hurdal; qual era o tamanho de um depósito de gasolina de uma moto-quatro? O tio tivera uma. E não era lá muito grande, pois não? Quanto é que poderia levar? Três litros? No máximo? Claro que modelos diferentes podiam ter tamanhos diferentes, mas não eram construídas para grandes viagens, por isso até onde é que ele teria conseguido ir? Fredrik endireitou-se e olhou para a floresta à volta.

O filho da mãe estava algures por ali.

Perto.

Voltou a debruçar-se sobre o mapa. A saída de Gamle Hurdalsveg. A que distância é que isso ficava daqui? Três quilómetros? Seis? Ok. Então tinha aproximadamente seis quilómetros até o asfalto começar. Onde os rastros iriam desaparecer. Tinha de ser aqui em cima. No trilho de gravilha. Quantas saídas tinha contado na subida até cá chegar? Uma que levava a uma estação de serviço com grandes pilhas de madeira na parte de trás. Outra que ia dar a uma coisa que parecia um reservatório, tinha visto uns avisos das autoridades locais. Na última, tinha-se limitado a fazer marcha-atrás, tendo estado quase a ficar atolado.

Fredrik Riis confirmou se conseguia ver os rastros da moto-quatro e meteu-se no carro.

Ainda conseguia sentir o cheiro dela.

A pele suave debaixo do edredão.

O sorriso dela na almofada depois.

A professora.

Silje Simonsen.

Diabos te carreguem, Fredrik, como se a tua vida não fosse já suficientemente complicada.

Uma garrafa de vinho tinha passado a duas. O mundo em suspenso durante uns instantes à mesa da cozinha e tinha-se deixado entusiasmar por como tinha achado fácil conversar com ela. O velho cliché: parecia que se conheciam desde sempre. Tinha ficado bastante zozinho passado um bocado, com a música suave a tocar em segundo plano, Billie Holiday, a mesma faixa a repetir-se enquanto os dedos dela se deslocavam vagarosamente pela mesa na direção dos dele.

O ficheiro dos Serviços Sociais não tinha sido tão mau como Fredrik rezeira. Mas bastante mau, sim, Ruben tinha aparecido na escola com nódoas negras em diversas ocasiões, as suficientes para o diretor ter finalmente agido. Uma reunião com o pai. Não havia provas que chegassem para o acusar de nada, mas a conclusão da assistente social tinha impressionado Fredrik. *O pai parece não sentir empatia e recomendo firmemente que este caso seja seguido.* Havia uma sugestão com uma data para outra reunião, mas não parecia que se tivesse realizado. Fredrik já se tinha sentido desconfortável quando soubera que Ruben tinha ficado no carro enquanto o pai comprava comida só para si próprio, mas homicídio? Não, não tinha encontrado nada no ficheiro que indicasse isso. Ia ter de falar com Munch. Com certeza que não faria mal falar com o pai. A não ser que já tivessem encontrado o homem certo, claro. As beatas, uma correspondência perfeita em termos de ADN. Da clareira. Continuava a não conseguir compreender como é que ela o tinha feito. Como é que tinha pensado naquilo. Aquela estudante. Mia Krüger. Tinha havido resmungos pelos cantos no primeiro dia dela, mas já tinham acabado. Ela tinha-os encantado a todos, até Oxen tinha parado de resmungar.

Oxen.

Não, não tinha energia para pensar naquilo agora.

Praguejou baixinho ao volante quando os rastros da moto-quatro que estava a seguir desapareceram repentinamente. A superfície da estrada era demasiado dura. Saiu do carro e ajoelhou-se.

Nada.

A lei de Murphy.

Um laguinho mesmo à saída de Gamle Hurdalsveg fê-lo sentir-se temporariamente mais otimista, mas não conseguiu encontrar marcas da moto-quatro no asfalto.

Foi interrompido por uma mensagem de texto.

Olá, bonito. A fazer gazetazinha por doença. A pensar em ti. S.

Levantou os olhos para as árvores.

Tinha-lhe escapado alguma coisa?

Tinha deixado passar uma saída?

Oh, paciência, iria ter de recomeçar.

Fredrik Riis enfiou o telemóvel na algibeira do casaco polar, voltou a sentar-se ao volante e deu meia-volta.

E começou a guiar devagarinho pelo estreito trilho de gravilha acima.

Capítulo 47

Munch quase sentiu pena de Mia quando ela se deixou cair contra o capô do Audi, as mãos enterradas nos bolsos do casaco de cabedal preto. Lembrou a si mesmo que tinha de tomar conta daquela rapariga, que ela era frágil e não era nem de perto nem de longe tão dura como tentava mostrar-se. Agora parecia quase transparente enquanto erguia os olhos para os blocos de apartamentos à frente deles. A voz de Anette ouvia-se no telemóvel que Holger tinha encostado à orelha, mas o inspetor quase tinha deixado de lhe prestar atenção.

– A Dreyer está furiosa. Já viste os jornais hoje?

– Desculpa, o quê?

– Por favor, Holger! Ela quer encontrar-se contigo. Disse-lhe que hás de aparecer na sede da polícia amanhã, está bem?

Munch soltou um suspiro e acendeu outro cigarro.

– Eu ir ao gabinete dela? Porquê?

Anette imitou-o e suspirou com exasperação.

– Por amor de Deus, Holger, ouviste alguma coisa do que eu tenho estado a dizer? Viste os jornais hoje?

As primeiras páginas de todos os jornais nacionais.

Polícia perplexa depois dos rapazes assassinados.

Sem comentários para os media.

Encobrimento policial?

– O que é que disseste?

– A sério, Holger. Sabes como ela se preocupa com tudo o que tem a ver com RP. Nós termos uma boa imagem. Servir o público. Pessoalmente, estou completamente a marimbar-me, mas, por qualquer razão, isto tornou-se a minha função, ser o teu intermediário junto dela. Que tal atenderes as chamadas da Dreyer a partir de agora? Já estou farta.

Anette parecia ter acordado com os pés de fora, isto se tivesse chegado sequer a dormir.

Os media?

Que raio é que isso tinha que ver com fosse o que fosse?

– Estás aí, Holger?

Mia continuava a olhar fixamente para o bloco de apartamentos de onde tinham acabado de sair.

- Acalma-te. Encontro-me com ela amanhã, está bem?
- Não me digas para me acalmar.
- Está bem. Eu faço isso, Anette, ok?
- Então posso marcar uma conferência de imprensa para hoje à noite?
- Porquê?
- Porquê?

Consegui ouvi-la inspirar fundo do outro lado da linha.

– Marca-a se tens de o fazer, mas eu não quero falar com ninguém. Os *media* não são propriamente doidos por mim, tenho um trabalho a fazer...

- Eu sei, mas é assim que estas coisas funcionam...
- Trata tu disso. Deixa que seja o Oxen a fazê-lo, ou que tal o Ludvig?
- Mas, Holger...

– Não, acabou-se. Vou ver a Dreyer amanhã, tudo bem, mas não contes comigo para mais do que isso. Fizeste a outra coisa que te pedi?

Seguiu-se um silêncio durante uns instantes enquanto a advogada voltava a inspirar fundo.

– Sim, falei com a Prisão de Ullersmo.

– E?

– Só para ficar esclarecida. Vais falar com a comissária amanhã? Posso dizer-lhe isso?

– Claro, claro.

Munch acendeu outro cigarro com o último.

– Então o tipo estava realmente numa cadeira de rodas?

– Sim.

– Jesus!

– Exatamente.

– Então como é que as beatas dele acabaram na floresta?

– Não faço ideia. Temos a certeza absoluta?

Anette soltou um suspiro.

– Pela enésima vez, já falei com os técnicos forenses três vezes, eles voltaram a testar tudo – outra vez – e sim, o Paul Iverson é o nosso homem. O ADN dele não está só numa beata, está nas 13 que encontrámos na floresta.

– Merda!

– Então o que é que isso nos leva a pensar? Como é que elas acabaram ali?

– Bem, isso é a pergunta que vale ouro. Quero que a Katja pegue nuns agentes lá na sede da polícia e veja se o Iverson nos pode dar uma lista dos criminosos que ele possa conhecer. Estava bastante bêbado. O apartamento dele tresandava, garrafas por todo o lado, se calhar não devíamos estar surpreendidos.

– Achas que alguém pode ter levado as beatas do apartamento dele?

– É possível. De onde é que podia ter sido? Não sei bem, mas, seja lá o

que for, temos pela frente uma coisa diferente do que eu pensei primeiro. E também acho que temos de ser mais vigilantes do que temos sido até agora.

– O que é que queres dizer com isso?

– A coisa toda parece muito mais calculada do que tínhamos suposto inicialmente. Ele é muito mais esperto do que eu pensava. A casa das máquinas mostra-nos que não foi um crime por impulso, mas, mesmo assim, isto é uma coisa de outro nível, não é? É quase como se ele estivesse a brincar connosco. A partir de agora, temos de estar com as antenas bem no ar. Quero ser avisado imediatamente de quaisquer relatórios que possam, potencialmente, ter a ver com um caso de uma pessoa desaparecida, ok?

– Claro. Rapazes e raparigas entre os 8 e os 12 anos?

– Sim.

Munch voltou a olhar para as costas curvadas de Mía.

– Ou melhor, não, só rapazes. Ele gosta de rapazes. E têm de ser loiros.

– O que é que queres dizer com isso?

– Não, inclui os rapazes todos. Idades entre 8 e 12, está ótimo.

– Queres que esta informação seja transmitida aos *media*? Que se publique um aviso público?

Munch refletiu.

– Não, ainda não. É possível que discuta isso com a Dreyer amanhã.

Anette riu-se trocistamente.

– Oh, adorava ver isso.

– Mas e quanto à Prisão de Ullersmo? Foi aí que ele partiu as costas?

– Sim. No ginásio. Os registos consideram-no um acidente, mas duvido muitíssimo disso. Encontraram-no com um peso de 20 kg espetado na parte inferior da coluna.

– Santo Deus!

– Bem podes dizê-lo.

– Um castigo por qualquer coisa? Temos alguma informação privilegiada?

– Os funcionários da prisão com quem falei não estavam propriamente a par do que se passava e também não encontrei nada nos ficheiros que me enviaram. Se calhar, foi vingança.

– Pelo assalto ao banco?

Anette soltou outro suspiro.

– Não sei. Seja o que for, provavelmente tem pouca importância para nós. Falaste com ela? Com a Katja?

– Sim, ela já vem a caminho. Temos uma marca temporal?

– Para o quê?

– Do laboratório forense? Quanto tempo é que têm as beatas? Quanto tempo é que lá estiveram?

– Não, mas talvez isso seja mais o teu campo do que o meu. Podemos sempre testar os cinzeiros na tua varanda de fumo. Ver quanto é que se deterioraram desde que começaste a fumar lá no outono passado.

– Ah-ah.
– Duvido que eles nos possam dar datas exatas, mas vou perguntar.
– E quando é que ele saiu?
– Há seis meses.
– Ok, vê se eles nos podem dar qualquer coisa de antes ou depois de ele ir para a prisão.

– Está bem.
Foi então que se fez silêncio do outro lado da linha.
– Sim? – acabou por dizer a advogada.
– O que foi?
– «Obrigado, Anette. Por tudo o que fazes por mim.»
– Desculpa. Claro. Obrigado, Anette. Por tudo o que fazes por mim.
– Estás a ver? Não foi assim tão difícil, pois não? Reunião de equipa às seis horas?

Munch olhou para o relógio.

– É melhor às sete.

– Ok.

Mal tivera tempo para carregar no botão vermelho e já o telemóvel estava a tocar outra vez.

Agora era Fredrik Riis.

– Viva, Fredrik, como é que correu?

Uma voz ofegante do outro lado da linha.

– Apanhei-o.

– O quê?

– Não, não nesse sentido, mas apanhei-o. Numas imagens de videovigilância.

– Onde é que estás?

– Estou na bomba de gasolina da Esso, em Maura. Está na esquadra?

– Estou a caminho.

– Ok, vemo-nos lá.

Capítulo 48

Mia Krüger saiu do carro à frente do seu novo apartamento em Inkognitogata e deu a volta até ao lado do condutor para se despedir de Munch.

– Vais encontrar-te com o Patrick agora?

– Sim, ele já cá está. Estamos a comparar notas. A revermos tudo em conjunto.

– Ótimo – retorquiu Munch, assentindo. – Temos uma reunião de equipa às sete da noite, mas tu não tens de lá estar, foca-te apenas naquilo que precisas de fazer agora.

– Obrigada – respondeu Mia, apertando o casaco à volta do corpo.

Não estava muito frio lá fora, mas, por qualquer razão, sentia-se gelada.

Munch olhou atentamente para ela.

– Tens a certeza de que estás bem?

– Sim, claro.

– Conseguiste tirar alguma coisa disto?

– Disto o quê?

– Da nossa reunião com o Iverson? Acho que devia ter-te explicado as circunstâncias antes, mas queria, bem...

Encolheu os ombros ao de leve, diante do volante.

– Queria o quê?

– Bem, queria ver se tinha vindo alguma coisa à cabeça, não sei...

– Alguma visão?

O inspetor soltou uma risadinha.

– Não, mas, sim...

– Não é assim que funciona, Munch.

– Não, claro que não, não sei em que é que estava a pensar.

Coçou a testa e olhou para ela como se quisesse pedir-lhe desculpa.

– O que é que achou? Que eu iria ficar em estado de choque quando o vi na cadeira de rodas, que iria cair no chão e começar a tremer e receber de repente o dom de línguas? *Foi o maneta*. Ou qualquer coisa desse género?

Munch voltou a rir-se.

– Oh, não sei, Mia.

– Olho para coisas e compreendo coisas. Às vezes, funciona. Outras vezes, não.

– Claro, Mia. Desculpa, devia ter-te avisado. Teria sido melhor. Então, o que é que te parece?

– O facto de ele estar numa cadeira de rodas? E de, no entanto, termos encontrado as beatas dele na clareira da floresta?

– Sim?

Mia encolheu os ombros.

– O mesmo que o Munch. Alguém as deve ter ido lá pôr.

– Sim, devem tê-lo feito, não devem? Mas isso não é já por si invulgar?

Munch franziu o cenho e tirou outro cigarro do maço, parecendo relutante em deixá-la ir-se embora.

– Há alguma coisa que não me estejas a dizer? – atirou finalmente.

– O que é que quer dizer com isso?

– Ora bem, não te conheço há muito tempo, mas nunca te vi assim. Tenho a responsabilidade de garantir que consegues lidar com isto. Viste alguma coisa na mente deste tipo que não me tenhas dito? Isto é demasiado cedo para ti? Talvez precises de voltar para a Academia? Terei sempre um lugar para ti. Afinal de contas, isto aconteceu muito depressa, no próximo ano podíamos recomeçar onde ficámos, não? Preferias isso?

– Obrigada, mas estou bem. Mande-me as filmagens da estação de serviço, as que o Fredrik descobriu, está bem?

– Claro.

Mia conseguia sentir os olhos dele nas costas do casaco de cabedal enquanto se afastava.

Munch teria razão?

Seria isto demasiado e demasiado cedo para ela?

Fechou a porta da frente do apartamento.

Não.

Raios, não!

Já era altura de crescer.

– Patrick, está aí?

– Estou aqui.

O sueco estava de pé no meio da sala, com uma chávena de café na mão, a cara virada para todas as fotografias novas.

– Então, vamos lá trabalhar – disse Mia, virando-se para as fotografias na parede.

Capítulo 49

Fredrik Riis não era um homem vaidoso, embora toda a gente pensasse isso por causa dos fatos que usava no trabalho, mas sentiu um grande prazer com os olhares de aprovação que recebeu na sala da investigação. Até Oxen se tinha dignado dirigir-lhe um cumprimentozinho com a cabeça.

– Ok, gentes – disse Munch, em pé ao lado do ecrã. – Já vimos todos as imagens e, obviamente, voltaremos a vê-las, mas primeiro temos de voltar ao princípio. Porque embora possamos pensar que estamos a fazer progressos, na verdade, não estamos, pois não? Segundo os *media*, somos todos uns idiotas embora a investigação ainda só tenha uma semana, mas tenho consciência disto, claro, e tenho a certeza de que vocês também têm: já não estamos a controlar a situação. As nossas pistas não dão nada e a julgar pelo vídeo que o Fredrik nos descobriu, este caso pode ser sobre outra coisa diferente da que tínhamos suposto inicialmente. Parece ter sido planeado com mais pormenor ainda, não é? Não chegarei ao ponto de dizer que ele está a brincar connosco, mas não há dúvida de que é muito mais calculista do que nós pensávamos, ou seja, está mais do que ciente de nós e de como nos despistar. As 13 beatas na clareira, por exemplo. Dei à Mia tempo para trabalhar com o Patrick hoje à noite e espero mesmo que eles nos possam voltar a pôr no bom caminho porque, neste momento, tenho de ser sincero e dizer que me sinto algo perdido.

Munch olhou para a equipa e fez sinal com a cabeça a Ludvig Grønlie, que apagou a luz.

– Portanto, o que vamos fazer é o seguinte: vamos começar do princípio. Ninguém vai a lado nenhum. Se tiverem outros compromissos, considerem-nos cancelados. Vamos ficar aqui até sentirmos que regressámos ao caminho certo.

Resmungos pela sala, especialmente da parte de Oxen, mas Munch ignorou-o.

– Certo – disse e ligou o projetor.

Imagens da cena do crime mais uma vez.

De volta ao primeiro dia.

– Na manhã de domingo, encontrámos o Ruben e o Tommy mortos num campo. Agora já sabemos que, antes disso, eles tinham estado na casa das máquinas, que o assassino os tinha drogado e, mais tarde, estrangulado.

Novo *slide*.

– Não sabemos quantas horas é que ele os manteve lá, mas é evidente que não teve pressa nenhuma.

Munch voltou a carregar no botão.

– Os peritos forenses encontraram lá isto.

Um par de cuecas num saco de provas.

– Sabemos agora que pertenciam ao Ruben e que ele as tinha vestidas na noite em que desapareceu, por isso...

De novo, os corpos no chão.

– Não sabemos quanto tempo é que ele esteve lá, mas podemos conjecturar que a sequência dos acontecimentos foi esta.

A casa vermelha das máquinas apareceu e Fredrik teve um *flashback*. O cheiro. A sensação nauseante que a divisão opressiva lhe tinha provocado.

– Se a Mia tiver razão, então este homem gosta de observar. Há qualquer coisa no ato de ver que o excita. Mais uma vez, como podemos reparar...

Munch voltou ao campo, a uma fotografia tirada de mais longe.

– ... a colocação dos corpos parece ser importante para ele. Podia estar a tentar recriar uma cena artística qualquer ou talvez isto *seja* a própria cena artística, se calhar esta última hipótese é a mais provável. Se estamos a tentar compreendê-lo, temos de tentar compreender isto. O que é que o excita? De que é que ele gosta? Não sei se se lembram do Dennis Nilsen?

Algumas pessoas na sala assentiram.

– O assassino em série de Londres que matou pelo menos 15 homens jovens nos anos 70 e 80 do século passado. Era *gay*. Mas também se dedicava à necrofilia. Começou por ser polícia, mas foi expulso depois de ter sido apanhado a abusar de cadáveres na morgue.

– Nojento.

– Estabelecia contacto com homens que eram frequentemente sem-abrigo ou drogados, às vezes as duas coisas, convidava-os para casa, bebia com eles, passavam um bom bocado e depois drogava-os antes de os estrangular.

Mais murmúrios pela sala.

Munch carregou no botão e regressou à casa das máquinas.

– Mas o nosso assassino não interagiu com os cadáveres dessa maneira, pois não? – perguntou Anja Belichek numa voz quase suplicante.

– Não, não parece que seja disso que o nosso homem gosta. Mais uma vez, como diz a Mia, é com o aspeto visual que ele se excita, é isso que lhe proporciona um escape, se preferirmos. Mas voltando ao Dennis Nilsen por uns instantes. Depois de matar as visitas, costumava fazer-lhes coisas. Tomou banho com um cadáver, dormiram juntos, viram televisão...

– Hum, depois de eles estarem mortos?

– Sim, com os cadáveres. Até que – ainda no apartamento dele – os desmembrava, cozia-lhes as cabeças e enterrava-as no jardim. Não conseguiram identificar a maioria.

– Deus do céu!

– Percebo que isto possa ser demasiado para ti, Anja. Mas, por favor, fecha os olhos em vez dos ouvidos. Quero-nos a todos aqui. É importante termos uma compreensão partilhada disto.

Munch apontou para a casa das máquinas no ecrã.

– Bom, é aqui que a coisa acontece. Algo pelo qual ele estava ansioso, presumivelmente há muito tempo. Para o tipo, é exatamente como foi para o Dennis Nilsen, fá-lo sentir-se ele próprio. Ok?

Mais gestos de assentimento.

– Por isso, o tipo monta a armadilha aqui. Revistas pornográficas e gasosa. Valium e Rohypnol. Mais uma vez, e eu penso que é importante considerar isto, estas substâncias não são fatais. Mas são tão fortes que as crianças não têm hipótese de se defenderem e – pelo menos, isto é o que esperamos, obviamente – estavam inconscientes e não faziam ideia do que lhes estava a acontecer.

– Preciso de...

Anja, a croma dos computadores, levantou-se e saiu da sala.

– Ok. Temos andado à roda disto em bicos dos pés já há algum tempo, mas agora chegou a altura. A altura de descobrirmos quem é este homem. Na minha opinião, não é matar que o excita. Acho que ele saboreia o tempo em que eles ainda estão a respirar, quando lhes pode fazer o que lhe apetecer.

Voltou a clicar nas imagens no ecrã.

– Como podem ver, eles foram limpos. Ou, pelo menos, o Ruben foi. A Mia acredita que ele é a personagem principal nesta representação macabra e eu acho que ela tem razão. Ele penteou o cabelo do Ruben. Limpou-lhe as unhas. Limpou-lhe os dedos dos pés, repararam nisso da primeira vez? Todos os arranhões foram limpos. Os técnicos forenses encontraram vestígios de antisséptico e, ao princípio, não percebi porquê, mas quando se pensa nisso, faz sentido, completamente imaculado, não faz? Portanto, é isso que ele está a fazer lá. Quero que vocês...

O interior da casa das máquinas.

– Sim, Karl, eu sei que já vimos e falámos todos disto, mas agora estamos a fazê-lo outra vez, por isso, podes tirar essa expressãozinha da cara, vamos ficar aqui durante muito tempo.

Era evidente que Munch estava com um espírito combativo naquela noite.

Oxen assentiu com a cabeça e endireitou-se na cadeira.

– Olhem para isto.

O dedo de Munch voltou a espetar o ecrã.

– Há uma fechadura do lado de dentro. Ele fechava-se para saborear isto durante o maior tempo possível. Como sabem, encontrámos restos de velas lá

dentro e se elas eram novas – e não sabemos se eram – mas se eram e ele as acendeu quando começou, esteve lá durante...

Olhou para Anette.

– Aproximadamente, cinco horas – respondeu ela.

– Obrigado. Segundo a família dele, o Ruben saiu pela janela por volta das...

– Depois das dez e meia da noite anterior – disse Fredrik.

– Exatamente. Digamos que o Ruben esperou um bocadinho. Até aos pais terem ido para a cama. Por isso, o assassino começa por volta da meia-noite. Pode levar 20 minutos ou até meia hora até os rapazes ficarem inconscientes. E é então que ele começa, leva cerca de cinco horas, por isso agora são... digamos, seis da manhã.

Outro *slide*, novamente o campo.

– O momento passou. Pelo menos, o prazer inicial. Mas agora chega a segunda fase. Não sabíamos isso na altura, mas agora sabemos que ele ainda não acabou. Leva os corpos para o campo na carrinha branca. Precisa de a esconder num sítio qualquer e partimos do princípio de que é a carrinha dele que foi vista atrás da casa dos pneus.

– Qual casa dos pneus?

Fredrik inclinou-se para Katja, que revirou os olhos e respondeu num sussurro:

– Chegou-nos hoje da sede da polícia. Houve uma pessoa que transmitiu essa informação, mas a sede só agora é que a registou.

No ecrã, estava agora um mapa.

– Como podem ver, a casa dos pneus fica aqui. Pode ter levado talvez uns 30 minutos para voltar a pé e depois continuar a subir até aqui...

Seguiu-se a clareira.

– Onde o tipo se deve ter sentado e ficou à nossa espera.

– O cabrão do tarado!

Oxen abanou a cabeça ameaçadoramente.

– Mas como raio é que ele passou por nós? Se estava lá em cima ao mesmo tempo que nós?

Foi Anja Belichek quem perguntou isso da porta.

– Sim, bem visto, há uma série de possibilidades. Provavelmente, não teria passado por nós – ou pode não se ter atrevido, mas, se olharem para o mapa, há vários caminhos nesta área. Um aqui, por exemplo, podemos ver que leva até lá abaixo, ao campo e, olhem aqui, ele podia facilmente ter seguido a pé até à casa dos pneus e ter continuado de carro.

– Mas porquê?

– Sim, Katja?

– Não, só estou cá a pensar, porquê correr o risco? Nós estávamos mesmo ali, não era?

Munch encolheu os ombros levemente.

– Talvez um risco calculado? Mais uma vez, se a Mia tiver razão sobre a

importância de observar, então isso era quase tão importante para ele como os próprios homicídios. Observar-nos a descobrir a obra de arte dele. Como um gato a trazer um rato que caçou. Orgulho. Olhem bem para o que eu fiz.

– Por amor de Deus...

– E, neste momento, acho que devemos fazer um desviozinho e discutir o que vimos no vídeo hoje, principalmente, no fim. O que é que ele faz assim que enche os bidões com gasolina? Ainda tem o capacete, mas mesmo assim.

Olharam para ele.

– O tipo para à frente da câmara – continuou Munch –, com um bidão em cada mão. Parte do princípio de que vamos encontrar estas imagens e está a mandar-nos uma mensagem, não está? E qual é a mensagem?

Munch olhou para a equipa.

Todos os olhos se voltaram para ele de novo.

– Posso guiar até tão longe quanto quiser; se pensam que me vão apanhar, enganam-se.

– Exatamente – disse Munch e carregou no *slide* seguinte.

Uma fotografia da família Lundgren.

– Portanto, tudo de novo. Até ao mais pequeno detalhe. Começamos com os parentes mais próximos. Fredrik?

– Sim.

Fredrik Riis tirou as notas da pasta e dirigiu-se para a luz do projetor.

Capítulo 50

Mia estava sentada no chão com uma chávena de café vazia à frente, sentindo que Munch talvez tivesse tido razão quando sugerira que podia ser demasiado cedo. Que ela ainda não estava preparada. Achava que tinha visto isso nos olhos de Munch, um toque de dúvida.

Sim, tens talento, mas isto não é a sala de leitura da biblioteca, isto é a vida real.

– Estás muito calada.

Patrick levantou os olhos das notas dele.

Mia mordeu o lábio sem saber se devia dizer o que pensava, mas finalmente cedeu.

– Acho que não consigo fazê-lo.

– O que é que queres dizer com isso?

Patrick pôs o caderno de notas no braço da cadeira.

– Oh, não sei.

Mia indicou com a cabeça as fotografias na parede à frente dela.

– Parece que já não consigo ver nada. Não vejo conexões. A minha mente está completamente baralhada.

– Isso pode acontecer aos melhores, Mia.

Patrick levantou-se e abriu a janela atrás deles. O barulho da cidade lá fora, perto e, no entanto, parecendo longe. Tê-lo ali fazia-a sentir-se estranhamente segura. Conheciam-se há menos de uma semana, mas já sentia que podia confiar nele. E isso não parecia dela. Geralmente, não. De um modo geral, não confiava na humanidade. Levava muito tempo a deixar que alguém se aproximasse dela. Demasiado, na maioria dos casos, o que podia explicar porque é que tinha tão poucos amigos.

– Se calhar, devíamos fazer um intervalo, não?

– Não – respondeu Mia com uma determinação implacável, levantando-se.

Dirigiu-se novamente para junto da parede e começou a tirar as fotografias.

– O que é que estás a fazer?

– A recomeçar. Não consigo ver nada. Talvez esteja tudo no lugar errado.

Patrick aproximou-se e parou perto dela.

– Porque é que não vamos aclarar a cabeça? Dar um passeio? Apanhar ar fresco?

– Não – respondeu Mia novamente, começando a examinar cuidadosamente as fotografias no chão à frente dela.

Raios partam!

Estava aqui algures, não estava?

– O que é que não consegues ver? – quis saber Patrick, poisando-lhe uma mão amiga no ombro.

– Porquê.

– Porque é que ele o faz?

Mia virou-se para ele, atravessou a sala descalça e deixou-se cair na cadeira que o sueco tinha acabado de deixar vazia.

– Não é sempre assim tão simples quanto isso: porquê – disse Patrick. – É tão típico para nós, isto.

Sorriu tenuemente, como se quisesse consolá-la.

– Nós, quem? E o que é que é típico?

– As pessoas como nós. Pessoas saudáveis. Pessoas que não querem magoar ninguém. Assustamo-nos, não é verdade? Quem faria coisas tão horríveis? Assassinar rapazes de 11 anos? Precisamos de uma explicação. Para conseguirmos arranjar coragem para sair da cama de manhã, sair para a rua sem estarmos assustados. Precisamos de descobrir as palavras para explicar o *porquê*, ajuda-nos, mas não é sempre assim, pois não? Às vezes, o mal é apenas o mal. Porque é que achas que inventaram a religião?

– Continue, esclareça-me lá.

– Para criar a ilusão de que há algo de bom lá em cima que triunfará no fim. Para que pessoas normais como nós possamos funcionar nas nossas vidas diárias. Se perdermos a fé na bondade, perdemos tudo, não é verdade?

– Que profundo – respondeu Mia.

A última frase soou de forma sarcástica, embora ela não tivesse tido essa intenção, sentindo-se imediatamente culpada.

Porque a culpa não era dele.

Patrick era a única coisa positiva ali.

Raios partam, Mia!

O que é que não consegues ver?

– Tens a certeza de que não precisas de um intervalo? Que tal irmos dar um passeio pelo parque?

– Não.

– Ok – retorquiu Patrick, encostando-se à parede agora meio vazia. – Vamos atacar isto juntos. O motivo dele. O que é que te parece até agora?

– Estou só a especular e a tentar adivinhar, é o que eu sinto. Não há substância nenhuma.

– Oh, vá lá, Mia!

Patrick soltou um suspiro e, pela primeira vez, pareceu exasperado.

– Foste tu que descobriste a maioria das pistas até agora. A orelha da raposa? A letra maiúscula?

– Sim, mas...

Patrick tirou um marcador do bolso das calças e foi outra vez para junto da parede com as notas.

– Onze anos. Os rapazes tinham todos 11 anos, que associações é que isso te evoca?

Vá lá, Mia!

Nem parecees tu.

Controlou-se.

– Se calhar, aconteceu-lhe qualquer coisa.

– O que é que queres dizer com isso?

– Quando tinha ele 11 anos. Talvez haja alguma coisa que o tipo queira voltar a viver?

– Ótimo – disse Patrick, sorrindo e levando a caneta ao papel.

– Um incidente extremo? Talvez o esteja a explorar? A querer observá-lo do exterior? Se calhar, é por isso que é tudo tão estilizado? Se calhar, está a tentar criar distância em relação a um incidente em que foi ele a vítima?

– Ok, agora estamos a chegar a algum lado...

Patrick sorriu e escreveu mais depressa.

– Mais alguma coisa? Outros pensamentos?

– As artes – disse Mia, endireitando-se na cadeira.

– Continua. O que é que há com as artes?

– Bem, nós, enquanto sociedade, reverenciamos os artistas, não é verdade? São misteriosos, diferentes. Dantes, as pessoas achavam que os artistas estavam em contacto com o divino, não era?

Agora Mia já estava a ficar mais animada.

– Sim, continua...

Patrick abanou a caneta no ar.

– Quer dizer, os quadros do Edvard Munch vendem-se por centenas de milhões, as pessoas passam horas numa fila todos os dias para ver uma *Mona Lisa* minúscula...

Mia levantou-se da cadeira e começou a passarinhar em círculos.

– E se ele...

Calou-se.

– E se ele o quê?

– Bem, se calhar até é realmente muito simples?

– Simples como?

– Se calhar, ele é um zé-ninguém. Com pensamentos grandiosos. Quer ser uma pessoa importante porque não é. Talvez seja por aí que devemos começar a procurar?

– Por onde?

– Por um zé-ninguém. Uma pessoa que não é ninguém. Ou pensa que não é.

– Estás a pensar no... trabalho dele?

Mia encolheu os ombros.

– Sim. Isto é, se ele tiver sequer um emprego.

– Boa, Mia – comentou Patrick, sorrindo – Estás a ir no caminho certo.

– A sério?

Patrick estava com ar de quem lhe queria dar um abraço.

– Absolutamente, vá lá, continua a falar.

Mia devolveu-lhe o sorriso.

– Está bem, mas primeiro preciso de mais café.

SEIS

Capítulo 51

O jornalista Alf Inge Myhren do VG, de 40 anos, ainda estava a processar a novidade, que tinha recebido dois dias antes, sobre a redação local do jornal em Molde estar programada para fechar. Estendeu a mão para o despertador, desligou-o e ficou deitado, completamente acordado, a olhar para o teto. Iriam ser cortados 30 postos a tempo inteiro no país, toda a organização estava a ser reduzida e aqueles que menos contribuíam seriam os primeiros a sair. Myhren levantou-se da cama e foi para a cozinha. Reuniu os ingredientes para o pequeno-almoço – ovos, leite e sumo, tinha comprado os pãezinhos na noite anterior. Era quase tudo saudável. A garrafa de uísque estava no peitoril da janela, ainda por abrir. Tinha tentado ao máximo afogar as mágoas depois da notícia. Afinal de contas, corria o risco de perder o emprego, mas, por outro lado, o jornalismo nunca lhe tinha estado no sangue. Não gostava de discussões em bares até altas horas da noite, sobre política e assuntos globais; preferia ir para a cama cedo e estar preparado para uma corrida de manhã. Deitou os grãos de café no moinho e tirou a cafeteira do armário. Não, nada de noites estouvadas. Decidiu oferecer o uísque a outra pessoa.

Molde era uma cidade tão bonita, tal como acontecia com toda a região. Montanhas que mergulhavam em fiordes cintilantes na zona interior ou diretamente no mar ao longo da linha costeira. Não tinha grande interesse na equipa de futebol local; tinha sido sempre um adepto leal do Vålerenga, mas não havia dúvida de que a equipa acrescentava colorido ao sítio. E depois havia o festival de *jazz*, claro. O melhor da Europa? Muito possivelmente. Todos os anos. Durante duas semanas de julho, a habitualmente calma cidadezinha transformava-se praticamente no Rio de Janeiro, com desfiles pelas ruas e estrelas globais como cabeças-de-cartaz. Miles Davis. Duas vezes. Essas entrevistas eram consideradas os seus maiores feitos como jornalista. A série que escrevera sobre o motorista de Davis também tinha sido bem recebida. Já estava à espera ansiosamente pelo festival deste ano, se ainda tivesse emprego. A administração do VG não tinha dado uma data para o anúncio dos despedimentos. Em breve, tinham-lhe dito, algo que na experiência dele podia querer dizer qualquer coisa entre semanas e meses.

Alf Inge Myhren atou os atacadores dos ténis, desceu as escadas a bocejar e tinha acabado de sair quando o telemóvel tocou.

– Alf Inge.

– Sim, olá. É do VG?

Era uma voz de velho.

– Sim, é. Quem fala, se faz favor?

– Chamo-me Olaf Eriksen e estou a ligar de Kristiansund.

– Viva, Olaf, o que é que posso fazer por si?

– É verdade que o seu jornal paga mil coroas por uma dica?

– Sim, mas terá de ligar para a nossa linha das dicas. Se tiver um exemplar do nosso jornal, encontra o número na parte de trás.

Houve um silêncio durante uns instantes.

– Sim, eu vi, mas isso é um número de Oslo, não é?

– Sim, é...

– Oh, não quero falar com eles.

– Não o censuro. E o que é que nos quer contar?

– Você podia dar-me o dinheiro, não podia?

Alf Inge pensou durante uns instantes.

– Sim, provavelmente posso, mas não pagamos a toda a gente que telefona, apenas a quem tem uma dica que dê azo a uma história que possamos publicar. O que é que tem para nós?

Outro silêncio, um pouco mais curto desta vez.

– Fui o treinador do Ole Gunnar Solskjær quando ele era novo.

– Sim? Ora, não tenho a certeza se...

– Sim, sim – continuou o homem, parecendo irritado. – Eu sei, mas foi por isso que ele me veio visitar, esse polícia de Oslo. Foi por causa daqueles rapazes. Os dois que foram encontrados naquele campo.

E foi nessa altura que o repórter em Alf Inge Myhren acordou.

– Certo, então acabou de receber a visita de um polícia que está a trabalhar no caso?

– Sim.

– E ele deu-lhe uma razão para a visita dele?

– Sim, qualquer coisa sobre um coxo.

– Continue, sim?

– Bem, eles suspeitam de um tipo. Um tipo que coxeia, que disse que jogava futebol com o Solskjær quando ele era pequeno.

– Sim?

Myhren virou-se para trás, subiu as escadas a correr e encontrou o caderno de notas no balcão da cozinha.

– E como é que ele se chamava?

– Quem?

– Desculpe, o nome do agente da polícia que o visitou?

– Oxen. Karl Oxen. Um homem desagradável. Estava impaciente por se ir embora, se é que me faço entender.

– Não tenho a certeza de estar a perceber, mas ele perguntou-lhe se o senhor conhecia...

– Se algum dos rapazes da equipa era do mesmo calibre, sim. Do Ole Gunnar Solskjær. Se algum deles poderia ter sido igualmente bom, mas que tivesse tido uma lesão que lhe destruiu a carreira. Como disse, não gostei dele. E não consegui pensar em nenhum. Pelo menos, na altura. Mas depois, quando estava a ver umas fotografias antigas da equipa, veio-me à cabeça. Havia um. De repente, percebi de quem é que ele andava à procura.

– Uma pessoa com uma lesão, uma pessoa com uma coxeadura permanente, era isso?

– Sim.

– Recorde-me lá, de onde é que está a falar?

– De Kristiansund.

– Importar-se-ia se eu lhe fizesse uma visita?

– Não. Está bem. Quando é que está a pensar vir?

Alf Inge Myhren descalçou os ténis, tirou uma camisa e umas calças de ganga que estavam dobradas no guarda-fatos e olhou para o relógio ao lado do frigorífico.

Kristiansund?

Uma hora e 20 minutos?

– Posso estar aí pouco antes das dez, é conveniente?

– Sim, está bem, até logo.

– Ótimo. Obrigado por ter ligado. Até daqui a nada.

Capítulo 52

Mia Krüger saiu do duche gelado e parou nua e a tremer à frente do espelho grande. Porra! Era um lembrete doloroso. Da razão por que nunca bebia álcool. Gostava de ter o corpo em boa forma. A cabeça clara. Sangue limpo a correr-lhe pelas veias. Tinha a cabeça a martelar com tanta força que teve de se encostar à parede para se apoiar. Estaria à beira de vomitar? Dobrou-se sobre a bacia do lavatório, mas não tinha nada no estômago. Tinham-se esquecido de comer ontem. Já iam em dois dias, Patrick e ela. A trabalhar no duro no apartamento enorme até que tinham acabado por chegar a um beco sem saída.

– E se abríssemos esta? Para ver se ajuda?

– O que é?

– A rainha de todos os Armagnacs. Uma Domaine de Patagan 1965 Labryrie. Tem 35 anos. Sei que não bebes, mas...

– Os copos estão no armário de cima. Traga dois.

Mia abriu a torneira de água fria e deu outra lavadela à cara. Oh, meu Deus! Cambaleou nua até ao quarto e vasculhou a mala à procura de roupa. *Leggings* pretas e um casaco de treino. Horas de correr. Era o único remédio que a podia ajudar agora. Libertar-lhe o corpo daquela porcária. A porta para a sala estava aberta de par em par. Conseguia ouvi-lo a ressonar lá dentro. Ela tinha encontrado um colchão num dos quartos. Um cobertor e uma almofada. Não fazia sentido Patrick voltar para o hotel. Estavam tão mergulhados naquilo. Já há dois dias. Tinham vivido de comida encomendada e de cafeína. Tinham estado tão perto, tinham-se sentido tão perto, mas, de todas as vezes, o assassino parecia que lhes escapava por entre os dedos como areia.

– Não, isso não pode estar certo.

– O que é que não pode?

– Que ele seja tímido. Que não sinta que pertence à sociedade. Que seja uma vítima qualquer. Temos de parar com isso, *você* tem de parar com isso.

– Eu?

– Sim, você, que teima em não despir a pele de psicólogo com coração de manteiga. Quer *compreendê-lo*. Descobrir o que *lhe aconteceu*. Como deve

ter sido difícil para ele. Que se lixe isso!

– Mas não é isso que eu estou a dizer...

– Pois não, mas é disso que anda à procura. De uma desculpa. Este gajo lava e prepara crianças sedadas antes de as pôr, nuas, no colo e de as matar com a porra de um cordão para satisfação pessoal. Por isso, que se lixe isso! Já não estamos à procura disso. Esqueça a infância má dele, estou-me nas tintas para isso.

– E se encomendássemos qualquer coisa para comer?

– Não, mas há mais café?

– Se calhar, era melhor água.

Mia enfiou um boné de basebol e escondeu os olhos vermelhos atrás de uns óculos escuros enormes, cambaleando até à cozinha. Enfiou a cabeça debaixo da torneira e encheu a boca seca. Amaldiçoou a noite anterior. Beber? Não, nunca mais. Por muito luxuoso que o conhaque dele tivesse sido. Não que a culpa fosse de Patrick, claro. Ela é que tinha levado o copo aos lábios.

– Que fotografias são estas? Ainda não as tinha visto.

– É o Oliver em frente à casa dele. Uns meses antes do assassinio.

– Um carro novo?

– Sim, ele está excitado, como consegues ver. Gostava de carros. Na realidade, de tudo o que tivesse que ver com motores. Queria ser piloto de Fórmula 1.

– Tem outras fotografias dele em casa? Ou alguma do Sven-Olof?

– Não, só encontrei estas no arquivo.

– Está a vê-lo agora?

– A ver o quê?

– Tenho razão, não tenho?

– Razão em relação a quê?

– Ele escolhe-os pela aparência. Os caracóis loiros. As sardas. Esguios. Magros. Inocentes. Fracos. Ele gosta disso, não gosta, o filho da mãe? De crianças que não se conseguem defender?

– E que tal um bocado de ar fresco, Mia? Acho que neste momento não estás a olhar para as coisas objetivamente.

– Não me chateie! Nunca vi nada tão claramente como agora.

A luz brilhante entrou-lhe violentamente no cérebro apesar dos óculos escuros, com Mia a parar e a encostar-se à porta de entrada por uns instantes antes de, finalmente, conseguir dar uns passos vacilantes para o jardim da frente.

Carros. Barulhos. Fumos dos tubos de escape. Pessoas.

Mia enfiou o boné de basebol ainda mais na cabeça, enterrou as mãos nos bolsos do casaco de ginástica e começou a correr em direção à Uranienborgveien. Pessoas estúpidas por todo o lado. Porque é que não podiam ficar simplesmente em casa? E onde é que estava a natureza quando era preciso? As lindas árvores oscilantes? Os brejos? Um riacho a murmurar, mas baixinho, por favor?

Ok, então era o Frogner Park.

Iria ter de servir.

O que raio é que ele teria metido naquela garrafa?

Uma mistura qualquer do diabo, já com 35 anos?

Veneno de Mordor?

Deu um salto quando um carro lhe buzinou, tinha-se desviado para a estrada sem olhar.

Raios, não!

Era sem dúvida nenhuma a última vez.

Beber.

Nunca mais.

Nada de álcool para aquele corpinho.

– Ok, e se não for o mesmo homem?

– Hã? Porque não?

– Concordámos que íamos desmontar tudo e voltar a olhar como se fosse a primeira vez, não foi? Por isso, vamos procurar provas que nos indiquem que pode *não* ser o mesmo homem.

– Não me parece que vá resultar.

– Faça-me a vontade, se faz favor. Olhe aqui, os braços dos corpos lá na Suécia não foram dispostos no mesmo ângulo, nem os do Oliver nem os do Sven-Olof. E agora olhe para a cena do crime norueguesa. De certa maneira, é muito – como é que eu posso dizer isto – mais arrumada.

– Mais aperfeiçoada.

– Oh, grande porra!

– O que é?

– Acabou de o dizer. Ele está a ficar cada vez melhor. Está a ficar mais ciente daquilo que quer. Olhe-me só para isto.

– Mas ele esperou oito anos.

– Sim, tem razão. No entanto, não porque quisesse, mas porque não tinha escolha, seria essa a minha teoria.

– Então continuas a achar que ele esteve fechado num sítio qualquer?

– Absolutamente. E, por isso, tinha tempo, não tinha? Para se aperfeiçoar. Para fazer a coisa exatamente da maneira que queria. Devia ter ansiado por isso. Devia ter estado desesperado...

Outro carro buzinou, desta vez em Majorstukrysset. Mais uma vez, ficou tão sobressaltada como anteriormente. Porquê, meu Deus? Como é que as pessoas conseguiam fazer isto a si próprias? Todas as semanas? Seria isto de facto o lubrificante social neste país? O álcool? A todos os níveis? Em todas as idades? Em todas as situações? Não, esqueçam essa história de tentar regulamentá-lo, limitem-se a proibir o álcool por completo. Não é bom para ninguém. Nunca.

Tinha chegado, finalmente, ao Frogner Park e pôde lançar-se numa corrida a sério. Embora chamar a isto uma corrida fosse um exagero. Sentia-se mais como uma pensionista atrás de um andarilho. As têmporas doíam-lhe

sempre que as solas dos pés batiam no asfalto, até que, por fim, se viu forçada a abrandar. Passinhos de bebé, por enquanto. A cabeça dobrava-se sob o boné de basebol. Os ombros afundavam-se por baixo do casaco de ginástica.

– Já leu o diário dele?

– Sim, várias vezes.

– De facto, é estranho.

– O que é que é estranho?

– Que o lobo só seja mencionado na última página. E também não há nada de alarmante em mais lado nenhum. Tudo no jardim é lindo, carros de corridas e motos e... não, não consigo mesmo perceber...

– Perceber o quê?

– Que não apareça mais vezes. Porquê só na última página? O que é que aconteceu nesse dia?

O repique dos sinos da igreja tocou-lhe no bolso e ela desviou-se do caminho e pôs-se debaixo de uma árvore para atender a chamada.

– Sim? Daqui fala a Mia.

A voz dela estava muito enferrujada, quase a recusar-se a falar.

– Olá, é a Anette, como é que estás?

– Sim, estou... bem...

– Não quero ser intrometida, mas fizeste alguns progressos? Descobriste alguma coisa?

– Não, infelizmente... não... não fizemos...

O dono de um cão tinha deixado que o animal defecasse debaixo da árvore e o fedor atingiu-a na cara.

– Estás aí, Mia?

– Sim, tive de me mudar do sítio onde estava. Não descobrimos nada. Nada, mesmo. E vocês?

– Também nada de especial por aqui. Passámos tudo a pente fino. É frustrante.

– E o Munch?

– Hoje não está lá muito falador. Está para ali sentado no gabinete e mais nada.

– A Dreyer?

– Bem, o Munch não apareceu para a reunião com ela que eu tinha marcado. Nada de surpreendente. E, por consequência, ligaram da Kripos. Estão mais do que a postos para tomar conta do caso. A Dreyer já os preparou.

– Sim, mas só passaram... bem, não muito tempo...

– Eu sei. Mas ela está a usar a Suécia como argumento. Não quer que também percamos oito anos e acha que fazíamos melhor se agarrássemos o touro pelos cornos. Arrancar o penso à bruta. Uma coisa desse género. Não sei, ninguém anda a dormir muito por aqui. Telefona-me se descobrires alguma coisa, ok?

– Certo.

Mia comprou duas garrafas de água no quiosque à entrada do complexo das piscinas de Frognerbadet. Não olhes para os cabeçalhos dos jornais. Não és responsável por tudo. Afasta-te. Bebe a tua água. Tenta correr um bocadinho. Vais sentir-te melhor rapidamente.

Arriscou outra corrida cautelosa pelo asfalto. Ligeiramente melhor desta vez. Uma espécie de *jogging*. Hoje, havia gente por todo o lado. Na rua, com o bom tempo. Como vacas brincalhonas num prado ao fim de um longo inverno no estábulo.

Tinha chegado ao Vigeland Park.

O orgulho de Oslo.

Adorava ir ali quando era pequena.

A cidade tinha-se expandido rapidamente, cada bocadinho de terreno no centro tinha sido urbanizado e os preços das propriedades tinham subido em flecha.

Mas, no passado, algumas pessoas tinham tido a clarividência.

De criar este oásis.

Viu-se forçada a tornar a parar.

O excesso de ontem estava a subir-lhe do estômago.

Sinnataggen, a escultura do *Menino Zangado*.

A famosa criancinha irritada estava rodeada por turistas do mundo inteiro a tirar-lhe fotografias.

Havia casas de banho ali perto, não havia?

Um café com serviço de esplanada.

Cerveja morta e caras felizes, tinha sido um longo inverno.

Homens.

Senhoras.

Ambas ocupadas.

E filas compridas.

Não conseguia encarar a ideia de vomitar em público, por isso afastou-se da multidão e dirigiu-se para a sombra.

Entre as árvores altas.

Uma parede de cartazes.

Elton John a atuar no Oslo Spektrum.

Uma produção coreana de uma peça de Ibsen no Nationaltheatret.

Anúncios de serviços para passear cães, baratos e de confiança.

Pôs a mão em concha à frente da boca e olhou para a fila que não parecia estar a mover-se.

Começou a beber a segunda garrafa de água.

Ok.

Agora já começava a sentir-se melhor.

Mia estava prestes a levar a garrafa aos lábios novamente quando o viu.

Mas que raio...?

Aproximou-se mais, ainda com a boca aberta.

Um cartaz.

Academia das Artes de Amund Andersen.

A exposição de fim de curso de 2001.

Deixou a garrafa cair no chão, tirou o telemóvel do bolso do casaco e procurou o número dele com os dedos a tremer.

Um quadro.

De um rapaz loiro.

Com toda a certeza, aquele era...?

Sim, de facto, era.

– Fala o Munch.

– Olá, é a Mia, meta-se no carro.

– Hem?

– Venha ter comigo ao Vigeland Park.

– Tenho de...

– Não, agora mesmo. Estou a olhar para um quadro do Oliver Hellberg.

A vítima sueca.

– O quê?

– Está nu. E a agarrar num texugo.

– Qual das saídas?

– A Majorstuveien. Onde estacionam as camionetas de turismo.

– Estou a caminho.

Capítulo 53

A casa a que Alf Inge Myhren chegou estava lindamente cuidada e ocupava uma localização atraente, com uma vista de Dalabukta, a alguns quilómetros do centro de Kristiansund. Era grande, pintada de branco, de acordo com o gosto dele, não era demasiado invulgar, mas também não era como todas as outras casas na área, gostava realmente desta em especial. O jornalista estacionou o carro junto ao passeio e subiu a pé o caminho de gravilha até ao jardim bem tratado. Deus do céu! Parou e dobrou-se para verificar se não estava enganado. Rosas Austin? Tão a norte? Uma brilhante Teasing Georgia amarela, não era? Tirou a máquina fotográfica Nikon do saco e tirou uma fotografia que saiu bastante bem. Outrora, a redação regional do VG tivera um fotógrafo próprio que ele podia chamar sempre que precisava, mas esse posto tinha desaparecido, vítima dos cortes já há muito tempo, e, por isso, Alf Inge Myhren tinha sido forçado a ensinar a si próprio esta aptidão. Não era um profissional, mas, de tempos a tempos, as fotografias não lhe saíam muito mal. Mas o que era isto? Deu uns passos curiosos pelo relvado acabado de aparar. Não, incrível! Rosas centifólias, dois grandes arbustos com – contou rapidamente – quase 20 Cristatas²? Sorriu e levou outra vez a máquina aos olhos. O que é que usavam aqui como fertilizante? Voltou a cara para o céu e olhou em redor. Sim, sol durante todo o dia, condições perfeitas realmente, mas era demasiado frio, não era? Tinha acabado de ver outro milagre, uma rosa turca, poderia realmente ser uma Frankfurt, quando a porta se abriu atrás dele e uma voz gritou:

– Ei! O que é que está a fazer no meu jardim?

Alf Inge Myhren deu um salto e apanhou rapidamente o saco da máquina fotográfica do relvado.

– Desculpe, sou o Alf Inge Myhren. O jornalista do VG. É o senhor Olaf Eriksen?

A cara bastante assustadora suavizou-se.

– Sou. Não quis ser mal-educado, só que já tive problemas com catraios a entrar sem autorização à noite. Acabei de mandar montar isto.

O velho, que usava óculos, apontou para uma câmara montada por cima

da porta.

– Estou muitíssimo impressionado – respondeu Myhren, apontando com a cabeça na direção das lindas flores.

– Está? Gosta de rosas?

Uma voz aguda gritou de dentro da casa:

– Olaf, vão querer café?

Uma mulher de aspeto gentil, por volta da idade de Olaf Eriksen, apareceu à porta, a secar as mãos num pano da louça.

– Marit Eriksen.

Myhren sorriu e apertou-lhe a mão.

– Alf Inge Myhren, do *VG*.

– Oh, sim – chilreou ela. – Que bom termos uma visita, vamos ser famosos?

– Marit – resmungou o marido, envergonhado.

– O quê? Com certeza que posso gozar contigo. Querem o café lá dentro ou cá fora?

O marido olhou para Myhren.

– Obrigado, gostaria que fosse cá fora, se faz favor, está um dia lindo.

– Ele gosta de rosas.

– Ah, sim?

A mulher atirou o pano da louça para cima do ombro e poisou as mãos nas ancas.

– Sou a responsável por elas.

O marido reagiu instintivamente:

– Não, não és nada.

Ela riu-se com vontade.

– Não, de facto, não sou. Não conseguiria ter dedos verdes^[3] mesmo que enfiasse as mãos numa lata de tinta verde. Já vos trago umas chávenas.

O riso da mulher acompanhou-a até ao átrio de entrada.

– Então, gosta de rosas, não gosta?

– Oh, sim. Tentei cultivar aquela. Durante anos, de facto.

– Qual?

Olaf Eriksen enfiou os pés numas chancas e acompanhou-o pelo relvado.

– A rosa Austin. Desculpe, tirei umas fotografias, sei que devia ter-lhe pedido licença primeiro, mas não consegui resistir.

– Está tudo bem – respondeu Eriksen, acenando orgulhosamente. – Sim, isso levou tempo e talento, acredite.

– Oh, acredito, sim. Tem alguns truques que esteja disposto a partilhar comigo?

– Bem, não quero isto nas notícias nacionais, compreende...

– Não, não, sou um tímulo. Isto é apenas para eu poder aproveitar para a próxima vez que tentar.

– Tem um jardim grande?

– Sim. Ou não, já não. Mas tive. E espero vir a ter outra vez.

– Certo, deixe-me mostrar-lhe.

Olaf Eriksen sorriu com uma expressão cúmplice e seguiu à frente em direção a um barracão acabado de pintar que estava em tão boas condições como o resto da propriedade.

– Calculo que tenha tentado criá-la numa estufa, não?

– Oh, sim.

– Não resultou?

– Não. Um falhanço total.

– Bem, era de esperar.

Eriksen soltou uma gargalhadinha, abanando a cabeça ao mesmo tempo.

– Ela não se dá ao pé de outras plantas, essa rosa, sabe? É uma excêntrica. Como eu. Quer que as coisas sejam exatamente como ela as quer. Não cresce ao lado de outras plantas, amontoadas numa estufa. A luz não é a ideal e o ar é demasiado húmido. Não, se quiser cultivar a Teasing Georgia, precisa de a tratar como uma criança assustada, talvez com mais cuidado ainda.

Alf Inge Myhren espreitou curiosamente pela porta aberta do barracão.

– Está a ver isto?

– Sim.

– Fui eu mesmo que a construí. Chamo-lhe a minha não-estufa.

– Hem? O quê?

Erikson voltou a rir-se baixinho.

– É uma estufa, sim, mas não é uma estufa vulgar. Fi-la especialmente para as rosas David Austin. O telhado está cheio de pequenas portadas que podem ser abertas conforme a humidade, estão ligadas a este higrómetro ali. E o aquecimento é controlado termostaticamente, claro. Se a temperatura desce abaixo de um certo grau, perlimpimpim, o aquecimento liga-se automaticamente.

– Meu Deus!

– Sim, realmente.

Eriksen sorriu de orelha a orelha.

– De que temperaturas é que estamos a falar?

– Eh-eh, não, tem de me deixar guardar alguns segredos.

Fechou solenemente a porta da não-estufa e girou a fechadura de código várias vezes.

– Em que sítio é que querem beber o café cá fora?

Marik Eriksen tinha aberto a janela da cozinha e estava a chamá-los.

– Vamos tomá-lo no terraço – respondeu Eriksen.

Minutos depois, estavam sentados em cadeiras confortáveis, sob um grande guarda-sol com café e três tipos de biscoitos na mesa entre ambos.

– Então, teve uma visita da polícia? – começou Alf Inge Myhren, tirando o caderno de notas do saco.

– Sim, um tipo grande e forte, um homem verdadeiramente desagradável.

– E ele fez-lhe perguntas sobre o Solskjær? Sobre um outro futebolista que foi colega dele, certo? Importa-se de começar do princípio, se faz favor?

– Claro que não – respondeu Eriksen, deitando um cubo de açúcar no café.

[2] Catos e suculentas que, anomalmente, crescem desordenadamente e são muito apreciados. (*N. dos T.*)

[3] Ou seja, jeito para a jardinagem. (*N. dos T.*)

Capítulo 54

Holger Munch viu uma criatura praticamente a rastejar para o carro dele e só percebeu quem era quando ela abriu a porta. A cara estava tapada por um boné de baseball e uns óculos escuros enormes e o hálito tresandava.

– Que raio é que te aconteceu, Mia?

– Não grite – rosnou ela, cobrindo a boca.

– Não vais vomitar no meu carro, espero?

Mia abanou a cabeça e atirou-lhe um cartaz enrolado. Munch abriu-o em cima do volante e olhou para ele muito espantado.

– Uau!

A aparência com uma das vítimas suecas era espantosa.

– O que é que eu lhe disse? – soltou Mia.

– A Academia das Artes de Amund Andersen?

– Fica em Asker.

– Tens a morada?

– Hvalsbakken. Seguir pela saída para Holmen. Sabe onde fica?

Holger assentiu e arrancou.

Ele e Marianne tinham andado à procura de casa ali, há muito tempo. Imponentes casas antigas com jardins no fiorde tão perto da capital? Claramente fora do orçamento deles, ainda se conseguia lembrar da cara desapontada dela no carro quando se vinham embora.

– Há um hotel lá, não há?

Mia assentiu e tirou a mão da boca.

– O Holmen Fjordhotell. Mas não é para lá que vamos, vire à direita agora.

Munch virou à direita em direção a Skøyen.

– Como é que conheces tanta coisa sobre esta área? Já lá estiveste?

Mia assentiu cautelosamente.

– Só de visita. Há muito tempo, tive um... amigo que estava a ponderar ir para a escola de arte se conseguisse uma bolsa. Não conseguiu. E, por isso, não pôde ir.

– Então é uma escola privada?

Mia baixou o vidro da janela e pôs a cabeça de fora.

– Sim. Foi fundada pelo pintor Amund Andersen há muito tempo, nos anos 1970, acho eu. Os pais tinham-lhe deixado uma casa muito grande e ele precisava de dinheiro para a renovar.

Enfiou a cabeça ainda mais para fora da janela.

– Oh, raios!

– Uma noite?

– Não faço ideia da hora a que acabámos. Não me consigo lembrar das últimas horas. O Patrick tinha trazido uma garrafa de qualquer coisa. Só Deus sabe como é que se chamava. Um puro veneno. Vou largar o álcool para sempre depois de ontem. Bah, que nojo! Diga-me, as pessoas escolhem mesmo beber?

Munch sorriu para consigo.

– Sim, é muito popular, acho eu.

O inspetor tinha-se embebedado uma vez em toda a vida, aos 14 anos, com a ginginha do pai. Nunca mais tinha tocado numa gota.

– Então, o que é que acha?

Mia indicou com a cabeça o cartaz entre os dois.

– Tem de querer dizer alguma coisa, seguramente?

Na realidade, Munch queria dizer que os cabelos da nuca se tinham eriçado quando viu a imagem, mas estava a tentar manter-se calmo. Recentemente, já tinham sido obrigados a arrepiar caminho vezes mais do que suficientes. A mente dele não conseguia aguentar mais outro beco sem saída, hoje, não.

– Há uma semelhança – concedeu.

– Sim?

– Bastante forte, mas mesmo assim...

– O quê?

– Quais são as probabilidades?

Mia olhou irritadamente para ele

– O que é que quer dizer com isso? Quais são as probabilidades de quê?

– De que ele seja o nosso homem?

Munch apanhou a Drammensveien e instalou-se na faixa rápida.

– A sério? Quais são as probabilidades de o nosso homem, que faz arte usando corpos mortos e que, claramente, se excita com a questão da imagem, ter andado numa escola de arte? E pintado o Oliver Hellberg nu, com um texugo?

– Sim, quais são as probabilidades?

– As probabilidades são...

Mia voltou a tapar a boca e fechou a janela quando os fumos do escape de um camião articulado se tornaram demasiado fortes.

– Bem, quem sabe, eu não sei de certeza, está a perguntar matematicamente?

– Não, o que eu quero dizer é: quais são as probabilidades de tu te

vestires como um ladrão de banda desenhada e tropeçares nesse mesmo cartaz no Vigeland Park, com uma imagem do Oliver Hellberg?

– É muito improvável, confesso.

Ficou sentada muito quieta até chegarem à saída para Holmen.

– Então, o que está a dizer é: não tenhas demasiada esperança? – perguntou finalmente.

– Sim. Vamos acalmar por agora. Esperar e ver o que descobrimos. Estes últimos dias têm sido... Não sou capaz de aguentar outra desilusão, compreendes?

– Compreendo – retorquiu Mia, olhando para ele com simpatia.

– E outra coisa...

Munch apontou com a cabeça para o porta-luvas.

– Tresandas como uma destilaria. Há aí umas pastilhas para o hálito.

Mia fez-lhe uma careta, mas abriu o porta-luvas, encontrou uma embalagem de Läkerol e enfiou quatro pastilhas na boca antes de meter o pacote no bolso.

– Chegámos – disse Munch, desligando a ignição.

Conseguiram ouvir gargalhadas e música do lado mais afastado da casa grande e bonita. Parecia a casa da Pippi das Meias Altas, só que com um esquema de cores mais conservador. Duas raparigas com vestidos elegantes flanqueavam o portão de entrada e havia balões atados às árvores. Parecia que tinham chegado na altura certa.

– É hoje? – perguntou Mia, voltando a desenrolar o cartaz.

– Perfeito – disse Munch. – Esperemos que haja comida. Vais ficar bem? És capaz de te levantar?

Mia saiu do lugar e encostou-se ao Audi para se apoiar.

– Estou bem.

– De certeza?

– Sim, estou, tenho 21 anos e não... lembre-me lá, quantos anos é que já tem?

– Quarenta e dois.

– Exatamente, e isto é uma das vantagens da juventude: recuperamos depressa de uma ressaca.

Inclinou-se para dentro do carro e bebeu o resto da água na garrafa que tinha trazido.

– Pronta?

– Sim.

– Que tal tirar os óculos escuros?

– Não. Ou, pronto, está bem.

Tirou-os devagarinho e levantou a mão para proteger os olhos do sol, depois pestanejou umas vezes antes de largar os óculos escuros no assento do passageiro.

– Pronto, já está satisfeito, chefe?

– Precisas daquela coisa para os olhos.

– Está a falar do Clear Eyes? Que faz os olhos vermelhos ficarem brancos?

– Sim.

– Isso já foi proibido, acho eu, mas concordo que daria jeito neste momento.

Enfiou outra pastilha na boca e seguiu à frente pelas lajes que levavam ao portão aberto.

Duas raparigas, possivelmente pelos 19 ou 20 anos, ambas com vestidos coloridos, aproximaram-se deles, sorridentes.

– Bem-vindos, bem-vindos! O bufete é no jardim das traseiras. Pagam as vossas bebidas deixando dinheiro numa caixa de donativos conscientes. Todas as obras foram pintadas pelos estudantes do último ano e estão todas à venda. Se decidirem comprar alguma coisa, ficaremos muito felizes.

Cada um recebeu uma folha de papel com a lista dos quadros, os títulos e os preços.

– Obrigado, mas estamos aqui para encontrar uma pessoa – explicou Munch e mostrou-lhes o distintivo.

As jovens entreolharam-se.

– Ai sim? Quem?

– O homem que pintou isto – respondeu Mia, mostrando-lhes o cartaz.

Franziram as sobancelhas.

– Ele?

– Sim?

– A Emilie é que fez isso.

Munch e Mia trocaram um olhar rápido.

– A Emilie?

– Sim, a Emilie Skog. A nossa menina encantadora do oeste. A Rainha das Maças – responderam, com grandes sorrisos.

– Certo, e ela está cá? A Emilie?

– Oh, sim, está encarregue do *punch*. Vão encontrá-la ao pé da taça de *punch* cor de laranja, ela está com um vestido tradicional, por isso, não podem deixar de a ver.

Atrás deles, estavam a chegar mais convidados.

– Bem-vindos, bem-vindos! O bufete fica no jardim das traseiras...

Mia voltou a olhar para Munch enquanto desciam a alameda de um verde primaveril. A festa já estava animada nas traseiras da casa. Música alegre tocava suavemente nos altifalantes colocados nas janelas abertas enquanto jovens bem vestidos circulavam com champanhe nos copos.

De facto, não podiam deixar de a ver atrás da mesa, com o lindo fato tradicional, vermelho e preto, com um grande broche de filigrana brilhante no peito.

– Emilie Skog?

Munch mostrou novamente o distintivo.

– Hã? Sim?

– Somos da polícia. Podemos dar-lhe uma palavrinha?

A jovem loira olhou para eles com perplexidade enquanto os afastava da mesa.

– Ok? Como é que vos posso ajudar?

Mia voltou a desenrolar o cartaz.

– Foi você que fez isto?

– Hum, sim? O que é que tem?

– Então pintou esta imagem?

– Como?

Levou um segundo até ela perceber o que eles queriam dizer.

– Oh, não, não! Não pinte essa imagem. Só desenhei o cartaz.

– Quem é o artista, então?

– Não faço ideia.

– O que é que quer dizer?

– Encontrei isso quando estava a limpar uma das arrecadações. Foi pintado por um antigo aluno, creio eu. Acho que era melhor falarem com o Amund.

– Somos nós que nos servimos?

Um jovem sorridente, de fato e óculos escuros, ao pé da taça do *punch*.

– Não, por favor, espera, deixa-me servir-te...

A jovem olhou para eles como que a pedir desculpa.

– É tudo? Acho que preciso de...

– E onde é que encontramos o Amund? – perguntou Mia, olhando na direção da casa.

– Ele está escondido – replicou a jovem. – Na casa dos barcos. Barricou-se lá com o xerez. Odeia esta parte. Irmo-nos todos embora em breve. Fica tão triste. Não é mau tipo. Toda a gente pensa que é, mas tem um coração enorme.

Emilie Skog sorriu e poitou a mão no peito do vestido tradicional.

– Desculpa, importas-te que eu...

– Vou já atender-te.

Voltou-se outra vez para eles.

– Sigam aquele caminho ali em direção ao fiorde. A casa dos barcos fica à vossa esquerda.

Cinquenta metros à frente, junto do molhe, onde o sol brilhava no fiorde tranquilo, havia um edifício pequeno, uma réplica em miniatura da casa principal.

– Amund Andersen?

Munch bateu à porta devagarinho.

– Vão-se embora!

– Podemos dar-lhe uma palavrinha?

– Vão-se embora!

Passaram-se uns segundos, ouviu-se barulho lá dentro e a seguir uma cara velha e uma grande juba branca apareceram à porta.

– O que é?

– Holger Munch, Brigada de Homicídios, Polícia de Oslo, é o senhor Amund Andersen?

– Sim?

Olhou para eles com uma expressão confusa sob a grande cabeleira densa.

– Andamos à procura do homem que pintou esta imagem – explicou Mia, voltando a mostrar o cartaz. – É um antigo aluno?

Amund Andersen pôs uns óculos pendurados num fio à volta do pescoço e deitou uma olhadela rápida ao cartaz.

– Oh, raios! Sabia que havia qualquer coisa errada com esse tipo.

– Então sabe quem é?

– Oh, sim – respondeu o velho, saindo para o sol com um copo de xerez na mão.

Capítulo 55

Ludvig Grønlie levou a caneca de chá para a secretária e deixou-se cair na cadeira à frente dos ecrãs. Anja tinha soltado um suspiro quando ele saía da sala e tornou a suspirar quando um tinido anunciou a chegada de outro *e-mail* ao computador dela.

– Oh, raios, mas quando é que isto acaba?

– Mais ficheiros de Estocolmo?

– Quantos mais dossiês é que eles têm? Já estou farta. O meu curso custou-me uma fortuna e aqui estou eu a fazer de secretária. Temos de ter uma conversa com o chefe, Ludvig.

Anja reclinou-se para trás e desembulhou uma tablete de Snickers.

– Queres dizer, com o Munch – respondeu Ludvig com um sorriso e soprando no chá para o arrefecer.

– Sim, ou com a Anette, ela é que é o verdadeiro capitão deste barco, não é?

– Depende do que queres dizer com ser o capitão – respondeu Grønlie, abrindo um dos seus próprios *e-mails*, não tão excitante, um convite para aumentar o pénis.

Grønlie não tinha vontade nenhuma de aumentar o pénis ou, já agora, qualquer outra parte do corpo, por isso resolveu apagá-lo, mas não tinha a certeza do cesto para onde o devia arrastar.

– Qual é a diferença entre o cesto da reciclagem e o do *spam*?

Anja soltou uma gargalhada e passou a mão pelos caracóis apertados.

– És um querido, Ludvig.

– O quê?

– Fazes-me lembrar o meu pai. Ele também não percebe nada de computadores. Hoje, estava ao telemóvel a tentar ensiná-lo a guardar fotografias num ficheiro no computador de secretária dele. Trinta minutos mais tarde, quando ele ainda não tinha conseguido, ocorreu-me que ele podia pensar que me estava a referir à secretária propriamente dita, onde estava o computador, e que tinha ido buscar uma pasta e estava preparado, à espera.

– Hilariante – disse Ludvig, bebendo um gole do chá.

– Por isso, ainda bem que me tens, não é?

A polaca pôs os pés em cima da secretária e entrelaçou os dedos atrás da cabeça.

– Temos sorte em te ter, Anja.

– E eu já teria morrido de tédio sem ti aqui, por isso já somos dois.

Soprou-lhe um beijo e praguejou quando chegou mais outro *e-mail*.

– Não queremos receber mais nada vosso! Já temos ficheiros da Suécia que cheguem! Não aguento isto!

Anja enfiou o resto da tablete de Snickers na boca e limpou os dedos na camisa de xadrez.

O telemóvel de Ludvig vibrou em cima da secretária.

Era Munch.

– Olá, Ludvig, tenho uma tarefa urgente para ti.

– Ok.

– Preciso de tudo o que consigas descobrir sobre um homem chamado Frank Helmer.

Ludvig tapou o bucal do telefone com a mão e disse a Anja:

– É urgente. O que é que temos sobre um tal Frank Helmer?

Anja assentiu, arregaçou as mangas e começou a teclar.

– Consegui encontrar dois homens, um que vive em Alta, um Frank Robert Helmer, reformado, 71 anos. Depois tenho um que vive em Manglerud... Frank Helmer, 36 anos de idade. Duas moradas, uma de casa e outra de um empresa em Lysaker, parece que é um negócio de colocação de canos...

– Estás aí, Ludvig?

– Sim, e encontrámo-lo. Calculo que não estejas à procura de um reformado de Alta, por isso vou enviar-te o que temos sobre um Frank Helmer que vive em Oslo. Temos a morada de casa e do emprego.

– Porreiro, Ludvig. Manda também para a Mia, está bem?

– Vou tratar disso.

Anja abriu uma lata de Coca-Cola e ergueu as sobrancelhas.

– Finalmente.

Ludvig sorriu.

– Acho que devias ficar connosco, Anja.

– Se calhar, devia – replicou ela, puxando os óculos para cima do nariz quando bateram à porta.

– Desculpem?

Era o psicólogo sueco.

– Lamento estar a interrompê-los, mas a Mia não atende o telemóvel. Por acaso sabem onde é que ela está?

Capítulo 56

Kevin Myklebust, com os seus 11 anos de idade, estava sentado à mesa redonda do pequeno-almoço no pequeno apartamento da cave e não sabia se havia de estar feliz ou triste. Por um lado, era bom que a mãe se tivesse animado. Estava praticamente a irradiar alegria ali sentada, tinha comprado pão fresco e cozinhado *bacon* e ovos. Também se tinha arranjado e vestido como devia ser. A esta hora tão matutina, costumava vestir um roupão, isto é, se se chegasse a levantar. Mas agora era diferente, claro, porque havia um homem lá em casa. Um homem a sério e não o pequeno Kevin a tentar ser um homem. Ulf, o do reboque, tinha passado lá a noite outra vez. Tinha-os ouvido às gargalhadinhas e a fazer um plano atrás da parede fina, um plano que tencionavam apresentar agora, como se fosse para bem dele, mas Kevin sabia o que é que queriam realmente fazer e porque é que o queriam fora de casa.

– Ouve, Kevin – disse a mãe numa voz piegas enquanto deitava café para a chávena daquele que era agora o homem da casa.

Kevin não queria estar ali. Eles estavam a apalpar-se e a tocar um no outro e a mãe estava a agir de forma estranha, estava sempre a tapar a boca com a mão enquanto soltava risadinhas e estava sentada corretamente na cadeira, em vez de pôr os pés em cima da mesa. Os cinzeiros também tinham sido despejados, ela até tinha aspirado a casa ou, pelo menos, a tapete debaixo da mesa à frente da televisão, que normalmente estava coberta de migalhas. E ele também não estava particularmente esfomeado. Mas a mãe estava tão feliz que sentiu que devia tentar, por isso espalhou ovas de peixe numa fatia de pão e comeu-a devagarinho, em dentadas muito pequenas.

– Ouve, Kevin – repetiu a mãe, depois de lhe fazer uma festa no braço e de lhe oferecer torrões de açúcar de uma tigela que Kevin nunca tinha visto.

– Sim, mãe? – respondeu Kevin.

– O Ulf e eu tivemos uma ideia ótima.

Endireitou-se na cadeira e ajeitou o avental que tinha posto e que tinha uma legenda que dizia: «A Cozinheira Mais Querida do Mundo».

– Ok. Que tipo de ideia?

Kevin estava apenas a fingir que alinhava naquilo, claro. Já sabia onde

isto ia levar. Tinha-os ouvido no quarto dele, embora tivesse a cabeça debaixo da almofada.

– Sim, estivemos a pensar – disse a mãe, poisando a mão na do homem chamado Ulf. Porque é que tu e o Ronny não vão acampar? Arranjam umas coisas para comer, passam a noite numa tenda, não iria ser divertido?

– Sim, isso parece divertido – resmoneou o homem chamado Ulf, bebendo um bocado de café.

– Sim, parece, não parece? Podiam levar umas lanternas? Talvez as canas de pesca? Podiam ir à boleia até ao lago Gråtjønnvannet? Ver se conseguiam apanhar alguns peixes?

A mãe parecia ter-se esquecido de que não tinham uma tenda, lanternas ou canas de pesca, mas esse não era o obstáculo principal para o plano deles.

– Sim, mas e o Ronny? Já não estamos autorizados a brincar juntos, não é?

Engoliu o pão com um bocadinho de leite.

– Oh, eu resolvo isso – respondeu a mãe sorrindo, a boca um bocadinho fixa agora.

Kevin concluiu que a mãe não tinha contado a história toda ao novo homem dela e não ficou surpreso.

– Falo com a mãe dele hoje, afinal de contas, somos boas amigas, não há necessidade de as pessoas se zangarem, pois não?

– Não, é melhor que as pessoas se deem bem – disse o homem chamado Ulf, aclarando a garganta e pondo cavala em molho de tomate na fatia de pão que já tinha barrado com manteiga.

– Claro – respondeu Kevin quando já tinha conseguido engolir a comida.

Reparou nos sorrisos nos olhos deles quando se entreolharam quase furtivamente.

– Bem, isso é ótimo! – disse a mãe, toda sorridente.

– Sim, vão divertir-se à grande – disse Ulf.

– Gostava de fazer isso se o Ronny estiver de acordo – declarou Kevin.

E estava a falar a sério. Porque tinha saudades de Ronny. Via-o na escola, claro, mas não era a mesma coisa.

– Eu trato disso – declarou a mãe toda sorridente, servindo-se de mais café.

Kevin apercebeu-se da oportunidade que tinha agora; não conseguia aguentar mais aquele pequeno-almoço estúpido.

– Estou cheio.

– Está bem. O que é que dizemos?

Mais representação, só que desta vez não estava genuinamente a compreender o que ela queria dizer.

– O que...

– E o que é que dizemos, Kevin? Quando acabámos de comer? Obrigado por...?

– Oh, sim, muito obrigado pelo pequeno-almoço – retorquiu Kevin,

pondo-se em pé.

– Não te esqueças de meter o teu prato no lava-louças – chilreou a mãe.

Kevin estava quase a dizer qualquer coisa, mas viu a expressão nos olhos dela e conteve-se.

Normalmente, diziam-lhe para deixar o prato onde estava. Afinal de contas, iria precisar dele para a refeição seguinte, mas fez o que lhe mandaram.

Atou os atacadores já ao pé da porta do apartamento e foi então que sentiu que tinha mesmo de dizer alguma coisa:

– Ouve, mãe?

– Sim, Kevin?

– Não temos uma tenda.

Houve um alvoroço de pânico à mesa da cozinha antes de ela se lembrar repentinamente:

– Porque é que não pedes ao velho Wennberg? Ele deve ter uma, não achas?

O velho Wennberg?

Kevin sentiu-se desconfortável.

– Não sei, mãe...

Nessa altura, ela levantou-se e empurrou-o praticamente porta fora.

– Claro, ele não morde. E garanto-te que ele tem uma tenda. Ele guarda uma catrefada de coisas lá no anexo.

A mãe deu-lhe um leve empurrão nas costas, mas ele continuou a não se mexer, sentindo-se algo perplexo, ali parado fora de casa.

O velho Wennberg.

O homem que era dono da casa onde eles viviam.

Que vivia por cima deles.

Normalmente, Kevin tinha instruções estritas da mãe para não se aproximar do velho Wennberg porque ela achava que ele era um esquisitão e isso nunca tinha sido um problema porque Kevin não tinha o mínimo desejo de lhe fazer uma visita. Já lhe chegava ouvi-lo a arrastar os pés através do teto. Ou a gritaria e os barulhos estranhos dos filmes que ele estava sempre a ver. Quando via o velho ao pé das caixas do correio, preferia fazer um desvio pela floresta a arriscar-se a dar de caras com ele.

– Mas, mãe...

– Eu e o Ulf vamos às compras mais tarde e vamos estar fora durante um bom bocado. Ele vai levar-me ao Centro Comercial Strømmen, dá para acreditar?

A mãe desapertou o avental e soprou um beijo para Ulf.

O Centro Comercial Strømmen.

Kevin teria adorado lá ir.

Tinha ouvido muitas vezes as outras crianças na escola a falar dele, dizia-se que tinha mais de um milhão de lojas e que vendiam tudo, desde o mais delicioso dos gelados até aos carros controlados por rádio mais caros do

mundo e algumas das outras crianças já tinham lá ido muitas vezes, chegando mesmo às dez, mas parecia que Kevin teria de esperar porque a mãe lhe tinha fechado a porta nas costas.

O velho Wennberg.

Andou em círculo à volta da casa, tendo o cuidado de se manter bem longe das janelas, uma vez que não queria que o velho o visse; depois parou no caminho de gravilha diante da porta da frente de Wennberg.

Um animal morto estava deitado no degrau, as pernas a saírem de um saco de plástico azul. Não tinha a certeza do que era, podia ser uma marta ou um vison.

Taxidermia.

Sabia o que é que a palavra queria dizer porque estava no letreiro ao lado da caixa do correio, na estrada, ao fim do caminho.

Taxidermia Wennberg.

Deu uns passos em frente.

A gravilha estalou.

Voltou rapidamente para a relva.

Não.

Não queria fazer aquilo.

Perguntar a Wennberg se podia emprestar-lhe uma tenda.

Mas foi então que teve uma ideia.

Genial.

Se eles o tinham enganado, ele também não precisava de lhes contar tudo, pois não?

Kevin Myklebust sorriu rasgadamente para si próprio enquanto se esgueirava pelo caminho atrás da casa e corria para a floresta tão depressa quanto as pernas o conseguiram levar.

Capítulo 57

Anja foi buscar as folhas que tinham acabado de sair da impressora e prendeu-as ao lado uma da outra no quadro da parede.

– Isto foi o que encontrei – disse, dando um passo atrás.

– Sobre o Frank Helmer?

– Sim.

Ludvig levantou-se para se juntar a ela.

– E quem é ele?

– Bem, isso é uma boa pergunta. Não temos propriamente muito sobre ele, mas sempre consegui encontrar alguma coisa.

– Tem cadastro?

Ela hesitou.

– Não... ou, possivelmente, sim. Não era nenhum menino do coro quando era novo, lutas, ofensas à integridade física, algum vandalismo, um par de carros roubados, mas tudo isto antes de fazer 18 anos, por isso, realmente, não devia haver nada porque é apagado automaticamente.

Tirou um chupa-chupa da algibeira da saia, desembulhou-o e enfiou-o na boca.

– Mas depois disso?

– Nada, exceto isto...

Ludvig limpou os óculos num bocadinho da camisa e aproximou-se da parede.

– Estás a ver?

– Um processo judicial?

– Sim, mas ele só foi testemunha.

– E qual é que foi o caso?

– Negociatas com bens roubados, contrabando de uma substância controlada, esteroides anabolizantes, mas ele não era o réu. Era um amigo dele e, aparentemente, o Frank Helmer compareceu como testemunha da acusação.

– Então quer dizer que é um bufo?

Anja soltou uma gargalhada.

– Ora, isso é tirar conclusões apressadas, não achas?
– Mas e se ele se dava com criminosos?
– Não é nenhum criminoso empedernido. O Frank Helmer tem agora – deixa-me confirmar – 36 anos e os primeiros delitos já foram quase há 20, loucuras da juventude, certo?

– Eu sei, eu sei, mas mesmo assim...

– Não sejas tão preconceituoso, meu velho.

Anja bocejou e a seguir voltou a enfiar o chupa-chupa na boca.

– Depois encontrei algumas informações no Registo Nacional de Empresas. Ele montou um negócio em 1992, uma empresa chamada Helmer Finance. Ao que parece, não teve grande êxito. A companhia não apresentou contas durante dois anos e ele declarou-se falido em 1993. Não encontrei mais nada até 1996. Nessa altura, criou outra empresa, a Helmer Pipe Laying Services^[4], que parece ainda estar a funcionar em Lysaker, embora também haja questões fiscais neste caso...

Deitou uma olhadela à parede e voltou a concentrar-se no ecrã.

– Não imprimir já isso? Imprimir pois, aqui está. Sim, impostos devidos no último ano, 300 mil coroas, que não parecem ter sido pagas tanto quanto consigo perceber. E é tudo. O Munch disse alguma coisa?

– Sobre quê?

– O Frank Helmer? Sobre a razão de, repentinamente, estarmos interessados neste tipo.

– Não, mas parecia importante.

– E nós somos as últimas pessoas a sermos informadas, como de costume.

Anja soltou um suspiro e entrelaçou os dedos atrás do pescoço.

– Não passamos de uns hamsters às voltas na roda, a correr para alimentarmos as baterias das lâmpadas lá em cima.

O psicólogo sueco passou novamente no corredor, desta vez com o telemóvel colado à orelha.

Anja inclinou-se para Ludvig, acenando-lhe com a cabeça.

– O sueco e a Mia? Achas que eles estão...

Ela ergueu as sobrancelhas.

– O quê? Que eles estão... Não, não consigo imaginar isso. Ele é 20 anos mais velho do que ela.

– Eu sei, mas mesmo assim.

Anja reclinou-se na cadeira.

– O tipo é atraente, não é? É um desperdício ter ido para a psicologia com aquela beleza toda.

– Então o que é que achas que ele devia andar a fazer?

– E eu é que sei? Ser modelo, talvez? Quase sem roupinha nenhuma? Numa pele de urso à frente de uma lareira? Na minha casa?

– Não sabia que tinhas uma lareira.

– Ah, ah, Ludvig. Seja como for. Ele é muito giro. Mas, sim, devia ser

dez anos mais novo, pelo menos.

– Julgava que andavas com alguém.

Ela soltou um suspiro.

– Sim, mas tu conheces-me. Aborreço-me com facilidade. São quase todos tão desinteressantes. Um estudante de estomatologia? Que raio é que eu faço com ele? A propósito, ela também te pediu?

– Quem?

– A Anette. Ela quer a papelada toda da Suécia que o mencione. Ao psicólogo sueco, mas eu não vi nada, tu viste?

– Que me lembre, não.

– Oh, bem, ela quer isso. Se encontrares alguma coisa com o nome dele, passas-ma, se fazes favor? Assim posso fingir que fiz o que me mandaram.

– Claro.

– Obrigada.

Anja abriu outra lata de Coca-Cola e olhou com atenção para a tatuagem, um coração, que tinha no pulso.

– Ando a pensar em fazer outra, o que é que te parece? Achas que devo fazer outra tatuagem?

Puxou a blusa por cima do ombro quando se voltou para trás.

– Aqui, na omoplata, ia ficar gira, não ia?

– Sim, porque não?

– Estou a pensar numa *Orla Bialego*, a águia branca. O brasão da Polónia. Coroa dourada, fundo vermelho. Achas que ficava bem ou é um bocado, como é que se diz, nacionalista, no mau sentido?

Levantou-se e dirigiu-se, com o ombro ainda nu, para o espelho pequeno ao lado do cabide para os casacos.

– Julgava que eras polaca.

– Sim, sou. Por isso é que tenho andado a pensar nisso. Acho que podia ser superporreiro.

Ludvig estendeu a mão para a caneca e estava prestes a levantar-se quando Anette Goli apareceu a correr pelo corredor e parou, sem fôlego, à frente deles, com o telemóvel colado ao ouvido.

– Onde é que disseste que era?

Anja tirou o chupa-chupa da boca e endireitou-se.

Goli tapou o telemóvel.

– Vejam a edição *online* do VG. Já!

Voltou para a chamada:

– Sim, absolutamente, claro, senhora comissária. Não, não tem de quê, estamos a tratar disso, sim, vou falar com ele imediatamente. Claro. Ok, já lhe ligo.

– Oh, merda! – exclamou Anja enquanto Ludvig olhava para o mesmo *website* no ecrã dele.

– É mau, é muito mau?

Anja leu rapidamente o artigo.

– É mau, sim.

– Até que ponto?

Anette Goli, habitualmente muito calma, empurrou a jovem polaca do caminho e ficou parada à frente do ecrã, deixando cair o queixo.

– Oh, não!

Erro da polícia na perseguição ao assassino, suspeito é amigo de infância de Ole Gunnar Solskjær.

– Oh, grande merda!

– Pensava que o Oxen não tinha descoberto nada lá?

– Eu também – silvou Goli, batendo com força no telemóvel.

– E eles têm o nome dele – disse Ludvig.

– O quê?

– O nome do rapaz que se lesionou. Que ficou com a carreira arruinada.

Anette aproximou-se para olhar para o ecrã dele.

– Onde?

– Ali.

– Roger Lørenskog? Não tínhamos ouvido já esse nome?

– Que eu saiba, não.

– Arranjem-me tudo o que puderem, tudo o que temos sobre o Roger Lørenskog. E marca outra conversa com o treinador, o homem que está aí na fotografia à frente das flores. Porra, Karl, só tinhas uma tarefa a cumprir, será que tenho de ser eu a fazer tudo por aqui!?

Estava a gritar para o telemóvel, embora ninguém lhe tivesse atendido a chamada.

– Roger Lørenskog, de Kristiansund. Absolutamente tudo o que conseguirem descobrir acerca dele, compreendido? – disse Goli enquanto saía a correr do gabinete, a ligar entretanto para outro número.

– Já estou a tratar disso – disse Ludvig, com os dedos a atacar o teclado.

[4] Literalmente, Serviços de Colocação de Canos Helmer. (*N. dos T.*)

Capítulo 58

Encontraram o letreiro que dizia Helmer Pipe Laying Services à entrada de uma propriedade comercial degradada ao pé do Centro Comercial CC Vest em Lilleaker, mas o escritório propriamente dito mostrou-se um desafio maior. Munch acendeu um cigarro enquanto Mia reaparecia do edifício, agora já em melhor forma. A água e especialmente a adrenalina pareciam tê-la arrebitado.

– Nada?

– Não, bati a duas portas, mas ninguém ouviu falar dele.

– Que estranho.

– Verificou ali?

Munch assentiu.

– As duas entradas estão fechadas à chave.

– Mas é este o sítio, não é?

Uma carrinha de distribuição de um verde pálido desceu a estrada, parou à entrada e um homem novo com uma camisa também verde pálida, e um bocadinho justa, saiu.

– Desculpe. Faz muitas entregas aqui?

– Bastantes, sim, porquê?

– A Helmer Pipe Laying Services, sabe onde é que fica?

O jovem coçou a cabeça e olhou em redor.

Munch teve um terrível *flashback* dos tempos de estudante, quando tinha trabalhado, pouco tempo, para uma empresa de distribuição. O salário tinha sido miserável e tinha sido obrigado a vestir o uniforme cor de laranja da empresa que não havia no tamanho XL ou maior, de que ele tinha precisado na altura e, na verdade, ainda precisava.

– Isso soa-me a qualquer coisa – respondeu o jovem, enfiando uma almofada de *snus* debaixo do lábio superior enquanto deitava outra olhadela em volta.

– Sim, ali.

Sorriu ao apontar para o letreiro à entrada.

– Ah-ah! – soltou Mia, abanando a cabeça. – Mas o escritório mesmo,

sabe onde é que fica?

– Não é ali? – perguntou o rapaz. – Afinal, está ali o letreiro.

– Obrigado – grunhiu Munch, mandando o rapaz embora com um gesto da mão.

– Foi um prazer ajudar-vos – disse o rapaz com um sorriso, levando a mão ao boné de basebol e entrando pela porta a assobiar com as encomendas para serem entregues.

– E se a empresa não existir? – sugeriu Mia. – E se for apenas um letreiro?

– É possível – retorquiu Munch. – Vamos fazer-lhe uma visita a casa. Lembra-me lá a morada outra vez.

– Skuronnveien 25, Manglerud.

Mia pôs os óculos escuros e entrou no carro.

– São bonitos, não são? – perguntou Munch assim que voltaram à Drammensveien. – Os nomes das ruas em Manglerud.

– O que é que quer dizer com isso?

– Bem, agora já faz parte de Oslo, faz parte da cidade, mas os nomes das ruas ainda dão a entender que estamos no campo. Rugveien, Byggveien, Grasveien...

– Sim, porreiro – resmungou Mia e abriu a janela.

– ... Skigardveien, Plogveien, Treskeveien.

– Porreiro, já disse. Mas o que é que se está a passar aqui realmente?

– Estou a tentar pensar.

Munch abriu a janela um bocadinho e acendeu outro cigarro.

– E como é que os nomes das ruas de Manglerud o ajudam nisso?

– Uma vez, deparei com uma coisa semelhante, há muitos anos.

– Com o quê?

– Com um letreiro. Numa caixa do correio ali à frente. Na Treskeveien. Larsen's Import. E coube-me a mim vigiá-la. Por isso, fi-lo. Na cidade ou no campo, seja o que for que lhe queiras chamar, sentei-me a olhar para aquela caixa do correio durante quase uma semana.

– E o que é que aconteceu?

Começou a chover quando passaram Skøyen e gotas suaves aterraram no para-brisas. Munch atirou o cigarro pela janela e fechou-a.

– Ao fim de seis dias, chegou um carro e um tipo saltou de lá. Dirigiu-se para a caixa do correio, tirou o letreiro e seguiu caminho. Segui-o até uma quinta em Handeland e foi então que...

O telemóvel dele tocou. Colocou-o no suporte no painel de instrumentos e carregou no botão para falar.

– Olá, Anette, o que é que se passa?

– Viste a edição *online* do VG?

– Não, porquê?

– Aquele idiota do Oxen...

Anette estava ofegante e parecia que estava a correr.

- Ele não descobriu nada lá, pois não? Disse-te alguma coisa?
- Lá, onde? Em Kristiansund? Não, nada. Porquê?
- Agora já está por todo o lado. A comissária está furiosa...
- Acalma-te, o que é que já está por todo o lado?
- O homem que ficou lesionado quando era miúdo. O coxo lá de Finstad.

Que disse que tinha jogado futebol com o Solskjær. É uma história verdadeira. Um repórter falou com o antigo treinador e fez um trabalho muito melhor do que nós, evidentemente.

- Que diabo?
- Sim, exatamente. Espera um...

Parou, tapou o telemóvel por um instante e voltou a falar, agora já estava outra vez a andar:

- Ele vive em Oslo. Temos uma morada.
- Então também temos um nome?
- Sim, Roger Lørenskog.
- O quê? Não é o Frank Helmer?
- Não, ouve-me. O nome dele é *Roger Lørenskog*. Vive em Oppsal. Já mandei um carro. Vou enviar-te uma mensagem com a morada.
- Ok, obrigado, Anette.

Desligou a chamada.

- Maldito Oxen! – exclamou Munch, a fumar de fúria.
- Oppsal? A morada do Helmer fica a caminho, não é? Porque é que não me deixa lá e assim podemos tratar de uma casa cada um?
- Não, não te vou deixar sozinha com um suspeito.
- O quê? Oh, vá lá, já não sou nenhuma miúda!
- Ok, muito bem. Mas não entras, só lá estás para controlar as coisas até eu ter descoberto o que é que se está a passar, compreendido?
- Compreendido.

Munch praguejou, abriu a janela, meteu a mão por baixo do painel de instrumentos e pôs uma luz azul no cimo do tejadilho do carro, passou para a faixa da esquerda e carregou a fundo no acelerador.

Capítulo 59

Era a segunda consulta com a psicóloga e Natalie Sommer sentia-se um pouco melhor do que da primeira vez, em que passara a maior parte do tempo a soluçar e a esforçar-se por dizer uma única palavra. Quando tinha, finalmente, pedido ao médico de família uma consulta, estava à espera de que fosse com uma psicóloga. Porque seria mais simples contar toda esta história tão... bem, bizarra a alguém do mesmo sexo. Tinha-lhe sido atribuído um homem e ela tivera algumas dúvidas, mas afinal esse homem estava de baixa e o substituto era uma mulher e isso tinha acabado por lhe parecer uma espécie de sinal de que estava a fazer o mais correto. Que tinha chegado o momento de falar sobre os acontecimentos incompreensíveis dos últimos anos.

Natalie Sommer considerara-se sempre a pessoa mais normal do mundo. Oriunda da família mais normal do mundo. O pai tinha trabalhado nos correios e a mãe na biblioteca. Era filha única, mas, se calhar, isso tinha sido a única coisa que a distinguia dos outros alunos e amigos do bairro. A vivenda na Helge Sollies Vei, em Oppsal, tinha um grande e lindo jardim, com uma casinha de brincar onde ela e os amigos brincavam. Esperava sempre pelo dia seguinte com prazer antecipado. Ir para a escola, vir para casa, brincar de tarde, ir para a cama ao lado do lindo candeeiro que a mãe lhe fizera. O quarto dela era cor-de-rosa e seguro e todas as noites os pais sentavam-se com ela, liam-lhe e cantavam-lhe até ela adormecer. Quando chegou à adolescência e as amigas começaram a sair com rapazes para o Centro Comercial de Manglerud, ou a beber cerveja e a fumar cigarros nos bancos à beira do lago Østensjøvannet, não ia com elas. Preferia ficar em casa. Adorava a família. Não via qualquer interesse em deambular pelas ruas à noite. Ao passo que os amigos acabaram por se distanciar, partindo de mochila às costas ou mudando para outras partes da Noruega, Natalie ficou em Oppsal, no quarto. Todavia, este já não era cor-de-rosa e ela mudou-se para o sótão quando foi para a faculdade. Tinha uma vista das macieiras no jardim enquanto completava o estágio para professora, especializando-se primeiro em desportos e depois como professora de alunos com necessidades especiais, porque era nisso que estava interessada e que tinha decidido fazer.

Há três anos, quando tinha apenas 24 anos, tinha sido nomeada para o seu primeiro emprego a tempo inteiro como professora na Escola Complementar de Skøyenåsen. Tinha adorado desde o primeiro dia e continuava a adorar. Ensinava desporto e vida ao ar livre e, no ano anterior, o diretor da escola também lhe pergantara se gostaria de se candidatar ao lugar de conselheira da escola. E assim os dias tinham passado de bons a ainda melhores. Continuava a viver em casa, afinal de contas eram só umas centenas de metros até ao trabalho, mas estava a começar a querer um sítio só dela e, recentemente, tinha visto um apartamento com varanda à venda em Ulsrud e decidira fazer uma proposta. Nunca iria esquecer aquele momento, claro. Estava sentada no sofá, em casa, com os detalhes do anúncio na mão, excitada com o futuro.

Quando a tia tinha telefonado.

– Como é que se sente hoje, Natalie? – perguntou a psicóloga numa voz amigável enquanto empurrava gentilmente uma caixa de lenços de papel pela mesa.

– Obrigada, não tenho bem a certeza.

Estendeu o braço para a caixa e tirou um par de lenços, por via das dúvidas, embora tivesse decidido que iria ser mais forte daquela vez. Não chorar tanto. Porque, se o fizesse, não conseguiria dizer nenhuma das coisas que lhe pesavam há tanto tempo.

– E que tal recomeçarmos onde tínhamos ficado?

– Sim, ok.

Mesmo assim, conseguia senti-las a chegar. Natalie tapou os olhos com a mão e tentou conter as lágrimas, conseguindo felizmente respirar por entre elas – para já.

– Então, os seus pais iam de férias, não era?

– Era a prenda do pai por fazer 50 anos. Ele sempre quisera fazer um cruzeiro e agora chegara a altura.

– Era um cruzeiro com a Hurtigruta.

Natalie assentiu com a cabeça e fungou um bocadinho, mas as faces mantiveram-se secas.

– Mas os seus pais mudaram os planos?

– Sim, a ideia era fazerem a costa toda entre Bergen e Kirkenes. Mas resolveram que também iriam visitar a minha tia e o meu tio.

– Eles viviam em Stavanger, não é assim?

Ela assentiu. A psicóloga anotou cuidadosamente qualquer coisa no bloco que tinha no colo.

– E foi aí que aconteceu?

Natalie voltou a assentir com a cabeça e teve de pressionar os olhos com a mão.

– Está tudo bem – disse a psicóloga gentilmente. – Leve o tempo que quiser.

Mas aquilo não era completamente verdade e tinha-a incomodado muito

da última vez. Tinha estado a chorar desalmadamente quando, de repente, a psicóloga olhara para o relógio e dissera: *Bem, acabámos por hoje, são 285 coroas, dinheiro ou cartão?*

Assim que se vira na rua, tinha decidido que não iria voltar. A intimidade dentro da sala. Tinha-se aberto a uma pessoa fora da família pela primeira vez na vida e estava extremamente vulnerável. Tinha-se sentido quase um bocadinho suja; esse sentimento tinha durado semanas, mas acabara por resolver fazer outra tentativa.

– Eu nem sequer sabia que eles iam apanhar o *ferry*.

– O *Sleipner*?

– Sim. Lembro-me que estava a ver televisão quando interromperam o programa, um *ferry* tinha encalhado. Dezasseis passageiros estavam mortos. Na Noruega? Tinha de ser um engano, com toda a certeza, não? Foi esse o meu primeiro pensamento. Meu Deus, aquelas pobres pessoas! Neste país? Uma tragédia imensa como aquela? Não pode estar a acontecer, pois não?

– E quando é que soube que os seus pais estavam a bordo?

– Mais tarde, nessa noite, quando a minha tia me telefonou.

Afinal, acabaram por vir, as lágrimas, e desta vez recusaram-se a deixar que as parassem.

– Leve todo o tempo de que precisar, Natalie – repetiu a psicóloga numa voz bondosa.

Mas Natalie controlou-se, não queria perder esta hora também. Porque não tinha chegado ao cerne da questão, o assunto de que queria realmente falar.

O grande segredo.

O advogado naquele gabinete sombrio algumas semanas mais tarde, depois dos funerais, quando ela já estava a viver sozinha na casa enorme, que ainda estava cheia de flores.

Tenho aqui o testamento dos seus pais. Deixam-lhe tudo o que possuem. A casa na Helge Sollies Vei, a cabana em Solberstrand, os dois carros, todas as poupanças, tudo, exceto uma soma considerável que a sua mãe tinha numa conta separada só no nome dela. O saldo é de 1 270 000 coroas. Esta quantia toda irá para o seu irmão, Roger Lørenskog.

– O meu... quê?

– O seu irmão Roger.

Folhas de papel a serem deslizadas pela secretária em direção a ela.

– Eu tenho... um irmão?

Natalie estava sentada com os lenços de papel no colo e conseguia senti-la a regressar, a raiva que tinha estado a crescer dentro dela. Quem eram realmente aquelas pessoas? Os pais? Se lhe tinham mentido sobre aquilo, que mais é que não lhe teriam contado? Teria toda a vida dela sido apenas uma mentira?

– Então não sabia de nada?

– Não.

- Eles nunca falaram dele, nunca referiram que ele existia?
- Nem uma única palavra.
- Então o que é que fez?

A gravilha debaixo dos pés. O vento nas árvores. Tinha-se sentido nervosa no exterior do edifício de tijolos vermelhos. Mas tinha tomado uma decisão, acontecesse o que acontecesse. O Hospital Psiquiátrico de Gaustad. Em Ullevål, perto do centro de Oslo, e, mais uma vez, aquela raiva. Há quanto tempo é que ele estava ali? Tão perto? O irmão? Internado?

Um auxiliar de saúde simpático tinha-lhe indicado o caminho pelos corredores. Natalie tinha as palmas das mãos suadas e ficara aliviada por não ter de ser ela a abrir as portas; tinha estado quase a dar meia-volta várias vezes, mas foi então que ele apareceu.

Alto e desengonçado. Com círculos escuros por baixo dos olhos. O olhar mortiço. Um sorriso tímido e admirado nos lábios pálidos.

- Olá, sou a Natalie.
- Olá, Natalie. Sou o Roger.

Nesse instante, ela perdera o controlo e as lágrimas tinham-lhe escorrido silenciosamente pela cara abaixo.

- Lamento muito.
- O quê?
- Tudo, não sei...

Ele estava a olhar pela janela, as pernas encolhidas para cima, debaixo dele, os braços a abraçar protetoramente o corpo magro.

- Ela... faleceu?
- Sim, receio bem que sim.
- Lamento ouvir isso. Perguntei-me sempre como é que seria...
- Como é que seria...?
- O dia em que ela me viria buscar.

Natalie tinha perdido a noção do tempo. A psicóloga parecia-lhe esfumada na cadeira enquanto as palavras e as emoções saíam dela. Que o tinha visitado quase todos os dias desde essa altura. E que ele tinha recusado, não queria ser um peso, mas ela tinha insistido. Claro que iriam viver juntos. Depois de todos estes anos. Ainda eram novos, não eram? Podiam recomeçar. Recuperar o que tinham perdido. A expressão nos olhos dele ao pé da sebe quando saíram do táxi, ele com a mala na mão, tudo o que possuía à face da Terra.

Raios!

Tinha-se preparado para este momento, mas, claramente, não o suficiente.

A psicóloga deitou uma olhadela ao relógiozinho vermelho para indicar que a hora de Natalie estava a acabar. *São 285 coroas, dinheiro ou cartão?*

Já lá fora, a soltar a bicicleta, com o ar a parecer diferente.

Mais puro.

Mais fresco.

– *Gostava de marcar uma consulta para a próxima semana, Natalie?*

– *Sim, se faz favor.*

Feliz?

Não, isso não, ainda não, mas, pelo menos, estava a seguir na direção certa.

Para um sítio melhor.

Ou, pelo menos, fora como se tinha sentido.

Tinha acabado de empurrar a bicicleta até ao início da Helge Sollies Vei, avançando pela faixa interdita aos carros, e já conseguia ver a casa dela ao longe quando um homem lhe apareceu repentinamente, com uma máquina fotográfica.

– É a Natalie Sommer?

– O quê?

Vários outros atrás dele.

O barulho do disparar das máquinas.

– Ei, Natalie, olhe para aqui!

– Onde é que está o seu irmão?

– Aqui, Natalie, vire-se para este lado!

Carros, antenas, microfones, mais máquinas fotográficas, pessoas com telemóveis, um súbito magote de pernas e braços a avançar para ela de todas as direções.

Empurrou a bicicleta os últimos cem metros, o mais depressa que conseguiu.

– Natalie!

– Olhe para este lado!

– Ele está em casa?

– Onde é que está o Roger?

Um carro preto, duas sombras a abrir caminho à força por entre a multidão em direção a ela, uma mulher alta com um fato de treino azul-escuro e um homem novo, de fato.

– Natalie Sommer? Chamo-me Fredrik Riis e esta é a minha colega Katja. Somos da polícia. Podemos dar-lhe uma palavrinha?

Capítulo 60

O número 25 da Skuronnveien, em Manglerud, era uma casa geminada retangular e descolorida do final dos anos 1960, quando a necessidade prática de alojar a população da cidade sempre crescente se tinha tornado uma prioridade em detrimento da beleza. E também ninguém tinha cuidado dela, pelo menos desta propriedade, que ficava no fim da estrada e onde ela tinha encontrado o nome dele, escrito a esferográfica num bocado de papel ao lado da campainha.

Frank Helmer.

Mia pressionou a campainha uma segunda vez e recordou a si mesma uma coisa que o cérebro lhe tinha estado a gritar toda a manhã. Evita o álcool. Não te faz bem nenhum. Tinha saído do apartamento sem outra ideia a não ser desintoxicar o corpo, e sentia-se um bocadinho desconfortável ali parada com os sovacos suados e ainda com a roupa de corrida.

Não era uma roupa que fosse escolher para fazer uma visita a um suspeito; nem sequer tinha trazido o distintivo.

Tinha de ser ele, não tinha?

Era ele de certeza, não era?

Com o quadro.

Do rapaz loiro com o texugo.

Apanhei-te!

Mia conseguia sentir o coração a martelar-lhe sob o blusão de treino e sorriu para consigo, mal conseguia esperar que a porta se abrisse.

O primeiro caso dela.

E tinham-no resolvido em quantos dias?

Ok.

Tem calma.

Ainda não o apanhaste.

Tira-me esse sorriso da cara.

Põe um ar normal.

Voltou a carregar na campainha.

Ola, chamo-me Mia Krüger. Sou da polícia. É o senhor Frank Helmer?

Continuava a não vir nenhum som da casa delapidada.

Raios, ele não estava em casa!

Mia desceu a rua e estudou o que a rodeava. Conseguia ouvir claramente a voz de Munch ao ouvido, as instruções que ele lhe tinha resmungado antes de ter continuado apressadamente para Oppsal.

Não entras, compreendido? Não fazemos ideia daquilo de que este tipo é capaz. Esperas na soleira. Tocas à campainha, está alguém em casa?, percebes? Finge que estás na morada errada ou que estás a vender bilhetes de lotaria – aquilo que quiseses. Se ele estiver em casa, desculpas-te delicadamente, vais-te embora calmamente e pedes reforços, compreendido? Se ele não estiver em casa...

Tinha olhado para a roupa de corrida dela.

Bem, nessa altura, podes correr para ires ter connosco ou fazer o que te apetece, mas em nenhuma circunstância...

Blá-blá-blá, blá-blá-blá.

Até parecia que estava outra vez no gabinete do diretor da escola.

Porra!

Tinha acabado de ver uma cortina a mexer?

Mia arqueou as costas e depois dobrou-se para o chão, fingindo que se estava a alongar. Não era uma ideia assim tão má, afinal de contas, a roupa dela. Não sobressaía, ninguém ia prestar atenção a uma corredora qualquer que por ali passava. A ideia tinha-lhe ocorrido recentemente. Se um homem de bicicleta tivesse passado por ela vestido de licra da cabeça aos pés, com um capacete e um casaco de grande visibilidade, vindo diretamente da cena do crime, nenhuma testemunha teria reparado nele. Afinal, Oslo estava cheia deles, era o disfarce perfeito, não era?

Não havia dúvida de que era.

Afinal de contas, estava ou não alguém em casa?

Naquela janela lá em cima?

Mia desceu a rua a correr um bocadinho mais e depois virou-se outra vez e dobrou-se como se estivesse a atar os atacadores.

Olhou para a casa de um ângulo diferente.

Uma mão.

Uma cortina a ser fechada.

Não.

Ok.

Não do lado dele.

Do vizinho.

Estrelas e planetas no tecido.

Mia tinha visto uma pá e um balde no degrau da porta, um trator velho na gravilha.

Vivia ali uma criança.

Na porta ao lado.

Fez mais uns alongamentos, poisou a mão na anca e depois desceu a rua

até já ter a casa pelas costas. E parou. Agora, tinha uma vista melhor. Das traseiras. Árvores e arbustos amontoados à frente da vedação velha e delapidada que delimitava a propriedade na parte de trás.

A tentação foi demasiado grande.

Saiu da estrada e aventurou-se por entre as árvores.

Uma corredora cheinha de vontade.

A precisar mesmo de fazer chichi.

Acontecesse o que acontecesse, seria mais embaraçoso para ele do que para ela, se o homem aparecesse repentinamente no terraço degradado.

Desculpe, desculpe...

Tive mesmo de...

Olhou em redor e aproximou-se cautelosamente.

Ninguém na estrada.

Sem vizinhos à vista.

Agora conseguia ver melhor o jardim.

Embora chamar-lhe jardim fosse um exagero, era apenas uma área entre a casa e a vedação.

Ouviu a voz da mãe na cabeça:

Podes ficar a conhecer o dono de uma casa olhando para o jardim, Mia. Estás a ver aquilo? Os dedos a apontar pela janela do carro. Depressão, pobreza ou as duas coisas juntas. Não, manter o teu jardim em condições é importante. E não é assim tão difícil, pois não? Escolhe plantas que sejam fáceis de cuidar. Plantas vivazes voltam a aparecer ano após ano.

Aqui não havia dedos verdes carinhosos. Uma parcela de terreno coberta de musgo que poderia ter sido um relvado. Arbustos secos, pranchas de madeira apodrecidas, uns sacos do lixo pretos a tapar um buraco no sítio onde a vedação tinha praticamente colapsado.

Mia dirigiu-se cautelosamente para a vedação e agachou-se. Voltou a olhar em volta antes de aproveitar a oportunidade para dar uma espreitadela. Degraus que levavam a uma porta do jardim. Janelas grandes e escuras no rés-do-chão. Três janelas mais pequenas no primeiro andar, todas com cortinas, ou pelo menos com tecidos que as tapavam. Enfiou-se cuidadosamente debaixo das árvores e ajoelhou-se ao pé do buraco na vedação.

Não podia ser, pois não?

Arriscou e endireitou-se, esticando o pescoço para ver melhor.

Não estava mesmo fechada à chave?

Reconheceu o ferrolho na porta do jardim. Um qualquer fornecedor esperto tinha de ter feito uma fortuna com aquilo porque quase todas as casas que já visitara tinha uma coisa igual. E era tudo uma porcaria. Os pais tinham uma porta como aquela, que dava para o jardim das traseiras. A ombreira tinha empenado, tornando impossível trancá-la. O puxador não descia todo, ficava a fazer um ângulo, e fora assim que ela se tinha esgueirado de casa quando era adolescente.

Decidiu-se rapidamente, enfiou-se pelo buraco na vedação, agachou-se

enquanto corria pelo jardim e experimentou o puxador a medo.

Exatamente.

Não estava trancada.

Antes de ter tempo para pensar nisso, já se encontrava dentro da casa.

Porra!

Ok.

Forçou o ritmo do coração a abrandar e comprimiu os lábios para abafar o som da respiração frenética e foi nessa altura que o detetou.

O cheiro.

Oh, chiça!

Tapou o nariz com a camisola de corrida.

Olhou em redor do sítio tão profissionalmente como conseguiu. O homem que não tinha tratado do jardim também não tinha grande amor por tratar da casa. Um sofá velho, uma mesinha de apoio carregada de garrafas vazias, pratos com restos de pizzas, cinzeiros. Um quadro de uma mulher africana com uns lóbulos das orelhas grandes, que estava pendurado de esguelha e não conseguia tapar o rasgão no papel de parede.

Deus do céu, mas que fedor era aquele?

Uma televisão. Um aparador com portas de vidro verdes, cheio de lixo e papéis. Uma mesa de jantar redonda. Duas cadeiras diferentes, tinham tentado pintar uma. Uma caixa com a tampa cortada ao pé da porta.

Oh, claro!

Uma caixa de areia.

Mais excrementos do que areia.

Um gato.

Ou vários.

Puxou a camisola para baixo, forçando-se a aguentar o cheiro.

A cozinha era logo a seguir, pratos sujos por todo o lado.

Deu um passo cauteloso para dentro do corredor.

Um par de botas velhas.

Um tapete de esguelha.

Um casaco caído no chão.

Umas fotografias na parede.

Um carro com riscas.

Fumo de tubos de escape e asfalto.

Uma corrida de carros.

Homens numa excursão.

Depois de apanharem um peixe.

De tacha arreganhada.

Latas de cerveja.

Mia tirou a fotografia da parede e voltou para a sala de estar onde a luz era melhor.

Braços à volta dos ombros.

E ali estava ela.

A tatuagem.

Uma grande fila cinzenta de dentes monstruosos por um braço musculoso abaixo.

O Lobo.

Puxou do telemóvel e, de repente, sentiu-se vulnerável por ali estar.

O coração batia-lhe violentamente debaixo do casaco, o *voice-mail* de Munch ao ouvido.

Chegou à...

– Holger. É ele. É o Frank Helmer. Ele tem uma tatuagem. De um lobo. O quadro. Está tudo aqui...

Estava a sussurrar, mas mesmo assim achava que a voz lhe estava a sair demasiado alta.

– Por favor, venha cá. Ligue-me. Mande alguém, ok?

Encontrou o número de Anette Goli e estava prestes a ligar-lhe quando lhe ocorreu uma ideia.

Mia voltou-se e parou, já quase calma, no meio do chão imundo.

Onde é que estavam os quadros todos dele?

O homem era um artista, sabia pintar, ela já tinha visto provas disso, o quadro do rapaz com o texugo era fascinantemente belo e se não conhecesse a história por trás dele, podia ter ficado facilmente fascinada, aquelas pinceladas, a luz.

Mas não havia nada nas paredes.

Apenas um quadro piroso que parecia que tinha vindo de um navio.

Não, isto não fazia sentido.

Nesse momento, ouviu um carro na gravilha e estacou, gelada.

Seria ele?

Não, era a família da casa ao lado. Um rapazinho saltou do carro e desatou a correr, seguido pela mãe zangada. Sacos de compras a sair da mala do carro. Instantes depois, conseguia ouvi-los lá dentro, através das paredes finas. Um dia normal. Em casa depois do trabalho. Horas de fazer o jantar.

Merda!

Não podia ficar ali.

Voltou a olhar para o número de Anette, mas tornou a ter dúvidas.

Uma tatuagem.

Muitas pessoas tinham-nas.

Mas a juntar ao quadro?

Quais eram as probabilidades?

Não, raios partam, tinha de ser ele, se ao menos ela conseguisse encontrar...

Uma porta meio aberta que dava para umas escadas às escuras.

Claro.

Escondidos.

Era assim que ele trabalhava.

Na cave.

Bingo.

Mia voltou a enfiar o telemóvel na algibeira, abriu totalmente a porta e desceu devagarinho em bicos dos pés os degraus que chiavam.

Capítulo 61

Munch conseguia ouvir o barulho das câmaras a disparar atrás dele enquanto punha gentilmente o braço à volta da jovem aterrorizada e a levava para dentro da casa grande e bonita.

– Chamo-me Munch – disse-lhe quando estavam finalmente no átrio de entrada. – Somos da polícia. Calculo que já conheça a Katja e o Frederik.

A mulher loira limitou-se a olhar fixamente para ele. E depois disse:

– Sim, olá. Que raio é que se passa?

– Não viu as notícias?

Munch indicou com um gesto que deviam subir as escadas para sair da entrada. A jovem assentiu e subiu as escadas à frente dele, quase em transe.

– As notícias?

Parecia andar pelos 20 e tal anos, estava lindamente vestida com uma camisa branca, acabada de engomar, e um casaco cor-de-rosa, uma saia pelo joelho e uns sapatos com atacadores que, no estado de confusão em que se encontrava, se tinha esquecido de descalçar. Não parecia ser uma pessoa que usasse sapatos dentro de casa porque tudo lá dentro estava extremamente limpo.

Munch ficou tão espantado que quase se esqueceu de a guiar até ao sofá. O chão estava polido, a piada sobre estar tão limpo que se podia comer nele não era um exagero nesta casa. As janelas refulgiam como se tivessem sido acabadas de lavar dez minutos antes. Os livros na estante estavam organizados por cores. O sofá parecia que tinha sido acabado de limpar e a tapete persa por baixo da mesa lustrosa aparentava ter vindo diretamente da lavandaria. Na mesinha de apoio de vidro, havia uma taça com lírios brancos e frescos. Marianne levava-o ocasionalmente a feiras de *design* interior em Fornebu, mas nenhuma das salas com artigos em exposição que ele lá tinha visto se aproximava sequer disto. Olhou para os sapatos feios e sujos e descalçou-os no cimo das escadas.

– O que é que se passa? – exigiu saber a jovem.

Estava parada, com um ar confuso, no meio da sala, a cara voltada para a multidão lá fora.

Munch passou vagarosamente por ela e cerrou as cortinas.

– Porque é que não se senta? Quer um copo de água?

Como se fosse a casa dele e não dela, mas ele tinha percebido imediatamente.

Ela estava em estado de choque.

A rapariga nem sequer sabia onde estava.

– Sim, se faz favor – acabou por responder, deixando-se finalmente cair no imaculado sofá creme.

Munch foi à cozinha e encontrou um copo num armário cujo conteúdo estava, sem surpresa nenhuma, organizado com precisão militar, como todo o restante equipamento da cozinha, e voltou para a sala.

– As notícias? – repetiu a jovem e ficou a olhar para o vazio com o copo à frente da boca.

– Estou aqui para lhe fazer umas perguntas sobre o Roger Lørenskog. É o seu namorado?

– Perdão?

A rapariga ainda não tinha experimentado a água, o copo continuava petrificado no meio do ar, à frente dela.

– O Roger Lørenskog – repetiu Munch. – É seu marido? Namorado?

Finalmente, ela pareceu acordar e compreender a pergunta.

– O Roger?

– Sim.

– O que é que quer do Roger?

– É o seu marido?

Ela bebeu a água, finalmente presente, e sacudiu a cabeça gentilmente, com um sorriso desmaiado nos lábios.

– Não, não. Ele é meu irmão. Ou melhor, meu meio-irmão.

Fredrik e Katja tinham-se-lhes juntado, silenciosa e discretamente, tendo-se sentado numas cadeiras mais afastadas e, mais uma vez, Munch lembrou-se da razão por que os tinha escolhido para a equipa, não como aquele touro numa loja de porcelana, Oxen, que nem sequer era capaz de fazer o raio do trabalho que lhe competia. Munch afastou esses pensamentos. Teria de lidar com Oxen mais tarde.

– O que é que querem dele?

A jovem tinha renascido, a cor tinha-lhe voltado às faces, o copo vazio estava poisado numa base em cima da mesa brilhante à frente dela.

– Porque é que não começamos com uma apresentação como deve ser? – sugeriu Munch, educadamente. – Portanto, chamo-me Holger e os meus colegas são, como já disse, a Katja e o Fredrik, e o seu nome é?

– Natalie – respondeu a jovem. – Natalie Sommer.

– Então o seu apelido não é Lørenskog?

Ela sorriu um pouco melancolicamente.

– Não. Éramos meios-irmãos.

– Eram? – perguntou Munch, olhando circunspectamente para Fredrik e

Katja.

Fredrik encolheu os ombros.

– Sim.

– Ou seja?

– O Roger morreu – respondeu a jovem, quase num murmúrio. –
Suicidou-se. Há seis meses.

Capítulo 62

Mia continuou a descer na escuridão e conseguiu sentir os degraus a ceder sob o peso do corpo, aquela chiadeira a assustá-la. O coração já estava a bater com mais força quando ela parou a meio caminho para permitir que os olhos se adaptassem à falta de luz. Mal chegou ao fundo das escadas, voltou a parar e procurou desajeitada e cegamente um interruptor, mas não encontrou nada nas paredes frias do pequeno corredor; em vez disso, os dedos descobriram um puxador e abriu lentamente a porta da cave.

Uma sala retangular.

Sem janelas.

O cheiro era mais forte aqui, a qualquer coisa podre, quase pungente, talvez uma nova caixa de areia algures.

Não, isto era pior.

Voltou a tapar o nariz com a camisola de corrida e entrou cuidadosamente na sala. Passou a mão ao longo das paredes de ambos os lados da porta e sentiu-se aliviada quando os dedos descobriram aquilo de que andava à procura, um interruptor, e um tubo fluorescente vacilante e crepitante acendeu-se lentamente no teto.

Não conseguiu evitar dar um salto quando os viu.

Os gatos.

Numa guita atada ao teto, onde estavam pendurados pelas patas traseiras. Três.

A caixa de areia suja do andar de cima.

Onde é que estavam os gatos todos?

Pendurados no teto, era aí que estavam.

Na cave.

Mia apertou os lábios com força e empederniu-se. Lutou contra o impulso instintivo de dar meia-volta, correr escadas acima, para a luz e o ar fresco. Respirou calmamente enquanto esquadrihava a sala. Chão de cimento. Alguns tapetes. Nojentos. Um tinha uma mancha enorme no meio. Uma mesa de fórmica com algumas ferramentas em cima. Uma serra pequena. Um martelo. Uma faca comprida e estreita. Um picador de gelo. Um

rolo de linha de pesca. Umas agulhas. Algodão para cozer de várias cores, um par de luvas de jardineiro. Caixas de cartão num canto. Muitas. Beges. Seladas com uma fita larga e azul. Cuidadosamente empilhadas em cima umas das outras. Uma porta ao fundo da sala. Mais sólida. Mia tinha pavor de pensar no que poderia estar atrás dela, mas não havia dúvida de que ele tinha feito o que podia para impedir que alguém descobrisse. Estava reforçada com aço e tinha um grande ferrolho de metal e um cadeado sólido e pesado.

Ok, Mia, não podes ficar aqui.

Sai já daqui.

Telefona ao Munch.

Havia uma secretária num canto. Um candeeiro de leitura verde, do IKEA, uma imitação de um clássico dos anos 1970. Mia atravessou a sala cautelosamente e ligou-o, mas a lâmpada não funcionava. Pilhas de papéis. Um prato lascado, uma fatia de pão seco, meio comida. Um computador portátil preto, um modelo mais antigo, meio aberto, mas que não estava ligado a nenhum cabo. Mia agarrou num envelope na secretária e levantou-o para a luz vacilante. Frank Helmer, Skuronnveien 25. O logótipo no canto direito.

Hospital Psiquiátrico de Gaustad.

Ok.

Agora tudo estava a começar a fazer sentido.

Voltou a poisar cuidadosamente o envelope e recomeçou a examinar a sala.

Mas onde é que estavam os quadros?

Os cavaletes?

As tintas?

Os pincéis?

Ele tinha parado?

Era essa a razão?

Depois do tempo que estivera na Academia das Artes?

Depois de ter sido expulso, tinha desistido completamente?

Desistido de pintar?

E preferira antes tornar o sonho realidade?

Talvez.

Fazia sentido.

Não fazia?

Mas mesmo assim.

Alguma coisa estava errada...

Tinha acabado de tirar o telemóvel da algibeira quando a descobriu.

Lá em cima, num canto.

Uma câmara.

Merda!

Tinha sido demasiado bom para ser verdade, não tinha?

Conseguir acesso?

A porta do jardim sem estar trancada?

De repente, ouviu rangidos lá em cima.

Mia ficou muito quieta.

Escutou.

Não.

Sim, porra, lá estava aquilo outra vez!

Alguém se estava a mexer.

Mas muito silenciosamente.

Para que ela não desse por nada.

Imagens a começar a passar-lhe pela cabeça, enquanto tentava lembrar-se. Lá em cima? Havia lá câmaras? E há quanto tempo é que ela já estava dentro da casa? Vinte minutos, talvez? De repente, ocorreu-lhe.

Ele não vivia ali, pois não?

O cheiro.

A comida a apodrecer.

Olhou rapidamente para a porta trancada com um cadeado.

Isto era outra coisa, não era?

Isto era um sítio que ele estava a vigiar.

Câmaras.

Lá em cima e ali em baixo.

Ele tinha-a visto a entrar.

E agora já estava aqui.

Voltou a ouvir barulhos.

Ouviu o chiar da madeira.

As escadas.

Ele vinha a caminho da cave.

Suavemente.

Merda, merda, merda!

Mia olhou freneticamente à volta, mas não havia nada, nenhum sítio onde se esconder, nenhuma saída, nenhuma janela. Estava encurralada, a única saída era a porta por onde tinha entrado.

O puxador da porta moveu-se para baixo suavemente e, repentinamente, havia uma luz brilhante na cara dela e ouviu-se uma voz horrível e sinistra:

– Quem raio é você?

Mia protegeu os olhos com as mãos, a luz da lanterna a cegá-la.

– Desculpe, é um mal-entendido.

Ele aproximou-se dela.

– Ai sim? Foi o Boromir que a mandou?

– Hem?

– Esvazie os bolsos.

– Claro, mas acalme-se lá.

Mia baixou as mãos, a luz a magoar-lhe os olhos. Virou os bolsos do casaco de corrida do avesso e compreendeu demasiado tarde o que ele a tinha feito fazer.

Um bastão de basebol a voar pelo ar.

Ele tinha-a enganado.

Tinha-a levado a não proteger a cabeça.

– Diga-lhe que eu mando cumprimentos.

Mia só teve tempo de tirar as mãos dos bolsos e de as erguer desesperadamente à frente da cara.

Quando a primeira pancada a atingiu.

Capítulo 63

Munch estava lá fora, na varanda, com o telemóvel colado ao ouvido e Ludvig Grønlie do outro lado da linha. Munch estava desesperado por um cigarro, mas não conseguia decidir-se a fumar porque não sabia onde iria deitar a beata. O exterior da casa estava ainda mais limpo do que o interior. O jardim lá em baixo lembrava-lhe uma cena de uma casa senhorial, até a toalha na mesa debaixo do chapéu-de-sol tinha acabado de ser passada a ferro. Enfiou o maço de cigarros na algibeira da canadiana quando a voz de Ludvig se fez ouvir outra vez:

– Não, não consigo encontrar.

– Então não o temos registado como falecido?

– Não. Definitivamente, não. Segundo o meu computador, ele está vivinho da silva. Roger Lørenskog, nascido a 18 de março de 1967. A morada é Helge Sollies Vei 3, Oppsal.

– Obrigado, é onde estamos agora. Poderá ser um engano?

– O que é que queres dizer com isso?

– Uma falha no sistema?

– É possível, claro, mas nunca me aconteceu.

– Está bem – respondeu Munch, soltando um suspiro. – Verifica. Ainda que tenhas de ir ao gabinete dos registos e encontrar o certificado tu mesmo. Se esse homem ainda está vivo, quero ser informado imediatamente, compreendes?

– Mas ele está vivo – arriscou Grønlie cautelosamente.

– Quero saber se alguém cometeu um erro. Foi da patologia? Problemas com a papelada. Houve algum suicídio há seis meses, nesta morada? É o que eu quero saber, ok?

– Certo – respondeu Grønlie e terminou a chamada.

Munch resolveu fumar à mesma e enfiou um cigarro na boca. Olhou para dentro da sala de estar onde Fredrik Riis estava sentado com o bloco de notas aberto e Natalie Sommer de frente para ele, no sofá. Descobriu o isqueiro no bolso e olhou para o telemóvel, principalmente para verificar se ainda estava em silêncio. Estava sempre a tocar e ele quisera criar um ambiente o mais

calmo possível à volta da rapariga. Mia tinha ligado várias vezes e enviado uma mensagem de texto. Munch estava a preparar-se para a ler quando chegou outra mensagem dela.

Que raio?

Presa na cave. Ele está aqui. Venha.

Munch abriu a porta da varanda de supetão.

– Tenho de me pôr a andar.

Na sala, os olhos abriram-se de surpresa, mas ele nem os viu, já estava a meio das escadas e esquecera-se de que estava a correr para o covil de um leão, em direção a todos os fotógrafos e jornalistas, mas que fossem todos para o inferno.

Na cave?

Resmungou pragas baixinho enquanto corria o mais depressa que podia pelo relvado.

A idiota da rapariga, ele tinha tornado muito claro que ela não devia...

Lentes de câmaras e microfones.

– Munch!

– Prendeu algum suspeito?

Mandou-os embora com um aceno e enfiou-se ao volante com toda a pressa. Agarrou na luz azul, meteu-a no tejadilho e ligou o motor. Lá atrás, a multidão agitou-se, sem surpresa, e viu outros carros a começar a trabalhar e portas a serem fechadas.

Merda!

Carregou no acelerador.

Uma velha com um cão começou a atravessar a estrada à frente dele a passo de caracol.

– Mexa-se!

Martelou no volante, tocando a buzina enquanto fazia o carro contorná-la.

Ok, tem lá calminha, Holger.

Estava numa zona residencial.

Tinha hordas de jornalistas coladas a ele.

Foi forçado a parar novamente, desta vez três crianças de bicicleta, buzinou, subiu o passeio e virou para a Haakon Tveters Vei enquanto se tentava lembrar da rota que tinha seguido para chegar aqui.

Skøyenåsen.

Descer para Østensjøveien.

Teria de fazer o caminho todo até ao Centro Comercial de Bryn?

E apanhar a E6?

E depois virar na estação de Manglerud?

Ou havia um atalho?

Pensa, Holger.

Pensa!

Agarrou no rádio e estava a gritar para o microfone quando foi

novamente forçado a parar, outro pensionista, desta vez um homem.

Munch gesticulou-lhe freneticamente pelo para-brisas.

– Agente de serviço.

– Sim, Foxtrot 13, fala Munch. Preciso de ajuda imediata.

– Ok, 13, onde é que está?

– Perto da Escola de Østensjø, mas não sou eu que preciso de ajuda.

– Ok, 13, de que é que precisa e onde?

O velho já quase tinha atravessado a rua, Munch carregou no acelerador e lançou-se estrada fora, onde felizmente os outros condutores tinham visto a luz azul a piscar e estavam a parar.

– O endereço é Skuronnveien 25, Manglerud, repito: Serra, Ko, Uniforme...

– Recebido, 13.

– Temos algum carro nessa área?

– Tenho dois carros em Ryenkryset. Ocupados com um veículo que se suspeita ter sido roubado. Pararam o condutor...

– Esqueça isso. Redirecione-os imediatamente. Tenho um agente preso numa casa com um potencial suspeito. Potencial perigo de vida. Repito, potencial perigo...

O agente de serviço desapareceu durante um microinstante.

– Confirmo que Foxtrot 20 e Foxtrot 23, a lidar com um incidente em Ryenkryset, foram redirecionados e estão agora a seguir para a morada indicada, Skuronnveien 25.

– Quanto tempo?

O agente de serviço afastou-se por uns instantes.

– Quatro minutos previstos.

– Ótimo, mas digam-lhes para se apressarem. E que tenham as armas a postos.

– Pode confirmar a última instrução, 13?

Malditas regras e malditos regulamentos, os agentes da polícia norueguesa tinham autorização para usar armas, mas estas ficavam guardadas na mala do carro e só podiam ser retiradas com uma ordem direta. Não conseguia imaginar como isso funcionaria no centro de Los Angeles.

– Sim! Que tenham as armas a postos. Tenho um agente em perigo, não me ouviu?

– Mensagem confirmada. Foxtrot 20 e 23, o uso de armas de fogo foi confirmado. A previsão é agora de três minutos e 33 segundos.

– Diga-lhes para mexerem os cus!

Munch atirou o microfone para o lado e lançou o carro para dentro de uma rotunda. Foi forçado a fazer uma travagem repentina quando um BMW branco quase colidiu com um Volvo vermelho.

– Sai-me do caminho, imbecil!

Calminha, Holger.

Vamos lá tentar não matar ninguém.

Deitou uma olhadela ao espelho retrovisor e conseguiu vê-las claramente.

As carrinhas dos *media* com os seus logós.

NRK.

TV 2.

VG.

Dagbladet[s].

Mas não havia nada que ele pudesse fazer em relação a isso.

Ela tinha prioridade.

Obviamente.

Mia, Mia, Mia.

O que é que pensas que estás a fazer?

A culpa era dele, claro que era – outra vez. Contratar uma pessoa acabada de sair da Academia.

– Sai-me da frente, meu estúpido...!

Uma camioneta com o logótipo do IKEA parou num semáforo vermelho no cruzamento junto do Centro Comercial de Manglerud e dali não ia sair. Munch fez marcha-atrás, torceu o volante todo e entrou em contramão, com outro carro a ser forçado a carregar no travão a fundo à frente dele, viu a cara aterrorizada de uma mulher por trás do para-brisas, sendo que agora já conseguia ouvir e ver os dois carros da polícia, o 20 e o 23, as sirenes a uivar ao dirigirem-se para ele. Munch virou para a Plogveien e os agentes seguiram colados a ele. Uma procissão de luzes azuis e jornalistas enquanto as pessoas nos passeios observavam de boca aberta.

Porquê, Mia, porquê?

Voltou a ser obrigado a reduzir a velocidade.

Estava outra vez numa zona residencial.

Sinais de ambos os lados da estrada.

Crianças a brincar.

Os nós dos dedos que apertavam o volante estavam brancos e teve de exercer um autocontrolo extremo para não se limitar a carregar no acelerador.

Vá lá!

Vá lá!

Vá lá!

A estrada estava outra vez desimpedida, graças a Deus!

Não, raios partam!

Um infantário inteiro.

Uma fila de crianças com coletes refletores; formavam um comboio com adultos em cada ponta e já quase tinham chegado a uma passadeira.

Não, não!

Não podia esperar por elas.

Abriu a janela e gritou o mais alto que conseguiu, ao mesmo tempo que acenava com os braços:

– Não se mexam! Não se mexam, ok?

Os professores ficaram mais sobressaltados do que as crianças.

– Fiquem onde estão! Não se mexam!

Ok.

Munch conhecia bem este bairro.

Seguir para a paragem do autocarro.

Virar à direita.

Depois disso, só faltavam algumas centenas de metros.

Finalmente.

Travou a fundo e o carro parou com uma chiadeira do outro lado da estrada, abriu o porta-luvas e tirou a arma.

Ok.

O que é que dizia o protocolo?

Esperar.

Avaliar a situação.

Mas isso que se lixasse.

Ela estava em perigo dentro daquela casa.

Entrar pela frente?

Ou pelas traseiras?

Os outros dois carros da polícia tinham parado atrás dele. Luzes azuis a piscar pela vizinhança fora. Quatro agentes saltaram para a rua, quatro caras igualmente confusas. E depois, outro amontoado de carros logo atrás; jornalistas e fotógrafos a jorrar das portas. Munch agachou-se atrás do carro e fez sinal aos agentes para irem ter com ele.

– É a casa do lado direito dessas duas geminadas. Tenho uma agente encurralada na cave. O suspeito está com ela. Quero que dois agentes sigam para as traseiras, para a porta do jardim que conseguem ver ali. Dois agentes à frente, deem a porta abaixo se tiverem de o fazer...

E foi então que foi interrompido.

Primeiro por um agente da polícia.

Depois por outro.

Com os olhos esbugalhados, alguém lhe tocou no ombro e apontou para o jardim da casa descolorida.

Durante os três segundos seguintes, também ele ficou a ver num silêncio incrédulo.

A porta do jardim foi aberta de rompante por um homem à volta dos 35 anos, que vestia um casaco branco, tinha uma tatuagem no ombro, a cabeça rapada e a mão a comprimir o que parecia ser um nariz a sangrar. Correu como se tivesse o diabo atrás dele, escalou a vedação, tropeçou quando aterrou e olhou por cima do ombro, aterrorizado, enquanto se esforçava para se pôr em pé.

Porque ali estava ela.

Mia

Saiu pela porta como uma pantera e saltou por cima da vedação. O homem tinha acabado de se levantar quando ela voou pelo ar e chocou com

as costas dele. O homem vergou e tombou como uma saca de batatas no chão, com a rapariga superágil em cima dele.

Munch reagiu instintivamente, correu para eles o mais depressa que conseguiu e encostou a boca da arma à cabeça rapada do homem.

Os quatro polícias ainda estavam parados ao pé dos carros-patrolha de boca aberta.

– Alguém me faz a gentileza de trazer um par de algemas? Já, por amor de Deus!

Mia estava de pé, ofegante, à frente dele. Estava a sangrar da boca e tinha um braço caído letargicamente junto ao corpo.

– Estás bem?

Ela assentiu com a cabeça.

– Frank Helmer. Estou a prendê-lo pelos homicídios de Ruben Lundgren e Tommy Sivertsen.

[5] O segundo tabloide mais importante da Noruega. (*N. dos T.*)

Capítulo 64

A esquadra estava em silêncio, mas um ambiente de excitação misturada com alívio preenchia os corredores. Ludvig Grønlie olhou para as horas no relógio de parede e depois no telemóvel. Pouco mais tinha feito ao longo das últimas quatro horas e talvez fosse altura de voltar a ligar-lhe. Ainda que duvidasse que isso fosse adiantar grande coisa. A mulher do departamento de arquivos com quem tinha falado mostrara-se grosseira, quase a raiar o obstrutivo. Lembrara-lhe uma bibliotecária de Nordstrand quando ele era pequeno, que ralhava com as crianças se estas se esquecessem do cartão da biblioteca. Tinha a reputação de ser terrível e os miúdos acabavam por surripiar livros para depois os fazerem regressar à biblioteca às escondidas e devolvê-los. A cara dessa mulher tinha-lhe vindo à cabeça ao ouvir aquela voz maldisposta ao telefone. Bom, nesse caso, precisa de preencher o formulário AR-18 mais os anexos ARF-1 e 2, e depois entraremos em contacto consigo, por norma no espaço de três semanas. Três semanas? Grønlie tivera de recorrer à sua voz mais severa, a que não usava assim tantas vezes, para lhe perguntar se ela tinha andado a ver as notícias. Tratava-se de um caso de importância nacional e ele precisava de uma resposta até dali a duas horas, duas horas essas que já estavam quase a terminar.

Alguém bateu à porta cautelosamente, com Katja a espetar a cabeça lá para dentro.

– Estás ocupado?

– Não, não.

Ludvig fez-lhe sinal para que se sentasse na cadeira de Anja, visto que esta já não ia voltar. Gostava de Katja. Não sabia porque é que ela se vestia sempre como se estivesse a caminho do ginásio ou fizesse parte das Spice Girls, mas que sabia ele de moda? Há 30 anos que já se vestia da mesma maneira e não fazia tentações de mudar. Só quando a loja onde comprava a roupa fosse à falência e ele se visse forçado a arranjar outra, o que o recordou de que talvez estivesse na hora de fazer umas comprinhas, pelo menos umas quantas camisas e uns pares de meias, para que a velhinha loja de roupa para homem se aguentasse, já que, à semelhança de todas as outras onde vivia, se

via ameaçada pelas grandes cadeias que tinham tomado conta do país.

– Ouviste? – perguntou Katja, sacando uma bola antistress do bolso e começando a brincar com ela.

Grønlie assentiu com a cabeça.

– Era difícil de evitar, não era?

– Nunca ouvi o Munch tão furibundo.

Ludvig tinha ido à sala de convívio. Quase tinha entornado o café quando aquilo começou, o barulho a reverberar do gabinete de Munch. Uma diatribe de alguns minutos e, a seguir, tinha-se visto Oxen a sair de lá de fininho, cabisbaixo e todo corado. Só parara junto à secretária, para a seguir colocar os pertences numa caixa de cartão e ir-se embora.

– Imagino que estejas inconsolável – atirou Ludvig com um sorriso.

– Oh, caramba, sim, vou ter mesmo saudades dele. Um tipo adorável. Tão entendido e inteligente. Respeitoso para com as mulheres. Não, agora a sério, Ludvig. Se ele me tivesse provocado mais uma vez, eu tinha...

Levantou a mão e apertou a bola antistress com toda a força.

– E como é que foi aquilo por lá?

– Estás a falar da cave do Frank Helmer?

– Sim.

Katja abanou a cabeça.

– Bizarro. Parecia uma coisa saidinha de um filme de terror. Gatos mortos pendurados no teto. O chão todo manchado. Precisámos de uma rebarbadora para abrir a porta trancada. Disseste que ele tinha sido testemunha num julgamento recente sobre contrabando, não disseste? De acusação?

Ludvig voltou a assentir.

– Então deve ter sido isso que aquilo era.

– Aquilo o quê?

– Aquelas cenas todas que encontrámos lá. Comprimidos. Caixas disso. De todas as formas e feitios. Na maioria, esteroides anabolizantes, mas também fármacos. Incluindo Rohypnol.

– De que ele se serviu para drogar os rapazes?

– Possivelmente, não sei. Conforme te disse, a quantidade de drogas que lá encontrámos era industrial e o nosso assassino só iria precisar de um bocadinho. Isto era uma coisa muito maior, mais organizada, acho que tinha que ver com o julgamento, explica porque é que ele estava disposto a ser testemunha de acusação.

– Para se poder livrar de um rival?

– Parece que sim.

Katja voltou a guardar a bola no bolso e pôs-se em pé.

– Vens? O Fredrik montou um ecrã na sala da investigação. Temos uma videoligação em direto com a sala de interrogatórios. Vão começar daqui a nada. Estamos só à espera do advogado dele.

– Vou já – respondeu Ludvig, olhando outra vez para as horas, para depois fitar o *post-it* amarelo e ligar para o número.

Demorou um bocado até que atendessem.

– Sim, fala a Ragnhild?

– Sim, olá, daqui é o Ludvig Grønlie, da Brigada de Homicídios da Mariboes Gate a ligar-lhe outra vez...

Ruídos de fundo, crianças a berrar, um pavilhão desportivo.

– Sabe que já estamos fora do horário de expediente, não sabe? – retorquiu a voz rabugenta.

– Sim, claro, mas conforme já lhe expliquei, preciso de uma resposta urgentemente. Descobriu aquilo de que eu andava à procura?

Houve um momento de silêncio do outro lado da linha, como se a mulher se tivesse sentido extremamente tentada a desligar, mas depois tivesse acabado por pensar duas vezes.

– Sim, e já lhe enviei a minha resposta.

– O que é que quer dizer com isso?

– A certidão de óbito dele já seguiu pelo correio.

– Ok, então ele morreu mesmo?

Uns aplausos em segundo plano, um árbitro a apitar como se alguém tivesse marcado um golo.

– Sim. Tive de andar um bocado à procura, mas lá encontrei. Não sei o que terá acontecido. Alguém do nosso *staff* deve ter-se simplesmente esquecido de carregar essa informação para a nossa base de dados.

Precisamente. E Ludvig teve um forte pressentimento de quem é que podia ser esse alguém do *staff*.

– Então o Roger Lørenskog está mesmo morto?

– Sim, está morto. E as informações relevantes já podem ser consultadas no nosso sistema, certifiquei-me evidentemente disso.

Fantástico, que maravilha, muito obrigado. Por fazer finalmente o seu trabalho.

– Ok, obrigado.

A mulher carregou no botão de desligar.

Pronto, muito bem. Assunto arrumado.

Ludvig arqueou as costas e a seguir levantou-se da cadeira. Percebeu que já tinham começado, Katja e Fredrik estavam a ver Munch no ecrã, com Frank Helmer e o advogado sentados do outro lado da mesa. Ludvig foi à sala de convívio buscar outro café, levando-o quando se junto a eles.

– Como é que está a correr?

– Chiu, ainda agora começaram!

– Quanto tempo é que estudou na Academia das Artes do Amund Andersen?

– O quê?

O homem da cabeça rapada resfolegou de forma trocista.

– Repita lá isso?

Munch passou-lhe uma folha de papel pelo tampo da mesa.

– Tenho razão se disser que foi você que pintou isto?

– Hã?

Helmer desatou a rir e olhou para o advogado.

– Pintar? Mas passou-se da mona ou quê? Eu nem sequer sou capaz de desenhar um daqueles bonequinhos de palitos!

Capítulo 65

Kevin Myklebust estava sentado, já vestido e pronto, no sofá, a ver a mãe a tirar dos sacos os novos presentezinhos vindos do Centro Comercial Strømmen. Pelos vistos, Ulf gastara bastante dinheiro com ela e, mais tarde, iam ter um jantar todo especial. Lasanha. Que, segundo parecia, Ulf tinha muito jeito para fazer, até tinha uma receita própria, com camadas de massa verdadeiras e molhos a sério. Não daqueles que se vendiam em embalagens na Co-op e a que depois se acrescentava pura e simplesmente água. Como a mãe tinha feito da única vez que experimentara. Kevin tinha perdido a esperança de que pudesse haver qualquer coisa para ele nos sacos das compras. Porque a mãe podia ser assim às vezes, esquecia-se completamente de perguntar se haveria alguma coisa que ele pudesse querer mesmo tendo Kevin deixado já várias indiretas, a mais recente das quais quando os tinha acompanhado até ao carro nesse mesmo dia.

Um carro telecomandado.

Tinha tentado inserir o assunto na conversa para não ser demasiado evidente, para não parecer que estava a pedinchar, já que se havia coisa que a mãe detestava era pedintes. Não havia pedintes onde eles viviam, mas havia-os em Oslo e não trabalhavam nem nada, limitavam-se a mentir e a pedinchar e depois gastavam o dinheiro a comprar casas chiques na Roménia. Ao passo que pessoas como ela, os noruegueses de gema, mal conseguiam receber o subsídio de desemprego.

– Falei com o Ronny e ele está mesmo cheiinho de vontade de ir acampar hoje à noite. Só que é triste que o carro telecomandado dele se tenha estragado porque íamos brincar com isso. Ia ser mesmo fixe, mas, pronto, acho que é mesmo assim que as coisas são.

A mãe tinha saído do chuveiro com uma toalha enrolada na cabeça.

– Achas que eu devia cortar o cabelo?

– O quê?

– Quando lá formos? Ao centro comercial? Aposto que os cabeleireiros lá são muito melhores, não achas?

– Sim, provavelmente são de facto bons.

E depois, mais tarde, enquanto a mãe experimentava várias vestimentas ao espelho.

– O que é que se leva quando se vai ao centro comercial, Kevin?

– Não sei bem, mãe.

– Um vestido, isso será demasiado, o que te parece? É que também não quero chamar a atenção excessivamente, aqui venho eu, olhem para mim com o meu vestido, certo?

– Esse vestido é bonito, mãe. Gosto das lantejoulas, cintilam com a luz.

– Oh, por favor, mas em que é que eu estou a pensar, não vou propriamente a uma festa, pois não? Umas calças de ganga e uma *T-shirt* são a melhor opção, não te parece? Se calhar, aquela camisola preta de gola alta justinha? Chique, mas informal, é só mais um dia normal, só que ao mesmo tempo elegante, hem?

– É uma boa ideia. Faz-me pensar na camisola que eu tinha quando era pequenino, lembras-te? Era azul e tinha uma imagem de um carro. E aquele tipo, o Ivar, costumava fazer de conta que era capaz de me telecomandar e eu punha-me a correr de um lado para o outro, virava para aqui e para acolá, esquerda, direita, parava, fazia marcha-atrás, tinha de obedecer ao que ele mandava.

– Tu sabes que nós não falamos do Ivar nesta casa, Kevin. Oh, já sei! Uns óculos de sol grandalhões. Umas calças de ganga esterlicadas, a camisola preta de gola alta e aqueles óculos de sol? Se calhar, até podia apanhar o cabelo, penteá-lo para lhe dar mais volume e usar um daqueles rabos-de-cavalo bem altos como a Angelina Jolie, o que é que achas?

– Sim, mãe, vais ficar mesmo bonita.

Fizera uma última tentativa quando eles se enfiaram no carro. Ulf estava com um ar distraído, como tantos outros antes dele. Porque queriam a mãe de Kevin, pelo menos durante uns tempos, só que ele estava sempre a intrometer-se-lhes no caminho.

– Ok, divirtam-se. Espero que aproveitem bem. E vejam lá se não batem com o carro no caminho. Porque o tipo que vos viria salvar está aqui mesmo, portanto quem é que vos iria rebocar o carro? Não vai aparecer ninguém. E agora deixem-me telecomandar-vos até entrarem na estrada.

Tinha-se posicionado à frente do carro e fingido que tinha um telecomando na mão, mas não tinham reparado nele. Ulf estava ocupado a olhar por cima do ombro e a fazer marcha-atrás para sair do caminho de acesso e a mãe tinha-se posto a retocar a maquilhagem com a ajuda do retrovisor.

E não havia nada nos sacos para ele.

– Então e afinal quando é que o Ronny chega? – perguntou a mãe num tom de impaciência, deitando um olhar ao relógio de parede junto ao frigorífico como se isso lhe fosse dar a resposta.

– Chega às sete.

– Ok, bom, já não falta assim tanto tempo.

Aproximou-se dele e beliscou-lhe a bochecha como costumava fazer quando queria alguma coisa.

– Kevin, queridinho, por favor, dorme dentro da tenda hoje à noite, de certeza que te vais divertir. Mas olha? Será que não podias esperar pelo Ronny lá fora ou mesmo junto à estrada? É que precisava arrumar a casa e preparar-me, não posso ter este sítio com um aspeto destes quando o *masterchef* chegar, o que é que ele ia pensar? Por favor?

– Ok, mãe.

Kevin levantou-se do sofá e enfiou a mochila às costas.

– Aproveita bem.

– Obrigado, mãe.

Felizmente, não estava a chover.

SETE

Capítulo 66

Munch estava sentado, com a canadiana vestida, à porta do grande gabinete no canto do quarto andar da sede da Polícia de Oslo, acometido, pela primeira vez de que se lembrava, por uma sensação de derrota. Tinha dormido pessimamente. Fartara-se de se virar e revirar na cama, levantara-se várias vezes, pusera-se a passarinhar de um lado para o outro da sala de estar e batera com ambas as canelas na nova mesa de jantar que Marianne tinha comprado, a mulher tinha reordenado a mobília e comprado peças novas. Era assim que ela passava o tempo e alguém lhe podia levar isso a mal? Nestas últimas semanas, Munch mal tinha posto os pés em casa.

O letreiro de bronze na porta reluzente, *Hanne-Louise Dreyer, Comissária*, muito imponente. E ela deixou-o à espera, claro que sim, ele bem podia ficar ali a marinar. Munch tinha-se aproximado demasiado do sol, queimara as asas e agora estava em queda-livre. As capas dos jornais haviam gozado com ele no quiosque da esquina em Borggata; já era a segunda vez em menos de uma semana que ele a fazia parecer uma amadora – e a ele próprio também, claro, mas Munch estava-se bem nas tintas para o que um idiota qualquer achava. Já com ela, a coisa era bastante diferente.

Hanne-Louise Dreyer. Também conhecida como Dragão. Num certo sentido, Munch podia ser ingénuo, até tinha acreditado que talvez lhe fosse calhar finalmente um chefe de quem gostasse, mas também não tinha tido sorte desta vez. Claro que não. Aliás, a situação estava pior do que nunca. Pura e simplesmente, não suportava aquela mulher. Representava precisamente o contrário de tudo aquilo pelo qual tinha lutado no interior da força policial ao longo de já quase duas décadas. Ela nem sequer era polícia. Tinha-se licenciado em Direito e Economia. E sabe lá Deus mais em quê. Tinham-na ido buscar propositadamente, retirando-a de outro cargo de chefia, com o objetivo de *meter todos os departamentos da Força Policial de Oslo, sem exceção, de uma vez por todas na linha*. Na linha? Munch praguejou entre dentes e arrependeu-se de não ter fumado um terceiro cigarro lá fora, já tinha o corpo a desesperar por outro. Na linha, mas que raio é que isso queria dizer? De que barco é que ela julgava que estava à frente? A polícia não era

nenhuma companhia de seguros ou fosse lá onde fosse que tinham desencantado aquela bruxa, em que apenas uma coisa importava. O resultado líquido. O dinheiro. Lucros para os acionistas já supermilionários – era esse o novo objetivo da polícia? Políticos estúpidos e ricalhaços. Munch tinha ido à palestra obrigatória que ela tinha dado a todos os agentes de Oslo de grau intermédio e não havia nada – e não, ele não estava a exagerar – que não tivesse que ver com o resultado líquido. Poupanças aqui. Cortes acolá. Menos disto. E ainda menos daqueloutro. E depois aqueles malditos lambe-botas que só sabiam dar graxa por todo o lado, com os seus uniformes todos janotas, como se isso quisesse dizer fosse o que fosse. Sem surpresa, Munch não tinha conseguido controlar-se. *Então e o que é que fazemos em relação aos mais de 27 mil assaltos e furtos comunicados em Oslo o ano passado, dos quais mais de 85% foram abandonados? As pessoas são atacadas na rua, roubadas, arrombam-lhes os carros, voltam para casa à noite cheias de medo, mas a senhora não quer que nos importemos com elas, é isso que está a dizer? O ano passado, recebemos 2,5 mil milhões de coroas. E, mesmo assim, não resolvemos estes casos? Onde é que achava que devíamos fazer cortes? E porquê? Os estudos mostram todos que quanto mais dinheiro gastamos com a polícia, maiores são os benefícios para a sociedade. Mas onde é que podemos fazer cortes, raios partam?*

É capaz de ter sido da linguagem menos própria. Ou pura e simplesmente do facto de ele ter aberto a boca. A verdade é que a Dragão nunca se esqueceu dessa humilhação.

– A tua mãe nunca te ensinou a ler sempre a letra miudinha?

Anette Goli na noite anterior, a seguir ao desastroso interrogatório a Frank Helmer, durante o qual não tinham conseguido fazer quaisquer progressos.

– Qual letra miudinha? Mas de que é que estás para aí a falar?

– A tua própria brigada. Liberdade total para escolheres a tua equipa. Para conduzires a investigação como muito bem entenderes. Só que pareces ter-te esquecido de que vamos ser avaliados em julho. E já ouviste falar de um conceito chamado orçamentos, não ouviste? Acho que acreditas piamente ser possível viver do ar e do amor, Holger, mas quem é que tu achas que preside à comissão? Quem é que tu achas que decide quanto dinheiro é que nos vão dar para o ano?

– A Dragão?

– Parece-me que seria melhor deixares de lhe chamar isso, mas, sim. É claro que a Dreyer faz parte da comissão de avaliação. E da comissão orçamental. Portanto, está combinado, não é? Amanhã apareces lá no gabinete dela às nove em ponto. Vais bem-vestido. Mostras-te simpático. Não te estou a dizer que precisas de lhe lamber o cu, não, espera lá, é isso mesmo que te estou a dizer. Se ela te mandar saltar, saltas, se ela te mandar rebolar, rebo...

– Ok, ok.

– Amanhã de manhã, às nove em ponto. E tenta ir elegante. Usar uma

camisa e uma gravata por uma vez na vida não te ia matar.

Segundo o telemóvel, já eram nove e dez.

Ele que esperasse ali fora.

Para lhe mostrar quem é que mandava.

Por breves instantes, sentiu-se tentado a levantar-se e a ir-se simplesmente embora, apanhar um pouco de sol, fumar um cigarro ou dois, Jesus, a verdade é que tinha bem mais do que fazer, por exemplo, um caso para resolver.

Munch enfiou uma pastilha elástica de nicotina na boca e estremeceu quando lhe cravou os dentes. Quem raio é que tinha decidido que isto era boa ideia? Inventar uma coisa que sabia a fumo de tubo de escape com sabor a menta para convencer as pessoas a deixar de fumar? Idiotas do caraças. Cuspiu-a, colou-a discretamente por baixo do sofá e procurou tirar aquele sabor nojento da boca com um copo de plástico com água que foi buscar ao distribuidor.

Camisa e gravata o tanas.

Tinha acabado de voltar a sentar-se quando a porta se abriu e a Dragão espetou a cabeça para fora do gabinete.

– Holger Munch. Aqui está você. Entre, entre.

Será que ela estava só a ser simpática ao mesmo tempo que planeava cinicamente lixá-lo?

Não eram todos assim, essa cambada?

Os mandachuvas?

As chefias?

Quem é que era realmente nomeado para estes cargos e porquê? Uns cínicos insensíveis, egoístas especialistas em subir na carreira e trepar por cima dos outros, segundo a experiência dele.

Ok, é melhor inspirares fundo.

Lembra-te do teu orçamento.

Munch espetou no rosto algo que esperava que se parecesse com um sorriso e entrou no gabinete extravagante. Uma vista panorâmica da cidade. Uma secretária de teca descomunal. Uma cadeira muito alta, que lhe lembrava uma coisa saída de um carro de corrida da Fórmula 1.

Porque é que não começa por fazer uns cortezinhos aqui em vez de deixar que as pessoas sofram?

Engoliu o comentário e sentou-se como um menino bonito na cadeira que ela lhe indicou.

– Quer beber alguma coisa? Café? Chá? Ou talvez água mineral?

– Não, obrigado, estou bem.

– Bolos?

A comissária empurrou um pratinho na direção dele.

– Não, não, ando a tentar controlar o peso.

O inspetor deu umas palmadinhas na barriga.

– Holger, oiça bem, Holger. Bom, por onde é que começo?

Dreyer recostou-se na cadeira e juntou as pontas dos dedos.

– Diga-me a senhora. Estou um bocadinho ocupado, portanto seria ótimo se pudéssemos...

A cara aparentemente afável alterou-se de imediato, revelando a sua verdadeira natureza, com olhos frios, lábios franzidos e um dedo indicador a apontar para os jornais em cima da secretária.

– Disto temos de falar de certeza. Atacar um homem inocente? Usar armas de fogo? Em pleno dia? Diante dos *media* noruegueses? Quer dizer, é um bocado extremo, até para si. E quem é que é esta *aspirante a polícia* que ouvi dizer que contratou? É ela aqui nesta foto, não é?

Mostrou-lhe um jornal.

– Ainda nem terminou a formação e já está ao serviço? Não, não, Holger, é mesmo uma pena. Era tudo tão prometedo no começo, não era? Inovador. Uma brigada independente. Será uma tremenda desilusão se tivermos de lhe desativar a equipa passado um único ano...

– Eu só preciso de...

– Já voltamos a esse assunto – atirou a Dragão, voltando a estampar um sorriso falso. – Mas, primeiro, quero aquele relatório que já lhe ando a pedir há... há já duas semanas, não é isso? E é melhor começarmos pelo início.

Abriu um ficheiro que se encontrava poisado à frente dela, na secretária.

– Conforme já disse, nós...

– Só vamos sair daqui quando eu estiver satisfeita, Munch. E depois tomamos uma decisão. Provavelmente, a Anette já o terá informado de que a Kripos já está em *standby*. Um telefonema meu e eles tomam conta do caso. Já agora, ela é muito inteligente. A Anette Goli. Acho que vamos ter de lhe arranjar uma função melhor. Passemos então ao Frank Helmer, esteve várias horas a falar com ele ontem, correto?

– Sim.

– Ponha-me a par.

Munch soltou um suspiro e desabotoou a canadiana.

– Encontrámos um quadro que se assemelha às cenas dos crimes.

– Um quadro?

– Sim. Um cartaz que nos levou a uma exposição. E foi aí que confirmámos que o Frank Helmer o tinha pintado, o que fez que lhe revistássemos a casa em Manglerud.

– Melhor dizendo, invadiram-na. Sem quaisquer provas. Nem um mandado. Sabe que ele se pode safar pura e simplesmente por motivos processuais, não sabe? *Se* por acaso acabar por ser ele o homem de quem andamos à procura, o que não parece ser o caso, não é verdade? Ele não é o nosso homem, pois não?

– Segundo a minha agente, havia vários motivos de suspeita, o que a levou a entrar na propriedade para impedir que essas provas fossem destruídas.

– Hum, estou a ver. Que género de provas?

- Uma fotografia.
- Que ela conseguiu ver do exterior?
- Sim.
- E que era uma fotografia de...?
- Do Helmer. E de uma das tatuagens dele. Um lobo no ombro. Dreyer esboçou um sorriso irónico.

– Pois, foi o que eu li. Que anda à procura de um lobo. Que mata durante a lua cheia, não é assim? Ou será que a sua teoria é a de que ele se transforma num lombo, com uns dentes afiados e tudo? O Munch anda mas é à caça de gambuzinos, não lhe parece?

- Se é que me permite...
- Sim, faça favor. Estou a divertir-me imenso.
- A minha agente...
- Está a falar da Mia Krüger, não é verdade?
- Sim.
- A *aspirante* a polícia.
- Sim.

– Que o Munch contratou ainda antes de ela terminar a Academia, de terminar a formação, de terminar o ano de serviço em regime de estágio, que todos os polícias novatos têm de completar para que possamos perceber como é que interagem com as pessoas, até que ponto estão indicados – *se é que estão sequer minimamente indicados* – para prestar este serviço extremamente importante à sociedade, ou não terei razão?

O inspetor assentiu com a cabeça.

- Obrigada, precisava só que me confirmasse isso. Continue.

– Na cave, ela encontrou alguns gatos mortos e uma divisão trancada, estava prestes a ir-se embora e, seguindo o protocolo, telefonou-me a mim, ao seu superior, mas foi então que se viu surpreendida pelo Helmer em plena cave, com o nosso suspeito a atacá-la com um taco de baseball.

– E, posto isso, ela ripostou, perseguindo-o pela casa fora e dominando-o à vista da imprensa toda que ali se tinha reunido, correto?

- Correto, sim.

Dreyer suspirou e abanou a cabeça.

- E no que é que deu o interrogatório ao Frank Helmer?

– Não foi ele que pintou o quadro.

– Ai não?

– Não.

– E mais alguma coisa?

– Também nunca estudou na Academia das Artes.

– E como é que sabemos isso?

– Fomos lá ontem à noite. Com uma fotografia dele. E ninguém o reconheceu. Nunca estudou lá e, por conseguinte, não foi ele que pintou o quadro.

– Mas o estudante da Academia das Artes dava pelo nome de Frank

Helmer, certo?

– Sim.

– E temos mais algum outro Frank Helmer que possa corresponder à mesma descrição? Porque enviou um desenhador à Academia das Artes, não enviou? Para podermos ter a certeza de que da próxima vez que pusermos alguém a atirar-se a um suspeito, esse homem vai mesmo parecer-se com a pessoa de quem andamos atrás?

Munch aceitou aquilo. Era uma boa sugestão. Devia ter pensado nisso.

– Não, não temos mais ninguém com esse nome que encaixe no perfil e, sim, já enviámos uma desenhadora.

– Então quer dizer que ele usou um nome falso na Academia?

– Sim.

– Mas, ainda assim, é uma ideia um bocadinho rebuscada, não é? Um quadro? Quem é que foi desencantar uma ideia dessas? Olha, este quadro lembra os rapazinhos mortos, bora lá espancar um homem qualquer?

– Fui eu – respondeu Munch, aclarando a garganta.

– Ok – soltou Dreyer com mais outro suspiro, dando um gole no café. – Foi um autêntico golpe de sorte que o Frank Helmer não acabasse por ser um cidadão cumpridor da lei que pudesse processar a força policial por causa do que lhe fizemos. Na verdade, o tipo afinal é... um contrabandista... é isso que nós achamos?

– Comprimidos, esteroides – confirmou Munch com um aceno. – Se é mesmo ele que faz diretamente o contrabando ou se é só o intermediário que guarda o produto, isso já não sabemos, mas passámos o processo à equipa do Andersen, que está a analisar tudo.

– Ok, muito bem. Então está a dizer que eliminou por completo o Helmer da sua investigação?

– Não, por completo, não.

– A sério?

– O Frank Helmer já deu entrada por diversas vezes no Hospital Psiquiátrico de Gaustad.

– E isso é importante porque...?

– Encaixa no perfil do nosso assassino. E no intervalo de tempo entre os homicídios na Suécia e aqui. Julgamos que ele poderá ter estado hospitalizado algures.

– Continua a ser bastante rebuscado, mas, pronto, então porque é que...

Munch inclinou-se para a frente e apontou para o jornal.

– Este homem.

– Ah, sim – atirou Dreyer, com novo suspiro. – Isso também está na minha lista: pôs um agente a apanhar um avião para fazer a viagem toda até Kristiansund. E, mesmo assim, ele não foi capaz de obter as informações de que você precisava. Esse trabalho acabou por ser feito pelo VG, quer dizer, sinceramente, Munch...

– Assumo as culpas por isso – declarou o inspetor. – E já despedi o

agente em questão.

A comissária ficou a olhar para Munch como se estivesse a perguntar-se se ele lhe teria dito a verdade ou então talvez até estivesse mais surpreendida por ele ser capaz de tomar tal decisão.

– Ok, é justo. Mas, quer dizer, o Ole Gunnar Solskjær? Tem noção de que a imprensa vai adorar isso, não tem? Que nos vão fazer passar por completos idiotas?

– Sim, tenho consciência disso. Mas era relevante.

– Porquê?

– Dois rapazes descreveram o assassino, cruzaram-se com ele junto ao campo de futebol de Finstad. O homem coxeava. Explicou-lhes que a lesão que sofreu acabou por o impedir de ter uma carreira como futebolista de topo.

– E você acreditou nisso?

– Não necessariamente, mas vale a pena investigar as pistas todas e era a única declaração que tínhamos por parte de testemunhas.

– Ok, e isso levou-vos – ou melhor, isso levou o jornalista do *VG* – a este homem?

– Sim. Ao Roger Lørenskog.

– E onde é que ele está agora?

– Está morto. Suicídio.

Dreyer voltou a abanar a cabeça e deixou cair o ficheiro em cima da mesa com mais um suspiro.

– O que é que o Munch tem na realidade? Só uma catrefada de disparates? Só poeira nos olhos? Histórias da carochinha e contos de fantasmas sobre lobos, luas cheias e velhos amigos de lendas do futebol que começam a coxear antes de se matarem? Não, assim não dá. A minha ideia era perguntar-lhe também como é que um ladrão de bancos de cadeira de rodas tinha calhado estar a observá-lo na floresta quando você descobriu os corpos, mas acho que já ouvi que chegue.

– Se me deixar apenas...

A comissária ergueu a mão e recostou-se novamente na cadeira.

– Vou ser completamente sincera consigo, Munch, não gosto de si. Nunca gostei de si. Não só pelo seu comportamento e aspeto desmazelados mas por não respeitar os superiores. Não há lugar para gente como você na minha organização. Na minha maneira de ver, você é uma fonte de vergonha para todos nós. Mas...

Tirou os óculos e limpou-os com um pano que se encontrava em cima da secretária.

– Estive a olhar para os seus processos e o Munch tem uma taxa de resolução de casos assinalavelmente boa nestes últimos anos, perto dos cem por cento, e é por essa razão...

Voltou a pôr os óculos.

– Vou dar-lhe 30 segundos para me convencer que a melhor solução seria deixá-lo continuar a liderar esta investigação. Não pegar já no telefone e

passar este caso para a Kripos.

Munch debruçou-se. Virou dois dos jornais para a comissária.

– O Roger Lørenskog. E o Frank Helmer. Dois homens com problemas de saúde mental. E que deram os dois entrada no Hospital Psiquiátrico de Gaustad. Por diversas vezes. E ao mesmo tempo.

– E porque é que isso é relevante?

O inspetor esforçou-se por reprimir a raiva.

– Anda alguém a fazer passar-se pelo Frank Helmer. Ao mesmo tempo que dá a entender que poderá muito bem ser o Roger Lørenskog? Acha que isso é uma coincidência?

Dreyer ficou muito quieta na cadeira muito alta.

– Já foi lá ao hospital?

– É para onde eu vou a seguir. Tenho um carro à espera lá fora.

Mais silêncio por parte daquele rosto carrancudo. E foi então que ela disse:

– Vou dar-lhe dois dias. E desta vez quero que me faça relatórios acerca de tudo, e estou mesmo a falar de todos os pormenores e mais alguns, percebeu?

– Pode ficar descansada – retorquiu Munch.

A comissária fez-lhe sinal para sair.

– Ótimo. E agora já se pode ir embora.

Munch levantou-se da cadeira e enfiou um cigarro entre os lábios.

E foi-se embora sem fechar a porta.

Capítulo 67

Quando Camilla foi à consulta, concluiu que o homem sentado à secretária era doido. Ou então, na melhor das hipóteses, estava a mentir. Inicialmente, tinha ficado convencida de que o homem só estava a dizer o que estava a dizer para que ela se sentisse melhor, era o que costumavam fazer quando estávamos no hospital.

As coisas estão a correr mesmo bem, Camilla.

Estás a fazer imensos progressos, Camilla.

– Consegui arranjar-te emprego. Interessa-te, Camilla? Regressar à sociedade?

Ela? Trabalhar?

Nesse dia, Camilla tinha voltado para casa da policlínica com borboletas na barriga.

Nunca tivera um emprego na vida.

Tinha abandonado a escola aos 16 e desde então que estava apanhada nas garras do sistema.

Hospitalizada e forçada a receber tratamento.

Durante quatro anos.

Embora não fosse verdadeiramente permitido, nos tempos que corriam já ninguém ficava quatro anos hospitalizado em Gaustad. No passado, sim, quando prendiam os pacientes com correias e os lobotomizavam. Nestas mesmas divisões. Que se tinham transformado na casa dela. Bem, não propriamente uma *casa*, só um sítio onde estar, um sítio seguro para toda a gente quando as vozes na cabeça dela se tornavam insuportáveis.

Quatro anos.

Dias nebulosos, num borrão indistinto de medicamentos, sempre novos. E apesar de no começo ter recusado essas drogas, acabou por ceder. Porque funcionavam, ou costumavam funcionar, contra as caras por trás dos olhos dela. As que não paravam de chorar e que às vezes se transformavam em grandes bocarras que lhe gritavam para que fizesse coisas que no fundo não queria realmente fazer.

E quando os comprimidos deixaram de funcionar, tinham-na trancado.

Já não lhe chamavam isolamento. Chamavam-lhe uma unidade vigiada, *para a segurança dela e dos outros*. E a seguir passou lá um tempo até eles perceberem a razão para aquilo e lhe darem novas drogas.

E depois voltou para a enfermaria.

Para o nevoeiro.

E punha-se a percorrer os corredores, para trás e para a frente.

Sem sentir absolutamente nada.

Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, as cortinas de veludo verde, o colchão branco, a foto do cãozinho querido que ela cortou de uma revista, torradas ao pequeno-almoço, a mesma coisa todos os dias, e que se certificavam de que ela comia, pronto, muito bem, e agora bebe um bocadinho de sumo, outubro, novembro, dezembro.

Até que.

Um dia.

Ela devia lembrar-se do nome dele porque o homem lhe tinha mudado a vida.

Egil, era isso?

Não, não era isso.

Mas era qualquer coisa parecida.

Começava por E.

Camilla tinha dificuldades em lembrar-se dos nomes das pessoas.

Tinha lido algures que isso podia ser uma doença, a juntar a todas as outras que já tinha, embora não tão perigosa, só uma coisinha de somenos e inocente.

Dislexia com dificuldade em memorizar nomes.

Não era como os outros problemas no historial clínico dela.

Tantos.

Um a seguir ao outro.

Várias páginas.

Isto

nunca

vai

melhorar

mesmo.

Mais valia terem escrito isso.

Era o que achavam.

Porque é que não despachamos a coisa neste preciso momento.

Poupava-nos a todos uma data de trabalho.

Mas foi então que chegou aquele homem. Era novo na enfermaria. Com ideias diferentes das do *staff* antigo. E, como de costume, tinham-lhe receitado novas drogas. Não, não tinha sido bem assim, menos do que aquilo que já estava a tomar, assim é que era. E cada vez menos, até já não estar a tomar praticamente nada, e durante esse tempo todo, sempre o tal homem e as outras pessoas que ele tinha trazido, a mulher dos caracóis e a mulher ligeiramente

mais nova, dos óculos quase roxos, novas conversas, métodos diferentes, até que o milagre aconteceu.

– Arranjámos-te um apartamento só para ti, Camilla. E, a partir da próxima semana, vamos transferir-te para a policlínica como paciente externa, o que é que me dizes a isso?

Hum...

O quê?

Tinha passado aqueles primeiros dias no apartamento aterrorizada, claro que tinha, ali sozinha, completamente por sua conta e risco, atirada ao mundo, mas tinha ajudado o facto de ser tão perto do hospital que podia lá voltar sempre que quisesse.

E então, um dia, uns quantos meses mais tarde.

Interessa-te, Camilla?

Um emprego no supermercado Rema 1000.

O primeiro emprego dela.

E hoje tinham-lhe ligado.

Como faziam praticamente todos os dias.

– Vamos receber uma entrega daqui a meia hora, Camilla, estás disponível para vir trabalhar?

Claro que estava. Das primeiras vezes, tinha sentido um nervoso miudinho por ter de ir para lá, quase tinha dado meia-volta no parque, mas até parecera que os pés tinham vontade própria, mesmo que a cabeça e os pulmões não quisessem que ela fosse.

No início, tinha-se obrigado a ir trabalhar.

Estagiária.

Era o que o crachá que tinha na *T-shirt* ainda dizia. Uma *T-shirt* azul-escura, com o nome do supermercado, Rema 1000. E umas calças igualmente azul-escuras e um bocadinho desconfortáveis. Ainda assim, gostava do uniforme. Inicialmente, tivera medo que isso pudesse chamar a atenção para ela na loja, que a tornasse demasiado visível, e por isso tinha pedido à chefe para não o usar.

Como é que ela se chamava?

Berit?

Bente?

O que fosse.

A chefe tinha-lhe sorrido e respondido: Desculpa, toda a gente que trabalha para nós precisa de usar este uniforme, mas isso não te torna mais visível, antes pelo contrário, até te torna invisível. As pessoas não reparam na tua cara quando usas um uniforme, veem o uniforme e partem logo do princípio de que já sabem quem tu és. Polícias, carteiros, funcionários de lojas – os clientes limitam-se a pensar: ah, cá está um elemento do *staff*, e não uma pessoa, portanto tornas-te anónima para elas, e não é isso mesmo que tu queres? Sim. Era precisamente isso que ela queria. Não queria falar com os clientes. Talvez um dia, mas agora ainda não. Foi por isso que inventaram os

uniformes logo para começar, sabes? No exército, por exemplo. Se matas alguém, não matas um ser humano, não matas um rapazinho de 19 anos com esperanças de vir a ser contabilista e que acabou de sair de casa. Não, é muito mais fácil quando deparas com um uniforme. Nesse caso, estás perante o inimigo e não um ser humano. A chefe sabia imenso. Falava de muitas coisas de maneira diferente. E mostrava-se compreensiva e atenciosa, quase como se soubesse quem era Camilla. Tinha-lhe dado o crachá. Espetara-lho na *T-shirt*, quase como se fosse uma medalha. Vê só, agora os clientes nem sequer te vão perguntar onde é que as coisas estão. Ninguém pergunta nada a uma pessoa que tenha um crachá de *estagiária*, demora demasiado tempo. As pessoas não gostam de esperar, já reparaste nisso? E isso inclui as pessoas que estão a caminho de casa, onde não vão fazer nadinha de nada, detestam esperar quando estão a fazer compras. Detestam ir para uma fila; se abrimos uma nova caixa, fazem tudo para passar à frente umas das outras, afastam velhinhas, passam por cima de criancinhas, hurra, ganhei, poupei dois minutos, e depois seguem de imediato para casa e enterram-se no sofá a ver televisão horas a fio. É estranho, não é?

Havia três.

A receber formação dela.

Da chefe.

Será que o nome dela era Belinda?

Não, embora isso já fosse mais parecido. Para Camilla, as letras pareciam flores cor de menta a flutuar na água e a saltar de lá sempre que um pássaro passava.

Beatrice.

Era isso, não era?

Qualquer coisa assim.

O que fosse.

A chefe.

E o maneta.

E a mulher pequenina do cabelo espalmado que não era capaz de dizer a letra S.

– Opa de tomate, opa de couve-flor, umo de fruta, ok? A opa vai daqui até ali e o umo de fruta fica acolá.

Era fácil de aprender.

Tinha apanhado tudo à primeira.

Não era minimamente difícil.

Era como se este emprego tivesse estado à espera dela e só dela. Como se os dois juntos pudessem agora mostrar como era àquelas caras todas sentadas atrás de grandes secretárias. Consultas curtas, consultas longas e palavras novas começaram a aparecer-lhe no historial clínico.

Há

indícios

de sobra

que
levam
a
crer
que
a paciente
nunca
será
capaz
de
viver
uma
vida
normal.

Eeeeeeeh...

Mas estamos a mostrar-lhes que isso não é verdade, não estamos?

Tentava ao máximo não falar sozinha em voz alta. Por exemplo, quando se punha a encher as prateleiras com batatas fritas e pipocas e salgadinhos de milho com sabor a queijo e palitos de batata e *snacks* de trigo e Coca-Cola e Fanta e água mineral e limonada e refrigerantes de gengibre e leite magro, meio-gordo e gordo e natas *light* e normais e chantili, mas de vez em quando escapava-lhe uma palavrinha ou outra porque havia tanta coisa para comemorar, e só numa ocasião é que uns adolescentes tinham comentado que ela estava a falar sozinha, mas depois ela tinha sacado simplesmente do telemóvel e começado a falar para ele, o que pareceu dar conta do recado, portanto não havia necessidade de entrar em pânico. Agora já não. Aqui, não.

Nem, no fundo, em mais nenhum sítio.

Quem é que havia de imaginar?

Ela?

A conseguir manter um emprego?

Camilla sorriu e digitou o código da porta.

Agora já sabia códigos.

E este permitiu-lhe entrar.

O relógio por cima do lavatório da sala do *staff* indicava que eram cinco horas, só tinham passado 20 minutos desde que lhe haviam ligado. Gostava de chegar lá cedo para ter tempo de sobra para se mudar.

Vestiu as calças e estava prestes a enfiar a *T-shirt* pela cabeça quando os viu.

Aos jornais em cima da mesa.

O quê?

Mas parecia mesmo que era...

Estarrecida, aproximou-se, ainda com a *T-shirt* meio vestida.

Na primeira página tanto de um como do outro.

Praticamente as mesmas fotografias.

Mas parecia mesmo que era...

Ele?

O rapaz alto e desengonçado?

O que era sempre tão simpático?

Mais o outro tipo.

O da tatuagem no ombro.

Mas porquê?

Folheou muito depressa os jornais.

Não era só na capa, também era em várias páginas interiores.

Roger.

Isso mesmo, era esse o nome dele.

Tinha dado entrada lá por diversas vezes.

Tinham estado lá ao mesmo tempo.

Em Gaustad.

Tal como o outro, mas não durante tanto tempo.

A aprender competências sociais.

Na sala de atividades com os outros. Os dois estavam sempre juntos, costumavam jogar às cartas.

Com aquele terceiro tipo.

O do anel.

Como é que ele se chamava mesmo?

Não se conseguia lembrar.

Foi então que a porta se abriu e a chefe apareceu à entrada, sorridente.

– Olá, já chegou a entrega, estás pronta?

– Já vou.

Camilla acabou de vestir a *T-shirt*, calçou os sapatos brancos, viu-se ao espelho para ter a certeza de que o crachá que trazia ao peito estava no sítio certo e seguiu a chefe para dentro do supermercado.

Capítulo 68

Fredrik Riis entrou na sala da investigação com a baguete e a Coca-Cola e pressentiu de imediato que o ambiente se tinha alterado. As luzes estavam acesas. Não havia nada no ecrã. O projetor estava desligado. E, mais à frente, Munch estava praticamente caído sobre a secretária, com os cigarros ao lado dele e uma chávena de café na mão. Foi só nesse momento que Fredrik se deu conta do espaço que, em termos físicos, Oxen ocupava, com os seus 1,9 metros de altura e mais de 100 quilos de peso, já para não falar no comportamento provocador. Sentou-se ao lado de Katja ao mesmo tempo que Munch se levantou, cruzando os braços à frente do peito.

– Olá a todos. Vamos fazer as coisas de maneira um bocadinho diferente da habitual. Sou o primeiro a reconhecer que já tivemos vários solavancos nestes últimos tempos, portanto está na altura de reavaliarmos a situação, de pensar no ponto em que nos encontramos e em como devemos avançar.

Munch bebericou um pouco do café, coçou a barba e deu ideia de estar a matutar em algo antes de prosseguir.

– Antes de mais, novidades da Mia. Deram-lhe alta do hospital ontem à noite e eu disse-lhe para ela ficar uns dias em casa. Bem vistas as coisas, ela até se safou bem. Tem dois ossos partidos no antebraço e gesso no braço, levou uns pontos na têmpora e ficou com umas fraturazinhas no maxilar, mas, tirando isso, está fina. Manda-vos a todos cumprimentos; obviamente, queria regressar já hoje, mas eu expliquei-lhe que ela precisa de descansar.

– Ontem tivemos uma reunião com a chefia – começou a anunciar Goli, mas Munch interrompeu-a.

– Não, trato eu disso, Anette.

Virou-se para a equipa e levantou as mãos bem alto.

– Muito bem. Conforme a Anette acabou de dizer, ontem estive reunido com a comissária. Chamou-me para me dar uma rabecada, coisa que provavelmente já devia ter acontecido há muito e que é única e exclusivamente da minha responsabilidade...

– Então quer dizer que a Kripas vai tomar conta do caso?

O comentário de Katja suscitou uma vaga de protestos da pequena

equipa.

– A comissária ameaçou isso mesmo, sim, mas eu consegui arranjar-nos um bocadinho mais de tempo, portanto vai continuar tudo como já estava, pelo menos por enquanto. Fui obrigado a contar-lhe uma mentirita inofensiva, mas...

– Espera lá? O quê?

Foi Anette quem voltou a falar.

– Bem, ela não me deu grande margem de manobra. Queria ter uma boa razão para nos deixar continuar a investigar o caso, por isso dei-lhe uma.

Munch encolheu os ombros.

– Então e o que é que lhe disseste?

– Disse-lhe que temos uma reunião no Hospital Psiquiátrico de Gaustad, que temos acesso ao historial clínico dos pacientes.

– Mas não temos, pois não, Holger?

– Não.

– E porquê?

Agora tinha sido Anja Belichek.

Anette soltou um suspiro pesado.

– É muito difícil a polícia aceder a historiais clínicos, sobretudo dos pacientes psiquiátricos, não há como dourar a pílula quanto a isso. Os pacientes internados precisam de dar autorização...

– E o Helmer não fez já isso?

– Não. E mesmo quando um paciente já morreu, precisamos de apresentar um pedido a um juiz e a seguir a bola passa para a família, que tem a possibilidade de pensar no assunto e interpor um eventual recurso. Pode demorar semanas...

– Sobretudo quando não há provas que nos levem a crer que tanto um como o outro sejam o homem de quem andamos à procura, nem suspeitos são sequer.

Katja tirou a bola antistress do bolso e abanou a cabeça.

– Exato – atirou Munch, assentindo.

– Então o Helmer e o Lørenskog já nem estão no nosso radar?

– Continuam a merecer a nossa plena atenção. Na minha opinião, não temos mais por onde procurar e devíamos sem dúvida continuar a escavar nesse sentido. Se acham que estou enganado, estejam à vontade para propor outras ideias. Sou muito bem capaz de não ter tomada as melhores decisões nos últimos tempos e, mais uma vez, a responsabilidade é toda minha.

Ninguém disse nada.

– Ok, então o meu raciocínio é o seguinte: um estudante que dava pelo nome de Frank Helmer pintou o quadro do rapaz com o texugo. Tu foste à Academia das Artes ontem à noite, não foste, Katja?

– Com uma fotografia, sim. E o Andersen confirmou que o homem da foto não era o mesmo que pintou o quadro, nunca o tinha visto na vida.

– E já enviaram para lá um desenhador?

– Não tarda nada ela irá para lá, imagino que tenhamos uma imagem ainda hoje, estou a contar com isso.

– Ok, ótimo. E, ao mesmo tempo, também temos o Roger Lørenskog, que agora já sabemos que está mesmo morto. Obrigado, Ludvig.

– Claro, não tens de quê – retorquiu Grønlie com um aceno de cabeça, sendo que, por uma vez, também estava sentado.

– Portanto – prosseguiu Munch, dando outro gole no café. – Temos uma testemunha que nos fala de um homem que coxeia e que em tempos jogou futebol com o Ole Gunnar Solskjær, e que o VG vai descobrir lá em Kristiansund.

O inspetor estava à espera de uma qualquer tirada sarcástica por parte de Katja, mas que nunca chegou.

– Ora bem, isso é uma história assim para o estranho, não é? Ou até seria se não fosse o tal aluno da Academia das Artes. Porque há aqui um padrão, não há? Ou, pelo menos, na minha cabeça, há. Tem que ver com fazer de conta que se é outra pessoa, não é assim?

Ouviram-se uma nova vaga de murmúrios vindos das mesas. Fredrik também não tinha pensado nessa teoria.

– Temos uma pessoa a fazer passar-se pelo Roger Lørenskog. E temos uma pessoa a fazer passar-se pelo Frank Helmer. Estamos a presumir que se trate da mesma pessoa.

– Isto se esse tal quadro tiver o que quer que seja que ver com isto, e não podemos ter a certeza disso, pois não? – interveio Anja.

– Foi isso que eu pensei inicialmente – respondeu Munch, poisando a chávena de café. – Mas se virmos a casa de outra perspetiva, então já acho que a Mia tem razão. Por que razão é que havia alguém da Academia das Artes de fingir ser outra pessoa? E como é que essa pessoa descobriu esse nome, Frank Helmer?

– Uma completa coincidência?

– Sim, é bem possível, mas quando metemos o Roger Lørenskog ao barulho, como é que ficamos? Porque é que a tal pessoa escolhe logo esses dois nomes e porque é que rouba logo essas duas identidades? Se não tivéssemos também o Helmer, então podia ser qualquer pessoa que conhecesse a história do Lørenskog, concordo. Um velho amigo, um colega de equipa, fosse quem fosse, mas se juntarmos a isso o outro nome, Frank Helmer? Qual é a única coisa – tanto quanto saibamos – que essas duas pessoas e o nosso homem têm em comum?

– O Hospital Psiquiátrico de Gaustad – atirou Katja.

– Exato.

Munch já estava a carburar.

– Passei a noite inteira a dar voltas na cabeça a isto, até que, de repente, se fez luz, e é simples, não é? As hipóteses de o nosso homem saber da história de bola do Roger Lørenskog e, ao mesmo tempo, conhecer também o Frank Helmer são mínimas.

– Sim, mas...

– É verdade que podia ser à mesma uma coincidência. O Lørenskog, o Helmer e o nosso homem. Podem muito bem ter-se conhecido no mesmo clube de *bridge* ou até estarem os três metidos nas negociatas de drogas do Helmer.

– Podem muito bem ter-se conhecido num bar qualquer, talvez sejam adeptos da mesma equipa. Foram ver um jogo...

– Exato, obrigado, Katja, e é precisamente nisso que eu quero que pensemos em conjunto. Em primeiro lugar, estamos todos de acordo que é extremamente provável que haja uma ligação? Que, de uma forma ou outra, o nosso homem esteja associado tanto ao Lørenskog como ao Helmer?

– Sem dúvida – disparou Grønlie, assentindo com a cabeça.

Os outros imitaram-no.

– Ok, ótimo. E sabemos que o Lørenskog e o Helmer estiveram no mesmo hospital psiquiátrico por diversas vezes, creio ter sido na Enfermaria 21, a ala dos psicóticos.

– O tipo *tem* de vir daí – afirmou Katja.

– É o que eu acho, mas vamos manter a mente aberta. Portanto, isso é a primeira coisa, vamos lá tentar ver se somos capazes de chegar a mais algum lado, a qualquer coisa nova, a uma coisa em que ainda não tenhamos pensado.

– E é absolutamente impossível virmos a ter acesso aos históricos dos pacientes de Gaustad? – perguntou Anja, virando-se para Anette.

– Em teoria, é possível, claro que sim – respondeu Goli, soltando mais outro suspiro pesado. – Mas, como eu já disse, é um processo e peras. Primeiro, precisamos de ter motivos válidos para suspeitar da pessoa de cujo historial andamos atrás, mas, mesmo nesse caso, vai sempre demorar bastante tempo. Porque estamos a ir à pesca, é disso que estamos a falar aqui – continuou a explicar, mudando ligeiramente a voz –, *olá, fala da Polícia de Oslo, suspeitamos de uma pessoa que já foi vossa paciente. Infelizmente, não sabemos o nome dela, por isso faziam o favor de nos disponibilizar os históricos clínicos basicamente de todos os vossos pacientes sem exceção?* Ora é evidente que isso nunca vai acontecer, pois não? Portanto, temos de desencantar outra coisa qualquer.

Anette olhou de relance para o telemóvel e rejeitou a chamada.

– Portanto – disse Munch. – Alguma ideia?

– E se falarmos com alguém que trabalhe lá? – sugeriu Grønlie. – Alguém que tenha lá estado durante as datas relevantes?

– É uma boa ideia – declarou Munch.

– Não, não é – interrompeu Anette, rejeitando uma nova chamada.

– Porquê?

– Porque os funcionários têm um dever de confidencialidade. Não podem falar dos pacientes senão, na melhor das hipóteses, perdem o emprego e, na pior, arriscam-se a ser processados.

– Claro, claro – interveio Katja. – Mas isso não é um problema nosso,

pois não? Se alguém revelar acidentalmente alguma informação, de certeza que não me vou pôr a fazer queixinhas dessa pessoa.

– Não, isso é... – começou a dizer Anette, mas Munch sobrepôs-se a ela.

– É sem dúvida uma ideia. Dentro dos limites, claro. Não podemos torcer o braço a ninguém, mas se porventura encontrarmos uma pessoa que não se importe de falar, obviamente que agradeceremos essa amabilidade. Achas que conseguimos arranjar uma lista com toda a gente que trabalha lá no hospital?

– Nem sonhes – atirou Anette.

– Certo, então vamos ter de ser criativos. Como é que conseguimos falar com pessoas que tiveram contacto com estes dois homens durante o período em questão?

– O Helmer é capaz de nos poder ajudar – sugeriu Fredrik. – Afinal de contas, logo para começar, mostrou-se bastante comunicativo. Nós só sabemos as datas em que ele esteve internado em Gaustad porque o próprio Helmer nos disse isso.

– E porque a Mia deu com correspondência de Gaustad na cave dele – acrescentou Katja.

– Sem nenhum mandado – resmungou Anette.

– Claro, mas mesmo assim...

– O Helmer estava todo disposto a palrar, lá isso estava – afirmou Munch. – Até ao preciso momento em que o advogado dele se apercebeu de que não tínhamos provas nenhuma e o mandou calar-se. Desde então, o Helmer ainda não voltou a abrir a boca, mas é óbvio que vale a pena experimentar outra vez.

– Preciso mesmo de atender isto – anunciou Anette, saindo da sala com o telemóvel colado ao ouvido.

– Então e a irmã do Lørenskog? – arriscou Katja. – A Natalie. Ela é capaz de saber mais qualquer coisa. Com quem é que ele se dava, até pode ser que tenha ficado amigo de alguns dos outros pacientes, e também depois de terem saído do hospital, não?

– Boa, Katja. Importas-te de investigar isso?

– É para já.

– Certo, isto é fantástico, pessoal – declarou Munch, pegando na chávena de café. – Mais alguma ideia? Como é que podemos...

Foi interrompido por Anette, que regressou esbaforida à sala.

– Temos outro caso de duas pessoas desaparecidas. Dois rapazes. De 11 anos. Não voltaram a casa depois de terem ido acampar ontem à noite.

– Onde? – perguntou Munch, já em pé.

– Em Løvstad, uma zona residencial perto de Hakadal. Descobriram uma velha casa numa floresta não muito longe. Com os restos de revistas pornográficas que tinham sido queimadas numa pequena lareira no exterior, e mais umas garrafas de gasosa encontradas lá dentro.

– Katja, Fredrik. Vamos para lá em três carros – ordenou Munch, ao

mesmo tempo que agarrava na canadiana e corria para a porta.

Capítulo 69

Mia Krüger estava enrolada num cobertor, sentada numa cadeira defronte das paredes com as fotografias todas, esforçando-se ao máximo por manter os olhos abertos. No hospital, tinham-lhe dado uns comprimidos para as dores e haviam feito questão de que os tomasse, mas ela recusara-se, já estava farta de sabotar o próprio cérebro. Mas a seguir a lamúria provocada pelas dores na têmpora e no maxilar tinha-a feito acordar a meio da noite, o quarto a rodopiar como um carrossel, e por isso tinha cedido, cambaleando para a casa de banho e ficando parada, a balançar-se, diante do lavatório. Um comprimido quando necessário. Tinha engolido três. Desmaiara passados uns minutos e quando recuperou os sentidos viu um sol ainda sonolento e sentiu que a cabeça não queria mesmo nada colaborar.

Merda!

Levantou-se com cautela e arrastou-se até à cozinha. Doía-lhe o corpo todo. Apetecia-lhe imenso um pouco de café, mas optou por chá, pegando na caneca com cuidado e regressando ao calor por baixo do cobertor, sentando-se e recomeçando a fitar inexpressivamente as paredes.

Anda lá, Mia!

Tem de estar aqui algures, não tem?

O telemóvel tocou. Tinha sido assim a manhã inteira. Desta vez era a mãe. A filha estava nas primeiras páginas de todos os jornais e o mais provável era que os pais não tivessem falado de outra coisa com os vizinhos e colegas. Então quer dizer que agora já não há finalmente nenhum problema? Por eu querer entrar para a polícia? Deixou-se de coisas. Estava a ser mesquinha. Claro que podia permitir aquilo à mãe. A filha na ribalta. Sabia que essas coisas tinham peso para ela. Gente importante. Que se destacava. Que captava as atenções. De preferência as dos *media*. Já Mia, se pudesse, teria dispensado o alarido.

Tinha acontecido tudo tão depressa que ela nem tivera tempo para pensar. Limitara-se a reagir instintivamente, erguendo os braços para proteger a cabeça e ouvindo os ossos delicados do antebraço a partirem-se. A dor tinha-a atravessado de uma ponta à outra, explosões de luz à frente dos olhos,

mal tinha sido capaz de se aguentar em pé. A segunda pancada acertara-lhe na cabeça, roçando-lhe apenas a têmpora, por sorte, o que lhe tinha permitido retaliar visto que o corpo dele estava debruçado a seguir ao golpe potente que desferira. Mia tinha-lhe espetado o joelho no estômago com toda a força possível e a seguir dera-lhe um pontapé na virilha e uma cotovelada no pescoço. As posições inverteram-se subitamente, ela já não era a presa. Era a caçadora. O ar atônito daquele rosto cobarde quando o homem se apercebeu de que ela não era uma coitadinha qualquer e desatou a fugir.

Podia ler-se o resto nos jornais.

Porra!

Munch tinha olhado para ela de forma estranha.

Lá fora, no jardim.

Um misto de admiração, mas também de dúvida.

Caraças, quem é que eu acabei de contratar?

Ela percebia-o.

Claro que percebia.

O telemóvel voltou a tocar e Mia pô-lo no silêncio. Desta vez era uma chamada desconhecida. Provavelmente, de um jornalista, mais um.

Incapaz de controlar os impulsos. Tinha-se sentido como um animal. A mostrar uns dentes cerrados. Tinha feito o que qualquer pessoa faria para se defender. Claro que devia tê-lo deixado dar de frosques. E evitado aquele circo todo. Mas tinha sido mais forte do que ela.

Soprou para o chá e tentou concentrar-se nas paredes.

Ele tinha reorganizado as fotos.

No borrão da noite anterior.

Até à ligação mais improvável.

Porque alguma tinha de haver, não tinha?

O que é que liga estas imagens todas?

Os dois rapazes da Suécia.

Oliver e Sven-Olof.

Oliver tinha sido o escolhido.

Porque encaixava no padrão.

Mas como?

Onde é que ele o tinha conhecido?

Ruben e Tommy.

Ruben tinha sido o escolhido.

Neste caso, já tinha mais informações, um homem tinha feito uma abordagem, tentado enganar outros rapazes a ajudá-lo.

Tinha-se feito passar por outra pessoa?

Onde é que isso encaixava?

Também tinha fingido ser Helmer, não tinha?

Ok, não penses nisso agora.

Já sabes isso.

Ele deve ter contactado ambos.

Deve ter-se cruzado com eles a dada altura.

A ligação.

Tem de estar aqui algures, não tem?

Ok.

Os animais.

As beatas.

Onde é que ele desencantou as beatas?

Na Academia das Artes?

Precisamos de lá voltar.

Para falar com os alunos.

Lentamente, as pálpebras voltaram a começar a fechar-se-lhe. Quase deixou cair a caneca e resolveu poisá-la no chão.

Recompõe-te, Mia.

Deu uma estalada na cara com a palma da mão. Foi para a casa de banho enfiar a cabeça por baixo da torneira e regressou com a *T-shirt* molhada, mas agora já só havia um borrão por tudo o que era sítio. Mal conseguia ver as fotografias na parede, o telemóvel brilhou outra vez, mas não teve forças para verificar quem estaria a ligar. As pálpebras pesavam como chumbo e Mia embrulhou ainda mais o corpo frio no cobertor, até que sucumbiu por fim à vontade de dormir.

Não sabia quanto tempo tinha estado fora de combate, mas não podia ser assim tanto. O sol continuava a projetar as mesmas sombras pela sala, na direção de Patrick Olsson, que se encontrava entretanto à entrada, com dois cafés em embalagens para levar e uma expressão de preocupação.

– Estás bem?

Deu um passo hesitante, avançando para a luz da sala. Agora, Mia já só lhe conseguia ver a silhueta. Ainda lhe doía a cabeça e o corpo não compreendia porque é que ela o tinha acordado, estava desesperado por regressar ao calor.

– O quê?

– Estás bem? Resolvi entrar. Comprei café quando vinha a caminho. Queres que eu me vá embora?

Mia recompôs-se, saindo vagarosamente do abismo, pegando no café e endireitando-se com cuidado na cadeira.

– Não, não.

– Tens a certeza?

– Sim, sim, está tudo bem. Estou só um bocadinho cansada.

Afastou o cobertor e levantou-se a custo, ao mesmo tempo que a sala continuava a girar à volta dela.

– Não me importo de voltar mais tarde – disse a sombra escura. – O mais importante de tudo é que recuperes. Que descanses o suficiente.

– Não, não – repetiu Mia, atravessando tropeçadamente a sala até às fotografias que tinha escolhido e espetando o dedo nelas.

– Isto – começou a dizer devagar. – Isto é a chave de tudo.

Se descobrirmos a ligação entre estas fotos, descobrimo-lo.

Ele aproximou-se. Mia ouvia-lhe a respiração, mas continuava a não ser capaz de o ver devidamente, com a cabeça a soçobrar-lhe para o chão quando outro ataque de náusea se apoderou dela. A seguir, um braço no dela, e não tardou a regressar à cadeira, com a janela aberta e o ar fresco a bafejar-lhe a cara quente.

– Não vamos trabalhar agora – disse a voz por trás da silhueta. – Precisas de ir com calma.

– Não, eu...

– Sim, insisto. Já comeste alguma coisa?

Ela abanou a cabeça lentamente.

– Mas isso assim não pode ser, Mia. Precisas de comida. Tens alguma coisa cá em casa que dê para eu te fazer? Ou podemos encomendar?

Mia murmurou umas palavras que nem ela foi capaz de reconhecer e apontou debilmente na direção da cozinha.

– Volto num instantinho – atirou a sombra, desaparecendo para a luz ao mesmo tempo que o telemóvel dela voltava a brilhar.

Um número comprido.

O indicativo do país era o 61?

Raios, quem é que podia ser?

Ouviu uma torneira aberta na cozinha, água na chaleira, a porta do frigorífico a abrir-se, talheres a saírem de uma gaveta.

O telemóvel parou de tocar, mas recomeçou logo a seguir.

61?

Mia acabou por se deixar vencer pela curiosidade, carregando na tecla verde e levando cuidadosamente o telemóvel ao ouvido.

– Está lá?

Um homem falou e a seguir ouviu-se silêncio do outro lado da linha, a pessoa parecia muito distante.

– Estou a falar com Mia Krüger?

– Sim.

– Da polícia norueguesa?

– Sim. Quem fala?

A voz dela parecia não lhe estar a sair da boca.

– O meu nome é Wilfred Hansen. Estou a ligar-lhe porque estive há pouco tempo no meu local de trabalho. Com uma fotografia da minha raposa.

– Da sua raposa?

– Falou com a minha antiga chefe, a Dobrov, lá no NINA, não é verdade?

Aos poucos, Mia começou a recordar-se.

– Ah, sim, sim, claro, olá. O senhor é...

– O aluno de doutoramento que desiludiu toda a gente ao mudar-se para a Austrália, sim. Ela enviou-me a fotografia. Queria saber se eu saberia de alguma coisa. E sei. A raposa que a Mia encontrou morta é a minha raposa. A

minha amiga especial, a Lisa. Custa-me a crer que alguém lhe fosse fazer isso, é...

Palavrões que ela não conseguiu identificar algures lá longe.

– Ok – retorquiu Mia, estava a começar a despertar um bocadinho.

– O que é que queria dela?

– Estava a tentar perceber qual era o território dela – respondeu Mia, pondo-se em pé. – Tinha esperanças de que ela pudesse ter sido marcada com um transmissor ativo para podermos descobrir em que zona é que ela foi morta.

– Mas não tinha – replicou o estudante de doutoramento.

– Pois, já percebi. Infelizmente.

– Mas eu sei onde é que era o território dela.

– Ai sabe?

Mia cambaleou até ao peitoril da janela e deu com uma caneta e uma folha de papel.

– Oh, sim, sei exatamente onde ela vive. Ou vivia. Já lá estive imensas vezes. É praticamente a minha segunda casa. A Lisa era uma mãe incrivelmente dedicada. Sabe, as raposas são capazes de deambular bastante, às vezes, quilómetros e quilómetros, mas a Lisa, não. A Lisa nunca se afastava da toca. Nunca. Por isso, ficámos grandes amigos, nós os dois. Tenho umas fotos lindas dela e de várias das crias, caso queira vê-las.

– Sim, por favor – retorquiu Mia. – Onde é que era o território dela?

– Era em Ålsbygd. Perto de um lago chamado Vassbråa, sabe onde é?

– Não, não posso dizer que saiba.

– Ok, não se preocupe, eu sei as coordenadas de GPS. Não há como não chegar lá.

– E a que distância é que isso fica de Oslo?

– Demora à volta de uma hora e meia, a não ser que fique presa no trânsito.

– Pode enviar-mas, por favor? Para o meu *e-mail*? As coordenadas e as fotos?

– Claro.

Mia poisou a caneta e o papel e deu-lhe o *e-mail*.

– Espero ter podido ajudar.

Já mal o conseguia ouvir.

– Ajudou, sim, sem dúvida, obrigadíssima.

– Foi um prazer.

Mia enfiou o telemóvel na algibeira das calças e dirigiu-se aos tropeções para o corredor.

– Onde é que julgas que vais?

Patrick seguiu-a com um pacote de sopa instantânea na mão.

– Descobri a raposa.

– O quê?

– A raposa assassinada, já sei onde ela vivia.

- Mas...
- Não, vamos para lá agora. Mas, primeiro, temos de ir à Mariboes Gate requisitar um carro. Tem carta de condução?
- Hum... sim?
- Perfeito. Então calce-se.

Capítulo 70

Ludvig Grønlie estava sentado à secretária, a olhar de relance para Anja, que ainda não tinha dito uma única palavra desde a reunião com Munch na sala da investigação, algo que não era nada habitual nela. Normalmente, não parava de palrar, sobretudo com os seus botões, sobre uma ou outra coisa que lhe aparecesse nos ecrãs que tinha pela frente e, inicialmente, isso tinha-o irritado. Até ela chegar, ele trabalhava sozinho e muito confortavelmente, mas não tinha demorado muito a aprender a gostar daquela rapariga, da companhia dela, e agora já não iria querer perdê-la.

– Posso ajudar-te com... – começou a dizer, mas ela levantou a mão.

– Chiu, estou a pensar.

– Ok, claro.

Anja sorriu e correu um fecho imaginário à frente da boca; por uma vez, tinham-se invertido os papéis dos dois. Subitamente, o telemóvel de Ludvig vibrou, com o investigador a ficar surpreendido quando viu o nome de quem lhe estava a ligar.

– Olá, Mia, como é que estás?

– O quê? Olá, sim, estou ótima. Ouve, como é que faço para que me emprestem um carro?

– O que é que queres dizer com isso?

– Como é que eu posso utilizar um dos nossos carros?

– Estão todos estacionados na cave. Com a chave na ignição. Tu sabes o código da porta lá de baixo, não sabes? É igual ao daqui de cima. Mas julgava que tu estavas...

Mia já se tinha ido.

Anja soltou um palavrão e tirou os óculos.

– O que é que se passa? Posso fazer alguma coisa para ajudar?

– Não, não me parece, estou só a tentar lembrar-me de uma coisa.

Passou a mão pelos olhos.

– De quê?

– O Hospital Psiquiátrico de Gaustad. A minha irmã tinha uma amiga. Uma vizinha que nos costumava visitar. Até que um dia desapareceu pura e

simplesmente. E acho que foi para aí que a levaram.

– Para um hospital psiquiátrico?

– Sim. Tenho a certeza de que foi para o Gaustad. Acho que a minha irmã a foi lá ver umas quantas vezes... mas, não, não me consigo mesmo lembrar do nome dela.

Pegou na carteira, tirando-a do chão.

– Olha, vou só sair por um instantinho. Não demoro, ok?

– Ok – respondeu Ludvig, levantando-se também.

Precisava de beber um café para aquilo que estava prestes a fazer.

O sueco.

Porque é que o nome dele não aparecia em nenhum dos ficheiros que lhes tinham enviado?

Ludvig não queria perder tempo a fazer uma nova cafeteira, por isso despejou as borras da velha para a caneca, voltou para o ecrã e abriu a pasta com os imensos ficheiros da Suécia.

Por onde começar?

Matutou nisso um bocadinho e foi então que lhe surgiu uma ideia.

Foi clicando em vários documentos, o que lhe levou algum tempo, mas ali estava ela.

Uma lista.

De pessoas a contactar.

Pessoas importantes.

Da investigação sueca.

Pegou no telefone fixo e ligou para o primeiro número da lista.

– Polícia da zona oeste da Suécia, fala Karin.

– Olá, o meu nome é Ludvig Grønlie e faço parte da Brigada de Homicídios da Mariboes Gate, Polícia de Oslo. Estou à procura de informações acerca do homem que colaborou na investigação dos homicídios do Oliver Hellberg e do Sven-Olof Jönsson.

– Muito bem. Foram tantos. De quem é que está à procura ao certo?

– De um analista comportamental, o Patrick Olsson.

Silêncio do outro lado da linha.

– Não, esse nome não me diz nada, espere só um segundo.

A mulher tapou o bocal com a mão e disse qualquer coisa a alguém que se encontrava na mesma sala antes de regressar a ele:

– Não, não temos aqui ninguém com esse nome, pelo menos que trabalhe para nós. Já experimentou a Unidade Central de Investigação Criminal de Estocolmo?

– É o que vou fazer já de seguida, muitíssimo obrigado.

– Não tem de quê.

Não tardou a dar com o número e ficou à espera de que lhe atendessem a chamada com uma sensação de inquietação crescente.

Com certeza que não pode ser...

Não, isso era impossível.

– Unidade Central de Investigação Criminal, Estocolmo, fala Stefan Holm.

Capítulo 71

A chuva fininha começou a cair no para-brisas do Audi preto quando passaram Sinsenkrysset e deixaram a cidade para trás, um aguaceiro muito circunscrito, que já tinha terminado mesmo antes de passarem pelo hipódromo de Bjerke. Mia só lá tinha ido uma vez, por causa de uma mania que o pai tivera há imenso tempo; ela era capaz de ter uns 10 anos. Corridas de cavalos. Tinha sido mais um dos caprichos dele. Apostar em cavalos. Três horas e mil coroas, saídas do orçamento para as férias, depois, tinham regressado a casa com o rabinho entre as pernas e ela nunca mais o tinha visto ou ouvido a dizer o que quer que fosse sobre cavalos ou corridas. Estavam de volta ao sofá aos sábados à noite com o bilhete habitual da lotaria. E ela ainda se conseguia lembrar do entusiasmo nos olhos dele, aquele segredinho só dos dois. Nesta casa, só jogamos a tostões, nunca na vida iríamos esbanjar dinheiro em apostas. Vinte anos a acalantar esperanças, cinco números certos mais um número bónus era o objetivo, e aquilo que os levava a continuar semana após semana, sempre excitados e na expectativa, Mia não fazia ideia porquê, mas era invariavelmente o mesmo ritual. Piza pronta em cima da mesa. Gasosa para as crianças, mandar calar quem se atrevesse a abrir a boca porque aqui vinham os números da lotaria desta semana. Possivelmente, era uma das recordações de infância que ela mais prezava. Estarem todos juntos, na companhia uns dos outros. As bolas a rolar de um lado para o outro até saírem, uma a seguir à outra, a mãe a berrar de cada vez que tinha a sorte de acertar nuns quantos números. E a seguir, o filme. A noite de cinema ao sábado. Os pais nem sempre tinham escolhido um filme bom, mas isso não parecia importar. O cheiro do pai quando ela se enroscava nele com a taça das pipocas no sofá. Sigrid, que nunca deixava de se rir de tudo e por nada, até com coisas que não tinham a mínima piada.

Patrick lá tinha acabado por descobrir como ligar os limpa-para-brisas, aparentemente não era lá muito fácil de perceber como é que aquilo funcionava, *este carro que mais parece uma nave espacial*, conforme ele se tinha queixado ao fazê-los sair do parque de estacionamento na cave. Mia não conseguia entender porque é que havia de ser assim tão especial, era um típico

Audi 4.2 Quattro com tração às quatro rodas, o último modelo, mas talvez fosse essa a explicação. Provavelmente, o psicólogo guiava um carro antigo. Qualquer coisa nostálgica que lhe assentasse melhor, talvez até se tratasse de um carro clássico, não tinha problemas em imaginá-lo com uma boina de fazenda e um casaco xadrez de flanela ao volante de um MG descapotável, talvez um desportivo vermelho de duas portas de 1961, cachimbo na boca e o cachecol a esvoaçar ao vento atrás dele. Não, se calhar, não. Era muito mais provável que fosse uma coisa simples. Menos vistosa. Possivelmente, um velho Toyota Corolla, bege ou outra coisa qualquer igualmente aborrecida, com manchas de ferrugem aqui e acolá e ar a menos nos pneus, vendo-se e desejando-se para fazer uma subida mesmo em primeira. Esses pensamentos fizeram-na esboçar um sorriso ténue. A vontade de dormir apoderou-se sorrateiramente dela quando o sol regressou e depois de Mia ter conseguido, fartando-se de esbracejar e de apontar, que ele voltasse por fim para a Trondheimsveien. Não era lá grande condutor, o sueco, a carregar uma vez mais no botão errado do volante moderno e a lavar, uma vez mais, o vidro de trás, não que isso importasse. Jesus, demorava imenso, o efeito daqueles comprimidos! Quando é que ela se tinha levantado? Seria possível que tivesse sido às quatro ou cinco da madrugada? E continuava a esforçar-se ao máximo por manter os olhos abertos. Primeiro, absolutamente nenhum analgésico, a seguir, três logo de uma assentada. Era mesmo típico dela. Uma vez mais, incapaz de controlar os impulsos. Outro chuvisco ao passarem Groruddalen. Desta vez, ainda mais leve, o som calmo e viscoso da borracha a arrastar no para-brisas, o ritmo do movimento a embalá-la. Endireitou-se que nem um fuso no banco e sacudiu-se toda para despertar. Tinham parado numa bomba de gasolina da Shell para comprar água e almofadas de *snus* para o sueco. Mia desatarraxou a tampa da garrafa e emborcou metade, tentando afastar o efeito das drogas. Almofadas de *snus*? Ugh, como é que ele era capaz? Basicamente, Mia não conhecia coisa mais nauseabunda. Aquelas novas latinhas com as almofadas que havia nas lojas eram uma coisa, mas gente que espetava os dedos em *snus* solto e depois enfiava o rapé debaixo do lábio? Que tinha gosma castanha a escorrer-lhe dos dentes e da boca, que nojo!

– Sabe usar isto?

Mia sufocou um bocejo e apontou com a cabeça para o GPS portátil que tinha encontrado no porta-luvas, juntamente com um mapa, uma lanterna e uma lista de artigos que deviam estar o tempo todo guardados no carro, incluindo um estojo de primeiros socorros na bagageira. Alguém lá da força policial tinha feito um trabalho e peras. Completo entendimento da frota de carros e daquilo que um agente da polícia do calibre dela necessitaria para um dia normal de trabalho. Sorriu para si própria. Caraças, parecia vir em vagas, o efeito dos comprimidos! Sentiu que aquilo estava outra vez a tomar conta dela, mais uma onda de beatitude a combater as dores, só que as dores não pareceram diminuir de todo. Ouviu o estômago a roncar baixinho e temeu ter de comer qualquer coisa dali a pouco. Tinha experimentado uma barra

energética na bomba de gasolina, mas o maxilar recusara-se a colaborar. Iria ter de ser sopa. Mas por enquanto ainda não, evidentemente. Não seria fácil arranjar um *takeaway* por aquelas bandas. Já tinham deixado os subúrbios para trás e agora viam o que muitos turistas consideravam surpreendente. Aqui temos a capital. E, perlimpimpim, passados dez minutos, já estamos no meio de nenhures.

Ele não a tinha ouvido. Hoje estava com uma disposição estranha, Patrick. Não se mostrava alegre e positivo como era habitual nele. Estava a olhar fixamente pelo para-brisas para o que tinha em frente. As mãos seguravam com força o volante. Mal dissera uma palavra desde que tinham entrado no carro. Talvez tivesse acontecido alguma coisa em casa dele? Pensando bem, onde é que era mesmo a casa dele? Ocorreu-lhe que tinham falado muito pouco dele. Da vida dele. Já não era casado e não tinha filhos, ela não sabia mais nada. Provavelmente, a culpa era dela, tinha estado tão focada nas fotografias.

– Sabe usar isto?

Pegou no GPS cinzento que se encontrava no meio dos dois assentos e estendeu-lho.

– Não me parece que seja muito difícil – murmurou o sueco, não estava mesmo nos seus dias. – É só introduzir as coordenadas e seguir a seta.

– A seta?

– Sim, ou então o som ou as luzes, não sei qual é que será o modelo, achas que podes afastar-me isso da frente? Estou a tentar concentrar-me na estrada.

Oh, pronto, lá se iam as hipóteses de uma conversa simpática e de uma viagem agradável. Mia podia ter guiado até lá sozinha, obviamente, mas não naquele momento, com a cabeça assim, com o corpo assim, por isso não tinha outra escolha a não ser aguentar um condutor entediante, distante e bastante incompetente.

– E é para ir em frente?

Perguntou-lhe aquilo como se tivesse um torcicolo, nem sequer se virou para ela, como se o facto de desviar os olhos da estrada, por um nanossegundo que fosse, levasse ao colapso do universo.

– Eu disse: sempre a direito. É uma hora e meia de caminho. Não há uma única saída até chegarmos a Roa e só vamos lá chegar pelo menos daqui a uma hora. A seguir, temos de virar à direita. Portanto, é para continuar em frente durante uma hora. E depois vamos virar à direita, ok?

Agora estava mesmo a acontecer, a viagem à terra dos sonhos, e desta vez não havia maneira de protelar a coisa. A paisagem linda e monótona lá fora. As árvores a passar velozmente. A vibração dos pneus no asfalto.

– Acho que preciso de descansar. Acorde-me daqui a uma hora, pode ser?

Foi então que ele lhe lançou um olhar rápido, o primeiro desde que tinham saído do centro da cidade.

– Vais dormir? Agora?

– Peço desculpa, mas estou exausta – retorquiu Mia, bocejando e fechando os olhos.

Meu Deus, que maravilha!

– Uma hora, ok?

Mal ouviu a voz dele a responder-lhe já lá muito ao longe.

Capítulo 72

Munch saiu do carro e foi recebido por um homem corpulento de uniforme e com um casaco de cabedal da polícia. Uma voz rude por baixo de um bigode bem aparado, mãos enluvadas:

– Ruud, ao comando das operações.

– O que é que temos? – quis saber Munch enquanto olhava para a casa branca da Block Watne[6] que alguém tinha construído ali no meio da floresta e não perto das outras casas, o que teria sido a opção natural; a restante urbanização ficava mais à frente, logo a seguir à curva, não muito longe de onde se encontravam.

– Dois rapazes, Kevin Myklebust e Ronny Eng, vistos pela última vez perto da casa branca ali à frente, onde o Kevin vive com a mãe, que está... bem...

O agente passou a mão pela cabeça.

– Um bocadinho desnorteada, o que é inteiramente compreensível. Disse que os rapazes iam acampar, mas, tanto quanto conseguimos perceber, não tinham tenda. Contudo, a verdade é que encontrámos um sítio estranho em plena floresta, talvez já o tenham informado disso?

Munch assentiu com a cabeça e tirou um cigarro do maço.

– É a mesma situação com que depararam perto de Finstad? – perguntou o polícia, claramente curioso. – Acha que pode haver uma ligação? Com os rapazes assassinados nesse campo?

– É possível – respondeu Munch ao acender o cigarro. – E a outra família?

Ruud apontou.

– A família Eng vive na urbanização já a seguir à curva. É a casa vermelha, a primeira à direita. Estão histéricos, claro, pedimos-lhes para não saírem de casa e esperarem por informações, mas não me parece que isso esteja a resultar. Creio que o pai do rapaz pertence à Cruz Vermelha e já se puseram a organizar uma equipa de buscas, conforme pode ver, já há gente a caminho.

O agente apontou para a estrada, onde um punhado de adultos

avançavam a passos largos em direção a qualquer coisa, aparentemente um ponto de encontro, no sentido contrário.

– E que passos é que já tomaram?

– Chamámos todo o pessoal que tínhamos disponível em Nittedal. Tenho 11 agentes a bater à porta das casas e a vasculhar o bosque por estas partes.

Soltou um suspiro e voltou a passar a mão pela cabeça.

– Porém, como pode ver, não estamos propriamente no centro de Oslo. Estamos a quilómetros de seja onde for. Com floresta por tudo o que é sítio. Esses miúdos podem estar em qualquer lado. Até é possível que estejam a dormir por trás de um pedregulho, sei lá eu. Mas já contactei a Kripos, só por via das dúvidas.

– E?

– Ora bem, eu sei que eles só levam a sério casos de pessoas desaparecidas quando já passaram pelo menos 48 horas, mas achei que como o que temos aqui se parece com os relatórios que recebemos da vossa parte...

– Absolutamente – retorquiu Munch. – E já as enviaram para o laboratório?

– Enviámos o quê?

– As garrafas que encontraram aqui?

– Não, ainda não, achei que se calhar o inspetor iria querer ver tudo primeiro com os seus próprios olhos. Ver a cena tal e qual demos com ela. No entanto, a nossa equipa forense já lá esteve, a fazer a análise da praxe, à procura de impressões digitais, pelos ou cabelos... sim, já sabe como é.

– Sim, ótimo.

Munch virou-se para Katja, que se estava a aproximar após ter chegado de carro.

– O Kevin vive aqui e o outro rapaz, o Ronny, já a seguir à curva, fazes-me o favor de ir falar com a família dele? Eng, é assim que eles se chamam, não é?

Ruud assentiu.

– Percebe quais é que foram as últimas coisas que os pais saibam que o filho fez e pergunta se alguém terá visto quem quer que seja por estas bandas nos últimos tempos, qualquer coisa de diferente, qualquer coisa de invulgar.

– Ok – atirou Katja, voltando a correr para o carro.

– Porque seria uma coisa que se notaria, certo?

– Desculpe, o quê?

– Alguma pessoa que saltasse à vista. Caso acontecesse qualquer coisa de invulgar.

Munch deu mais uma passa no cigarro e contemplou a paisagem. Floresta. Cumes de montes. Campos cultivados. Não se passava muito aqui por estas partes. O que para eles era ideal. Se qualquer coisa fora do normal tivesse acontecido nos últimos dias, as pessoas teriam reparado nisso. E caso não tivessem?

Então o sacana talvez fosse daqui?

– Mais alguma coisa? – perguntou Munch enquanto tirava as botas de borracha do porta-bagagens do carro.

– De que género?

– Qualquer coisa de invulgar? Alguém disse alguma coisa? Alguém destacou o que quer que seja? Estamos na província e as pessoas da terra gostam de falar umas das outras, não gostam?

O polícia hesitou e, a seguir, lançou um olhar à casa branca.

– Bom, não sei se devíamos prestar grande atenção a isso, mas o homem que ali vive, as pessoas falam bastante dele.

– Ai falam? E quem é que ele é?

– Chama-se Wennberg. Vive sozinho. É um homem já com alguma idade, pelo que me foi dado a entender.

– E o que é que as pessoas dizem?

Munch atirou a beata para o chão e calçou as botas.

– Oh, são só mexericos. Que ele é um estranhão. Que olha para as crianças. Que empalha animais. Que as pessoas têm medo de ir lá ter com ele.

– Certo, e já foi falar com ele?

– Não, ele não está – respondeu o agente, avançando à frente de Munch pelo caminho de gravilha que ia dar à casa. – Quer falar com a mãe primeiro?

– Com a mãe do Kevin?

– Sim.

– Não, tratamos disso depois, diga-lhe só para não sair de casa, gostava de ver a cena do incidente. O sítio onde acha que os rapazes passaram a noite, não foi isso que disse?

Contornaram a casa e embrenharam-se na floresta cerrada.

– Supostamente, eles iam acampar. Mas, conforme já expliquei, não encontrámos nenhuma tenda, embora tenhamos de facto encontrado uns sacos-cama e uns quantos *snacks* mais à frente, portanto partimos do princípio de que estiveram ali a dada altura.

– E ontem quando é que eles partiram?

Munch deu um pulinho por cima de um pequeno regato e baixou-se para evitar um galho volumoso.

– Por volta das sete da tarde. A mãe do Kevin tinha-lhe dito para esperar à porta de casa pelo Ronny, depois foi tomar um duche e quando foi lá fora, os dois rapazes já lá não estavam.

Estava a ficar mais húmido, sentiam o terreno lamacento por baixo dos pés. Munch afastou-se ligeiramente do trilho, tendo de desviar ainda mais ramos.

– E quando é que comunicaram que eles estavam desaparecidos?

– Recebemos um telefonema às 11 da manhã. Da mãe do Ronny Eng. O rapaz era para ter chegado a casa até às nove porque iam comemorar o aniversário de um familiar. As ordens eram claras. Sim, podes ir acampar, mas não podes chegar depois das nove. O rapaz até levou o despertador. Também encontrámos isso.

O chão já estava um bocadinho menos molhado, pantanoso, com o sol a incidir de repente sobre eles através de uma abertura entre as copas das árvores, sendo que, excetuando isso, continuavam cercados pela floresta cerrada. Munch ouviu algo a tocar-lhe dentro da algibeira, enfiou lá a mão e tirou o som ao telemóvel.

– E a mãe do Kevin?

– Demorámos bastante tempo a conseguir despertá-la. Quando lá acabou por acordar, não percebeu grande coisa. Era quase como se tivesse esquecido de que o filho não estava em casa. Uma coisa é certa, não tinha dado pela falta dele. Estava um bocadinho aturdida, para não irmos mais longe.

– Negligente?

– O que é que quer dizer com isso?

– Quero dizer: qual foi a primeira impressão com que ficou dela? Da casa? Pareceu-lhe um daqueles pais responsáveis, com tudo em ordem, ou era mais do género de poder nem sequer reparar que o filho não tinha regressado?

O polícia olhou para ele com uma certa curiosidade.

– A segunda hipótese, possivelmente. Mas isso interessa?

– Tudo interessa, evidentemente.

Munch parou para recuperar o fôlego.

– Ainda falta muito?

– É já a seguir àquele montezinho.

Ruud deu um passo para o lado e continuou a avançar à frente dele, pelo meio da urze.

[6] Empresa de construção civil norueguesa, a maior em toda a Escandinávia durante a década de 1980. (*N. dos T.*)

Capítulo 73

Anja Belichek estava parada à entrada do bloco de apartamentos verde-claros na esquina da Kierschows Gate com a movimentada Uelands Gate, perdida em reminiscências acerca da infância e da altura em que ela, a irmã e a mãe tinham abandonado a Polónia para se poderem voltar a juntar finalmente ao pai, que já havia partido há tanto tempo para o frio do norte. Não eram recordações inteiramente positivas, não, não se podia dizer que fossem. Felizmente, para todas as pessoas que lá viviam atualmente, o bloco de apartamentos tinha sido renovado por completo, estando em muito melhores condições do que quando lá tinham chegado, mas a localização continuava a ser igualmente má, numa rotunda, com o autocarro da carreira 20 e imenso trânsito a passar mesmo à frente das janelas. Um apartamento no rés-do-chão, e a funerária continuava a estar logo ali ao lado. Anja tivera de tranquilizar a irmã vezes sem conta, abraçá-la com toda a força e confortá-la por baixo do edredão na cama exígua. Vivem mortos nesta casa. Não, Zofia, não. Sim, é o que diz ali nas janelas, diz funeral, é quando as pessoas são enterradas no chão, entre morrerem e irem para o céu. Ficam deitadas aqui ao lado e falam comigo. À época, a irmã tinha 6 e ela, 8, e, por uma razão ou outra, a irmã mais nova tinha aprendido depressa aquela nova língua, falava-a fluentemente com toda a gente com quem se cruzava passados apenas uns meses. Para Anja, as dificuldades tinham sido muitas. Durante bastante tempo. Sentia-se estranha e uma forasteira na escola de Lilleby, que tirando isso era muito agradável e ficava ao pé do elétrico. Ao longo de quase um ano na terceira classe; tinha deixado de ser o centro das atenções na turma de onde vinha, a terrinha de Weselno, para se transformar numa mera espectadora naquela cidade grande e estranha.

Todavia, as coisas lá tinham acabado por resultar. Devagar, mas sem passos atrás. O novo normal. Tinha-se adaptado à novidade, aliás, até tinha começado a gostar disso.

Sorriu para si própria e avançou para a porta do prédio, com as placas a identificar quem lá morava.

Camilla.

O nome tinha-lhe estado na ponta da língua o tempo todo, só foi preciso telefonar à irmã para lhe reavivar a memória.

Camilla Holt.

Tirou o telemóvel da carteira e procurou o número da irmã.

– Fala a Zofia.

– Oi, não tinhas dito que ela ainda vivia no nosso antigo prédio? Não estou a ver o nome dela aqui na porta.

– Ai não? Pois, já não me lembro ao certo. Espera, lembro-me, sim, tens de procurar o nome de uma empresa ou coisa que o valha, e esse nome ainda aí está na porta. Mofiss? Lofiss? Não será qualquer coisa do género?

– Slowpace, Lda.?

– Sim, é isso.

– Mas isso não tem nada que ver com o que tu disseste. Mofiss?

– Ah-ah. Já agora, porque é que queres falar com a Camilla?

– Já te disse.

– Não, disseste que não me podias dizer, que tinha que ver com o teu trabalho, não era?

– Exato.

– Oh, vá lá!

– Não, talvez mais tarde, mas agora, não.

– Pff. Olha, se ela não estiver, às vezes trabalha no Rema 1000 de Mogata. Mesmo ao lado do Salon Habib, sabes onde é que isso fica?

– Sei, sim, obrigada.

A irmã não desligou.

– Vá lá, conta-me lá!

– Não.

– Oh, vá lá! Tem que ver com os dois rapazinhos encontrados no campo?

– Noutra altura – respondeu Anja, terminando a chamada e largando o telemóvel dentro da carteira.

Voltou a olhar com atenção para os nomes ao lado das campainhas.

Slowpace, Lda.

Levou o dedo à campainha e ficou à espera depois de tocar.

Nada.

Experimentou mais uma vez, mas continuaram a não atender.

Ok.

Próxima paragem, Rema 1000, em Mogata.

Tinha acabado de atravessar na passadeira e já estava a avançar pelo parque quando viu uma figura a aproximar-se.

Escanzelada.

Cautelosa.

Escondida debaixo de um grande capucho.

A rapariga deu um salto quando Anja disse o nome dela:

– Camilla?

De olhos assustados, a rapariga parou defronte dela e olhou em volta.

– Sim?

– Lembras-te de mim? Sou a Anja. A irmã mais velha da Zofia.

Uma expressão de lento reconhecimento no rosto pálido da rapariga.

– Ah... pois. Olá. Já lá vai algum tempo. Ainda aqui vives?

– Não. Vim cá para falar contigo.

– Comigo? Porquê?

– Tens uns minutos? Será que podíamos ir para o teu apartamento?

Capítulo 74

As distâncias entre as casas foram aumentando cada vez mais e, depois de saírem da estrada número 4, deixaram praticamente de as ver por completo. Uma ou outra tinha sido construída por ali, sem nenhuma razão evidente, já que estavam mesmo no cu de Judas. A aldeia habitada mais próxima era Gran, mas o guia da NAF^[7] que Mia tinha descoberto no porta-luvas dizia que esse sítio também era conhecido como Vassenden, ninguém sabia porquê, mas pelo menos havia quem lá morasse. Numas férias de carro com a família nunca podia faltar o guia da NAF. Regressou-lhe outra recordação de infância, ou várias, aquilo parecia uma daquelas viagens entre os 8 e os 15 anos dela em que a família fazia cada vez mais férias de carro porque eles não iam para o Mediterrâneo como as pessoas normais. Não. Ah pois não, iam calcorrear o país de um lado para o outro. As férias tradicionais norueguesas. Cascatas, espaços amplos, florestas densas e tendas que nunca protegiam da chuva. A mãe sempre na dianteira, sempre a mais entusiástica de todos. A ler em voz alta o que o guia vermelho da NAF tinha a dizer acerca dos sítios por onde iam passando. Mia tinha acabado por compreender que isso era a maneira de a mãe acrescentar algum interesse àquelas férias incrivelmente chatas e compridas, mas, aos 13 anos, tinha-se rebelado por fim. Por favor, mãe, não consigo aguentar mais conhecimentos sobre estes sítios todos. Sim, mas diz aqui que esta cascata tem uma queda-d'água com mais de 200 metros. Imaginem só, meninas, uma queda-d'água com 200 metros? Eu sei, mãe, mas temos mesmo de ler sobre isso? Não podemos simplesmente olhar para a cascata quando lá chegarmos? Mia não fazia tenções de assumir o papel da mãe e pôr-se a perorar para o psicólogo sueco sobre a geografia local norueguesa; estava apenas a consultar o guia por causa do mapa.

Já tinham passado Gran, também conhecido como Vassenden, há dez minutos. Agora já não havia nada onde estavam. Exceto uma casa. Por um motivo qualquer. Uma casa e um armazém. Venda de pneus e oficina. Bem, e porque não? Com certeza que a renda aqui no meio de nenhures devia ser mínima, certo? E qualquer sítio servia para arranjar carros. Era uma boa ideia, embora fosse provavelmente uma coisa bastante solitária. No entanto, depois

disso, não havia mais nada. A estrada estreitava-se e era como se a floresta agora os consumisse. Prosseguiram a passo de caracol por entre espruces frondosos, e de vez em quando Mia ia tendo um vislumbre de um lago cintilante ou de um pequeno rio. Que paisagem espantosa. Pegou de novo na garrafa de água. O que teriam aqueles comprimidos? A sonolência parecia tomar conta dela por vagas, tinha sido assim o dia inteiro.

– Pode ir mais depressa, Patrick, acho que aqui o limite é de 80 quilómetros por hora.

– O quê?

Patrick continuava a fitar o que tinha pela frente, não estava mesmo a ter um dia muito famoso. Talvez o estômago estivesse outra vez a causar-lhe problemas. Mia não queria perguntar, não o conhecia assim tão bem. Na verdade, não o conhecia de todo.

– Oitenta – disse ela num tom deveras impaciente, apontando com os dois indicadores para o para-brisas. – Já só faltam 12 quilómetros até ao nosso destino, mas, a esta velocidade, só lá vamos chegar no fim de semana. Acha que podia pisar um bocadinho mais a fundo no acelerador?

– O quê? Oitenta?

O conta-quilómetros no painel de instrumentos indicava pouco mais de 50.

– Sim, 80. Um oito e depois um zero.

– Julgava que ainda há pouco dizia 30, não foi?

– Sim, quando passámos por uma escola, mas agora já não há para aqui ninguém, por isso carregue-me nesse pedal. Tirou mesmo a carta, não tirou?

– O quê?

Foi então que ele se virou por fim, inicialmente um bocadinho irritado, mas depois o rosto suavizou-se-lhe com um sorriso. O primeiro daquele dia.

– Oh, és tão engançada, Mia.

Mia descalçou os sapatos e pôs os pés em cima do painel de instrumentos.

– Pois sou, não sou?

– Sim, muito engraçada. Mas não estás enganada.

– O que é que quer dizer com isso?

Passaram por um sinal com uma imagem de um alce. Mia já tinha ouvido dizer que os campistas engraçavam com eles e os costumavam desatarraxar para os levar para casa como troféus. Os habitantes locais não percebiam isso, mas era provavelmente equivalente ao entusiasmo dela por ver um sinal que mostrasse um canguru.

– Não, já foi referido.

– O que é que já foi?

Patrick deixou escapar um suspirozinho.

– Bom, o meu médico explicou que talvez fosse melhor eu começar a usar óculos, não só ao computador mas também quando conduzo.

– O quê? E só agora é que me está a dizer isso?

- Não há problema desde que eu guie devagar.
- Oh, que espetáculo! Então isto é que é a sua velocidade máxima?
- Já não estamos muito longe, pois não?
- Não, não estamos.

Mia fechou a janela no momento em que a clareira terminava e a floresta cerrada os engolia uma vez mais. Agora, a estrada era, se possível, ainda mais estreita e foi então que, subitamente, o asfalto chegou ao fim. Os pneus a fazer levantar as pedrinhas ao passarem para o caminho de gravilha.

– Eu devia assinar o teu gesso – afirmou Patrick apontando com a cabeça para o braço dela.

– Prefiro-o branco.

– Sem um W?

O sueco lançou-lhe um sorriso sardónico.

– Não me parece que isso fosse apropriado.

Outra vaga de sonolência apoderou-se dela sem aviso e Mia teve de abrir outra vez a janela.

– Mas que raio é que se passa com estes comprimidos?

– Sentes-te maldisposta?

– Parece ir e vir. Estou bem durante algum tempo e depois, de repente, pumba, afetam-me.

– Se calhar, são de libertação prolongada.

– O que é isso?

Agora foi a vez de Patrick rir-se.

– Não sabes o que é que são comprimidos de libertação prolongada?

– Não?

– Tomas um comprimido e o efeito dura 24 horas. Vai libertando a dosagem ao longo desse período de tempo.

– Hã, o quê?

– A sério, não sabes mesmo do que é que eu estou a falar?

– Não costumo propriamente tomar analgésicos, acho que já não enfiava nenhum desde os 12 anos.

– E o que é que te deram?

– Tramo e coisa e tal? Ou seria trama?

– Tramadol?

– É capaz de ter sido.

Mia bebeu outro gole de água e apoiou a cabeça no encosto.

– Ok. Então boa sorte. Isso é um opioide. Quando é que tomaste o último?

– Que tomei o último?

– Sim?

– E se tivesse tomado três?

Patrick quase travou a fundo.

– O quê?

– Hipoteticamente, sim.

Aquela sensação maravilhosa de cansaço regressou ao mesmo tempo que a floresta se abria e o sol lhe batia na cara.

– Tomaste três Tramadols? Acho que hoje vai ser um dia bastante comprido. O melhor é deixares-te dormir, Mia.

[7] A federação norueguesa de automobilismo. (*N. dos T.*)

Capítulo 75

Munch saiu da floresta ao mesmo tempo que Fredrik Riis subia o caminho de gravilha a seguir à casa branca.

– O que é que lhe parece?

– É o nosso homem, não há dúvida – respondeu Munch, tirando os cigarros da algibeira.

– Tem a certeza?

– É o mesmo *modus operandi*, sem tirar nem pôr. Revistas pornográficas na cabana. Os rapazes não lhes parecem ter achado piada porque as queimaram numa fogueira, mas há pedacinhos de fita-cola nas paredes.

– Merda! – murmurou Riis. – E também há gasosas e por aí fora?

Munch assentiu com a cabeça.

– Quatro ou cinco garrafas. Duas à entrada; o tempo ontem à noite estava bom, não estava?

– Em Oslo, sim, mas por estas bandas? Não sei.

– Imagino que tenha estado igual por aqui, provavelmente sentaram-se lá fora. A aproveitar o sol. Se calhar, também lá dormiram. Ele deve tê-los levado para outro sítio durante a noite. Deste com umas marcas feitas por uma moto-quatro ao pé da carrinha queimada, não deste?

– Reconhecê-las-ia em qualquer lado.

– Ótimo, há por ali outro trilho, não muito afastado da cabana. Deve ter sido assim que ele os levou. O terreno está razoavelmente seco, portanto não vi nenhuma marca de pneus, mas ainda assim tenta seguir esse percurso.

– Assim farei – retorquiu Riis, desaparecendo floresta dentro.

Munch acendeu um cigarro e aproximou-se da porta da frente da casa branca.

O velho de quem os habitantes locais haviam falado.

Dizia Wennberg numa placa já gasta junto à porta.

Wennberg?

W?

Munch dirigiu-se para as janelas, mas não conseguiu ver grande coisa.

Uma voz rude nas costas dele fê-lo virar-se.

– Desculpe lá, o que é que julga que está a fazer?

Um rosto envelhecido. Cabelo a ficar grisalho. Olhos negros a fuzilá-lo. Mangas da camisa arregaçadas, tatuagens nos antebraços. Um pastor-alemão numa trela, que, à semelhança do dono, não parecia apreciar muito desconhecidos.

– Munch, Brigada de Homicídios de Oslo – apresentou-se Munch, mostrando-lhe o distintivo.

O homem examinou-o com atenção.

– O que é que quer de mim?

O pastor-alemão arreganhou os dentes.

– O senhor mora aqui?

O homem assentiu.

– E já soube do que aconteceu?

O homem voltou a assentir, poisando a mão na cabeça do cão e fazendo-o sentar-se tranquilamente.

– Não posso dizer que me surpreenda.

Passou por Munch e começou a subir os degraus de metal desengonçados. Enfiou a chave na fechadura e deixou entrar o cão.

– O que é que quer dizer com isso?

O homem fechou a porta para o cão não sair e voltou para perto de Munch.

– O que eu disse. Do rapaz ruivinho não sei, mas conheço bem o Kevin. Já são meus inquilinos há imenso tempo.

– Ai sim? E, como é evidente, não faz ideia de onde possam estar, certo?

– Não, não sei. Caso contrário, não estava aqui especado.

– Então e como é que sabe que o outro rapaz é ruivo?

O homem soltou uma gargalhada.

– Ah, é essa a sua estratégia, senhor inspetor espertalhão da nossa grande capital? Claro que sei como é que o Ronny é. Ele é o único amigo do Kevin.

Sentou-se no degrau de baixo e começou a descalçar as botas pesadas e lamacentas.

– E costuma ter muito contacto com eles, ou seja, com os seus inquilinos? O Kevin e a... estamos a falar de uma mãe solteira, não é assim?

O homem rosnou com escárnio:

– Mãe é um exagero. E solteira? Para aí uma vez por mês. Aquele sítio até parece ter portas giratórias, já desisti de tentar estar a par.

– E dá-se bem com eles? Eles nunca o incomodaram fosse de que maneira fosse, pois não?

O homem voltou a escarnecer:

– Está a sugerir que eu possa ter raptado dois rapazes porque a mãe de um deles nunca paga a renda a tempo? Não me parece, meu jovem. Não me parece.

Pôs-se em pé e cuspiu para a gravilha.

– Mais alguma coisa? É que tenho mais que fazer.

– Claro – respondeu Munch. – Não, por acaso até há mais uma coisa, sim. Sabia que há uma cabana velha ali mais à frente na floresta?

O velho olhou por entre as árvores.

– Foi para aí que eles foram? Para a cabana de caça?

– A cabana de caça, isso quer dizer que a conhece?

– Claro que conheço. Fui eu que a arranjei para ele.

– Arranjou-a para o Kevin, o rapaz que mora no apartamento que o senhor tem naquela cave?

– Sim.

– E posso perguntar porquê?

O homem pôs-se a fitá-lo e, a seguir, passou a mão pelo queixo.

– Tem pai, senhor inspetor?

– Já não, mas, sim, porquê?

O homem fechou o punho grosseiro no puxador da porta e olhou uma vez mais para a floresta.

– Eu cá não tive nenhum, nem o Kevin. E alguém tem de tomar conta dele, não acha?

– Compreendo – retorquiu Munch, assentindo com a cabeça.

– É tudo?

– Para já, sim, obrigado.

Munch apagou o cigarro na bota e estava a contornar de novo a casa quando o telemóvel voltou a vibrar-lhe na algibeira. Desta vez, puxou dele e viu todas as chamadas perdidas. Suspirou, acendeu mais um cigarro e atendeu:

– Despacha-te, Ludvig. Estou mesmo aqui a meio de uma coisa.

Capítulo 76

Patrick ergueu o GPS para o céu enquanto o tempo mudava. Nuvens cinzentas deslocavam-se pela vasta paisagem, a primavera ainda não tinha chegado até aqui, no meio do nada, pelo menos sob a forma de temperaturas mais amenas. Mia apertou mais o casaco contra o corpo ao mesmo tempo que o sueco voltava a olhar para o ecrã.

– É suposto ser por aqui.

– Por aqui, aqui mesmo, ou algures aqui perto?

Patrick soltou um suspiro e passou-lhe o aparelho cinzento.

– Experimenta tu.

Mia abanou a cabeça e observou o terreno em redor. Felizmente, não tinham precisado de se afastar muito da estrada. Tivera a clarividência de trazer as botas de caminhada, mas Patrick estava vestido como se fosse a um bar.

– Mas isso interessa verdadeiramente?

– O que é que quer dizer com isso?

O psicólogo avançou pelo meio da urze para ir ter com ela.

– Bom, ela esteve algures nesta zona, não esteve? A raposa? Tenho as coordenadas do australiano, por isso já está feito, não está?

Patrick soprou para as mãos para as aquecer.

– Já está feito o quê? O que é que está a dizer?

– Interessa realmente que encontremos o território propriamente dito dela agora que já sabemos que o sítio era aqui?

Mia apontou para as árvores em volta.

– Ele matou-a aqui. E isso quer dizer que ele deve andar por perto.

– Só que na verdade não quer dizer, pois não? – retorquiu Patrick, depois de já ter começado a dirigir-se para o carro. – O tipo pode ter vindo de qualquer lado.

Mia evitou um buraco no brejo e seguiu-o.

– Não, não pode – ripostou com firmeza. – Porque o tipo queria uma raposa, não queria?

– Sim.

– Não, não me responda assim, ele *queria* uma raposa, ele precisava de uma raposa, e onde é que se arranjam raposas?

– Compram-se.

– Não, não seja tão negativo. O tipo não podia arriscar isso, então e se o vendedor reconhecesse a raposa da cena do crime? Portanto, obviamente que ele não podia fazer isso.

– Ok – retorquiu Patrick, clicando no comando para abrir o carro.

– Portanto, ele só podia saber onde é que ela andava, não era? E por isso foi caçar raposas. Que o Patrick saiba, quantas pessoas é que fazem isso neste país? Hum... nenhuma. Ninguém. Porque não as conseguimos encontrar. As raposas são especialistas em esconderem-se. Portanto, o tipo só podia ser aqui da zona ou então sabia deste sítio. Tinha uma cabana aqui por estas bandas, qualquer coisa do género, não lhe parece?

– Parece-me é que ainda vou morrer de frio se não formos embora depressa – resmungou Patrick, ligando o motor.

– Mas consegue seguir o meu raciocínio, não consegue? – insistiu Mia ao sentar-se no lugar do pendura. – Viu as marcas que ela tinha? De uma corda ou coisa parecida? Ele deve ter colocado uma armadilha. Não havia ferimentos provocados por tiros, não é verdade? Ele queria-a intacta. Para a fotografia. Não, tem de ser por aqui. Ou, no mínimo dos mínimos, o tipo deve ter vindo a este sítio *específico*. Várias vezes. Para colocar a armadilha. Para verificar se ela tinha sido apanhada. Garanto-lhe. Ele conhece esta zona.

Patrick quase enfiou o carro na valeta ao fazer marcha-atrás, mas lá acabou por conseguir dar a volta com uma ou outra derrapagenzinha na estrada de gravilha e depois começaram por fim a regressar.

Mia estava a ficar cada vez mais frustrada com Patrick porque o sueco não partilhava do entusiasmo dela, mas também era verdade que o psicólogo tinha estado um bocadinho com a mosca o dia inteiro, nem parecia ele.

Apoiou outra vez a cabeça no encosto do banco quando os efeitos dos comprimidos começaram a fazer-se sentir e a dar-lhe vontade de dormir.

– Tens toda a razão – disse ele por fim. – Desculpa, o que é que achas que devíamos fazer agora?

– Precisamos de pôr gente aqui no terreno – respondeu Mia com um bocejo, ao mesmo tempo que encostava a cabeça ao vidro da janela. – Ou melhor, precisamos de falar com o Munch. De nos sentarmos com toda a gente. De lhes explicar o que vimos. Deixá-los tomar a decisão. Se possível, ainda hoje à noite?

– Hoje à noite?

– Precisamos de ter toda a gente aqui no terreno. Um helicóptero, possivelmente o exército. De organizar uma equipa de buscas, de andar a bater à porta de todas as casas, apesar de não haver propriamente muitas...

– Achas mesmo que o Munch vai recorrer ao exército e a um helicóptero só porque tu descobriste o território da raposa?

– Completamente. Ele gosta de mim.

Patrick riu-se.

– Sim, não duvido de que goste, mas isso não quer dizer que ele esteja disposto a esbanjar o orçamento inteiro nisto.

– Espere só para ver.

Voltaram a passar pela casa dos pneus com a renda mais baixa do mundo. Havia entretanto um reboque vermelho e amarelo estacionado em frente às janelas imundas.

Mia teve uma sensação de calor pelo corpo todo e apoiou mais uma vez a cabeça no vidro da janela enquanto a oficina desaparecia no espelho retrovisor exterior, a seguir à curva.

Porra...

– Pare o carro.

– O quê?

– Pare o carro. Estou a falar a sério, pare-o imediatamente!

Patrick deu um pulo e travou a fundo.

– O que é que estás...

– Cale-se.

– Mas...

– Não, chiu, nem uma palavra.

– O que é que julgas que estás...

– É ele.

– O quê?

– O reboque. É essa a ligação. Agora é mais do que óbvio, caraças! Os acidentes de trânsito todos.

Mia abriu a porta o mais silenciosamente possível e saiu do carro, para depois tirar as medidas à oficina branca antes de se agachar e desatar numa espécie de corrida estrada fora.

Ao chegar à curva, pôde ver o nome no reboque.

Ulf Holund.

Claro.

Raios partam, como é que ela não tinha percebido antes?

Ulf.

W.

Wulf.

O Lobo[8].

Foi só quando compreendeu o que esse nome na porta do reboque implicava é que ganhou consciência de que era capaz de não ter tomado a decisão mais inteligente possível.

Estava desarmada.

Tinha uma cabeça que não se encontrava a funcionar e um corpo que queria pura e simplesmente dormir.

Continua, Mia.

Soltou um suspiro forte e parou para se pôr à escuta.

Nada.

Será que ele estava sequer aqui?

Aproximou-se sorrateiramente do reboque e tocou no capô.

Estava quente.

Portanto, ele só podia estar algures por aqui, certo?

Foi então que o Audi fez a curva devagarinho, com Mia a gesticular para Patrick se ir embora.

Desapareça daqui.

Um carro da polícia à paisana.

De certeza que o tipo vai reparar nisso.

Patrick colado ao para-brisas, a esbracejar freneticamente.

Não, não, vá-se embora!

Só percebeu o que Patrick estava a tentar fazer quando o psicólogo bateu com a mão com toda a força no volante.

O som da buzina ecoou-lhe nos ouvidos.

Não, não, mas o que é que julga que está...

Um aviso.

Mal teve tempo para se virar.

Viu de relance a pá.

Refletida na janela imunda.

Não.

Tentou desesperadamente levantar os braços, mas o gesso recusou-se, o corpo não a ouvia.

Raios partam, Mia!

E a seguir os sons desapareceram todos.

[8] No original, *The Wolf*. (N. dos T.)

Capítulo 77

Munch estacionou o carro num lugar para pessoas com deficiência, por baixo da sede da sede da Polícia de Oslo, e subiu meio a correr a inclinaçãozinha até à entrada, onde Anette Goli o aguardava.

– Novidades?

A advogada abanou a cabeça e abriu a porta.

– Nenhuma desde a última vez que perguntaste. Não conseguimos encontrá-la. Nem ao psicólogo sueco. Para dizer a verdade, nem sequer sei em que hotel é que ele estava hospedado.

Mostraram os distintivos na receção e seguiram para o elevador.

– E a Mia ainda não tentou contactar-te?

Anette carregou no botão para chamar o elevador e depois voltou a abanar a cabeça.

– Tem o telemóvel desligado. A última vez que o Ludvig soube dela foi hoje de manhã. Quando ela lhe perguntou se podia levar um carro.

– Um carro? Dos nossos?

OuvIU-se o som das portas do elevador a abrirem-se.

– Sim, dos que estão na cave.

– E temos... Dá para o localizarmos de alguma maneira?

– Não, receio bem que não. Alguma novidade da cena? Alguma coisa em relação aos rapazes?

– Ainda não há pistas, mas eles têm tudo controlado lá. Os polícias locais parecem saber perfeitamente o que fazem. A Cruz Vermelha está a reunir uma equipa de buscas e já vem outra a caminho para servir de ligação com as famílias e dar apoio aos pais.

Anette recebeu outra chamada, mas recusou-a. Munch viu-se ao espelho de relance. Um rosto crispado, exausto, parecia que já não comia nem dormia há imenso tempo, o que não se encontrava longe da verdade. Arrependeu-se de não ter fumado um cigarro antes de entrar, aquilo era capaz de demorar.

– Ele já está na sala de interrogatórios.

Anette apontou para o fundo do corredor com o telemóvel.

– E ele é que quis falar connosco?

– Sim. O advogado ligou. Disse que eram capazes de ter informações que talvez nos interessassem – se lhes fizéssemos algo em troca.

– Tipo deixar cair a acusação por posse dos comprimidos?

– Qualquer coisa do género, sim.

– E nós podíamos fazer isso?

A advogada refletiu durante uns instantes.

– Possivelmente. Vou precisar de falar com o delegado do Ministério Público.

– Ok, então liga-lhe já – grunhiu Munch, entrando a seguir na sala de interrogatórios.

Desta vez, Frank Helmer tinha um ar mais atento e bem arranjado, como se estivesse prestes a enfrentar um júri. Camisa, casaco de fato, cabelo todo penteado para trás. Acenou com a cabeça educadamente a Munch e ficou a meio de se levantar da cadeira quando o inspetor entrou.

– Muito bem, o que é que quer? – disparou Munch com um suspiro e deixando-se cair na cadeira.

– O meu cliente – começou a dizer o advogado, mas Munch cortou-lhe logo as vazas:

– Quero que seja você a dizê-lo. Sem rodeios.

– Ora bem – soltou Helmer, passando a seguir o dedo pelo colarinho da camisa e lançando um olhar ao advogado, que voltou a falar:

– Chegou-me ao conhecimento que o meu cliente possui informações que poderão ser benéficas...

– Pelo amor da santa! – explodiu Munch. – Então acha que nos poderão ser *benéficas*? Que, com toda a probabilidade, o seu cliente sabe quem é que assassinou brutalmente quatro rapazinhos e tem neste momento mais dois presos? É isso que você quer, Frank? Ficar com mais duas vidas a pesarem-lhe na consciência?

Helmer já tinha começado a suar, mostrando-se claramente incomodado.

– Eu...

Uma vez mais, acabou por assentar os olhos no advogado.

– Pedimos – declarou a untuosa criatura, aclarando depois a garganta – que todas as acusações contra o meu cliente sejam retiradas e que, além disso, ele receba uma indemnização considerável e, mais importante ainda, um pedido de desculpas público pela agressão que sofreu...

Subitamente, Anette enfiou a cabeça dentro da sala, com o telemóvel colado ao peito.

– Tens de ouvir isto!

– Agora? A sério?

– Completamente.

De volta ao corredor, a advogada esboçou um sorriso antes de lhe passar o telemóvel.

– Sim, está lá? Quem fala?

– Olá, Munch, é a Anja. A Anja Belichek. Eu sei quem ele é, eu sei

quem ele é!

A polaca desatou a falar sem parar para respirar:

– A minha irmã tinha uma amiga que desapareceu e de repente recordei-me de que achava que ela tinha sido internada no Hospital Psiquiátrico de Gaustad e lá acabei por encontrá-la e ela agora mora no apartamento onde nós morávamos, dá para acreditar? Mas, enfim, perguntei-lhe acerca do Lørenskog e do Helmer, se ela tinha visto os jornais, se se lembrava deles. E ela disse que sim. A seguir, perguntei-lhe se se conseguia lembrar de algum terceiro homem que pudesse estar ligado aos outros dois lá no hospital. E ela disse que era mesmo estranho eu estar a perguntar-lhe isso porque tinha estado precisamente a pensar nele...

– Como é que ele se chama, Anja?

– Bom, a questão é essa, por isso é que demorou tanto tempo. Porque a Camilla, que é a mulher de quem eu estou a falar, não era capaz de se lembrar do nome dele. Acho que ela tem uma doença, qualquer coisa que ver com nomes ou lá o que é, não sei bem, precisámos de ligar a outra amiga que...

– Anja?

– Hum... sim?

– Ótimo trabalho. Como é que ele se chama?

– Hum... Ulf Holund.

– Tens a certeza?

– Absolutíssima, porque...

Munch devolveu o telemóvel a Anette e a voz da rapariga inteligente ainda se conseguia ouvir quando ele voltou para a sala de interrogatórios e se sentou com toda a calma.

– Conforme eu estava a dizer – afirmou o advogado, aclarando a garganta novamente.

Munch ignorou-o e empurrou uma folha de papel e uma caneta na direção de Helmer.

– Ulf Holund.

– Perdão?

– Somos capazes de estar disponíveis para analisar a questão das acusações contra si. *Se* escrever aí tudo aquilo, tintim por tintim, que sabe sobre o seu bom amigo Ulf Holund. Onde é que ele mora, o que é que ele faz...

O advogado protestou clamorosamente.

– Ulf Holund – insistiu Munch, espetando o dedo na folha.

– Não, não, exijo que todas as...

– Cale-se – rosnou Helmer.

E depois pegou na caneta que se encontrava em cima da mesa.

OITO

Capítulo 78

Lydia Clemens não conseguia deixar de pensar no texugo. Não a tinha deixado pregar olho a noite inteira. A pensar como devia ter sido horrível. Para aquele animal lindo. Ficar preso naquela jaula minúscula. Na noite anterior, tinha-se sentido tão enfurecida que se pusera a pé. Vestira-se. Já estava quase a sair porta fora. Com o arco ao peito e a faca no cinto, mas depois estava tão escuro lá fora e o vento uivava tanto e sacudia as copas das árvores que ela tinha dado meia-volta. Enfiara-se de novo na cama, quase em lágrimas. Porque e se ele o capturasse outra vez? Ou se capturasse outro animal qualquer? E que estaria agora ali completamente sozinho, sem ninguém que o ajudasse? Lydia tinha lido algures que havia animais mais inteligentes do que as pessoas. Muito mais inteligentes, possivelmente. E tinham sentimentos. Tal e qual como ela. Tinha ficado destróçada quando Birgitte, uma das cabras, tinha adoecido de tal forma que foi preciso abatê-la antes do tempo. Como Lydia tinha chorado quando lhe segurou a cabeça, como os olhos da cabrinha haviam parecido falar com ela, implorando-lhe que a ajudasse. Os animais também tinham sentimentos de raiva. Tinha lido algures que uns polvos tinham dado cabo de uma luz no teto de um aquário espirrando-lhe água em cima por estarem fartos de que as pessoas olhassem para eles. E havia esquilos capazes de se disfarçar com o cheiro de cascavéis para afugentar os predadores. Imaginem só, hã? Isso era ou não era inteligente?

No início, tinha gostado dele. Do homem da casa em ruínas. Da televisão dele. De toda aquela excitação. E tinha partido do pressuposto de que ele seria um solitário porque, sempre que o tinha visto, estava sozinho, como ela, sem amigos. Mas fora então que Lydia se tinha lembrado de que tinha o avô e decidira sentir pena do homem. Mas nunca mais. A seguir ao texugo, não. Esses sentimentos haviam desaparecido. Em breve, regressaria à casa e soltaria o texugo se ele o tivesse voltado a prender naquela jaula, se calhar até pegaria fogo a essa coisa. Sim, ia mesmo fazê-lo porque isso não era um comportamento admissível. Lydia tinha começado a entender porque é que o avô detestava pessoas e porque é que era por causa delas que os *dias*

longos não tardariam a chegar.

Tinha-se levantado da cama logo de manhãzinha com a ideia de se pôr a mexer o mais depressa possível, mas depois lembrou-se de que afinal não podia. Porque hoje era o dia em que iam cavar uma vala. Do ribeiro até à casa. Passariam a ter acesso direto à água e deixariam de ter de ir ao poço quando os cântaros ficassem vazios. Já tinham falado disso imensas vezes, mas nunca o tinham chegado a fazer. Porque o avô odiava plástico. *O plástico é um cancro incurável para a natureza*, costumava dizer-lhe, e, um dia, a Terra deixaria de respirar por completo com toda a gente estrangulada pelo plástico. Mas foi então que ele teve uma ideia. Tinha ido um dia a Vassenden e visto um contentor do lixo com uns velhos tubos de plástico a saírem dele, e foi como se uma lâmpada se lhe acendesse por cima da cabeça, exatamente como acontecia ao Pato Donald. Eureka, tinha pensado o avô, estes tubos de plástico vão para o aterro ou então vão pegar-lhes fogo e o céu vai ficar todo poluído com fumo. Mais vale que os reutilizemos para alguma coisa. Lydia tinha ficado tão contente quando ele os trouxe para casa e lhe contou o plano. Tinha estremecido toda por dentro só de pensar nisso. Imaginem só abrir uma torneira e aparecer água quando ela precisava de lavar os dentes, tal e qual como acontecia nas casas de banho da biblioteca. Ou, pelo menos, era isso que se passava da última vez que lá estivera, há já uns invernos.

Tirando isso, o avô andava de mau humor. Desde a última visita dos Serviços Sociais, essa gente do governo que só lhes impingiam mentiras e fantasias de que era tudo maravilhoso, de que nunca iria acontecer nada de mau. Embora soubessem evidentemente que isso não era verdade. Dessa última vez, tinham enviado uma pessoa diferente. Não aqueles trombudos da visita anterior, que se tinham rido dela quando julgaram que ela não os estava a ver. Não, a tal pessoa tinha sido muitíssimo simpática. Uma mulher mais velha, possivelmente com 25 anos ou à volta disso. Lydia não tinha a certeza absoluta, mas, em todo o caso, tinha sido uma visita bem mais agradável do que o habitual. Lydia tinha-lhe feito uma visita guiada e a mulher tinha elogiado uma série de coisas, as cabras estarem tão bem cuidadas, as ovelhas terem uns velocinos tão bonitos, o facto de nunca se ter cruzado com uma pocilga tão limpa e de já não ver há bastante tempo umas galinhas com umas penas tão lindas. Tinha dito imensas coisas simpáticas e Lydia sentira-se superfeliz, toda a delirar por dentro, e quase ficara triste por ter de se despedir dela junto ao portão. Tinha-se preparado com todo o cuidado, claro. Porque aquilo era incrivelmente importante. Se não o fizesse, o governo levá-la-ia dali. Portanto, tinha lido e estudado ainda com mais afinco do que normalmente fazia. Até tinha escrito um ensaio inteiro, *A Matemática da Natureza*, com uma ajudinha do avô. A mulher não tivera tempo de o ler, mas, mesmo assim, Lydia foi capaz de responder a todas as perguntas que lhe fizeram, e mais umas quantas ainda, e a senhora simpática tinha parecido bastante satisfeita e sorrira imenso ao ir-se embora.

Mas, ainda assim, o avô continuava rabugento e Lydia achava que já

estava mesmo na altura de ele se deixar de coisas. De mudar de postura. Ela tinha-se portado bem, não tinha? Com o governo? E não se tinha esfalfado a labutar o dia inteiro com a enxada e a pá, a arrancar urze e tufos de relva, a afastar calhaus do caminho até já estar a suar em bica? Para que pudessem instalar os tubos?

Sim, aí isso é que tinha.

Resolveu que ia ter uma conversazinha com ele à noite, quando voltasse a casa.

Mas não agora.

Lydia atou a fita à cabeça, enfiou a faca na bainha, tirou a aljava da parede e verificou se tinha as pontas das flechas afiadas, puxou a corda do arco para se certificar de que a tensão era a correta e, a seguir, calçou os sapatos de pele de veado e saiu porta fora, estava uma tarde fantástica.

Capítulo 79

Na Mariboes Gate, Fredrik Riis tinha acabado de sair do elevador quando Ludvig lhe apareceu de rompante, vindo do corredor.

– Apanhámo-lo!

– O quê?

Ludvig fez-lhe sinal para que o acompanhasse até à sala da investigação, parando diante do grande mapa e batendo nele com o dedo.

– É aqui que ele vive!

– De que é que estás a falar? Apanhámo-lo mesmo? Desta vez é a sério?

– Ainda não falaste com ninguém?

– Não, acabei de vir de Hakadal.

– O tipo chama-se Ulf Holund!

Fredrik nunca tinha visto o colega, normalmente muito calmo, tão agitado.

– Calma lá. Repete-me lá isso. Apanhámo-lo? A sério? E quem é que o descobriu?

– A Anja – respondeu Ludvig num tom de orgulho.

A seguir, o investigador de cabelos grisalhos saiu da sala a correr e regressou num ápice, com um dossiê que abriu em cima da mesa entre ambos.

– Isto foi o que eu descobri até agora, ainda só tive dez minutinhos. O Munch acabou de telefonar lá da sede, já sabemos por duas fontes...

– Aguenta aí, Ludvig, disseste que foi a Anja?

Ludvig sorriu e subiu um bocadinho os óculos na cana do nariz.

– Disse, sim senhor. E o que é que tem? Ou se calhar julgavas que aqui os mangas de alpaca não eram capazes disso? Que nos limitamos a passar os dias a jogar solitário no computador?

– Não, claro que não, mas...

– Ulf Holund. O tipo tem uma oficina. A dez quilómetros para norte de Vassenden. E guia um reboque!

A última frase saiu-lhe de forma exultante.

– O quê?

– Exato!

As peças foram-se encaixando devagar na cabeça dele.

O reboque.

Porra!

As beatas.

O tipo deve tirá-las do cinzeiro de alguém.

Num acidente de trânsito.

O Burger Bar.

A colisão.

Um *choque*.

Ele tinha-o visto no vídeo.

Há imenso tempo.

Em segundo plano.

Só que não tinha olhado com atenção.

Não com a atenção necessária.

– E isso não é tudo – anunciou Ludvig, ao mesmo tempo que abanava a cabeça. – Estás a ver o Patrick? O nosso analista comportamental sueco?

– Sim?

– O tipo não é quem diz ser.

– O que é que queres dizer com isso?

– Localizei o número que nos ligou – atirou Grønlie de rajada. – O número sueco, sabes? Ele foi-nos *recomendado*, não foi?

– Não estou a perceber.

– Pois, eu também não estava! Quando telefonei para esse número, apanhei com um velhote que não sabia quem era nem onde estava. Não se calava com uma história de Ingmar Bergman estar preso na cave dele. Lá acabei por conseguir acalmá-lo. E, afinal de contas, o bom do nosso Patrick é o psicólogo dele. Persuadiu o paciente a fazer de conta que era da polícia, o homem ligou-nos, convenceu-nos a trabalhar com o Patrick...

– Deus do céu, mas porquê?

Aquilo já era demasiado para Fredrik, que teve de se sentar.

– O Patrick Olsson é nem mais nem menos do que o Patrick *Hellberg*.

– *Quem?*

– O tipo é o pai do Oliver Hellberg – prosseguiu Ludvig. – Do Oliver. Da primeira vítima. Lá na Suécia. Nem dá para imaginar como isso o deve ter atormentado, não achas? Primeiro, o filho é assassinado. Depois, a mulher mata-se. O mundo inteiro dele a esfumar-se num segundo. Por causa deste filho da mãe. Ele deve ter visto o nosso caso e pensado: *tenho* de fazer parte disto, de participar na caçada, de o encontrar, de o olhar olhos nos olhos. Se queres saber, tiro-lhe o chapéu. Não há dúvida nenhuma de que caímos que nem uns patinhos.

Fredrik Riis continuava sem saber o que dizer.

– Então mas o que é que ainda estás aqui a fazer? – perguntou Ludvig, erguendo as mãos. – O Munch quer ter toda a gente lá.

– Onde?

Ludvig já estava outra vez ao pé do mapa na parede.

– Aqui. Na Casa de Pneus de Gran. Já arrancaram. Põe-te mas é a andar.

Fredrik Riss levantou-se e correu pelo corredor. Carregou com toda a força no botão do elevador apesar de saber que isso não ia contribuir minimamente para que chegasse mais depressa, mas precisava de um escape para a adrenalina.

Vá lá, vá lá, vá lá...

Pronto, cá estava ele!

Por alguma razão, o estacionamento na cave parecia mais escuro do que o normal.

Será que tinha rebentado algum fusível?

Não que isso interessasse agora.

Correu para o carro, deu com a chave no bolso do casaco e estava prestes a abrir a porta quando uma figura alta surgiu das sombras.

– Alô, ó Casanova.

Fredrik deu um salto quando viu Karl Oxen à frente dele, não parecendo lá muito estável.

Tinha uma garrafa numa mão e estava a brandir qualquer coisa com a outra.

– Com que então gostas de comer as mulheres dos teus colegas de trabalho, hã? As putéfiás que costumas engatar não te chegam?

Oxen sorriu com desprezo, deu um gole na garrafa e aproximou-se mais um pouco.

Uma pistola?

Foda-se!

Fredrik levantou as mãos à frente da cara para se proteger e deu um passo atrás.

– Karl, desculpa. A sério. Eu não sabia quem ela era. Foi uma coisa completamente fortuita, julguei que...

– Oh pá, cala-te mas é!

Agora já o conseguia ver melhor. Tinha os olhos escuros a piscar. Oxen estava tão bêbado que mal se aguentava em pé.

O brutamontes brandiu outra vez a pistola.

– Karl, a sério. Não fiz por mal. Eu só...

Não teve tempo de reagir. O antigo pugilista era rapidíssimo, Fredrik ainda conseguiu ver, naquela luz ténue, a garrafa a aproximar-se-lhe da cara e um clarão repentino à frente dos olhos.

– Por favor, Karl.

O sabor a sangue na boca. Os joelhos a bater no chão.

– Gozaste bem? E então? Novato da merda! Foi bom?

Um pontapé na cabeça.

Um torcicolo.

E depois outro pontapé.

E mais outro.

Parecia que o teto lhe tinha desabado em cima.

Cheirou-lhe a qualquer coisa.

Álcool.

Estava a escorrer do gargalo da garrafa e a cair-lhe no corpo.

E Oxen levantou mais uma vez o pé.

Capítulo 80

Havia qualquer coisa a pingar. Inicialmente, não se apercebeu de que as gotas lhe estavam a cair na cara. Mia não estava ali. Estava noutro lado. Gotas douradas a cair de uma cascata. Chuva vinda do céu, de uma cor que ela nunca tinha visto. E agora outra gota. Escorreu da testa, que estava encostada a uma parede de tijolo, para o nariz, capaz de sentir o cheiro a mofo e a podridão, e daí para a boca, que se recusava a abrir, com os dentes soltos. A gota fria lá acabou por se imiscuir por entre os lábios e foi então que ela abriu os olhos.

Um raio de luz muito fraquinho. De uma janela pequena algures. O gesso tombado na coxa dela. O outro braço estava preso. A qualquer coisa. Mia tentou virar a cabeça para perceber o que seria, mas arrependeu-se de imediato. A têmpora explodiu-se-lhe de dor, que desceu para o maxilar e depois pela coluna abaixo.

Oh, grande porra!

Não voltes a fazer isso. Não mexas a cabeça um milímetro. Desta vez, tentou abrir as pálpebras com todo o cuidado. Ok, tinha uma presa, mas a outra, não.

Com muita calma.

– Estás acordada?

Agora, já conseguia ver Patrick do outro lado da divisão, com ambas as mãos atadas por cima da cabeça e amarradas a um cano por baixo da janela.

– Onde é que estamos?

– Na antecâmara do inferno.

Foi obrigada a fechar outra vez a pálpebra, não tinha a energia necessária para a manter aberta.

A voz do sueco pairou pelo chão de terra.

– E não estamos sozinhos. Há aqui crianças. Duas. Na outra divisão. A dada altura, estavam a gritar, mas agora já pararam. Ele desceu. Espero que se tenha limitado a tapar-lhes a boca com fita adesiva. Ou feito outra coisa qualquer para os manter calados. Porque a minha suposição é que ele nos vá matar a nós primeiro, certo? Ele tem um ritual, não tem?

Mia voltou a desaparecer, planando em direção ao lindo céu sem princípio nem fim, em direção a cores que não pertenciam a esta realidade.

Outra gota dourada.

Desta vez, acordou quando ela lhe acertou na testa.

Pelo olho que conseguia abrir, a luz era ténue. A voz do sueco mais uma vez, a flutuar pelas paredes de tijolo frias.

– Eu não sou quem tu julgas, Mia. Nunca fiz parte da investigação. Sou o pai do Oliver. E já o tinha visto. Ao filho da mãe ali em cima. O acidente de trânsito em que estivemos envolvidos. Ele ia a guiar o reboque, era muito mais novo na altura, mas é ele. Já posso morrer, Mia, posso finalmente ficar em paz porque agora já sei.

De que é que ele estava a falar?

Aquelas palavras?

Letras a afastarem-se umas das outras.

Letras que não tinham sons.

Só formas difusas.

Ao longo das falhas no chão de terra, no odor a podridão a desprender-se das paredes, pelo corredor, escadas acima, a acompanhar os passos pesados, por entre os degraus, à volta da chave enfiada na fechadura, através das fendas, pela janela, em direção ao ar fresco, em direção à luz, a casinha já bem abaixo dela.

Felicidade.

Ela nunca mais precisava de ter medo.

Capítulo 81

O sol já se encontrava a descer sobre a vasta floresta quando Munch chegou à Casa de Pneus de Gran e saiu do carro. Katja veio a correr ter com ele, a apontar para um Audi Quattro preto parado a seguir ao edifício.

– A Mia esteve aqui. Encontrámos o telemóvel dela dentro do carro. E o Patrick estava com ela.

– O quê? Mas como é que ela...

Munch deu com um cigarro dentro de um bolso da canadiana, mas deixou-o ficar pendurado entre os lábios.

Katja abanou a cabeça.

– Não sei.

Um agente da polícia local saiu da casa e cumprimentou Munch.

– Tanto quanto conseguimos perceber, não está cá ninguém. O armário dele está aberto e caso costume estar completo, então quer dizer que falta uma.

– Uma quê?

– Desculpe, uma caçadeira. As chaves ainda estão na fechadura, por isso o homem deve ter saído à pressa.

– E quem é você?

– Chamo-me Martinssen, da Polícia de Gran. Viemos assim que recebemos o alerta. Somos quatro, dois estão a caminho das casas mais próximas, a uns quilómetros daqui, para ver se alguém sabe onde é que ele está ou para onde é que pode ter ido.

– E vocês conhecem-no? Já o tinham debaixo de olho?

Martinssen abanou a cabeça.

– É uma cidade pequena, mas a região é grande. Se quisermos que nos deixem em paz, é fácil escondermo-nos. Não temos nada nos nossos registos. Vocês têm alguma coisa?

– Ainda não conseguimos verificar isso – respondeu Munch ao mesmo tempo que acendia o cigarro.

Contemplou a paisagem que os rodeava. Árvores imponentes juntinhas umas às outras, Munch tinha-se sentido cada vez mais desconfortável à

medida que se afastavam de Oslo. Seria o cabo dos trabalhos encontrar quem quer que fosse nesta zona. Por estes lados, era possível uma pessoa esconder-se durante meses.

– Os carros estão os dois frios – informou Katja, apontando para o Audi e para o reboque vermelho e amarelo. – Portanto, há já várias horas que ninguém cá está. O que significa que eles podem estar onde quer que seja.

– Deram com alguma marca feita por uma moto-quatro?

Martinssen gritou para o colega que ainda se encontrava dentro da oficina:

– Vimos alguma moto-quatro?

O agente espetou a cabeça para fora e respondeu:

– Não, mas há para aqui uns jerricãs. E um conjunto de pneus mais pequenos junto à mesa das traseiras, por isso é bem possível que o tipo tenha uma.

– A não ser que sejam para venda – comentou Katja, indicando com a cabeça o letreiro torto por cima da porta.

Caraças!

Agora, Munch ainda se sentia mais desconfortável.

O que é que ela tinha andado a fazer por ali?

Como raio é que ela tinha localizado Ulf Holund?

E porque é que não o tinha alertado?

Voltou a olhar para a floresta cerrada e viu-se forçado a tirar um momento para combater uma sensação de desespero.

Raios partam, como é que eles iam alguma vez...

– O que é que vamos fazer? – perguntou Katja, como se lhe tivesse lido a mente. – Se ele os tiver apanhado. Mais os rapazes. Deve tê-los presos algures, certo?

– Já fizemos uma busca aos arredores?

– Não há aqui mais nada para além do que consegue ver. Esses dois edifícios. Nenhuma cave. Nenhum outro edifício por perto. É isto e pronto.

– Então quer dizer que ele não vive aqui?

– Tanto quanto consigo perceber, não.

– Merda. E a única morada que temos é esta?

– Vou verificar outra vez com o Ludvig.

Katja dirigiu-se para o carro de Munch e contactou a esquadra pelo rádio crepitante.

Não demorou a regressar, a abanar a cabeça.

– Nada. A morada que aparece registada no nome dele é esta.

– Família? Outra pessoa qualquer?

– O Ludvig não sabe mais nada. Só tem uma data de folhas que imprimiu do *website*. É mais do que certo que o Holund vendia *online* peças sobresselentes a partir desta morada. Pneus, jantes.

– Mas não há mais nada, não se conhecem...

Munch tinha-se esquecido do cigarro, quase queimou os dedos e deixou-

o cair na gravilha.

Katja cruzou os braços à frente do peito e olhou para ele com nervosismo.

– Onde raio é que vamos começar a procurar?

– Não sei, Katja.

OuvIU-se o gemido de um motor a fazer a curva e, a seguir, um adolescente numa motorizada Suzuki parou à frente deles. O rapaz tirou o capacete e olhou em redor, desorientado.

– Jesus, mas o que é que se passa aqui?

– Podemos ajudar-te? – retorquiu Munch, aproximando-se dele.

– Eu vinha só... o Ulf está por aí?

– Tu vinhas só o quê? – perguntou-lhe Katja.

– Ele tem o meu Shimano Stradic.

– Shimano?

– É um carroto de pesca – explicou Katja a Munch.

O rapaz assentiu com a cabeça.

– Ele pediu-mo emprestado e como eu vou amanhã para o lago Randsjøen...

– Conhece-lo bem?

– O quê, ao Ulf? Bem, não, mas...

– Sabes onde é que ele mora? Não mora aqui, pois não?

– Não, não, mora lá na casinha dele.

– E onde é que isso fica?

– Fica já mais perto de Brekkåsen.

– E isso é longe?

– Oh, sim.

– Leva-nos lá.

– O quê?

O adolescente lançou-lhes um olhar de estranheza.

– Agora? Mas precisamos de um carro. Não dá para irmos a pé.

– Então vamos a *correr* – disparou Katja, empurrando o moço alto e desengonçado pelo pátio.

Capítulo 82

Tinha pintado umas riscas pretas como carvão debaixo dos olhos, como os nativos americanos costumavam fazer quando iam caçar, quando o sol já estava assim tão baixo, para poderem ver melhor as presas. Lydia infiltrou-se silenciosa e sorrateiramente pelo meio das árvores e atravessou a urze como um gato-montês até conseguir distinguir por fim a casinha castanha lá ao longe. Já não eram amigos. Portanto, tinha de ter cuidado. Já não era a menininha querida na floresta, que se aproximava da janela para ver os desenhos animados engraçados. Não, desta vez estava de atalaia. Tinha todos os sentidos aguçados ao máximo à medida que ia avançando em direção à casa do caçador de texugos. Isto era a sério. Agachou-se por trás de um arbusto de junípero e encostou os pequenos binóculos aos olhos. Havia ali atividade. Por norma, o homem ficava sentado muito quietinho e ela só o conseguia ver quando já se encontrava mais perto da janela. Com uma cerveja poisada na mesa. A comer de uma lata com um garfo. Mas hoje, não. Estava a andar de um lado para o outro. Fez uma viagem curtinha até ao pátio, parando junto à moto-quatro estacionada no trilho da floresta. Voltou a entrar pela porta da frente e depois saiu novamente da casa, sendo que desta vez trazia qualquer coisa. O que seria? Credo! Uma arma. Uma caçadeira de cano duplo. Lydia moveu os binóculos, tentando encontrar a jaula, mas não tinha um campo de visão desimpedido. Havia duas árvores grandes no caminho. Agachou-se de novo e avançou muito devagarinho pelo brejo. Silenciosa como um rato. Delicada como um esquilo. Perigosa como uma cascavel. Porque desta vez ele não se ia safar. Se tivesse voltado a prender o texugo na jaula, ia provar do seu próprio veneno. Será que julgava que ela era uma miúda de 12 anos igual às outras? Então podia tirar o cavalinho da chuva. Ela tinha apanhado trutas com as próprias mãos. Tinha matado um veado só com uma faca, após esperar várias horas. Empoleirada num ramo. À beira de um regato onde sabia que iriam aparecer veados. Inverno e sem comida em casa. O avô doente e acamado, junto ao fogão. Podia ter abatido um dos animais da quinta, mas não o quis fazer. Tinha dado nomes a todos. O avô tinha tentado convencê-la a não o fazer, eles vão acabar por morrer, por isso não te afeiçoas

demasiado a eles, mas ela tinha-o ignorado. Os animais eram os únicos amigos que tinha. E o calendário pendurado na porta indicava quando é que era a altura de morrerem. Até lá, viveriam. Portanto, tinha preparado um farnel. Escolheu os sapatos mais quentes, um casaco de peles, e levou um termos com uma bebida aquecida. Trepou à árvore e ficou à espera. Se aquele homem tivesse capturado o texugo outra vez, ia mostrar-lhe.

Quem é que ela era realmente.

Agachou-se uma terceira vez, desta feita ajoelhando-se no chão húmido, o cheiro a enxofre e a metal a sair dos outeiros em volta. Levou novamente os binóculos aos olhos, desta vez já conseguia ver a jaula. Soltou um suspiro de alívio. Não havia nada lá dentro. A porta continuava aberta como ela a tinha deixado. Será que o devia fazer? Pegar fogo à jaula? Destruí-la? Trazia fósforos e o isqueiro do avô na mochila. O avô fumava. É verdade. Mesmo sabendo que era perigoso. Mesmo depois de ela lhe ter mostrado imagens de pulmões mortos em livros.

Temos de ter alguns vícios.

Sentado a tossir e a deitar perdigotos em frente à lareira.

Pois, mas então e eu?

O que é que eu vou fazer?

Quando chegar o tempo longo?

Queres que eu fique para aqui?

Completamente sozinha?

Lydia deixou que os binóculos lhe caíssem para o peito e estava prestes a dar mais uns passinhos sub-reptícios quando algo aconteceu junto à casa.

Havia gente a sair da cave.

Duas, não, três pessoas.

Duas à frente e o homem atrás.

Então ele sempre tinha amigos?

Não.

Oh, não!

O homem ia atrás com a caçadeira apontada às costas deles.

Uma vez mais, Lydia ergueu rapidamente os binóculos para os olhos, as pessoas desapareceram por uns instantes, mas depois ressurgiram do outro lado da casa.

E começaram a atravessar vagarosamente o brejo, mesmo na direção dela.

Uma rapariga. Cabelos escuros. Uma venda nos olhos. Não conseguia andar sozinha.

A outra pessoa estava a tentar ampará-la.

Um homem. Um bocado mais velho. Também tinha os olhos vendados, as mãos atadas à frente do corpo.

O homem com os olhos vendados virou-se e disse qualquer coisa, mas foi empurrado, a boca da caçadeira colada às costas.

A obrigá-lo a avançar.

Estavam cada vez mais próximos dela, aos tropeções pelo brejo. Lydia já não precisava dos binóculos, era capaz de os ver com os próprios olhos.

Pareciam ter chegado ao destino final.

O homem ordenou-lhes que se baixassem.

Que se pusessem de joelhos.

Recuou um passo e apontou-lhes a caçadeira.

E foi nessa altura que ela se levantou.

Tinha puxado do arco que trazia ao ombro e uma flecha já estava a postos.

– Ei!

O homem deu um salto e olhou em redor, desorientado, não conseguia perceber de onde é que o som estava a vir.

– Aqui!

Lydia avançou para eles a passos largos, o chão macio debaixo dos pés.

Foi então que ele a avistou, apontando desvairadamente o cano da caçadeira na direção dela, mas a flecha já tinha saído do arco.

A 200 quilómetros por hora, com o homem a rodopiar e a gemer sonoramente quando a flecha lhe trespassou o ombro.

A caçadeira disparou, ecoando pelo céu, um bando de corvos a guinchar ao arrancarem das árvores, enquanto Lydia lançava a segunda flecha.

Voltou a acertar nele.

Viu-lhe as mãos.

Agarradas ao pescoço.

Lydia Clemens tirou uma terceira flecha da aljava, mas não havia necessidade.

O homem caiu de joelhos.

Os braços inertes junto ao corpo.

E, a seguir, estatelou-se no brejo, morto.

NOVE

Capítulo 83

Fredrik Riis acordou com o som longínquo de instrumentos de sopro e continuou deitado na grande cama de hospital, de olhos fechados. Tinha passado a última semana assim. Tinha medo de os abrir, medo de ganhar consciência do estado em que se encontrava o corpo, mas a verdade é que estava a melhorar aos poucos. Hemorragia interna, rutura do baço, duas fraturas no pescoço. Tinha acordado na UCI, ainda meio tonto da anestesia, sem perceber onde estava. Drogado. Incapaz de sentir fosse o que fosse. As dores tinham vindo depois. E de que maneira. Como se a cabeça e o corpo se tivessem entendido por fim. Não parara de chamar as enfermeiras. Deem-me mais analgésicos, não estão a funcionar. Carregara no botão do cateter intravenoso encostado à cama, o tubo a enviar-lhe drogas para o braço esquerdo e a fazê-lo regressar ao mesmo limbo. Acordar. Dores. Mais analgésicos. Repetir tudo. Mas agora já se sentia melhor. Muito melhor. Lá fora, a fanfarra ia-se aproximando, instrumentos de sopro e tambores, clarinetes e flautas, aos repelões e com estridência, quase sempre desafinada, mas o encanto era esse, não era? Maio na Noruega. Iriam estar a celebrar não tarda nada. O país fazia 187 anos, não era, ou se calhar até nem estava certo, pelo menos se perguntássemos aos *vikings*, que teriam contestado essas contas, atacado o hospital e cortado Fredrik às postas. A 17 de maio de 1814, um punhado de noruegueses tinham feito um juramento em Eidsvoll e redigido a primeira Constituição do país. Para comemorar essa data, a Orquestra da Escola de Uranienborg, da qual o jovem Fredrik fazia parte enquanto trombetista, tinha desfilado todos os anos, durante uma série deles, da Karl Johans Gate até ao Palácio Real, a tocar como se não houvesse amanhã enquanto a família real lhes acenava da varanda. A Orquestra da Escola de Uranienborg, com os seus uniformes bastante dececionantes. Porque é que todos os outros tinham direito a usar botões dourados e cores vistosas, ao passo que eles eram obrigados a vestir fatos de marinheiro? Com bonés de marinheiro? Como uns marinheiros azuis e brancos acabadinhos de dar à costa? E ele não tocava trombeta, era uma corneta, mas a família não percebia a diferença. Uma corneta, mas o que é isso? Parecia uma trombeta,

portanto só podia ser uma trombeta, e, com o tempo, o próprio Fredrik tinha começado a chamar-lhe isso mesmo.

A irmã tinha-o visitado.

Logo num dos primeiros dias.

Sentara-se à beira da cama enquanto chorava e lhe apertava a mão.

Fredrik não tinha sido capaz de dizer nada nessa altura, ainda não lhe tinham retirado a proteção do maxilar, mas tentara comunicar com os olhos.

Está tudo bem. Estou ótimo.

Muito obrigado por teres vindo.

Abriu finalmente os olhos. Uma luz do sol fraca entrava no quarto, filtrada pelas cortinas transparentes, e foi então que ele se apercebeu de que estava uma pessoa sentada na cadeira.

– Olá – disse ela baixinho. – Estás acordado?

– Mais ou menos – respondeu Fredrik, sorrindo e carregando no botão para levantar a cama de maneira a ficar sentado.

– Chamo-me Silje Simonsen, sou professora na escola de Finstad, muito prazer.

Fredrik soltou um risinho.

– Olá, muito prazer.

– Só para o caso de já não te lembrares de mim.

Silje sorriu-lhe e levantou-se da cadeira. Foi até à janela e encostou-se ao parapeito. Talvez fosse das drogas, mas vê-la fê-lo sentir-se todo aconchegado e quentinho.

– Como é que te sentes?

– Oh, estou fino. Hoje à noite vou dar uns passinhos de dança. Queres vir comigo?

Ela deu uma risadinha.

– Adorava. Mas acho que somos capazes de ter de esperar mais um pouco.

Aproximou-se dele, com Fredrik a conseguir sentir-lhe o cheiro do perfume delicado. A seguir, Silje sentou-se à ponta da cama e acariciou-lhe a mão.

– Não há problema? Não te dói?

– Não, não, não me dói.

– Tive saudades tuas – disse Silje, de olhos postos no chão.

– Eu também senti a tua falta – retorquiu Fredrik com um sorriso, vendo-se depois forçado a voltar a fechar os olhos e a descansar por um instante, tinha estado com eles abertos muito tempo.

– Preferes que eu me vá embora?

– Não, não, quero que fiques.

Ela aproximou-se ainda mais, a respiração a colar-se à pele dele.

– Ótimo. Então vou ficar – sussurrou.

E beijou-o ternamente na face.

Capítulo 84

Lydia olhou para a mesa diante dela para se certificar de que não se tinha esquecido de nada. Farnel, confirmado. Tinha cozido ela própria o pão. Integral, com fermento a sério. Também tinha sido ela a fazer a manteiga. Normalmente, tiravam o leite das cabras, mas isso só dava para beber e mais nada, por isso iam buscar cântaros de leite a uma quinta no vale e era o que ela utilizava se quisesse fazer manteiga ou precisasse de natas. Talvez o que a orgulhasse mais fosse a compota. Havia um sem-número de framboesas onde viviam, tantas que Lydia mal precisava de se mexer para ter logo os cestos a transbordar, tendo arranjado forma de fazer compota sem açúcar e mesmo assim conseguir que soubesse bastante bem. Compota de mirtilo, claro, era difícil escolher entre as duas coisas. Primeiro, não soube o que usar para servir de merendeira, mas depois tivera uma ideia. Havia uma velha caixa de madeira na adega. Embrulhada em plástico, um material que o avô detestava portanto tinha de ser valioso. Era pequena e azul-clara, com umas rosas bonitas pintadas à mão dos lados. No fundo, alguém tinha escrito um nome e um ano, Magdalena, 1980. Era perfeita. Água numa garrafa de metal, confirmado. Um casaco, para o caso de o tempo mudar, afinal de contas ainda ia ser um esticãozinho, confirmado. Um par de meias a mais, sempre uma boa ideia, confirmado. Uma toalha, caso lhe apetecesse dar umas braçadas pelo caminho, confirmado. Sim. Poisou as mãos nas ancas. Não faltava nada. Lydia guardou tudo com cuidado na velha mochila verde da tropa e encostou-a ao pé da porta. Foi ver-se ao espelho. Trazia o vestido. O das flores grandes. O que ela tinha feito com as próprias mãos. Também tinha arranjado o cabelo. Tinha-o enrolado num puxo, mas foi então que mudou de ideias e resolveu soltá-lo, para o deixar cair em cascata por cima dos ombros. Ficava melhor assim. Ok. Estava mais do que pronta.

Bateu à porta e entrou no pequeno quarto dele.

– Avô?

Estava escuro lá dentro.

Dirigiu-se para a janela e abriu as cortinas.

– Avô? Estás acordado?

O velho tapou a cabeça com o edredão e virou-lhe costas.

Já andava assim há vários dias.

– Avô? Vou-me embora. Não te queres despedir de mim?

Silêncio absoluto, mas ela via-o a respirar.

– Oh, para lá com isso, avô! Não é o fim do mundo. Não me vou embora para sempre. Volto à tarde. Queres que te traga alguma coisa?

Ele abanou a cabeça por baixo do edredão.

– Já tenho 12 anos, já posso tomar as minhas próprias decisões. E agora preciso de ir. Não fiques muito tempo na cama, sabes que isso te dá dores de costas, por isso levanta-te, há trabalho a fazer.

Já estava quase a chegar à porta da rua quando parou e se pôs à escuta, para ver se o avô poderia vir atrás dela, mas não ouviu o som de pés a arrastarem-se pelo chão.

Oh, paciência.

Aquilo ia passar-lhe.

Lá fora, o tempo estava esplendoroso. Como se alguém acima das árvores quisesse comemorar com ela.

Sorriu para o sol.

Vou para a escola.

Imagem só!

Rejubilante, Lydia Clemens pôs a mochila aos ombros e lançou um último olhar à casinha antes de começar a correr para o portão.

Capítulo 85

Mia estava sentada à mesa da cozinha junto à janela que dava para a rua, com uma chávena de chá nas mãos enquanto observava a embaixada italiana. Havia alguém a trabalhar no jardim lá em baixo. Umas mãos com luvas a tratar de arbustos de lilases, por baixo das lindas árvores, e ela pensou: se calhar, também devia mas é pôr-me a fazer isso. A jardinar. Será que tinha sequer um jardim? Tinha-se esquecido de perguntar. O telemóvel começou a vibrar suavemente em cima da mesa, à frente dela, e Mia preparou-se para carregar no botão vermelho. Não queria de todo falar com ninguém, mas mudou de opinião quando viu o nome de quem estava a ligar.

– Olá, Holger.

– Olá, Mia, que tal estás?

– Estou ótima, e o Holger?

– Vou indo, sim, estou em casa. Deram-te alta ontem?

– Anteontem. Está tudo a correr bem. Ainda oiço um zumbidozinho no ouvido, mas imagino que acabe por passar, se não tiver de estar a falar ao telefone.

Munch soltou uma gargalhada.

– Perfeito, Mia, perfeito. Já falaste com a Anette?

– Não, porquê?

– Estava aqui a pensar que se calhar nos podíamos reunir daqui a uns dias. Para despacharmos o relatório. Achas que te dava jeito?

– Sim, pode ser.

Munch calou-se.

– Olha, tenho de te perguntar isto. A Anette disse-me que ainda não tinhas assinado o contrato. Espero que seja só uma formalidade. Estás a pensar continuar connosco, não estás?

Mia sorriu por cima do rebordo da chávena.

– Sim, estou, isto se ainda me quiserem.

O inspetor pareceu aliviado:

– Claro que sim, Mia, claro que sim. Temos muitos e bons anos à nossa frente. Recebeste as flores?

Mia olhou para os lírios que se encontravam em cima da mesa da cozinha.

– Sim, de quem é que são mesmo?

– Da família do Ronny Eng. Não cabiam em si de contentes. Queriam conhecer-te. Agradecer-te pessoalmente. Expliquei-lhes que isso não seria lá muito apropriado, não me enganei, pois não?

Mia assentiu com a cabeça.

– Sinto-me bastante cansada.

– Sim, claro que te sentes. Vou deixar-te em paz. Só queria saber como é que estavas.

Mia ouvia barulho em pano de fundo, Munch já não estava dentro de casa e tinha alguém a chamá-lo.

– Então vemo-nos daqui a uns dias?

– Já agora...

– Sim?

– Esqueceu-se de me contar o fim da história.

– O fim de qual história?

– Lá em Manglerud. Quando se pôs a vigiar a tal caixa do correio?

Uma voz jovem algures mais ao longe.

Vens ou não, pai? O grelhador já está a quente.

– Fica para outra altura. A vida está a chamar.

– Ok. Obrigada por ter ligado.

Voltou a pisar o telemóvel na mesa. Os jardineiros pareciam ter terminado. Pegaram nos utensílios que estavam na relva e avançaram para o edifício bonito. Mia estava prestes a pôr a chaleira a ferver outra vez quando reparou numa pessoa na rua.

Cabelos loiros e compridos debaixo de um boné.

Braços escanzelados a apertar um corpo macilento.

Deus do céu!

Sigrid.

Mia deu um pulo da mesa e correu descalça lá para fora.

– Sigrid!

A irmã estava praticamente irreconhecível. Tinha a cara muito pálida. E estava a tremer. Mal conseguiu proferir as seguintes palavras:

– Olá, Mia. É aqui que tu vives?

– Sim, entra. Não podes ficar cá fora.

Pôs o braço à volta do ombro frágil da irmã e amparou-a pelo jardim. Teve de ajudar Sigrid a subir as escadas. Sigrid estava quase a desfalecer, mal teve forças para descalçar os sapatos imundos.

Mia entrou com ela no quarto e sentou-a na cama.

Ajudou-a tirar a roupa com todo o cuidado.

– Por onde é que andaste, Sigrid? Senti tanto a tua falta.

Foi então que surgiram as lágrimas, que começaram a escorrer-lhe pelas faces.

– Estou tão cansada. Não consigo falar.

– Não precisas de dizer nada, queridinha. Podemos falar depois.

Meteu-a na cama. Aconchegou-a com muito carinho. A seguir, foi até à janela e fechou as cortinas.

– Mia?

Sigrid esticou o braço na direção dela.

– Sim, queridinha? Não tentes falar. Estou aqui. Vou tomar conta de ti.

– Sinto-me tão suja, Mia. Por dentro.

Mia sentou-se na borda da cama e afagou os cabelos loiros da irmã gémea.

– Mas não devias, Sigrid. És a melhor rapariga que eu conheço. Ninguém é mais puro do que tu. És branca como a neve.

Um sorriso ténue a despontar naqueles belos e pálidos lábios.

Antes de as pálpebras se cerrarem lentamente.

E de ela adormecer.

Contents

1. Ficha Técnica
2. UM Noruega abril de 2001
 1. Capítulo 1
 2. Capítulo 2
 3. Capítulo 3
 4. Capítulo 4
 5. Capítulo 5
 6. Capítulo 6
 7. Capítulo 7
 8. Capítulo 8
 9. Capítulo 9
 10. Capítulo 10
3. DOIS
 1. Capítulo 11
 2. Capítulo 12
 3. Capítulo 13
 4. Capítulo 14
 5. Capítulo 15
 6. Capítulo 16
 7. Capítulo 17
 8. Capítulo 18
 9. Capítulo 19
4. TRÊS
 1. Capítulo 20
 2. Capítulo 21
 3. Capítulo 22
 4. Capítulo 23
 5. Capítulo 24
 6. Capítulo 25
 7. Capítulo 26
 8. Capítulo 27
 9. Capítulo 28
 10. Capítulo 29
5. QUATRO
 1. Capítulo 30
 2. Capítulo 31
 3. Capítulo 32
 4. Capítulo 33
 5. Capítulo 34
 6. Capítulo 35

7. Capítulo 36
8. Capítulo 37
9. Capítulo 38
10. Capítulo 39
11. Capítulo 40
12. Capítulo 41
6. CINCO
 1. Capítulo 42
 2. Capítulo 43
 3. Capítulo 44
 4. Capítulo 45
 5. Capítulo 46
 6. Capítulo 47
 7. Capítulo 48
 8. Capítulo 49
 9. Capítulo 50
7. SEIS
 1. Capítulo 51
 2. Capítulo 52
 3. Capítulo 53
 4. Capítulo 54
 5. Capítulo 55
 6. Capítulo 56
 7. Capítulo 57
 8. Capítulo 58
 9. Capítulo 59
 10. Capítulo 60
 11. Capítulo 61
 12. Capítulo 62
 13. Capítulo 63
 14. Capítulo 64
 15. Capítulo 65
8. SETE
 1. Capítulo 66
 2. Capítulo 67
 3. Capítulo 68
 4. Capítulo 69
 5. Capítulo 70
 6. Capítulo 71
 7. Capítulo 72
 8. Capítulo 73
 9. Capítulo 74
 10. Capítulo 75
 11. Capítulo 76

12. [Capítulo 77](#)
9. [OITO](#)
 1. [Capítulo 78](#)
 2. [Capítulo 79](#)
 3. [Capítulo 80](#)
 4. [Capítulo 81](#)
 5. [Capítulo 82](#)
10. [NOVE](#)
 1. [Capítulo 83](#)
 2. [Capítulo 84](#)
 3. [Capítulo 85](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)